

Anelise Freitas Pereira Gondar

Destinos flutuantes, futuros imaginados: por
uma História Global da educação colonial
feminina alemã na primeira metade do século
XX

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Relações Internacionais da PUC-Rio como requisito
parcial para obtenção do grau de Doutor em Relações
Internacionais.

Orientador: Prof. Luis Manuel Rebelo Fernandes

Coorientadora: Profa. Andrea Ribeiro Hoffmann

Rio de Janeiro
Abril de 2018

Anelise Freitas Pereira Gondar

Destinos flutuantes, futuros imaginados: por uma História Global da educação colonial feminina alemã na primeira metade do século XX

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais do Instituto de Relações Internacionais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof. Luis Manuel Rebelo Fernandes

Orientador e Presidente
Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

Profa. Andrea Ribeiro Hoffmann

Co-Orientadora
PUC-Rio

Profa. Monica Herz

Instituto de Relações Internacionais – PUC-Rio

Prof. Florian Fabian Hoffmann

PUC-Rio

Prof. Sílvio Marcus de Souza Correa

UFSC

Prof. Francisco Carlos Teixeira da Silva

Escola de Comando e Estado-maior do Exército

Prof. Augusto Cesar Pinheiro da Silva

Vice-Decano Setorial de Pós-Graduação do
Centro de Ciências Sociais

Rio de Janeiro, 27 de Abril de 2018.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

Anelise Freitas Pereira Gondar

Graduada em Ciência Política e Educação (Universidade de Heidelberg/UFF), mestre em Ciências Sociais pela PUC-Rio, pós-graduada em Alemão (UFBA/Universidade de Kassel), professora de Língua e Literaturas de expressão alemã do Depto. de Letras Anglo-Germânicas da UERJ.

Ficha Catalográfica

Gondar, Anelise Freitas Pereira

Destinos flutuantes, futuros imaginados : por uma história global da educação colonial feminina alemã na primeira metade do século XX / Anelise Freitas Pereira Gondar ; orientador: Luis Manuel Rebelo Fernandes ; co-orientadora: Andrea Ribeiro Hoffmann. – 2018.

295 f. : il. color. ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto de Relações Internacionais, 2018.

Inclui bibliografia

1. Relações Internacionais – Teses. 2. Colonialismo alemão. 3. História global. 4. Estudos de narrativa em RI. 5. Escolas coloniais femininas. Fernandes, Luis Manuel Rebelo. II. Hoffmann, Andrea Ribeiro. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Instituto de Relações Internacionais. IV. Título

CDD: 327

À Susanne Zantop, cientista política e germanista, pela visão pioneira sobre a fantasia colonial alemã e por ser quem eu queria me tornar.

Ao Nemias, amor da minha vida, a quem devo tudo antes, durante e depois dessa tese.

Agradecimentos

Este trabalho é fruto de muitas jornadas – todas elas em parceria:

Agradeço à PUC-Rio, instituição que me recebeu no mestrado em Ciências Sociais e, agora, no doutorado em Relações Internacionais, pelo acolhimento acadêmico no processo que chamei de minha ‘realfabetização em Brasil’ após muitos anos na Alemanha e pelo encaminhamento às bolsas de fomento à pesquisa PROSUP e CAPES – também às queridas Ana Roxo e Lia Gonzalez, por serem o fio condutor dessas caminhadas.

Aos orientadores Luis Fernandes e Andrea Hoffmann, por acolherem meu tema – e assim, por me acolherem a mim como pesquisadora - pela liberdade intelectual que me deram e pelas cirúrgicas correções de curso nos momentos certos. Aos professores do Instituto, em especial ao querido Nick Onuf, pela inspiração acadêmica e pessoal.

Aos queridos colegas de Setor e amigos na UERJ, Ebal Bolacio, Gabriela Marques-Schäfer, Roberta Stanke por todo o incentivo desde 2015, inclusive durante o período de pesquisa documental na Alemanha e – na reta final – ao querido Paul Voerke pelas aulas e horas dedicadas às minhas turmas para que eu pudesse cumprir todos os prazos.

Agradeço à Biblioteca do *Deutsches Institut für Tropische und Subtropische Landwirtschaft* – DITSL na pessoa da Sra. Claudia Blaue pela gentileza da disponibilização de cópias digitais de parte do acervo referente às alunas da antiga escola colonial.

Agradeço ao *Basler Afrika Bibliographien* – BAB – ao seu diretor, Dr. Dag Henrichsen, pelo acesso à instituição e à Anna Voegeli pela disponibilidade em me atender fora do expediente e por todo o apoio após o período de pesquisa, com fotocópias de materiais.

À equipe do *Stadtarchiv* da cidade de Rendsburg, na pessoa da fantástica arquivista Sra. Dagmar Hemmie na localização de materiais e livros valiosíssimos a este trabalho bem como à equipe do museu de Rendsburg na pessoa de seu diretor, Dr. Martin Westphal.

Gostaria de agradecer em especial a equipe da *Landesbibliothek Schleswig-Holstein*, em especial ao Dr. Jens Ahlers, diretor da instituição, e à Dra. Maike Manske, do Setor de Manuscritos, com os quais estive em contato durante oito meses localizando materiais e planejando o período de pesquisa na Alemanha. Dra. Manske prepararia um catálogo provisório dos materiais relativos ao espólio de Hulda Rautenberg, esse trabalho hercúleo seria a condição de possibilidade para que minha pesquisa *in locu* fosse não apenas possível como frutífera. Faltam-

me palavras para agradecer pelo profissionalismo, acessibilidade pelos os horários estendidos disponibilizados e o café oferecido – um conjunto de benesses que tornaram minha primeira experiência de ida aos arquivos algo instigante, prazeroso e repleto de humanidade.

Agradeço às queridas Aline Rizzo e Denise Araujo pelos computadores, Georgia Augel, Ulysses de Castro e Andrea Hoffmann pelo transporte de livros, à Indira França (e às conversas em nossa querida Paraty), à Carla Pereira e aos grupos de *WhatsApp* que compartilhamos. À queridíssima amiga Ilce Ferreira da Silva pela leitura do manuscrito e pelo compartilhamento das agruras da vida acadêmica. À querida Ursula Pabst, pela caminhada, agora transnacional, conjunta. Agradeço aos amores que o IRI me deu: em especial, à Ana Clara Telles, Aline Rizzo, Isabel Mazza, Geovanna Zoccal (minha companheira nos porões do *Brics Policy Center* - BPC, local em que parte desta tese foi escrita) e também tantos outros que, com a palavra certa no momento exato, forjaram não apenas um regime de segurança coletiva, mas sim um ‘modo de operação’ para continuar. Agradeço à brilhante Adriana Abdenur pelo exemplo e pelo respeito.

Aos meus pais, irmãos e cunhada para os quais o diploma sempre pouco importou e que sempre me deram a dimensão da realidade fora dos muros – às vezes, das grades – da academia. Ao meu primo, Felipe Câmara, que contribuiu com o suporte técnico necessário à defesa.

Fui muito feliz escrevendo essa tese, as mulheres que conheci através das cartas e testemunhos me fizeram entender melhor o século XX, suas paixões, seus dilemas, suas intrigas e sua geopolítica. A elas, o meu agradecimento mais profundo.

Danksagung

Diese Arbeit ist das Resultat vieler Wege, die ich alle in Begleitung begangen habe:

Ich bedanke mich bei der PUC-Rio als der Institution, die mich sowohl für meinen Master der Sozialwissenschaften als auch für mein Promotionsstudium im Fach der Internationalen Beziehungen willkommen hieß, sowohl für die akademische Begleitung in meiner, wie ich es nenne, „Realphabetisierung in Brasilien“ nach vielen Jahren in Deutschland, als auch für die Empfehlung für die Forschungsstipendien PROSUP und CAPES. Außerdem danke ich ganz herzlich Ana Roxo und Lia Gonzalez, die mir stets einen Leitfaden für meinen Werdegang an der PUC bereitstellten.

Ich bedanke mich außerdem bei meinen Betreuern Luis Fernandes und Andrea Hoffmann, die sich meines Themas – und somit auch mir als Forscherin – angenommen haben, sowohl für die intellektuelle Freiheit als auch für die präzisen Korrekturen des von mir eingeschlagenen Kurses in den richtigen Momenten. Außerdem möchte ich mich sehr herzlich bei den ProfessorInnen des Instituts bedanken, und insbesondere bei Nick Onuf für die akademische und persönliche Inspiration, die er für mich darstellt.

Des Weiteren bedanke ich mich ganz herzlich bei den netten FakultätskollegInnen und FreundInnen an der UERJ, Ebal Bolacio, Gabriela Marques-Schäfer, Roberate Stanke für ihre gesamte Unterstützung seit 2015, einschließlich während meiner Dokumentarforschung in Deutschland sowie bei dem Endspurt – hier bedanke ich mich ganz besonders bei Paul Voerkel für den Unterricht und den Stunden, die er meinen Studierenden gewidmet hat, sodass ich alle Fristen einhalten konnte.

Ich bedanke mich bei der Bibliothek des Deutschen Instituts für Tropische und Subtropische Landwirtschaft (DITSL) sowie persönlich bei Frau Claudia Blau für die freundliche Bereitstellung digitaler Kopien von Teilen des Archivs, die sich auf Schülerinnen der alten Kolonialschule beziehen.

Ich bedanke mich bei den Basler Afrika Bibliographien (BAB) und bei ihrem Direktor Dr. Dag Henrichsen für den Zugang zu der Institution sowie bei Anna Voegli für Ihre Verfügbarkeit außerhalb der Öffnungszeiten und für all Ihre Unterstützung meiner Arbeit nach Abschluss der Dokumentarforschung, insbesondere durch die Bereitstellung von Fotokopien von Forschungsmaterialien.

Ich bedanke mich bei dem Team des Stadtarchivs Rendsburg und insbesondere bei der herorragenden Archivarin Frau Dagmar Hemmie für ihre Unterstützung beim Auffinden von wertvollen Materialien und Büchern für diese Arbeit sowie bei der Museumsleitung von Rendsburg in der Person ihres Direktors Dr. Martin Westphal.

Ich möchte mich außerdem ganz besonders bei dem Team der Landesbibliothek Schleswig-Holstein und insbesondere bei ihrem Direktor Dr. Jens Ahlers und bei Dr. Maike Manske von der Manuskriptabteilung bedanken, die mit mir über acht Monate hinweg im Kontakt standen und mir bei der Auffindung des Materials und der Planung meines Forschungsaufenthaltes in Deutschland halfen. Frau Dr. Manske hat für mich einen provisorischen Katalog mit den zu Hulda Rautenbergs Nachlasses gehörenden Materialien zusammengestellt (deren Familie ich außerdem meinen besonderen Dank für die Erlaubnis der wissenschaftlichen Nutzung des Nachlasses ausspreche). Diese Herkulesarbeit stellte die Bedingung sowohl für die Möglichkeit als auch die Erträglichkeit meiner *in locu*-Forschung dar. Mir fehlen die Worte, um das Ausmaß meiner Dankbarkeit für die Professionalität, für die Ermöglichung des Zugangs durch die Ausweitung der Öffnungszeiten sowie für den bereitgestellten Kaffee auszudrücken – eine Gesamtheit an Freundlichkeiten, die meine erste Erfahrung der Archivarbeit aufregend, unterhaltsam und menschlich gestalteten.

Ich bedanke mich ganz herzlich bei Aline Rizzo und Denise Araujo für die Bereitstellung der Computer, bei Georgio Augel, Ulysses de Castro und Andrea Hoffmann für den Büchertransport, bei Indira França (und unseren Unterhaltungen in unserem geliebten Paraty), bei Carla Pereira und bei den Whatsapp-Gruppen, die wir miteinander geteilt haben. Ich bedanke mich bei Ilce Ferreira da Silva für die Lektüre des Manuskripts und für das Teilen der Leiden, die das akademische Leben mit sich bringt. Ich bedanke mich bei Ursula Pabst für unseren gemeinsamen Weg, der nun transnational geworden ist. Ich bedanke mich bei den FreundInnen, die das IRI mir gegeben hat, und insbesondere bei Ana Clara Telles, Aline Rizzo, Isabel Mazza, Geovanna Zoccal (meine Begleiterin in den Kellergeschossen des Brics Policy Centers (BPC), in denen Teile dieser Dissertation geschrieben wurden) sowie den vielen anderen, die mit den richtigen Worten im richtigen Moment nicht nur einen kollektiven Sicherheitsapparat, sondern sogar einen *Modus Operandi* geschaffen haben, der es mir erlaubte, weiter zu arbeiten. Ich bedanke mich bei der brillanten Adriana Abdenur für ihr Beispiel und ihren Respekt.

Ich bedanke mich bei meinen Eltern, Geschwistern und meiner Schwägerin, für die das Diplom immer nur eine kleine Rolle spielte und die mir immer eine Dimension der Realität außerhalb der Mauern – und manchmal auch Gittern – der Wissenschaft aufzeigten. Ich bedanke mich bei meinem Cousin Felipe Câmara, der mich mit dem notwendigen technischen Support für die Verteidigung unterstützt hat.

Ich war sehr glücklich während der Niederschrift dieser Dissertation. Den Frauen, denen ich über Briefen und Zeugnissen begegnet bin, haben mich das 20. Jahrhundert mit seinen Passionen, Dilemmas, Intrigen und Geopolitik besser verstehen lassen. Ihnen widme ich meinen tiefsten Dank.

Resumo

Gondar, Anelise Freitas Pereira; Fernandes, Luis Manuel Rebelo; Hoffmann, Andrea Ribeiro. **Destinos flutuantes, futuros imaginados : por uma história global da educação colonial feminina alemã na primeira metade do século XX**. Rio de Janeiro, 2018. 295. Tese de Doutorado - Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O chamado Novo Imperialismo e os processos colonizatórios levados a cabo pelas grandes potências europeias nos séculos XIX e XX não apenas tiveram um papel fortemente constitutivo nas disciplinas da História, Sociologia, Antropologia e Relações Internacionais como também definiram em grande medida a geopolítica do sistema internacional contemporâneo. Apagado pela sequência de acontecimentos que fizeram do século XX um dos mais conturbados da História Ocidental, o colonialismo alemão tem passado nas últimas décadas por uma revisão profunda do ponto de vista historiográfico. O presente trabalho apresenta os marcos da inserção da mulher durante o *Kaiserreich* questionando as narrativas que a apresentam como *questão*. Uma das soluções à *Frauenfrage* será a criação das escolas coloniais femininas de Witzenhausen, Bad Weilbach e Rendsburg, temática retomada aqui a partir das lentes epistemológicas da História Global. A partir não apenas da história da experiência de formação colonial feminina, mas também de achados documentais que atestam uma troca de cartas entre as egressas da escola por mais de 20 anos, a pesquisa é guiada pelas seguintes perguntas: onde estão, ou estiveram, as mulheres no projeto de formação colonial? (Enloe, 2014) E o que disseram sobre o mundo ao seu redor? As percepções da realidade política e social partilhadas nas *Rundbriefe* – correspondências que circularam entre a narrativa pública e privada entre os anos de 1938 e 1960 – desvelam um outro mapa de relações transnacionais: uma cartografia em que mulheres re-escreveram os destinos traçados pelo modelo de formação colonial e política populacional da Alemanha imperial definidos no início do século passado, escreveram a partir de novos lugares materiais e sociais e, por fim, construíram narrativas da geopolítica do decorrer do século XX com efeitos até os dias de hoje..

Palavras-chave

Colonialismo alemão; história global; estudos de narrativa em RI; escolas coloniais femininas.

Abstract

Gondar, Anelise Freitas Pereira; Fernandes, Luis Manuel Rebelo (Advisor); Hoffmann, Andrea Ribeiro (Co-advisor). **Floating destinies, imagined futures: making the case for a global history of German women's colonial education during the first half of the 20th century.** Rio de Janeiro, 2018. 295p. Tese de Doutorado - Instituto de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

During the XIX and XX centuries, what was known as New Imperialism and the wave of colonization fuelled by major European powers played a leading role in structuring studies of History, Sociology, Anthropology and International Relations, while also defining the international framework of contemporary geopolitics, to a great extent. Eclipsed by the string of events that made the XX century one of the most turbulent in Western History, German colonialism has undergone a sweeping review during the past few decades from the historiographic standpoint. This analysis explores the roles of women during the *Kaiserreich*, examining narratives presenting them as a *question*. One of the solutions to *Frauenfrage* was to set up colonial girls' schools at Witzenhausen, Bad Weilbach and Rendsburg, exploring this topic here through the epistemological lenses of Global History. Based not only on the track-record of colonial schooling for women, but also documentary findings reflecting exchanges of letters between school friends for more than twenty years, this research project is steered by the following questions; where are (or were) the women addressed by the colonial schooling project? (Enloe, 2014) What did they say about the world around them? Perceptions of the political and social realities are shared in these *Rundbriefe* that move seamlessly between public and private narratives between 1938 and 1960, disclosing very different depictions of transnational relationships. In this personal cartography, women rewrote the fates shaped for them by the colonial education model and population policies of Imperial Germany defined at the start of the past century. Described from unsuspected locations both in material and social terms, they built up geopolitical narratives that streamed through the XX century, with effects that extend through today.

Keywords

Global history; narrative studies in IR; women's colonial schools.

Sumário

1. Prólogo - Arquivos, museus e história e suas relações internacionais	17
2. Introdução - da história tantas vezes contada e seu silêncio	36
2.1. Composição da tese.....	42
3. Contexto da atuação alemã ultramarina no século XIX.....	48
3.1. Nacionalismo, império e a mulher	53
3.2. A mulher e a colonização africana na Alemanha Guilhermina	66
3.3. A mulher como questão – narrativas sobre soluções à Frauenfrage	96
3.3.1. A mulher como questão – por quê?	114
4. Por um novo olhar sobre um velho tema: construindo conceitual- e metodologicamente a História Global das escolas femininas e suas narrativas.....	121
4.1. Operacionalizando a História Global - estabelecendo as conexões através de narrativas.....	136
5. As narrativas sobre as mulheres e pela pena das mulheres: convergências, divergências e novas redes.....	149
5.1. As escolas coloniais femininas por Blisch (1996), Siegle (2004) e Lerp (2007).....	151
5.2. O livro-síntese sobre a experiência das escolas femininas coloniais: Rommel & Rautenberg (1983)	161
5.3. As Rundbriefe de Hildegard Dreves - 1938-1960.....	175
5.3.1. Onde estão as mulheres? O que dizem sobre o mundo? Cartas de 1938 a 1960	183
6. Conclusão - narrativas do século XX e seus ecos em uma Europa 'pós-colonial'	236
7. Arquivos	254
8. Referências bibliográficas	255

Lista de figuras

Figura 1: Capa do catálogo da exposição (outubro/2016 a maio/2017) “Deutscher Kolonialismus” no DHM – Deutsches Historisches Museum (Museu Histórico de Berlim).....	24
Figura 2: BAB -Foto Archiv/ Arquivo fotográfico da coleção ‘ Hulda Rautenberg’ – ‘Hulda Rautenberg no final dos anos de 1940 em Swakopmund’	30
Figura 3: Ao centro do mapa, a cidade de Witzenhausen e linhas indicando ‘Auswanderungsziele’ – destinos de emigração e números, s/d, em http://www.luderitz-witzenhausen.de/ (Acesso em 19 fev. 2018).....	35
Figura 4: ‘Panfleto para conquista de novos membros, Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft, Seção Berlim’ - Catálogo da exposição ‘Deutscher Kolonialismus – Fragmente seiner Geschichte und Gegenwart’, DHM, p. 61	76
Figura 5: Capa da revista ‘Kolonie und Heimat in Wort und Bild’, Ano 3, Número 1, 1907/1908	79
Figura 6: “Plano de estudos da Escola Colonial Alemã de Witzenhausen. Deutsches Institut für tropische und subtropische Landwirtschaft GmbH,Witzenhausen - DITSL ” - Catálogo da exposição ‘Deutscher Kolonialismus – Fragmente seiner Geschichte und Gegenwart’	107
Figura 7: Capa e folha de rosto do livro de Ernest Fabarius de 1895 intitulado ‘Die allgemeine weibliche Dienstpflicht – ein Vorschlag um Beitrag zur Lösung der Frauenfrage’	108
Figura 8: Fotos da visita do duque Johann Albrecht zu Mecklenburg, regente de Braunschweig e patrono da escola. Em cima: ‘Sua Alteza, o Duque Johann Albrecht, e o Conselho Supervisor’ e, embaixo: ‘ competição de remo a presença de Sua Alteza, o Duque’	112
Figura 9: Fotografia do Busto do Duque Johann Albrecht zu Mecklenburg na exposição comercial de Berlim (<i>Berliner Gewerbeausstellung</i>)	114
Figura 10: Primeira página da Rundbrief no ano de 1942, com o desenho da casa principal da escola colonial feminina de Rendsburg desenhado por Hildegard Dreves. Landesbibliothek Schleswig-Holstein, Zuwachs G	191
Figura 11: Diploma final de uma aluna com data de 15 de abril de 1945. Landesbibliothek Schleswig Holstein, D3	196
Figura 12: Panfleto “O último grande encontro das Kolos – 13 a 16 de junho de 2005”. Acervo do Museu de Rendsburg.....	234

Figura 13: Foto de grupo do encontro de 2005. Acervo do Museu de Rendsburg	235
--	-----

Lista de siglas e abreviaturas

Alldeutscher Verband – Liga Pan-Germânica

BAB – Basler Afrika Bibliographien, Basileia, Suíça

BDF – Bund Deutscher Frauenvereine

BGB – Bürgerliches Gesetzbuch (código civil alemão)

DAAD – Deutscher Akademischer Auslandsdienst – agência de fomento alemã para o ensino superior

DITSL – Deutsches Institut für Tropische und Subtropische Landwirtschaft

DKG – Deutsche Kolonialgesellschaft (associação colonial alemã)

FB – Frauenbund

NFD – Nationaler Frauendienst

Glossário

Ansiedler – colono

Auslandsdeutsche – alemães internacionais/ residentes no exterior

Aussiedler – alemães da diáspora, que retorna(-ra)m à Alemanha

Auswanderer – emigrantes

Bildungsbürgertum – classes médias cultas e frequentemente de posse com caráter distintivo, entre outros, como a valorização e a instrumentalização da ideia de formação ampla – da *Bildung* – bem como um ethos social que, ainda que difuso, a distinguiu da aristocracia (*Adel*) e das classes trabalhadoras.

Deutschkonservative Partei – partido alemão conservador

Eingeborener (masc.)/Eingeborene (pl.) – nativo (termo, hoje, pejorativo)

Farmer (ou Pflanze) – fazendeiro, agricultor no contexto das colônias

Freikonservative Partei – partido livre conservador

Kolos – alcunha compartilhada pelas mulheres que frequentaram a escola colonial de Rendsburg ao se referirem a si mesmas e às colegas

Nationalliberale Partei – partido nacional-liberal

Port. Ost (Portugiesische Ostafrika) - África Oriental portuguesa

SWA – Südwest-Afrika (Sudoeste Africano, também DSWA – Sudoeste Africano alemão)

“It is always curious to note to what extent our critical interests are tied to, or emanate from, our autobiographies. As is by now well known, more often than not we choose our subject matter and approach not by an act of free will but because of historical experiences and chance encounters beyond our control. This is certainly the case with this study”. Susanne Zantop (1997, p. 1).

1.

Prólogo - Arquivos, museus e história e suas relações internacionais

Há cerca de duas décadas, a historiografia e o imaginário coletivo alemão vêm timidamente reconstituindo sua memória colonial (Kundrus, 2014). Também no contexto acadêmico, a questão do colonialismo e seus desdobramentos históricos e culturais, os quais haviam sido invisibilizadas pelo *mainstream* dos grandes debates e das agendas mais populares de pesquisa, alcançaram novo fôlego nas últimas décadas¹. No contexto geral da história colonial, alguns escritos já haviam sido precursores da percepção de uma trajetória de *longa duração* da presença alemã ultramarina, dentre eles o livro “Colonial fantasies – conquest, family and nation in precolonial Germany, 1770-1870”, da cientista política e germanista Susanne Zantop, sobre as percepções em geral de cientistas, viajantes, romancistas e missionários alemães na América Latina ao longo do século XVIII e XIX bem como “South-West Africa under German rule: 1894-1914”, do historiador Helmut Bley (1971), o qual se tornaria uma das primeiras sínteses da incursão alemã ao território da atual Namíbia.

O interesse pelo papel específico de mulheres no projeto colonial é, no entanto, mais recente: nas últimas três décadas, pesquisas têm se dedicado, a partir de diferentes perspectivas, a iluminar e complexificar o nexos existente entre gênero e império desvelando qual teria sido o ‘fardo da mulher branca’ (Marmozai, 1989; Mc Clintock, 1995; O’Donnel, 1996; Kundrus, 2005; Reagin, 2007)². Estas mesmas pesquisas corroboram para a ideia de que às mulheres

¹ A historiografia *mainstream* alemã e posteriormente os movimentos acadêmicos no contexto da historiografia alemã surgidos ao longo da segunda metade do século XX foram capazes de oferecer um panorama complexo e ainda não esgotado acerca dos acontecimentos do século XX, em especial da ascensão do nazismo e do Holocausto (Hagemann & Quataert, 2008). No entanto, justamente a literatura que abrange a história colonial – em grande medida mencionada neste trabalho – remete à existência de poucas publicações quanto a temáticas como memória e história, as agências – a questão dos *TäterInnen* (perpetradores/perpetradoras) e dos *MitläuferInnen* (ou *bystanders*) – bem como questões ligadas à história das mulheres.

² Estabelecido o escopo da tese – as narrativas epistolares de mulheres alemãs em suas experiências transnacionais ao longo da primeira metade do século XX – é necessário reconhecer a impossibilidade, a partir do recorte e do material empírico analisado, de se escrever uma ‘história a contrapelo’. Esta traria vozes de outras mulheres tanto no contexto alemão, como, por exemplo, as mulheres proletárias, quanto no contexto ultramarino – o caso, por exemplo, das mulheres locais tanto na África quanto nas Américas. O cotejo dessas vozes é necessário e lampejos do que poderiam ser estas outras mulheres se enunciam nas entrelinhas das narrativas das mulheres estudadas aqui, tal qual apresentadas no capítulo 5. Uma pesquisa acerca dessas outras narrativas é fundamental e se constitui como possibilidade de pesquisa nessa área.

caberia, no planejamento expansionista imperial alemão (mas também europeu) o papel e a responsabilidade compartilhados de civilizar o Outro, mandatos estes calcados tanto na convicção ideológica de supremacia cultural quanto no estabelecimento da diferença racial. A prática colonial alemã se dá, de forma concreta, em finais do século XIX, mesmo período em que, na Europa, múltiplas transformações sociais estão em curso, transformações essas que também envolviam o papel social das mulheres. Se por um lado, as mulheres seriam instadas a participar da construção do(s) império(s), também é importante observar que também muitas delas figurariam entre os agentes que protagonizaram lutas por modelos de vida igualitários na virada do século XIX para o XX. Com isso, elas se constituem atores no mínimo intrigantes e complexos no contexto da construção da realidade social da virada do século quanto da fantasia³ e prática coloniais alemãs (Kundrus, 2008, p. 93). Nesse contexto, me propus a observar algumas mulheres: aquelas que passariam pela experiência de formação colonial feminina e que escreveriam, com seus papéis sociais, corpos e ideias, uma história transnacional da incursão colonial alemã ainda por ser revelada em seus múltiplos aspectos.

Onde estiveram e para onde foram as mulheres que, na incursão imperial ultramarina alemã da virada do século, frequentaram escolas femininas coloniais – uma realidade material entre os anos de 1907 e 1945? Como narraram suas vidas, experiências, o mundo que as cerca(-va)? E por que a apreciação crítica dessas narrativas é relevante para a (história d-) as relações internacionais, a disciplina de Relações Internacionais como um todo e a leitura da Europa contemporânea?

Esses questionamentos nortearam a confecção deste trabalho e também todo o processo de (re-) leitura da fundação das três edições da proposta de formação colonial feminina (as escolas coloniais femininas Witzenhausen em 1908-1910, Bad Weilbach 1911-1914 e Rendsburg 1926-1945). Para além disso, a pesquisa

³ Zantop (1997) explora as construções ficcionais acerca do Outro na literatura alemã dos séculos XVIII e XIX e aponta que incursões de viajantes, colonos, cientistas e aventureiros aos territórios ultramarinos na África e, sobretudo, nas Américas ao longo do século XIX teriam contribuído para o que seria o processo de *nation building* alemão ao final do século XIX. Para ela, uma vasta produção de escritos tanto de livros infantis, passando pela poesia, pelo teatro e pela literatura acadêmica agiria sobre o imaginário coletivo fomentando sobretudo em meio à classe burguesa o que ela identifica como uma história colonial imaginária, uma ‘German fantasy of colonial mastery’, uma narrativa que colocaria a Alemanha, do ponto de vista narrativo, no mapa das incursões imperiais europeias (Zantop, 1997, pp. 2-3).

documental revelou a existência de cartas trocadas entre mulheres egressas da escola de Rendsburg, possibilitando a observação de como essas mulheres narraram parte do século XX a partir da análise inédita das narrativas desse corpo epistolar. A perspectiva teórico-epistemológica que empresta as lentes de estudo a essa pesquisa foi a da História Global: uma lente que foca em conexões transnacionais e, assim, não tem como alvo ‘o globo’, mas sim as redes de conhecimento e práticas que conectam o mundo para além das fronteiras estabelecidas no sistema internacional. Nesse sentido, este trabalho traz para as Relações Internacionais uma tentativa de história global das egressas da formação colonial alemã em Rendsburg – uma tentativa, de fato, da construção de uma *her-story*⁴ global, absolutamente alinhada às inspirações metateóricas do campo das Relações Internacionais que se vêem interdisciplinares. No caso específico das Relações Internacionais, a ida aos arquivos e a descoberta de fontes primárias inéditas traz novo frescor às formas de debater a fluidez das categorias de gênero e império e permite, de forma renovada, evitar as grandes narrativas e investigar as representações que estruturaram as experiências dos sujeitos⁵ (Hagemann & Quataert, 2008, p.19).

O esforço de aproximação teórico-metodológica entre a História Global e as Relações Internacionais é fruto de um debate gestado ao longo de anos de pesquisa no contexto do GT de História Global da Associação Nacional de História - ANPUH em que o ‘olhar as fontes’ a partir da ótica das Relações Internacionais foi sendo apurado⁶. No entanto, o que fez com que a pesquisadora

⁴ A perspectiva da valorização de *her-story* ou *her-stories* é introduzida no debate no campo da História nos anos de 1970, debate a partir do qual sobretudo as historiadoras passaram a questionar as lentes pelas quais eram percebidos os papéis das mulheres como elemento histórico (quando eram percebidas) e, com isso, passaram a pautar na agenda do debate acadêmico a necessidade de coexistência de diferentes interpretações, métodos e abordagens (Hagemann & Quataert, 2008, p.5).

⁵ Koonz (2008, p. 163) entende da mesma forma os desafios impostos aos seu campo de conhecimento, a História, após o final da guerra fria.

⁶ O interesse pela História Global surgiu em 2015, quando da participação no Workshop Global City: Past and Present, realizado pelo AHRC International Research Network nos dias 8 e 9 de novembro de 2015, na Casa de Rui Barbosa. A participação no GT de ‘História Global’ no XVII Encontro de História da Anpuh-Rio realizado entre os dias 8 e 11 de agosto de 2016 no campus da UFRRJ com tema “Entre o local e o Global” e no XXIX Simpósio Nacional de História nos dias 24 a 28 de julho de 2017 contribuíram para aprofundar a discussão acerca das interfaces teórico-metodológicas entre a História Global e as Relações Internacionais, projeto ainda em curso (ver, para tanto, Santos & Sochaczewsky, 2017).

se detivesse intelectualmente sobre temática das escolas coloniais femininas foi a questão da mulher.

A trajetória acadêmica da pesquisadora, disciplinarizada pelos modelos de análise abstratos da Ciência Política e pelas pesquisas voltadas ou para as instituições ou para as agências individuais foi desafiada pela pesquisa da mulher como ‘problema’, como ‘questão’. O presente trabalho, com isso, reafirmará dupla ontologia: a partir da ideia de que *women matter*, (1) afirma a existência das mulheres e suas realidades materiais como objeto de estudo das Relações Internacionais e com isso, (2) traz essas existências para o centro da análise⁷.

Nesse sentido, falarei de mulheres – especialmente quanto tratar da *Frauenfrage* – mas tenho em mente que, ao pautar a mulher como *problema* social durante o período do *Kaiserreich* e como *solução* colonial, a economia de poder em ação também evidenciaria relações de gênero mais amplas envolvendo a constituição de alteridades genderizadas como a que estabelecera colonizados e colonizadores.

No caso do colonialismo em geral e do colonialismo alemão em específico, a ontologia feminista foi condição de possibilidade para que tanto a existência das escolas coloniais femininas quanto a descoberta de cartas trocadas entre egressas gerassem tanta *curiosidade* (Enloe, 2004). A ontologia feminista guiará o que acredito ser (mais um) novo olhar sobre as cartografias imperiais, os esforços de dominação e as fragilidades do processo heterogêneo de investida colonial levado a cabo na virada do século XIX para o século XX (Maruska, 2017). Nesse sentido, o presente trabalho é uma narrativa acerca de como a solução para um problema social de gênero – a *Frauenfrage* e a questão da mulher burguesa⁸ – é associada a

⁷ *Women matter* não apenas do ponto de vista diferença, ou seja, porque estamos tratando de mulheres e não de homens. *Women matter* porque mulheres, homens e crianças estão submetidos a relações de poder configuradas como relações de gênero, ou seja, evidenciam uma construção de hierarquias e processos nos quais há representações de gênero e estas são relevantes como forma de compreender a realidade social. Sobre essa perspectiva no campo da História, ver Hagemann & Quataert (2007) e, no campo das Relações Internacionais, ver Maruska (2017).

⁸ Mais adiante, circunscrevo conceitualmente a ideia de burguesia e como ela representara um conglomerado social difuso e ainda sim importante para a compreensão das transformações políticas, econômicas e sociais pelas quais a Confederação Germânica e, posteriormente, o Estado alemão, passarão ao longo do século XVIII e XIX com efeitos para o século XX. As mulheres envolvidas no esforço de participação na empreitada colonial, seja no envio de mulheres, seja na formação colonial, ainda que de forma geral pertencessem ao contexto das mulheres burguesas

um fugaz projeto colonial e como a fantasia colonial nutrida na Alemanha pós-1916 serviria de solo fértil para a criação de escolas coloniais femininas cujo produto, por sua vez, não ocasionará a *solução da questão da mulher* (*die Lösung der Frauenfrage*). Ao contrário, as escolas coloniais terminarão por resultar em deslocamentos espaciais de vivências não conformes aos objetivos primevos da(s) escola(s) e também em leituras de mundo que reeditam visões sobre civilização, desenvolvimento e identidade⁹.

Esta tese tem como fio condutor e fonte documental principal os arquivos reunidos por Hulda Rautenberg, descortinados através dos contatos feitos com estudiosos sobre a história de uma escola colonial que um dia funcionara em Witzenhausen, nas instalações que hoje abrigam o Instituto Alemão para Agricultura Tropical e Subtropical - DITSL (*Deutsches Institut für Tropische und Subtropische Landwirtschaft*), associado à Universidade de Kassel. Em um movimento de continuidade, o DITSL fora criado a partir da reorientação dos propósitos de uma escola já existente ali e ainda ativa, a *Deutsche Kolonialschule*

(Greven-Aschoff, 1981), também consituíram um conglomerado social difuso. Evidência disso é a participação de mulheres da nobreza e associadas ao oficialato alemão em posições de destaque, a exemplo de duas primeiras diretoras da primeira edição da escola, em Witzenhausen: Helen von Falkenhausen e Anna von Zech (Baum, 1999). A refundação da escola colonial como anexo à escola doméstica da associação Reifenstein em Bad Weilbach, claramente dedicada a moças das classes mais altas, também corrobora para essa ideia (Wörner-Heil, 2010). Ainda assim, as escolas coloniais femininas sofrem influência de movimentos feministas mormente burgueses e dos documentos das escolas referidos neste trabalho constam menções às mulheres das classe burguesas e mais altas como público alvo. Nesse sentido, optei, especialmente no contexto da análise da *Frauenfrage* e seus desdobramentos ‘coloniais’, por referir-me ao grupo estudado como grupo de mulheres de socialização burguesa.

⁹ A partir da análise de obras literárias e do século XVIII e XIX, Susanne Zantop descreve o que entende como o cultivo de uma verdadeira ‘fantasia colonial’ alemã nutrida a partir de uma fascinação exótica em relação à América do Sul associada a fantasias paternalistas e condescendentes de que de um Outro assimilável e submisso. A certeza e autoridade com que escritores alemães escreviam sobre o Outro, integrando-o e subsumindo-o às suas categorias morais e raciais, corroboraria com o que ela chama de construção de ficções alemãs sobre a alteridade. Estas determinariam não apenas as incursões exploratórias à América do Sul e coloniais à África como estabeleceriam o que chama de perversões coloniais do modelo familiar alemão (Zantop, 1997, pp. vii-ix). A contribuição de Zantop, cuja pesquisa abarca o período de 1770-1870 (período portanto anterior à entrada oficial em território africano) a este trabalho tem a ver com a identificação da necessidade da forja de uma masculinidade imperial, condição *sine qua non* para o sucesso na competição com outras potências pelo poderio colonial, reforçada à equiparação (rousseauiana) da mulher ao ameríndio selvagem, aproximando as relações de poder familiares às relações coloniais (p. 43). Conrad (2010, pp. 291-298) critica a análise de Zantop, afirmando que o cotejo apenas de obras literárias não permitiria compreender com precisão como ‘produção literária e disposição colonial’ se realizaram na prática, a obra da autora é seminal na apresentação das obras que corriam os salões do *Bildungsbürgertum*, a partir do qual o colonialismo alemão foi, em grande medida, pensado.

Witzenhausenⁱ, no ano de 1956 (Baum, 1999)¹⁰. Ficara intrigada com a existência de um museu de etnologia tão bem equipado naquela cidade de pouco mais de 15.000 habitantes quando estive em Witzenhausen em 2009 para participar de um *workshop* sobre “educação e sustentabilidade” oferecido pela instituição de fomento alemã DAAD. Ao descobrir que ali funcionara uma escola colonial (masculina), inaugurada em 1899, e que, em dado momento da história, também teria sido palco para uma primeira experiência de criação de uma escola colonial feminina, tive convicção de que havia ali uma *história* que – tendo sido apenas uma vírgula na História – teria potencial para desencadear uma reflexão acerca dos múltiplos lugares, espaços e camadas do colonialismo alemão e seus efeitos para a Alemanha contemporânea. Sobre a escola feminina nos arquivos agora pertencentes ao DITSL “quase não havia nada”, me assegurara a bibliotecária. O espólio gerido pelo DITSL referia-se em sua maioria avalassadora aos arquivos deixados pela escola colonial (masculina). Onde estariam as mulheres e seus arquivos, teria perguntado Cynthia Enloe? Ainda mais em um país com um pendor especial para a atividade memorial e arquivística? Os caminhos da investigação levaram-me a perseguir uma pista: o espólio de uma ex-aluna da escola colonial – não mais a de Witzenhausen, fundada em 1907, mas sim a de Rendburg, fundada em 1926 – em um arquivo privado na Basileia. Ao mesmo tempo, contatos com os arquivos locais de várias pequenas cidades nos estados de Hessen e Schleswig-Holstein e também na capital, Berlim, resultariam no acesso a caixas e caixas de precioso material arquivístico, outra parte do espólio de Hulda Rautenberg, descortinando assim uma densa história de trocas de impressões, experiências e memórias ao longo de mais de 20 anos de vida tanto de Hulda quanto de várias mulheres.

Não é que as escolas coloniais femininas – três escolas ao todo, que se sucederam abrangendo assim os anos de 1907 a 1945 – não tivessem encontrado espaço em alguns escritos sobre aspectos da empreitada colonial alemã e do papel das mulheres nesse contexto. Duas dissertações de mestrado, uma de Siegle

¹⁰ A fundação de escolas específicas com o intuito de formar quadros para a administração colonial não é exclusividade alemã. Pesquisas como a de Pires (2016) oferecem um panorama da formação colonial portuguesa (masculina). Para tanto, ver, portanto, PIRES, Carlos M. P. A educação dos neocolonizadores : a escola colonial e a investigação do ultramar no império português (séculos XIX e XX). Tese de doutoramento, Educação (História da Educação), Universidade de Lisboa, Instituto de Educação, 2016.

(2004) e outra de Lerp (2007), haviam estudado a existência das escolas de Rendsburg (a primeira) e Witzhausen e Bad Weilbach (a segunda), enfatizando justamente a escassez de material institucional acerca das escolas. À escassez de material se contrapuseram, no entanto, os inúmeros arquivos pessoais encontrados, sobretudo na Biblioteca Estadual de Schleswig-Holstein e no arquivo da cidade de Rendsburg bem como os insumos reunidos no BAB – *Basler Afrika Bibliographien* e na biblioteca do atual DITSL.

A ida à Alemanha para a consulta a esses materiais estaria também sob o efeito da expectativa dos artefatos que cada um desses arquivos teria sido solicitado a enviar a Berlim: em outubro de 2016, o *Deutsches Historisches Museum* faria sua primeira grande exposição acerca do colonialismo alemão. As ‘escolas coloniais femininas’, aparentemente, fariam parte da exposição.

Ao final do período de pesquisa na Alemanha, a visita à exposição me aguardava. A partir da troca de *e-mails* com a curadoria, sabia que alguma coisa interessante encontraria ali. A exposição já havia sido inaugurada, seus corredores cheios indicavam o interesse na temática ainda que a crítica tivesse sido dura quanto à capacidade de reflexividade sobre o tema proposta pela mesma curadoria. O passeio pelas aleias do museu, estes corredores pelos quais buscava a síntese de um percurso pessoal e acadêmico de descoberta do colonialismo, do feminismo burguês e da perspectiva de mulheres sobre a virada do século, lembrou-me de Muppidi em texto escrito para o livro ‘Interrogating Imperialism’ (2006). Os poucos objetos associados às escolas coloniais em geral retratavam sua importância secundária no contexto daquela profusão de artefatos, imagens, sons, filmes, vestimentas – um excesso de evidências, uma avalanche de informações e... uma história ainda por ser contada.



Figura 1: Capa do catálogo da exposição (outubro/2016 a maio/2017) “Deutscher Kolonialismus” no DHM – Deutsches Historisches Museum (Museu Histórico de Berlim).

O cartaz da exposição que tinha por título “Colonialismo alemão – fragmentos de sua história e presente” mostrava uma cena desoladora, o avesso de uma incursão colonial bem-sucedida – uma ferrovia lavada grande enchente que se abatera sobre o território do Sudoeste Africano alemão em 1908. A ferrovia em questão, chamada de Feldschuhhorn, havia sido construída nos anos de 1906/1907 com o objetivo de interligar a região de Keetmanshoop, ao sul do território à época denominado Sudoeste Africano alemão (na atual Namíbia) e porto na região da Baía de Lüderitz. Na foto, vemos um soldado da *Schutztruppe*, sentado sobre os trilhos, inutilizados a por conta da inundação. A solidão do soldado e sua posição prostrada em nada se assemelhavam às muitas fotos de museus e livros escolares – às fotos do conquistador colonial que, altivo, sempre nos educa o olhar mostrando a violência sobre o colonizado ‘em nome das suas boas intenções’ (Muppidi, 2006, p. 52).

Nas fotografias de que fala Muppidi ao visitar o *Royal Museum* em Bruxelas, projetado pelo rei Leopoldo II, os desbravadores pareciam estar olhando para o futuro “as if convinced of the grandness of their enterprise, the pedagogical necessity of their violence, and the nobility of their civilization” (Muppidi, 2006, p. 53). No caso da foto acima, no entanto, as interpretações poderiam ser múltiplas. Que política da imagem tinha naquele momento, portanto, diante de mim: a vitória dos trilhos civilizatórios, a persistência do colonizador ou a dificuldade da incursão imperial? Queria o subtexto mais uma vez instruir o público quanto à singularidade do colonialismo alemão, sua humanidade ou seu amadorismo? Seria propósito dos curadores, ao apresentar o colonialismo alemão, mais uma vez distingui-lo das incursões imperiais de outras potências? Queria eles que tivéssemos um outro olhar mais humano, condescendente até, sobre o que, um dia, foi uma fantasia exploratória de novos territórios?

A imagem no cartaz da exposição me interpelava: como entender, afinal, o período colonial alemão na África? As fontes primárias pesquisadas para o presente trabalho serviriam de evidência para um plano governamental de incursão ‘total’, um grande plano de exploração com o objetivo de afirmar a Alemanha como potência europeia, ultramarina e com efeitos disciplinadores domésticos. A disciplinarização de corpos e mentes, a mobilização populacional

em nome de um (re-) posicionamento da recém-unificada Alemanha em finais do século XIX parecia poder ser lida através da *Erschliessung* como metáfora. A palavra *Erschliessung* (de que se lê frequentemente na literatura colonial alemã e nas cartas das alunas de que trata a tese) tem duas acepções na língua alemã – ‘exploração’ e ‘desbravamento’. A conquista de novos territórios e de um novo perfil como potência europeia se desvelaria em momentos como durante o discurso do Príncipe von Arenberg no *Reichstag* em 1899 a favor do envio de mulheres para a África. Para ele, o esforço de enviar mulheres às colônias, não importasse que estivessem submetidas a contratos laborais degradantes, fazia parte dessa compreensão ampla de *Erschliessung*: em seu discurso, era necessário enviar as mulheres assim como era necessário desbravar a terra através de ferrovias, melhores meios de transporte e sistemas de irrigaçãoⁱⁱ.

A imagem do cartaz, para mim, estava inserida no contexto autoescusatório da narrativa pública alemã sobre a experiência colonial na África. Pensar a foto do cartaz implicava pensar a exposição em si. Sobretudo também, pensar a atividade de expor e as instituições expositórias: os museus. Muppidi me lembraria que, na verdade, o *museu* em si simboliza o próprio grande projeto: sua arquitetura e seu conteúdo – sim, a justificativa de sua existência – apresentam uma pedagogia em relação à disposição de coisas e pessoas ao longo dos últimos cinco séculos.

Recontar – ou seria recriar? - a história através do seu desmembramento em seções, etapas, em salas de exposições temáticas, tem efeito pedagógico em escala transnacional. Há uma pedagogia inerente ao processo colonizatório: a propósito da colonização no Congo, não à toa, há cerca de 100 anos o rei Leopoldo II da Bélgica quisera fundar uma escola mundial do colonialismo (Hochschild, 1998, p. 276 *apud* Muppidi, 2006, p. 54)¹¹ : é simbólico que os planos do rei Leopoldo II guardem ressonância com a pedagogização da experiência colonial, ainda que singular, na Alemanha. A pedagogização da empreitada colonial em sua grandeza, seu potencial civilizatório, sua marcha teleológica rumo ao progresso une a experiência das escolas coloniais em Witzenhausen, Bad Weilbach e Rendsburg

¹¹ Muppidi dirá a esse respeito que: “(...) the World School of Colonialism was expected to be part of a larger architectural complex that would include a museum, a conference center, and a sports complex. Leopold’s death in 1909 resulted in only the Royal Museum part of the project being realized. Trained to think colonialism as an ideology that dissimulates even as it dismembers, I was startled by the nakedness of the king’s proposal” (Muppidi, 2006, p. 54)

às outras experiências de formação colonial nos Estados Unidos e Grã-Bretanha e também aos nossos centros de estudos contemporâneos onde, para contarmos a história, reentronizamos sujeitos e recriamos relações imperiais.

A ida à exposição ‘Deutscher Kolonialismus’ reforçou a pergunta ‘onde estão as mulheres?’ e ampliou o questionamento intelectual em curso aqui: estudar a experiência singular das escolas femininas coloniais apresentou-se como uma das formas de compreensão da pedagogia da colonialidade e sua didática refinada, percebendo os efeitos que ela tem na Europa contemporânea¹².

Iluminar questões relativas ao colonialismo alemão tem efeitos não somente sobre a compreensão da extensão física e ideológica do *Kaiserreich*, mas também para o desvelamento dos projetos de poder que, no contexto da Alemanha e também da Europa, determinaram as relações entre aristocracia, burguesia, campesinato e trabalhadores urbanos a partir da complexa trama social organizada em torno das ideias de raça, religião e origem¹³. É interessante mencionar que os estudos pós-coloniais, instrumento de análise que não priorizei neste trabalho, renderam à historiografia alemã uma renovação com pesquisas em questões de cultura, identidade, e representações como condições de possibilidade para o domínio territorial colonial. No entanto, a narrativa da existência de protetorados alemães – ou colônias alemãs na acepção contemporânea da historiografia alemã – ainda se vale das análises sobre as *influências* da Alemanha sobre a África ou as *repercussões* da atividade de colonos, militares, cientistas, expedicionários e missionários em solo ultramarino, estabelecendo mais uma vez nítidas fronteiras

¹² “The brazen and easy resurgence of a discourse of empire in the West is evidence that the educational and cultural machinery of the West offers, primarily, degrees in colonial responsibility. World schools of Colonialism morph into World Schools, Schools of the Americas, Schools of Intl Relations, Schools of Global Studies (...). In that sense, King Leopold’s spirit continues to animate the dominant West” (2006, p. 60).

¹³ Segundo o autor, as pesquisas têm se concentrado no estudo da relação entre império alemão e o estabelecimento de um paradigma de construção da história nacional. Com esse olhar, outras percepções receberam menos atenção como aquelas que estudam as relações entre metrópole e colônia considerando ambas as entidades separadas. Segundo o autor, estudar a metrópole e a colônia em um mesmo arcabouço analítico permitiria evidenciar ligações fortes entre ambas e traria a real dimensão do quanto da colônia foi ‘trazido ao império’ e de como o projeto imperial teve impacto na sociedade alemã como um todo. Nesse sentido, a pesquisa historiográfica teria extrapolado os estudos sobre meros ‘efeitos’ e ‘repercussões’ da presença alemã ultramarina e algumas reverberações destes sobre a opinião pública alemã, quadros da burocracia colonial (Conrad, 2013).

entre o mundo europeu e além-europeu, evitando o vínculo colônia – metrópole e contribuindo para o distanciamento em relação à realidade social ultramarina hoje.

A Alemanha imperial, compreendida e analisada pela ótica da história global, configura-se em experiência que traz à tona as múltiplas facetas da dominação ultramarina e as relações sociais no Estado-nação recém-constituído, as relações com o conhecimento acadêmico emergente e a colaboração com outras potências coloniais.

Eram transnacionais as condições de produção do conhecimento imperial e a historiografia registra que o conhecimento científico produzido acerca da África era amplamente mobilizado pela burguesia alemã¹⁴.

Nesse sentido, a *Frauenfrage* – a *questão da mulher*, construída em torno da construção de um imperativo estatístico que mascarava por um lado a percepção da ordem patriarcal burguesa que via como necessária a ocupação de moças não casadas das classes mais elevadas e, por outro, a sensível ameaça à mesma ordem causada pelos movimentos feministas e sufragistas da virada do século, se tornará um elemento definidora política doméstica e colonial alemã ao longo de todo o período estudado.

O ‘problema da mulher’, definido conforme a época, *public policy* dominante, foi instrumento de debates do *Reichstag*, entre associações e também objeto de artigos de jornais e periódicos a partir de meados do século XIX, quando do início do movimento feminista na Alemanha, tendo um dos seus ápices na possibilidade do ingresso de mulheres em associações políticas, no acesso feminino ao ensino superior já a partir de 1900 e na conquista do sufrágio feminino em 1918 (Frevert, 1986, p.120). Essas conquistas (ou concessões, conforme a interpretação) foram produto indireto de uma multifacetada atividade associativa feminina correspondente às rupturas e transformações sociais pelas quais passava a Alemanha.

¹⁴ O autor ressalta que a produção de conhecimento acerca da África começa antes do estabelecimento de um império territorial e, portanto, ele acontece em um espaço “not rigidly structured by nationality” (Conrad, 2013, p.550)

Parte integrante não apenas da *Weltpolitik* e de uma política interna de domesticação de anseios e acomodação de interesses, a *Frauenfrage* na virada do século XIX para o XX seria associada à *soziale Frage* – ao problema acerca de como acomodar a mulher em seus direitos e deveres maritais e de reprodução e também à *Brotfrage* ao problema das mulheres burguesas que, sem a estrutura matrimonial e sem preparo laboral, representavam um dispêndio na economia doméstica burguesa. A questão da mulher ultrapassava as fronteiras do recém-criado Estado-nação, era necessário simultaneamente pensar também a constituição do sujeito imperial global – branco, alemão, de boa origem: assim, a *Frauenfrage* logo se converterá em *koloniale Frauefrage*. A *koloniale Frauenfrage* traria em seus próprios termos todas as soluções para problemas concretos e imaginários – o conjecturado excedente populacional, o passivo representado por parte da população feminina burguesa, a recondução do olhar feminino ao propósito social da maternidade – e com isso, se constitui em narrativa catalisadora do envio de mulheres.

O plano inicial, lido nas linhas e entrelinhas das minutas do *Reichstag* apresentadas nesse trabalho, previa enviar mulheres de classes sociais menos privilegiadas. Com a virada do século e o recrudescimento dos ideais social-democráticos e emancipatórios entre as mulheres, o associativismo colonial burguês se une e funda a *Deutsche Kolonialschule Witzenhausen*, no esteio da qual será também fundada a *Kolonialfrauenschule Witzenhausen* – precursora em ideal e material da escola frequentada por Hulda Rautenberg em Rendsburg.

Os materiais encontrados testemunham de um cuidadoso trabalho de colecionamento e organização por parte de Rautenberg de todas as etapas marcantes da sua vida. Nascida no ano de 1913, de família burguesa dos arredores de Hamburgo, Hulda Anna Charlotte Rautenberg viveu até o ano de 2002. Ao terminar o ensino obrigatório para mulheres em 1933, frequentaria entre 1933 e 1934 o curso de um ano na escola colonial feminina de Rendsburg que lhe daria o diploma de *Kolonialwirtin*, tendo realizado seu período prático *junto a colonos alemães* em Kärnten, na Áustria. Nos anos de 1934 e 1935, frequentará a escola comercial Rakow em Hamburgo, escola na qual aprenderá a datilografar, a estenografar e também se formará em correspondência comercial. No início de

1935, Hulda aceitará um convite para ser preceptora, por dois anos, na fazenda Onguati da família Kieckebusch nas cercanias de Kamanjab. O período foi marcado por longas viagens pela África do Sul, período durante o qual faria muitas anotações acerca da região. Em 1937 retornará à Alemanha, vindo à escola para contar suas experiências. No ano de 1938, Hulda voltará a SWA com um contrato de dois anos para trabalhar em uma fazenda de ovinos em Voigtsgrund, distrito de Marienthal, como funcionária da parte administrativa. Com a guerra, terá de permanecer na região até 1944. No ano seguinte, se tornará secretária na empresa Woermann, Brock & Co.¹⁵ na cidade de Swakopmund onde permanecerá até 1961, quando passará a trabalhar para a Câmara de Comércio da cidade.



Figura 2: BAB -Foto Archiv/ Arquivo fotográfico da coleção ‘Hulda Rautenberg’ - ‘Hulda Rautenberg no final dos anos de 1940 em Swakopmund’.

¹⁵ A companhia Woermann, Brock & Co. surgirá posteriormente nos anais da história quando, no ano de 2001, representantes dos Herero, após uma tentativa sem sucesso de levar a Alemanha à responsabilidade em no Tribunal Internacional em Haia por reparações aos povos Herero e Nama em função do genocídio entre os anos de 1904 e 1907, optam por processar três companhias alemãs atuantes na Namíbia na virada do século (Deutsche Bank AG, Torex Corporation e a Woermann) por uso de mão-de-obra escrava (Roos & Seidl, 2015, p. 194). No caso da empresa Woermann, um grupo que compreende uma companhia de transportes marítimos, a denúncia abarca co-responsabilidade na atividade de um campo de concentração em Swakopmund e no transporte de trabalhadores forçados entre a Namíbia e outros territórios também sob domínio alemão como os atuais Togo e Camarões (entre outros, ver <https://www.namibian.com.na/153777/archive-read/Genocide-Apology-No-Reparations>, Acesso em 11 abr. 2018).

A vida de Hulda Rautenberg será repleta de atividades laborais que relacionam seu país natal à África. Ela foi secretária em Swakopmund no comitê de uma associação de pais ‘para a preservação dos direitos linguísticos alemães’ em escolas estatais sob administração sul-africana. Realizou inúmeras viagens para a Alemanha e África do Sul, tendo nutrido não apenas atividades artísticas (pinturas de aquarela, por exemplo), mas também atividades “jornalísticas e de pesquisa” tendo trabalhado como correspondente local para o jornal “Die Allgemeine Zeitung”, até hoje o único diário em língua alemã no continente africano, e também como redatora de artigos para a revista para assuntos culturais “Der Kreis”, editada em Windhoek. Segundo informações do catálogo do seu espólio no acervo privado *Basler Afrika Bibliographien*, na Basileia, suas atividades investigativas se deram em contato permanente com a família:

“uma base para o intenso engajamento de Hulda em paralelo às suas atividades profissionais pode ter sido seu entorno familiar marcadamente burguês e acadêmico, em especial seu contato com seu irmão Heinz Otto Rautenberg (1904-1994, historiador e funcionário da Biblioteca Estadual de Schleswig-Holstein, seu outro irmão Christian Friedrich Rautenberg (1906-1979), pintor e professor de desenho no ginásio Bergedorf e sua irmã Gesa Marie Luise Rautenberg (1905-1995)ⁱⁱⁱ.”

Ao voltar para a Alemanha, continuará trabalhando para a mesma empresa, no setor de exportações para a Namíbia, encontrando tempo para dedicar-se, nos anos de 1966 e 1967, a um livro sobre a história da cidade de Swakopmund. Trabalhou até 1972 em uma importadora e, em seguida, em uma indústria farmacêutica. No final de sua vida, realizou a curadoria dos quadros do irmão e ainda escreveu alguns artigos para revistas na Namíbia. A autora do texto de seu catálogo na BAS faz uma pequena referência ao final do texto à ausência de “contextualização crítica” em relação ao colonialismo alemão^{iv}. Os materiais da coleção de Hulda Rautenberg arquivados na BAB, no entanto, servem de testemunho acerca do contexto em que esteve inserida a escola e suas egressas: um contexto de formação para a investida colonial, profundamente marcado pela classe – burguesa – e por questões nacionalistas baseadas no argumento ‘biológico’ da hierarquia das raças¹⁶. A perspectiva aventureasca da vivência das

¹⁶ Nesse caso, me filio novamente às ideias de Enloe: não há a pretensão de admirar essas mulheres – a ideia reside, sobretudo, em entender como o mundo funciona. As relações, conexões e temáticas compartilhadas pelas mulheres dão dimensão de como o poder circula, o que o influencia e como ele se manifesta interseccionalmente. Ela afirmará que, ao pensar a atuação das

mulheres tal qual relatada pelas egressas da escola dá visibilidade à ideia de que haveria uma liberdade colonial gozada pelo colonizador e – no caso da partilha de memórias entre as alunas – também da colonizadora. Os arquivos, ainda não catalogados, de Hulda Rautenberg na Biblioteca Estadual de Schleswig-Holstein completam esse quadro e o expandem.

A ida aos arquivos e a leitura, sobretudo, das cartas, material primário analisado neste trabalho, tiveram o papel visibilizar essas diversas mulheres expondo assim “(...) the actual workings of international politics” pois elas “(...) observe, they cope, they calculate, they strategize, and sometimes they organize (Enloe, 2014, p. xiv). Tal como Enloe, fui às caixas descobrir os materiais que ali se encontravam e senti-me indo aos porões, tendo a nítida sensação de estar “(...) uncovering a layer of international political life that had been kept out of sight”(Enloe, 2014, p. xiii).

Enloe, assim como eu, é cientista política e, da mesma forma, teve de contar com a ajuda preciosa de arquivistas e bibliotecários que muito ajudaram a fazer esse percurso, a tornar as mulheres visíveis através da pergunta acerca de onde estão. E com isso pensar que a política internacional “(...) requires us to follow diverse women to places that are usually dismissed by conventional foreign affairs experts as merely ‘private’, ‘domestic’, ‘local’, or ‘trivial’” (p. 3)¹⁷.

Dessa forma, é necessário que aqui eu professe o caráter interpretativista desse trabalho e, sobretudo, minha curiosidade feminista em abordar a temática das mulheres egressas de escolas coloniais e sua visão sobre o mundo. A ontologia feminista é que me gerou a curiosidade acadêmica e alimentou as perguntas de pesquisa. Olhar para a temática a partir de um pressuposto ontológico que leva a questão de gênero a sério expôs “(...) where power operates

mulheres no contexto das Relações Internacionais, “We are likely to start wondering about our own complicity in the makings of this world’s dysfunctions, its inequalities, its abuses and injustices. For we are not simply readers and questioners standing above or outside what of an elite (although if we are able to read this page, we are indeed among the world’s privileged), our ideas and actions are helping shape the world. We have our own relationships to all the women whose lives we are trying to understand” (Idem, p. xv). “(...) women of different classes and different ethnic groups have made their own calculations in order to cope with or benefit from the current struggle between states” (Enloe, 2014, p. 355).

¹⁷ “In making women visible, I’ve discovered, one turns a bright light on men-as-men. It has been feminist-informed investigations of international politics that have yielded the most valuable insights into the complex politics of masculinities” (Enloe, 2014, p. xv).

to sustain the gendered status quo, as well as who benefits from that current gendered status quo” (Enloe, 2014, p.12).

Perguntar-me, portanto, o porquê de haver uma *Frauenfrage* – o porquê de haver um problema da mulher a ser resolvido – me fez me dar conta de que “(...) anything that passes for natural, inevitable, inherent, traditional or biological has been *made*” (Enloe, 2014, p.12). As preocupações da política internacional (segurança, estabilidade, crise e desenvolvimento) são rotineiramente imaginadas como divorciadas “(...) and unaffected by women’s unpaid and underpaid labor, women’s rights within marriage (...)” (Enloe, 2014, p.16).

A forma de ver o objeto definiu os caminhos metodológicos da pesquisa, sua escuta informada, a coleta de dados e, em última instância, sua análise também. Há uma política internacional na vida das mulheres cujas narrativas foram analisadas. Ela nos remete para a construção de masculinidades, feminilidades e também para a construção de espaços de atuação, algo central neste trabalho. Para tanto, o marco temporal sob escrutínio nesse trabalho abrange a canalização das questões da mulher para políticas de formação e envio de mulheres para as colônias (uma discussão em curso desde meados do século XIX e que se realiza na virada do século, com as políticas de envio) até o início da década de 1960¹⁸. A década de 1960 será marcada por fatos históricos como o a construção do muro de Berlim, mas também por políticas de reorientação da relação da Alemanha com a África. Essa mesma década testemunhará a criação de um ministério de cooperação para o desenvolvimento que definirá os marcos da *Afrikapolitik* de Bonn em concorrência à política para o continente da Alemanha Oriental. Também será a década da produção dos primeiros trabalhos historiográficos de grande repercussão sobre o período colonial alemão bem como a época da constituição de uma política cultural externa responsiva ao recrudescimento da polarização geopolítica, mas também claramente uma afirmação da influência cultural sobre ex-colônias. A década de 1960 inaugura uma nova perspectiva geopolítica para as mulheres em seus vários locais de atuação e o conteúdo das cartas após 1960 aponta para essas mudanças. Com isso, a análise das cartas é limitada ao ano de 1960 e os materiais coletados para além

¹⁸<https://edoc.hu-berlin.de/bitstream/handle/18452/18280/guelstorff.pdf?sequence=1>
Especialmente as pp. 150-151 e pp. 177-178.

desse marco reforçam a agenda para pesquisas futuras: traçar e analisar as relações entre os egressos das escolas coloniais e a política externa alemã de Bonn e de Berlim, sobretudo, a partir de narrativas de mulheres. Ainda que, do ponto de vista historiográfico, muito tenha sido feito e esteja sendo feito no sentido de localizar, catalogar e analisar fontes históricas que ajudam a reconstruir as conexões e gargalos da política alemã na África, é a partir das relações internacionais e, sobretudo no contexto dos estudos críticos europeus¹⁹ que tais materiais, inéditos ou não, podem render novas leituras acerca do Contemporâneo especialmente em áreas como estudos críticos acerca de identidade e cultura e políticas de memória.

Por último, é necessário salientar o que oferece a justificativa da ‘costura’ entre os poucos registros arquivísticos em comparação a temáticas mais ‘importantes’ que garantiriam uma maior visibilidade à história acumulada no arquivo pessoal de Hulda Rautenberg (Burton, 2008, p. 149), a opulência e fartura de artefatos em museus e exposições e a tecnologia de poder do projeto de uma escola mundial do colonialismo: do micro ao macro, do histórico ao contemporâneo, a análise neste trabalho evidenciou tanto políticas de silêncio quanto políticas de poder. Os arquivos pessoais mostram as pequenas engrenagens que sustentam e também questionam as grandes políticas. A ontologia feminista, a epistemologia da história global e a metodologia das narrativas convergem para a perspectiva original de que mulheres não apenas fizeram como também interpretaram a política internacional da primeira metade do século XX. As narrativas de mulheres – a minha e a delas – nossas formas de intervir no mundo são centrais ao *world-making*. É disso que trata o presente trabalho.

¹⁹Os chamados estudos críticos europeus têm envolvido temáticas diversas unidas pela crítica aos modelos fiscal, monetário, financeiro e de mercado do projeto integracionista da União Europeia, questões laborais e associativas e também questões teórico-filosóficas como os limites do projeto identitário europeu. Dentre os críticos tanto das *polities* quanto das *policies* e *politics*, destaco escritos Jürgen Habermas, Sheila Benhabib e Chantal Mouffe para uma macro-orientação na área.



Figura 3: Ao centro do mapa, a cidade de Wittenhausen e linhas indicando ‘Auswanderungsziele’ – destinos de emigração e números, s/d, em <http://www.luderitz-witzenhausen.de/> (Acesso em 19 fev. 2018).

Todos os algarismos romanos referem-se a notas de fim de texto, nas quais forneço as citações e textos referidos no original, em língua alemã. As entradas em colchetes fazem referência a trechos ou palavras para os quais julguei necessário apresentar o verbete na língua original.

2.

Introdução - da história tantas vezes contada e seu silêncio

O chamado Novo Imperialismo e os processos colonizatórios levados a cabo pelas grandes potências europeias nos séculos XIX e XX são temas que não apenas encontram eco em diversas áreas acadêmicas, mas historicamente exerceram um papel fortemente constitutivo tanto nas disciplinas da História (Hobsbawm, 1989; Bush, 2004, Conrad, 2010) quanto na Sociologia e Antropologia (Zimmerman, 2001). Na História das Relações Internacionais, é possível afirmar que o estudo do imperialismo do século XIX fornece as bases históricas e geopolíticas para a compreensão de disputas políticas e territoriais que se arrastam até a contemporaneidade (Saraiva, 2013).

A história do imperialismo, seus atores, dinâmicas bem como suas justificativas relativas às tomadas de decisão em política externa e, sobretudo, seus silêncios, oferecem um campo de significados fecundo para compreender diversos movimentos da política global ao longo do último século. As teorias e as agendas de pesquisa convencionais da área de Relações Internacionais tais como a Segurança Internacional, Governança/ Cooperação Internacional e Desenvolvimento, Política Externa e a Economia Política Internacional foram organizadas historicamente em torno dos chamados grandes debates e produziram um silenciamento acerca do período histórico que antecede o chamado debate entre idealismo e realismo, secundarizando a cronologia histórica e a reflexão teórica acerca da produção de conhecimento e a experimentação prática daquele período (Vitalis, 2005).

No entanto, o ‘passado’ ressurge em muitas discussões na agenda atual das Relações Internacionais como no caso das críticas às chamadas intervenções humanitárias, da paz democrática, aos chamados estados párias e estados falidos, no caso das agendas de desenvolvimento do Sul Global e das migrações, para citar apenas algumas áreas de pesquisa relativas às mudanças na ordem global pós-guerra fria (Edkins & Zehfuss, 2014).

Dentre os grandes marcos está certamente a complexa temática do surgimento dos impérios britânico, francês, neerlandês e também norte-americano

abrangendo os séculos XIX e XX. Osterhammel & Jansen (2012) afirmarão que há algumas características que definem o chamado novo imperialismo de forma singular: uma delas teve a ver com a voracidade e velocidade da divisão das áreas ainda não colonizadas do globo entre as grandes potências europeias. Mais que uma partilha do continente africano, o período marca o início de uma nova ordem global estabelecida pela organização do poder em torno de grandes potências e determinado pela expansão territorial ultramarina, pelo controle militar, pelo prestígio e, sobretudo, pelo controle comercial da produção e consumo de bens (Gründer, 2012).

Ideologicamente, é inegável a influência da popularização das pesquisas de Darwin em torno da *origem das espécies* (de 1859) que serviriam de base à economia e política da época como forma de compreensão do funcionamento das culturas e da seleção natural entre elas a partir da sobrevivência do mais forte. Com a estruturação no imaginário coletivo em torno de um darwinismo social, este de cunho spenceriano e pseudo-científico, a afinidade ‘natural’ entre ‘as populações civilizadas’ rapidamente estabeleceu terreno fecundo para uma retórica racializada que definiria a função dos povos a serem colonizados na África e Ásia no contexto global (Zimmerman, 2014) .

Essa ideia mostra o paradoxo da política continental se comparada à política exercida sobre as colônias. Por um lado, lutava-se na metrópole pela unidade nacional, pela liberdade e pela democracia. Por outro, as atividades da colônia pautadas pelo livre comércio mascaravam o modelo de produção *in locu*, amplamente baseado em trabalhos forçados (Zimmerer, 2016). No final do século XIX, o vigor com que foram definidas as fronteiras territoriais no domínio africano demonstraria por um lado um projeto multiforme definido em larga medida por aventureiros, militares e comerciantes, mas por outro, uma clara compreensão de que a velha balança de poder estaria dando lugar a uma nova ordem global (Zimmerman, 2014).

Um dos vetores do chamado imperialismo, entendido como extensão de poderio e autoridade através da expansão territorial, foi a instauração de construtos político-sócio-espaciais subordinados e ao projeto de dominação, o que

chamamos de “colonialismo” (Osterhammel & Jansen, 2012, p.8). É neste sentido que a colonização como um processo de apropriação tornou-se um instrumento concreto de mobilização em nome de um empreendimento que associaria homens e mulheres, metrópole e colônia a uma mesma estratégia de organização da racionalidade ocidental na virada do século (Idem).

Se as questões relacionadas ao colonialismo britânico e francês têm em larga medida sido privilegiadas na literatura especializada de cunho historiográfico, antropológico e sociológico bem como na área dos estudos literários (Zantop, 1997), o colonialismo alemão, uma das experiências de dominação menos longevas na história da constituição dos neo-impérios ocidentais, alcançou bem mais recentemente lugar de destaque na mídia, no cenário cultural e nos projetos acadêmicos de importantes universidades (Conrad, 2008; Kundera, 2008; Zimmerer & Zeller, 2016).

O chamado colonialismo alemão, de fato, foi multifacetado e heterogêneo, além de extremamente curto do ponto de vista histórico se comparado às experiências de grandes potências colonizadoras do século XIX como a Inglaterra e a França. Este se estendeu por quatro chamados ‘protetorados’ em solo africano – Togo e Camarões no lado ocidental e *África Alemã do Sudoeste* ou *Sudoeste Africano alemão* (a atual Namíbia) e *África Oriental Alemã* (Tanzânia, Ruanda e Burundi) no lado oriental (Osterhammel & Jansen, 2012; Gründer, 2012). A Alemanha também obteve controle sobre algumas ilhas do pacífico como a Nova Guiné e Samoa bem como sobre a província de Jiaozhou, na China (Idem). As formas de tomada de territórios, atores e instituições envolvidos bem como o tipo de colonização (de povoamento mais formal ou menos formal) dão ao colonialismo alemão uma condição multiforme que instiga tanto a comparação entre experiências quanto o estudo de casos específicos e seus desdobramentos no tempo e no espaço (Bechhaus-Gerst & Leutner, 2009)²⁰.

Múltiplas são as fontes primárias tais como relatos, diários, periódicos e arquivos da burocracia colonial que ao longo das décadas (Lerp, 2007)

²⁰ O colonialismo alemão também figura como caso interessante porque além de ter sido uma das experiências coloniais formais menos longevas, de duração de exatos 35 anos (Timm, 1986), permaneceu em grande medida sub-iluminado tanto na historiografia imperial mundial (de origem anglo-saxônica) como também na própria historiografia nacional (Conrad, 2013).

documentaram a investida colonial ultramarina e na atualidade a produção de trabalhos acadêmicos sobre o tema tem testemunhado um *revival*. O crescente espaço midiático relativo ao ativismo em torno de questões ligadas ao passado colonial também tem contribuído para a produção de literatura (Roos & Seidl, 2015). Assim, a bibliografia secundária também oferece subsídios para compreender que as investidas germânicas aos territórios ultramarinos, tais como as investidas britânica, francesa e belga, não se deram em um vácuo populacional (como por vezes se quer produzir discursivamente) e que os encontros e embates com a população local revelam em grande medida tanto a racionalidade colonial vigente como aspectos mais abrangentes do pensamento imperial e da lógica geopolítica a ser instaurada já em grande medida durante o século XIX.

É interessante que, diante de extenso material documental e indiscutível valor histórico, o colonialismo alemão tenha sido tão pouco explorado no âmbito acadêmico ao longo dos últimos 60 anos. Uma hipótese para a secundarização da temática no contexto da historiografia alemã é que, por um lado, a sequência de acontecimentos na virada do século XIX para o seguinte fez do século XX um dos mais conturbados da História ocidental, mas também porque a experiência do nacional-socialismo e do Holocausto dominou a cultura memorial coletiva alemã em várias áreas da vida social, como na área da educação, da preservação documental e da elaboração profunda em várias áreas da (re-) produção cultural como na literatura e na mídia. Acresce-se a isso a hipótese defendida no presente trabalho de que há uma sub-politização da incursão colonial alemã e das consequências desta para a formação identitária tanto da/na metrópole quanto da/na colônia identificável, por exemplo, na narrativa de continuidade que caracteriza a renomeação da escola colonial de Witzenhausen em ‘Instituto Alemão de Agricultura Tropical e Subtropical’ aos 25 de outubro de 1956 (Baum, 1997, p. 197).

Esse e outros exemplos a serem elencados neste trabalho concorrem conjuntamente para a ideia de que, do ponto de vista da memória, a questão do colonialismo, sua influência na constituição de identidades tanto na Europa quanto em outros continentes, seus efeitos políticos, sociais e culturais permanecem em larga medida presentes em nível latente, e seu desvelamento contribui para novos

insights sobre a conjuntura política mundial contemporânea. Especialmente a partir da década de 1990, a história colonial alemã passou não apenas por uma revisão profunda do ponto de vista historiográfico como incorporou novos aportes (meta-) teóricos que lançam um novo olhar sobre a historiografia de forma geral desenvolvida ao longo do século XX. Não é por acaso que os anos 1990 parecem permitir novas aproximações ao tema: com a queda do Muro de Berlim descortinam-se novas possibilidades de pesquisa em arquivos antes de acesso restrito aos pesquisadores da Alemanha Oriental. Com isso, uma ruptura histórica como a Reunificação alemã permitirá que muitos novos arquivos sejam catalogados e possam ser pesquisados em associação a outros conjuntos de materiais já disponíveis (Conrad, 2008). Ademais, grandes projetos foram postos em marcha como a iniciativa da Biblioteca da Universidade de Frankfurt de catalogação do acervo fotográfico de uma das maiores e mais longevas associações de fomento à empreitada colonial, a *Deutsche Kolonialgesellschaft* - DKG²¹. Dentre os esforços de revisita ao tema estão, portanto, a releitura e re-teorização sobre fenômenos, instituições, agentes e dinâmicas relacionados ao colonialismo alemão e suas consequências tanto para a metrópole e quanto para as colônias (Naranch, 2014).

O reacendimento de questões relacionadas ao colonialismo ocorrerá novamente no ano de 2004, quando a Ministra do Desenvolvimento para a Cooperação Heidemarie Wiecek-Zeul em visita à Namíbia pede desculpas pelo genocídio perpetrado contra os povos Herero e Nama em um primeiro ato público de política externa na direção do reconhecimento daquele crime como contra a humanidade (Roos & Seidl, 2015).

Na mesma década, ao completarem-se 100 anos do massacre dos povos Herero e Nama bem como 110 anos do fim do domínio alemão no que hoje é o território da Namíbia, grupos ativistas pelos direitos humanos iniciam uma campanha de que visava a que a Alemanha reconhecesse a contenção do *Aufstand* dos Herero e Nama entre 1904 e 1907 como genocídio. Com isso, iniciam processo judicial demandando reparos aos descendentes destes povos (Idem). Em 2012, o então Ministro das Relações Exteriores Frank-Walter Steinmeier oferece

²¹ <http://www.ub.bildarchiv-dkg.uni-frankfurt.de/> (Acesso em 25 de abril de 2017).

publicamente um pedido de desculpas e afirma estar em diálogo com o governo namibiano acerca da temática (Idem). Em 2015, a questão torna-se objeto de petição na câmara baixa alemã – o *Bundestag* – encaminhada pelo partido *Die Linke* sob liderança do político esquerdista Gregor Gysi, mesmo ano em que, em artigo para a imprensa, o então presidente do *Bundestag* Norbert Lamert refere-se às guerras coloniais de 1904 a 1907 como genocídio. Do documento final constaria uma referência explícita à necessidade de reconhecimento por parte do governo alemão de que o genocídio dos Herero e Nama como primeiro genocídio do século XX e a exigência de um projeto visando à reconciliação e reparação histórica (não financeira) aos povos afetados pela guerra, com efeitos para a relação entre a Alemanha e a Namíbia.

Do ponto de vista das Relações Internacionais, um leque de oportunidades de pesquisa se descortina. No contexto dos estudos de imperialismo, a temática adensa a pesquisa em relação às rupturas e continuidades das histórias de Estados nacionais e dos territórios sobre os quais estes um dia tiveram influência. O fenômeno imperial, a despeito de ser objeto de estudo na área de estudos do imperialismo e no contexto da economia política internacional, também guarda estreita relação com a área da História das RI. Tanto as escolas francesa e britânica quanto outras escolas europeias de estudo da História das RI, cada uma a seu modo, buscaram associar às “forças econômicas e sociais (...) a busca dos cursos profundos que anima(ram) a vida internacional (Saraiva, 2008, p.21). Nesse sentido, não apenas os grandes movimentos históricos alimentaram análises historiográficas da disciplina, mas também as mesmas conjunturas estiveram intrinsecamente atreladas ao desenvolvimento teórico-conceitual da área.

O presente trabalho buscou abarcar teorias, debates e conceitos que têm contribuído para o aprofundamento do conhecimento acerca da prática imperial e seus desdobramentos, especialmente aqui para mulheres da burguesia e aristocracia, ao longo do século XX.

A pergunta central de pesquisa é: onde estão/estiveram as mulheres egressas da escola colonial de Rendsburg e o que disseram acerca do mundo que as cercava? A partir desses insumos, quais as conexões estabelecidas pelas mulheres e como esses entrelaçamentos transfronteiriços agregam

conhecimento às discussões acerca da história global do colonialismo (alemão) ao longo do século XX?

Foi realizado um duplo movimento por um lado teórico-epistemológico e por outro, metodológico. A área da História Global, com seu (1) foco em mecanismos transfronteiriços de constituição de conhecimentos e práticas, (2) foco nas conexões e (3) ímpeto de crítica ao eurocentrismo, pareceu-me terreno fecundo para apresentar e analisar o material empírico encontrado: cartas trocadas entre ex-alunas acerca das suas experiências na escola e suas formas de ver o mundo. A partir da análise de narrativas epistolares, que busca compreender enredos em contextos de produção contínua de narrativas (e não apenas a partir de extratos de textos), busco iluminar as leituras de mundo produzidas pelas mulheres em diálogo umas com as outras.

Com isso, a História Global e a análise de narrativas, em especial das narrativas epistolares, ajudam conjuntamente a lançar nova luz tanto sobre a constituição das escolas coloniais para mulheres quanto sobre a vivência comum das egressas. Suas leituras do mundo adensam discussões sobre o legado imperial, a construção do sujeito europeu, além de iluminarem temáticas tão atuais na relação entre a Europa, Alemanha e o mundo, como a questão da cooperação para o desenvolvimento e a questão dos refugiados. A compreensão da leitura de mundo conectada das mulheres e o efeito diaspórico²² da singular experiência de formação colonial fornecem pistas para temáticas que estão no centro das discussões em RI: a construção de discursos que definem espaços, reificam percepções do outro e indicam que questões de gênero e império permanecem no centro das Relações Internacionais até a contemporaneidade.

2.1. Composição da tese

O trabalho seguirá o seguinte trajeto: o capítulo 3, intitulado “Contexto da presença alemã ultramarina no século XIX”, fornecerá uma apresentação cronológica e breve apreciação crítica dos principais eventos relacionados ao colonialismo alemão: seu início como tímida política de instituição de

²² Ver a nota 93 sobre o uso do termo diáspora em sentido lato e estrito.

protetorados na África em 1884, a expansão para outros territórios (Ilhas do Pacífico, China), a política colonial *on the ground*, as guerras coloniais (em especial as guerras contra os Herero e Nama no atual território da Namíbia), a colonização de povoamento e suas reverberações na metrópole, bem como o surgimento de movimentos associativistas coloniais que perdurariam até 1945.

A apresentação da questão do colonialismo alemão será iluminada por um lado a partir do novo significado obtido mais recentemente no contexto da historiografia alemã contemporânea. Um dos aspectos paralelos ao ímpeto expansionista e profundamente relacionado a ele é a percepção do momento histórico como estando embebido em um contexto da crise socioeconômica caracterizado pela superprodução e por um pretenso excedente populacional em finais do século XIX na Alemanha (Gründer, 2012). Há um complexo contexto socioeconômico em que a transformação industrial em que a proletarianização de parte da população, a ascensão da social-democracia e o ‘perigo vermelho’ colidiam e desestabilizavam a hierarquia social estamental da Alemanha imperial. As demandas por maior escolarização da mulher, pelo sufrágio feminino e pelo acesso ao mercado de trabalho como opção ao matrimônio criavam a percepção de que a Alemanha estaria em crise social (Gründer, 2012). É nesse contexto que são forjados os discursos que marcam qual o papel desejável para a mulher nessa velha e nova ordens bem como o discurso acerca das possibilidades que estariam abertas a ela quanto à formação e ao exercício laboral. Em última análise, os discursos circulantes indicam percepções acerca de como a mulher deveria se inserir como sujeito na sociedade em transformação. A via colonial parece satisfazer várias das questões, claramente masculinas, colocadas em torno da função e existência da mulher. A experiência de criação da escola feminina de Witzenhausen e da consolidação do projeto de formação colonial já em Rendsburg, com seus sucessos e fracassos, se inscreve exatamente nesse contexto. Evidenciando a indissociabilidade entre as dimensões da ‘raça’, classe e gênero na presença e ação das mulheres, será interessante verificar como a chamada *Frauenfrage* se constituiu um conceito ao mesmo tempo indefinido e poderoso para abarcar a ideia do envio de mulheres para a colônia no contexto de uma política populacional mais ampla com o objeto de firmar o domínio ultramarino alemão. A questão da mulher – a chamada *Frauenfrage* - torna-se uma questão

imperial no sentido de que representará o mecanismo pelo qual não apenas a Alemanha senão outras grandes potências coloniais farão valer o caráter e o ímpeto expansionista do Estado-nação.

Historicamente, as *Fragen* impostas pela política e sociedade alemãs geraram mobilizações em torno de uma *Lösung*. A *solução* política da qual a mulher fará parte revelará algo mais complexo que uma reforma populacional, geração de espaço vital ou equiparação estatística. A mulher seria *Frage* e *Lösung* (Marmozai, 2009): como ponta de lança da investida colonial, ela contribuiria para própria constituição do sujeito imperial alemão, tão forte e – claramente, tão frágil - no contexto de uma Europa forte e expansionista (Planert, 1998). Nesse sentido, a questão da mulher, ou as questões em torno da natureza, função e presença da mulher na sociedade, foram alvo de muito debate público ao longo do século XIX. Alguns elementos da história do movimento de mulheres na Alemanha iniciado em meados do século fornecem uma compreensão inicial acerca dos principais argumentos de amplos e variados setores da sociedade em torno de um conceito sempre sujeito a várias interpretações: a questão da mulher como uma questão social, uma questão de sobrevivência, uma questão natural-biológica, uma questão divina. O ‘problema’ era frequentemente apresentado junto à sua solução, conforme o matiz ideológico do proponente. Assim, a questão social da mulher poderia ser resolvida, conforme o movimento feminista burguês, com mais acesso à educação formal (Frevert, 1986). A questão da sobrevivência, na visão do movimento proletário, resolver-se-ia através da melhoria das condições laborais (Idem). A questão colonial da mulher unirá blocos conservadores, associações feministas e a política no *Reichstag* – a presença de mulheres nas colônias alemãs apresentava-se como solução para várias das questões em debate.

Inicialmente, haveria a colocação laboral de mulheres oriundas de classes mais baixas aliada à política matrimonial que visava a oferecer aos colonos uma alternativa ao casamento misto. Após a primeira década de 1900, com a centralidade política da discussão que culminaria na proibição dos casamentos mistos, o envio de mulheres de classes mais altas constitui-se em adequação perfeita às demandas do patriarcado (Planert, 1998) para mulheres não casadas que pudessem ser absorvidas como esposas, ajudantes domésticas ou assistentes

nas fazendas coloniais. Em um momento de profundas transformações oriundas dos movimentos feministas emancipatórios e da ascensão da social-democracia, essa medida prevenia que as mulheres burguesas constituíssem alguma ameaça à ordem patriarcal: com as escolas coloniais, atendia-se à demanda de formação e disciplinarizava-se a agência das mulheres. Através da construção heterogênea e multifacetada de uma política colonial, a questão da mulher é associada à questão colonial e a ideia de criação de escolas coloniais femininas durante a primeira metade do século XX é tornada realidade com o objetivo de fortalecer a política de envio de mulheres para povoamento das colônias.

O capítulo 4, que define as bases para a análise do material empírico central a ser apresentado na tese e apresenta a inspiração teórica e metodológica. A lente escolhida, a da História Global, prima por identificar a possibilidade de reconstruir sistematicamente os horizontes globais das histórias nacionais. Há uma tentativa de identificar a sincronicidade de elementos históricos em contraste às dependências de trajetória e outros mecanismos de avaliação de sequenciamentos de eventos – neste sentido, o foco é espacial e não temporal, ainda que o marco temporal seja fundamental para a compreensão dos diferentes conceitos e racionalidades vigentes. Um dos focos, portanto, é a “interligação transregional de processos sociais” (Conrad & Eckert, 2007, p. 27). A ideia não é substituir a categoria ‘Estado’ pela categoria ‘mundo’, mas sim reorganizar a escrita da história a partir da consciência de que as relações que se estabeleceram ao longo da história foram e têm sido relações globais. A pesquisa sob essa perspectiva permite pensar em categorias espaciais e manifestações sociais locais como resultados de processos globais. Nesse sentido, concordo com Conrad & Eckert que acreditam que não há contradição em desenvolver uma pergunta de pesquisa que emerja das ideias da História Global e uma abordagem micro-histórica que prime por compreender um caso isolado. Eles entendem que há um processo de tradução de estruturas globais, inclusive com a modificação destas para os ‘idiomas’ e constituições institucionais específicos do local – compreender essas reconfigurações é, segundo eles, um dos papéis mais fecundos das análises na perspectiva da história global (Idem, p.29). Basicamente, a perspectiva teórico-epistemológica partirá da ideia de que as histórias e os atores são relacionais – é preciso observar os processos do seu ponto de vista relacional e entender que o

processo de difusão do Ocidente não foi apenas uma via de mão única, mas que o Outro tem papel constitutivo nisso – o desenvolvimento europeu não se deu de forma autônoma (Idem, p.32).

O mesmo capítulo avança quanto à explicitação do caminho metodológico: dediquei-me a identificar aspectos dos chamados estudos de narrativas que pudessem elucidar o tema (e os materiais) em questão. Os estudos de narrativas têm caráter interdisciplinar e transitam também entre as diferentes abordagens teóricas²³. A análise de epístolas no contexto deste marco analítico me pareceu o caminho mais fecundo para analisar o material empírico encontrado. É na narrativa que discursos sobre as mulheres foram reificados, como aqueles que determinam a *Frauenfrage* e os que marcaram as opções disponíveis às mulheres no contexto da investida colonial. Por outro lado, as narrativas das cartas evidenciam múltiplas vozes, múltiplos temas e conectam lugares, opiniões e políticas, permitindo voltar à perspectiva da constituição da história, e das relações internacionais, como global.

O capítulo 5 é introduzido pelas pesquisas que têm como temática central as escolas coloniais femininas (Blisch, 1996; Siegle, 2004; Lerp, 2009). Estas permitem múltiplos olhares sobre o tema com base no material empírico disponível a estes pesquisadores.

Em seguida, uma literatura primária é re-observada como fonte documental: apresentarei e analisarei trechos relevantes da obra síntese sobre as escolas produzida pela egressa Hulda Rautenberg em coautoria com Mechthild Rommel, publicada em 1983. As argumentações do livro são analisadas a partir da leitura contrastiva de fontes documentais contemporâneas e à luz da pesquisa acerca dos atores e condições de ação ali citados. Busquei na introdução da obra, em sua conclusão e em marcadores linguísticos (palavras usadas sem aposição ou explicação) e paralinguísticos (interjeições e palavras de ênfase, como partículas modais) presentes no texto como um todo explicitar as narrativas da experiência na escola diante do contexto da época.

²³ Os estudos de narrativas mais positivistas podem ter como foco a questões de identidade e preferências do narrador, a organização das verdades e suas conclusões lógicas, enquanto visões pós-positivistas questionam a subjetividade unívoca do narrador, buscam compreender os regimes de verdade e não primam pela busca de ‘fechamentos’, mas sim, de fios narrativos caracterizam a infinitude do texto.

Dos arquivos da Biblioteca Estadual de Schleswig-Holstein, destaco a sequência de cartas coletivas anuais capitaneadas por Hildegard Dreves (uma das professoras mais antigas da escola) em que ela e ex-alunas relatam experiências vividas durante o período na escola e após o seu fechamento. As cartas, escritas entre 1938 e 1960, são construções coletivas organizadas a partir da pena e iniciativa de uma professora e atravessam temporalidades (o desenrolar e o fim da II Guerra Mundial, o milagre econômico na Alemanha Ocidental, a tensão entre Ocidente e o Leste no pós-guerra e seus reflexos em outros continentes) e espacialidades (Rendsburg, América do Sul, do Norte e África). Elas permitem compreender conexões entre tempos/espacos distintos através de uma ótica específica, mas não particular, e, com isso, com potencial explicativo em relação aos macroeventos que marcam a história alemã e europeia contemporânea. A descoberta de uma sequência de cartas trocadas entre uma professora e egressas do curso permite, portanto, voltar ao debate iniciado por Blisch (1996), Siegle (2004) e Lerp (2009) e mostrar que as mulheres produziram visões de mundo, que estabeleceram conexões transnacionais e que analisaram sua conjuntura fornecendo assim subsídios para compreender determinantes sociais, econômicos e ideacionais relacionados à Alemanha de ontem e de hoje.

A conclusão do trabalho dedica-se à síntese das impressões e aos encaminhamentos da pesquisa a partir da pergunta inicial: **qual o lugar das mulheres cuja vivência está atrelada às escolas coloniais? Com o ganho de historicidade à experiência a partir das narrativas delas, quais ganhos são possíveis a partir da perspectiva de uma História Global do colonialismo alemão?**

Do ponto de vista da contribuição ao campo das Relações Internacionais, o trabalho pressupõe avançar em duas frentes: adensar a compreensão acerca de como novo imperialismo se constitui enquanto narrativa, política e prática por um lado e, por outro, e compreender, a partir de um novo olhar sobre o contexto específico da formação colonial, elementos da constituição do sistema político internacional no século XX que resvalam não apenas em questões de gênero, 'raça' e classe, mas também na própria inteligibilidade da ação europeia no mundo dos séculos XIX e XX.

3.

Contexto da atuação alemã ultramarina no século XIX

Acercar-se da história da mulher no contexto colonial alemão requer, entre outros elementos, entender as transformações socioeconômicas em curso, em especial no final do século XIX, que forjariam realidade e discursos sobre a formação da sociedade alemã. Do ponto de vista da composição social, o período que abrange a época da formação do Estado e que se estende até o início do século XX será marcado por intensas dinâmicas populacionais (migrações no eixo urbano – rural bem como para outros continentes com fins de assentamento, transformações no mercado de trabalho e na política social) no que tange às classes sociais existentes bem como dinâmicas em vários estratos do poder. Quanto a estes, é necessário observar como se comportaram, ao longo desse período, as representações de interesses no sistema partidário, o posicionamento da aristocracia e do chanceler bem como as movimentações de associações de classe/ interesse em relação à questão colonial.

Em termos sociais, é possível afirmar que a estratificação social alemã em meados do século XIX compreendia, por um lado, uma ampla parte da população expropriada em contextos rurais que dava continuidade a formas de produção baseadas na economia agrícola, juntamente com uma emergente classe proletária cuja existência reconfiguraria a conformação da família, com mulheres e homens compondo a força de trabalho em fábricas e outros contextos industriais. Por outro lado, uma aristocracia representada por duques, barões e congêneres com forte participação militar e também governamental – e com isso, com grande influência nos rumos da política regional. Ainda fazia parte desta configuração social a burguesia – relativamente heterogênea – formada por um lado por grandes comerciantes e proprietários fabris e, por outro, organizações ligadas às missões católica e luterana²⁴.

²⁴ Walgenbach (2005) alerta para a importância da percepção da heterogeneidade no contexto da burguesia alemã a partir da ideia weberiana de que a racionalidade capitalista tão bem descrita em “A ética protestante e o espírito do capitalismo” estão presentes nas duas categorias sociais que conformam esse grupo e que conferem a essa classe social sua especificidade naquele período histórico: Walgenbach afirma que, na virada do século XIX para o XX e, especial observando os atores envolvidos na atividade colonial, é possível identificar dois tipos de atores ou duas racionalidades. De um lado, o burguês asceta que exhibe as qualidades da auto-disciplina, do

A primeira metade do século XIX, em linhas gerais, havia sido palco da construção de uma ideia ou identidade pan-alemã forjada a partir da difusa resistência contra as forças de Napoleão no início do século – tendo como forças adicionais o engajamento das massas comandadas e também a fidelidade temporária de alguns principados próximos à Prússia. O proto-nacionalismo alemão forjado na primeira e segunda décadas do século XIX baseou-se, com a falta de um território comum e de uma condução política da crise unívoca, na existência de origens, língua e tradições comuns espelhadas pela cultura. A ‘identificação’ com uma Alemanha unida e de território contíguo se constrói, por um lado sob efeito da guerra contra Napoleão e ao lado da Rússia e Áustria (na qual a fidelidade do *Rheinbund* será decidida em favor dessa coalizão) através do grande concerto em torno da organização do poder no Congresso de Viena (1814-1815). Por outro lado, se dá de forma conservadora, baseada na restauração da ordem monárquica e sem necessariamente contar com a lealdade de todo o principado – que havia se fortalecido territorialmente a partir do princípio federado.

Em meados do século XIX, o território alemão ainda é partilhado por várias forças regionais e vê, com a severa crise agrária e as rebeliões populares, surgir o terreno fértil para as ideias mais democráticas, capitaneadas em parte pela burguesia contra a aristocracia. No entanto, a fracassada revolução de 1848 reforça a monarquia prussiana e sob a batuta do nobre diplomata e posterior chanceler Otto von Bismarck, a guerra austro-prussiana de 1866 e a guerra franco-prussiana fortalecem a Coroa e reforçam a possibilidade de constituição de uma Alemanha forte. Sobretudo a Guerra franco-prussiana em 1870/1871 é o conflito que realizará o plano de unificação dos estados do sul da Alemanha ao *Nordbund* e dará à Alemanha uma posição de destaque na Europa em relação à França naquele momento.

Com a unificação alemã que daria a coroa ao *Kaiser* Guilherme I, o império alemão viria a ter alguns traços democráticos, com a instituição de uma câmara baixa nacional – o *Reichstag* – com representantes eleitos pelo voto (masculino) e uma câmara alta amplamente influenciada pela Prússia. Enquanto é

equilíbrio, do trabalho e da racionalidade e a *bourgeois* tradicional, patriarcal e caritativa, orientada aos costumes e regras sociais da nobreza (Walgenbach, 2005, p. 254).

possível afirmar que Bismarck realiza o que se pôde chamar de unificação externa bem-sucedida, a unificação interna no final do século XIX ainda não parecia garantida com a percepção bismarckiana sobre partes da igreja, a saber a igreja católica, bem como o crescente movimento social-democrata (que encontraria entrada no parlamento) e também as minorias étnicas (de origem polonesa, em sua maioria) no recém-unificado território nacional. A questão colonial pairava por sobre a economia de guerra e paz já durante o processo de unificação – exemplo disso é que a França cogitará passar à Alemanha alguns domínios coloniais ao perder a guerra franco-prussiana²⁵.

Gründer (2012) entende que o entrelaçamento entre motivações políticas e sociais que levam ao interesse pela ideia colonial emerge decididamente antes da manobra política de guerra que daria à Alemanha seu mito fundador em 1871. Segundo ele, a argumentação nacional pela existência de colônias alemãs surge nos anos 40 do século XIX, estimuladas pelo desejo de alargamento das possibilidades comerciais e pelos anseios da burguesia liberal em garantir, por um lado através de uma Marinha forte e, por outro, o domínio sobre territórios continentais de interesse²⁶.

Por parte de especialistas da academia, o apoio a um possível avanço colonial alemão era pavimentado com argumentos a favor da manutenção de uma política expansionista como forma de garantir substratos e matérias-primas à industrializante Alemanha e também a possibilidade de escoamento da produção metropolitana. Gründer (2012) ressalta que, já em meados do século XIX, o economista Friedrich List figuraria entre um dos defensores mais fervorosos não apenas de uma política de expansão, mas também da implantação de uma agenda de organização continental de interesses geopolíticos a partir de remanejamentos

²⁵ Para Gründer a guerra franco-prussiana tem efeitos para a questão colonial pois as colônias teriam sido aventadas como reparação nas negociações de paz entre os dois países como se lê: “1870/71 verlieh der deutsch-französische Krieg im Zuge nationaler Kompensationsforderungen deutschen Kolonialplänen einen zusätzlichen Auftrieb. Bereits vor den Friedensverhandlungen stand französischer Kolonialbesitz als Kriegsentschädigung zur Diskussion” (Gründer, 2012, p. 24).

²⁶ Segundo Gründer (2012, p.19), o ponto de virada para uma argumentação ‘nacional’ acerca das colônias corre nos anos de 1840 estimulada por um lado por interesses comerciais e, por outro, por pelo aumento do poderio especialmente marítimo da Flotte. A euforia liberal-burguesa compartilhada publicamente pela imprensa fará com que se cogite incursões à Turquia, a criação de uma ‘Nova Alemanha’ na América do Sul e na África e a aquisição de territórios em partes do Canadá e do México”.

populacionais. Um reordenamento em várias frentes, beneficiado pelo desenvolvimento alemão nas áreas técnica, comercial e de transportes permitiria à Alemanha um posicionamento estratégico e central na Europa e traria a ela mais que riqueza nacional: traria poder nacional ^v.

A literatura especializada não é clara em afirmar o posicionamento de Bismarck frente ao esforço colonial e as pesquisas de interpretação da mudança em seu posicionamento não foram conclusivas (Gründer, 2012, p. 55). No entanto, havia o temor de prejuízos ao comércio alemão na costa ocidental da África no final do século. Com as eleições para o Reichstag em 1884, afirma é possível afirmar que Bismarck se valeu de *paroles* coloniais para fortalecer os partidos mais conservadores e próximos do governo em relação à esquerda burguesa e aos social-democratas, ambos inimigos (até então) da ideia de expansão colonial ^{vi}. Ainda que os reais motivos do apoio de Bismarck à investida nas colônias não tenham sido esclarecidos, a alcunha dada por ele aos territórios ultramarinos – *Schutzgebiete* (protetorados) e não *Kolonien* (colônias) – documenta a intenção de relegar a responsabilidade da investida aos interesses comerciais ultramarinos (Gründer, 2012, p.63).

As vozes dos diversos atores do espectro partidário representadas no *Reichstag* na virada do século certamente adensam a discussão acerca da viabilidade e da miríade de motivações associadas à ideia colonial. Segundo Gründer (2012), subjacente a toda essa multifacetada discussão, a revolução industrial catalizava reações econômicas, sociais e intelectuais em uma sociedade em que cursavam argumentos racionais pró-expansão e disposições sobre a capacidade de conquistar, descobrir e aventurar-se em territórios desconhecidos ideais para o esforço futuro (Idem).

No contexto político-partidário, uma composição fragmentária do *Reichstag* entre finais do século XIX e início do século XX daria a dimensão da complexidade do debate em torno do esforço colonial²⁷. Desde a social-

²⁷ O sistema partidário alemão no *Kaiserreich* (1871-1918) não estava ancorado na constituição como o é atualmente. O sistema apoiava-se ainda amplamente no direito associativo – *Vereinrecht*, este mesmo unificado apenas em 1908. Com isso, os partidos compreendiam representações de grupos sociais de forma que eram denominados *Honoratiorenparteien*. Os primeiros partidos chamados de massa serão o *Zentrum* e o partido social-democrata em um universo partidário

democracia à esquerda, passando por partidos moderados como o *Zentrum* (apoiado por comerciantes católicos), o *Freikonservative Partei* (com grandes financiadores das associações coloniais), passando pelo *Nationalliberale Partei* (representando o *Besitz- und Bürgertum*²⁸ protestante e afeito às questões coloniais), chegando ao espectro mais conservador com o *Deutsch-Konservative Partei* (defensor de uma política externa expansionista com colonialismo, armamento da Marinha alemã – a *Flotte* e assentamentos no Leste europeu), temas como questões sociais, integracionistas, ideais nacionalistas, anti-escravagistas e missiológicos pareciam estar na ordem do dia com frequência (Gründer, 2012, pp. 67-74).

É esse contexto de conturbada disputa de interesses e de discursos sobre o papel da Alemanha como Estado tanto em sua função doméstica quanto na Europa que serve de pano de fundo para a compreensão da questão da empreitada colonial alemã por um lado e do papel da mulher no cenário político, econômico e social da época, por outro.

composto, na maior parte deste período histórico, por um sistema de cinco partidos (destacados em negrito a seguir), alguns com dissidências. No espectro ideológico liberal, o mais forte durante o período, os partidos da esquerda liberal contavam com dissidências partidárias (o *Deutsche Fortschrittspartei*, o *Deutsche Freisinnige Partei* e o *Freisinnige Volkspartei*) e enquanto o liberalismo nacionalista era representado pelo *Nationalliberale Partei*, mais próximo a Bismarck. O espectro conservador era representado pelos partidos *Deutschkonservative Partei* e *Deutsche Reichspartei*, também próximos a Bismarck ainda que críticos às concessões do chanceler à aristocracia, grandes proprietários de terra das províncias do Leste. O *Zentrumspartei* representava o catolicismo e tinha alas tanto mais conservadoras quanto mais à esquerda, aproximando-se das políticas sociais defendidas pelo SPD - *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* que aglutinará, em 1891, os pequenos movimentos socialistas.

Ver, para mais detalhes:
https://www.bundestag.de/blob/190460/5f38cc519c567ce5bf532e11fec3d4cd/parteien_kaiserreich-data.pdf (Acesso em 29 mar. 2018).

²⁸ Kocka (1988) entende o chamado *Bürgertum* como formação social de difícil definição reunindo categorias micro-sociais distintas da Europa dos séculos XIX e XX: Participavam do que pode ser descrito como uma burguesia culta e de posse, os médicos, advogados, profissionais liberais, professores universitários e professores da escola secundária propedêutica alemã (o *Gymnasium*), bem como juízes, funcionários da administração pública de alto escalão, cientistas naturais, engenheiros e também homens de negócios, ou seja, todas as categorias de formação superior ou acadêmica e que empenhavam este capital intelectual em suas atividades laborais. – na segunda metade do século XIX compreendiam apenas 5% da população (Idem, ibidem). Incluindo comerciantes, donos de ofícios e serviços, os chamados pequeno-burgueses, que compreendiam cerca de 8% da população, o chamado *Bürgertum* perfaria um total de 13% da população alemã em meados do século XIX (pp.11-12). Tanto as questões quanto ao pertencimento a esse agregado quanto a sua função social ao longo do século e sua relação com a ascensão do nacional – socialismo foram alvo de inúmeras pesquisas que, segundo Kocka (1988), fazem com que possa ser compreendida como uma força social relevante no contexto das transformações econômicas e políticas do século XIX e XX.

3.1.

Nacionalismo, império e a mulher

O século XIX pode ser compreendido como o século do Estado nação (Conrad, 2010). Na sua primeira metade, a Europa havia testemunhado a era dos movimentos nacionais clássicos e da discussão acerca da origem da soberania estatal (Dann, 1993). O estado nacional como princípio estruturante da política interna se espalharia pela Europa acompanhando de uma grande narrativa da modernização. A *invenção das tradições* (Hobsbawm & Ranger, 1997) faria com que pequenas unidades políticas não apenas se vissem como nações, mas também exportassem esse modelo de constituição do nacional para o resto do mundo. Os tratados de Münster e Osnabrück, que trariam a ‘Paz de Vestfália’, haviam sido um passo em um processo de conformação em que estados/ nações passariam a ser os únicos sujeitos do direito internacional e os únicos atores políticos em um sistema internacional marcado pelo expansionismo e pela competição.

Em realidade, tanto expansionismo quanto a competição por novos mercados, territórios e zonas de influência ou prestígio antecederam tanto revoluções nacionais quanto a própria unificação do Estado, no caso da Alemanha e da Itália (Dann, 1993). No caso específico do imaginário alemão, o exotismo de outros territórios associado à crescente ideia de mandato redentor para outras partes do mundo (Zantop, 1997) configuravam o *topos* das viagens missionárias e científicas que iam criando no imaginário coletivo um conjunto de traços culturais, econômicos e ‘biológicos’ afirmativos de uma singularidade teutônica frente a outros povos.

Conrad (2010) em argumentação interessante sobre os caminhos do imperialismo alemão na virada do século a partir da lente da História Global, ponderará que o movimento de fortalecimento do Estado nação foi justamente uma consequência dos intercâmbios e transformações de caráter global pelos quais passava o sistema internacional em vez de ser uma de suas causas, como aponta grande parte da literatura historiográfica. A forja, portanto, do ímpeto imperialista estava relacionada à influência nacionalista – a ideia de conquistar um lugar na ordem internacional – não apenas na política externa, mas também em outras áreas da vida social. As narrativas sobre o nacionalismo e sua configuração

com base em aspectos de classe e crescentemente ‘raciais’ – que definiriam os pertencimentos e também as autoridades políticas na reedição da ideia de *body politic* na virada do século – tiveram efeito ‘civilizatório’ tanto nas metrópoles quanto nas colônias. O nacionalismo alemão em particular havia sido efeito, marcadamente, da ocupação francesa no início do século XIX e das guerras napoleônicas, mas a compreensão do ‘nacional’ segundo Conrad (2010, p. 384-385) se radicalizara muito em função de influências externas. A radicalização do nacionalismo especificamente europeu enquanto catalisador de transformações históricas

“(...) took place from the 1880s onwards and was founded in the expansion of the social basis of nationalism, the creation of nationalist groups and the establishment of nationalism as a mass phenomenon. A number of reasons for this expansion were internal or can be found within a strictly European context: among these are the increase in social and political participation, the instrumentalisation of nationalism as an ideology of integration, the growth in mass media and Germany’s anti-British naval policy” (Conrad, 2010, p. 385).

No entanto, essa mesma transformação da ideia de nação pode ser compreendida como função do processo de globalização em curso na época caracterizado, especialmente, pela ‘mobilidade em massa’ que ameaçava a produção de riqueza nacional em um contexto de marcada migração do campo para a cidade e do continente europeu para fora dele (Dann, 1993; Conrad, 2010).

Assim, tanto para a História como para as Relações Internacionais, o século XIX é o século da particular atenção ao erguimento de fronteiras – elas definiriam o quanto o Estado poderia requerer de seus cidadãos (conscrição obrigatória, por exemplo) e o quanto teria de dar a eles (políticas sociais) (Conrad, 2010, p. 390).

No caso da Alemanha, mais uma vez, o sentimento nacionalista forjava-se ao longo do século XIX – era necessário *exclure* como parte da autoconstituição da nação como tal e assim estabelecer os marcos da política identitária nacional (Planert, 2000b, p. 17). A unidade da comunidade política (a partir do sistema eleitoral prussiano – masculino – de três classes) estabelecera as bases para um imperialismo estatal que conferia ao *Kaiser* e ao governo os rumos da política doméstica e da *Weltpolitik* e também para um imperialismo cultural baseado na estabilidade política conferida pelas classes liberal-burguesas responsáveis pela

manutenção da *Bildung* e orientadora das classes sociais mais baixas (Planert, 2000b, p. 25).

As ameaças à tentativa de estabelecimento de um Estado nacional estamental que se mantivesse competitivo entre as outras potências europeias eram muitas: a Alemanha sofrera ao longo do século com ondas emigratórias e imigratórias que ‘minavam as energias nacionais’. Os milhares de alemães que haviam deixado a pátria rumo à América do Norte e à do Sul e a contratação da força de trabalho polonesa que supria a escassez de mão-de-obra no campo em virtude do êxodo rural já a partir do início do processo de industrialização alemã em meados de 1840 desequilibravam culturalmente o território alemão (Dann, 1993, p. 135). São as ameaças à realização de um projeto genuinamente nacional que melhor explicam a política de concessão de vistos e atribuição de cidadania alemã a partir de 1870, bem como o investimento na aquisição dos territórios africanos que mal renderia ao Estado alemão algum dividendo comercial ao longo dos 30 anos em seu domínio (Conrad, 2010). As crescentes movimentações transfronteiriças colocavam a Alemanha recém-unificada entre a amalgamação e a perseveração da identidade baseada inicialmente em aspectos culturais e, posteriormente, também em aspectos ‘raciais’. Apenas assim explica-se a mudança de percepção governamental em relação aos *Auswanderer*. Sua conversão em *Auslandsdeutsche* os colocava de volta no centro de uma política de valorização cultural e elevação dos traços identitários tidos como inerentes à existência e manutenção da alemanidade (Conrad, 2010):

“It was primarily the topos of the ‘diaspora Germans’ (*Auslandsdeutschtum*) that gave expression to new beliefs about the location of the nation and provided the motivation for a policy of promoting ‘Germandom’ in which both nationalist associations and the state itself were involved. (...) While the law of 1870 had stated that citizenship ended ten years after a citizen left the country, this stipulation was revoked in 1913: from now on, citizenship could not expire and was even transferred to descendants” (Conrad, 2010, p. 386).

Com isso, Conrad (2010) acredita que “the acquisition of colonies since 1884 was motivated, to a large extent, by a desire to provide emigrants with opportunities without severing their ties to the German nation” (Idem, *ibidem*).

A questão nacional e a política imperial perseguidas pela Alemanha na virada do século estão profundamente referidas à atribuição dos papéis sociais de

gênero, em especial, ao papel legado à mulher no contexto da perpetuação da nação tanto no continente europeu como em territórios ultramarinos (Schilling, 2009).

Para Frevert, o matrimônio burguês, base da organização social do estamento que sustentava a orientação cultural e o espírito da nação, teve papel fundamental na sustentabilidade dos propósitos nacionalistas (e, posteriormente, expansionistas) da Alemanha ao longo do século XIX. A forja deste tipo de *liaison* ao longo dos séculos XVII e XVIII estabelecia papéis específicos à mulher na gestão da vida privada que, assim, servia de plataforma de equilíbrio para a sociabilidade do homem público burguês.

“No discurso nacional não havia a possibilidade de uma concepção de masculinidade alemã sem a ideia de seu pólo oposto feminino na figura da ‘mulher alemã’. Apenas ambos juntos podiam compor a família alemã, a base do projeto nacional-burguês que não por menos fora declarado inúmeras vezes o cerne da ‘família nacional’ e o ‘núcleo do Estado’. O significado central da família fazia com que mulheres burguesas fizessem incursões, legitimadas pelo discurso nacional, às tentativas para ampliar seus campos de atuação. Nação, Estado e povo no sentido de uma grandeza étnica-cultural e cada vez mais definida racialmente formavam através da família, como base de reprodução de uma cultura, economia e política populacional comuns, uma unidade inextricável” (Planert, 2000b, p. 21)^{vii}.

A mulher burguesa, responsável pela economia doméstica, era reponsável pela organização e, por vezes, pela manufatura de diversos bens alimentícios e de consumo doméstico, sempre com afínco, economia e esmero. A estrutura patriarcal chancelada pelo direito civil dava ao homem completo direito sobre o dote, riquezas e herança da mulher conferindo a ela, na esfera privada, a atribuição fundamental da gestão da casa e dos filhos. As diferentes esferas de atuação, a familiar e a pública, estabeleciam, portanto, as bases da agência do homem burguês:

“para o homem burguês, o matrimônio representava apenas uma parte de sua vida, sua existência ocupacional e os contatos sociais derivados daí eram no mínimo tão importantes quanto. A mulher, ao contrário, tinha o matrimônio como único espaço no qual podia transitar e ao qual todas as outras atividades no campo social mais amplo estavam associadas”^{viii} (Frevert, 1986, pp.45-46).

Já desde o período da Restauração alemã (entre 1815 e 1830)

“a ideologia orgânica da família, que se referia a ela como uma unidade primária moral e natural e na qual os indivíduos se amalgamavam em um todo estava orientada basicamente pelas mulheres. A ideia da união familiar intacta e indissolúvel como uma ‘verdadeira personalidade conjunta’ e sua elevação à base do Estado tanto liberal quanto conservador deveriam claramente conter as tendências dinamizadoras às quais a esfera masculina estava exposta e que afetavam cada vez mais a vida das mulheres. Quanto mais rápida e profunda a transformação do mundo exterior – bastasse considerar a inovação revolucionária representada pelas ferrovias desde 1835 ou os avanços da técnica e indústria – quanto mais móvel e vivaz o engajamento profissional e público dos homens, tanto mais evidente se tornava a discrepância entre a existência feminina familiar e a orientação masculina à profissão” (Frevert, 1986, p. 65)^{ix}.

A família como comunidade moral e como alicerce da construção de uma identidade germânica distinta dos demais povos europeus e superior aos povos extra-europeus se forja ao longo do século XIX a partir da concepção *bildungsbürgerlich* dos papéis de cada ator social na família – e analogamente na nação – e da mulher como ‘portadora’ da cultura. O papel da mulher no equilíbrio doméstico estaria associado à sua função como perpetuadora da nação ou, nas palavras de Planert “a equiparação conceitual entre nação e família certamente fazia com que não fosse possível prescindir da contribuição feminina”^x (Planert, 2000b, p. 40).

Em relação ao caso alemão em específico, é interessante verificar que, na obra seminal sobre “Os alemães”, Norbert Elias já tinha identificado traços de um padrão civilizacional para a Alemanha pós-unificação em que as classes médias eburguesas guilherminas teriam passado a agir em função de aspectos como o crescente militarismo nacionalista o que ocasionaria o que ele identificara como o abandono paulatino de valores mais humanistas. Esses aspectos que compõem, para ele, um *habitus* (como ‘segunda natureza’ ou ‘saber social incorporado’) implicam um equilíbrio entre continuidade e mudança que caracterizaria a biografia dos alemães até o que ele chama de ‘fim da civilização’, em 1945 (Dunning & Mennell, 1997, pp. 8-9).

Ora, a caracterização de classe de Elias, que confere um papel protagonista à burguesia Guilhermina como força motriz de grandes transformações sociais nos anos decisivos após a formação do Estado nacional é *gender-blind* e ignora a forma como aspectos de gênero exerceram contribuição relevante à grande

ideologia dos últimos dois séculos – ao nacionalismo. Segundo Reagin (2007, p.7), em “Sweeping the German Nation, - Domesticity and National Identity in Germany, 1870-1945”, o fortalecimento de um nacionalismo cultural baseado em valores, símbolos e tradições atribuiria à mulher um papel específico²⁹.

O livro argumenta que

“(…) the articulation of Germanness came to include a particular domestic identity that was interwoven with the period’s dominant notions of gender. The evolution of gender roles in German society during the late nineteenth century produced the idea of the ‘German’ housewife, household, and domestic practices that became interwoven with Germans’ national identity. This ideal was also enshrined in discussions of colonial German households in German Southwest Africa before 1914”. (Reagin, 2007, p.6).

Ela avança afirmando que o ideal doméstico de identidade nacional tinha caráter racial, tornando-se assim um aspecto de continuidade entre as políticas para a família no início do século XX e o projeto ideológico familiar alemão no período nacional-socialista (Idem, ibidem).

Essa construção bem-sucedida da identidade nacional alemã, justamente por estar enraizada não apenas em práticas públicas, mas em rituais e práticas privados, fornece subsídios para que se pense em uma ‘domestic Germanness’ (Idem, p.7)³⁰.

Assim, a mulher também se tornaria a base para as aspirações imperiais do final do século XIX. Drummond (2000, p. 147) afirmará a partir de um estudo sobre imperialismo cultural no contexto da *Ostpolitik* alemã e da demarcação da fronteira cultural com a Polônia na última década do século XIX que este era componente integral da política de poder Guilhermina³¹. A organização social da

²⁹ É de Otto von Bismarck a ideia de que “in the domestic tradition of the German wife and mother, I see a more secure guarantee of our political future than in any of our fortresses” (Reagin, 2007, p. 1).

³⁰ Reagin (2007) oferece uma complementariedade à visão de alemanidade de Elias (1997), ou seja, uma alemanidade genderizada, reproduzida tanto na esfera pública quanto privada e que coloca a mulher no centro da formação e produção do *habitus* é que será utilizada ao longo deste trabalho.

³¹ A política de germanização das fronteiras com a Polônia durante o período Guilhermino, e que traria à vida associações como a *Deutsche Ostmarkenverein*, criada em 1894 em Posen, evidencia de forma contundente a percepção da ameaça estrangeira às fronteiras culturais nacionais. As metáforas militares difundidas para referir-se aos assentamentos alemães na região – *Vorposten*, *Vormauern* (postos avançados), *Wälle* (muralhas), *Burgen* (fortalezas), *Festungen* (fortes) são as metáforas militarizadas que evidenciam a disposição para a proteção da pátria alemã (*deutsches Vaterland*) frente ao desafio: o mais importante era combater a mulher polonesa, inimiga da

virada do século não somente se baseava novamente – e de forma decisiva – na atribuição de tarefas ao sexo masculino e feminino, como, de fato, seu padrão de interpretação atribuía ao Estado um caráter masculino, forte e relegava à mulher a tarefa da organização do privado, familiar e relativo à perpetuação dos aspectos culturais distintivos da nação germânica (Frevert, 1986; Planert, 1998, 2000a, 2000b).

É a partir da investida imperial alemã no início do século que *o gênero da nação* é instrumentalizado de tal forma que, mais uma vez, os papéis masculinos e femininos são reeditadamente fixados de forma não apenas diferente, mas complementar^{xi}.

Catherine Hall faz menção à ideia de progresso associada à inclusão da mulher no projeto imperial, ou seja, o discurso de progresso “associada à qualidade do envolvimento feminino” tornou-se um discurso poderoso desde o século XVII. Para ela, esse discurso envolvera, sobretudo, a organização das relações mais adequadas entre homem e mulher com a família como pedra angular da civilização e como elemento fundamental para o domínio colonial.

O chamamento à mulher como bastião da cultura e esteio da nação durante todo o século XIX teria como efeito colateral a politização de movimentos de mulheres, mesmo no contexto conservador, ainda que em vários discursos de associações liberais, conservadores, nacionalistas e antissemitas, a emancipação da mulher – no sentido de sua participação política igualitária na esfera pública – devesse ser de toda forma combatida.

“Do final do Iluminismo até boa parte do século XX, (...) mulheres e associações femininas invocavam sempre a nação e a pátria [*Vaterland*, N.A.] quando se tratava da legitimação de seu engajamento político e presença pública. A avaliação desta evidência, no entanto, é controversa. O que para alguns pareceu ser a ampliação de áreas de atuação, chances de participação e tendências emancipatórias, para outros tratou de mera instrumentalização dos serviços femininos sob o signo nacional”^{xii} (Planert, 2000a, pp. 9-10).

No contexto nacional e imperial, às mulheres foram atribuídos papéis específicos e áreas de atuação controladas pela política externa e doméstica.

cultura alemã, com a expansão da cultura alemã através da ação das mulheres (Drummond, 2000, p.148 e pp.154-155).

Caberia a elas a defesa da cultura dentro das fronteiras nacionais e o estabelecimento de novas fronteiras a partir da língua, dos costumes e do sistema de valores da Alemanha recém-unificada:

“a definição das mulheres como ‘portadoras da cultura’ não apenas as qualificava para a educação nacional dos próprios filhos e para a homogeneização interna de uma cultura nacional entendida como ‘alemã’, mas para além disso, fazia com que fossem defensoras predestinadas do sistema de valores e cultural nacionalizado em qualquer lugar em que fosse necessário garantir o predomínio político e econômico da nação alemã através da hegemonia cultural”^{xiii} (Planert, 2000b, p. 31).

O papel da mulher na formação da concepção de um povo enquanto nação não foi exclusividade alemã:

“estudos evidenciaram que a ideia que se tem acerca do que é uma nação bem como a construção da identidade nacional e mesmo os processos de formação da nação foram e são profundamente permeados e determinados por conotações de específicas de gênero – não apenas na Alemanha mas em todos os estados nacionais modernos da Europa à América, passando pelo Oriente próximo e Pacífico”^{xiv} (Planert, 2000b, p.19).

Tampouco sua atuação específica no contexto do colonialismo e do imperialismo ultramarino é exclusividade da atuação ultramarina alemã. Interessante no caso alemão, a ser referido posteriormente neste trabalho, é a atuação e o forte associativismo feminista burguês e conservador no sentido de fortalecer o *topos* da mulher como baluarte da cultura também em territórios ultramarinos e, sobretudo, como penhor da alemanidade racial – fornecendo a melhor (posteriormente única) opção matrimonial para a perpetuação dos territórios e subjetividades alemães no além-mar.

A literatura em Relações Internacionais que trata de gênero, nação e império é diversa e não figura no cânone de leituras nas disciplinas voltadas às teorias de Relações Internacionais ou à sua História (Nogueira & Messari, 2005). Sobre isso, a suspeita de McClintock é que, por um lado, se o senso comum aponta o homem europeu como o agente direto do império e, por outro, os teóricos – em sua maioria homens – das temáticas acerca de imperialismos bem como dos (pós-) colonialismos “have seldom felt moved to explore gendered dynamics of the subject” (McClintock, 1995, p.5).

É nesse contexto que a literatura anglo-saxônica apresenta importantes contribuições para o adensamento analítico do papel das mulheres – e da questão de gênero – no contexto imperial (Levine, 2004; McClintock, 1995).

Mc Clintock, na obra ‘Imperial Leather’, afirma que o heterogêneo e contraditório projeto imperial inglês esteve relacionado a uma tríplice organização do mundo material e simbólico: (1) à produção econômica marcada por uma nova etapa do modo de produção capitalista impulsionada pela expansão imperial, (2) à diferenciação racial que justificaria o domínio entre os povos e também (3) à reprodução do gênero (em duas dimensões: na reprodução física, capaz de afirmar sobre o território uma raça europeia e também na reprodução simbólica, baseada na preservação do núcleo familiar hierarquizado e organizado a partir da lógica masculina).

Sua obra merece destaque pela centralidade conferida à experiência imperial na constituição da própria identidade Ocidental. Segundo a autora, a modernidade industrial ocidental teria como condição de possibilidade a instrumentalização de gênero e a invenção da ‘raça’. As categorias de ‘raça’, gênero e classe, em sua interseccionalidade, se constituem fundamentais para tecer uma crítica a várias ideias tão caras à modernidade: “o progresso, o desenvolvimento, a linearidade, o historicismo europeu e seus organizadores binários (*self/Outro*, metrópole/colônia, centro/periferia – e também, colonialismo e pós-colonialismo)” (McClintock, 1995, p. 10). Tanto ‘raça’ quanto gênero e classe são aspectos distintos, conquanto indissociáveis, da experiência imperial³².

Três questões rendem à Mc Clintock a oportuna possibilidade de diálogo com o presente texto: (1) a ideia de que gênero, classe e ‘raça’ são categorias relevantes e entrelaçadas no processo de construção do esforço imperial; (2) a ideia de que relações genderizadas fazem parte do esforço imperial e, por fim, e a ideia de que a racionalidade da modernidade europeia e seus binarismos refletem

³² A relação constitutiva entre gênero, ‘raça’ e classe é abordada por Catherine Hall (2004): para ela, os laços de sangue se constituíram com força argumentativa ao longo do século XIX como a definição do que seria a ‘raça’ e a arregimentação da ideia de civilização como a cultura da referida ‘raça’ contribui para colocar em perspectiva a constituição das categorias em sua complexa dinâmica. Para ela, a ideia de civilização engloba um complexo de atores e condições (a sociedade industrial-capitalista, a divisão social em classes, a questão da formação da nação, o protestantismo britânico, o que chama de *white ethnicity*, a ordem de gênero e as esferas separadas de atuação de homens e mulheres) (Hall, 2004, p. 46).

dinâmicas do processo imperial por um lado e impõem grandes interpretações sobre a História, por outro³³.

A obra editada por Levine ('Gender and Empire', 2004) oferece insumos para avançar as proposições oferecidas por McClintock (1995). A coletânea editada por ela contém textos de historiadoras feministas em uma série de escritos que não apenas levanta perguntas acerca do *como*, *quem*, *onde* e *por que* se dá a relação entre gênero e império, mas também buscam elementos contingenciais que apontam para questionamentos acerca *d'o que tornou uma determinada constelação de relações possível* (Levine, 2004, p.6).

Também para Levine (2004, p.8), a partir da experiência colonial britânica, "(...) à mulher nas colônias, como política social, caberia domesticar, anglicizar e atenuar os excessos das sociedades masculinas".

Destaco três questões fundamentais que conectam a experiência nacional à incursão imperial e ao envolvimento da mulher, as quais me parecem gerar um campo fecundo para a solução da *Frauenfrage* de forma conservadora, colocando assim a mulher – sobretudo a burguesa – no centro de uma política global de ajustamento do poder imperial tanto no âmbito doméstico quanto nacional.

Em primeiro lugar, discursos fortemente amparados em setores acadêmicos, da política e associativistas masculinos e femininos conservadores que viam com argumentos antifeministas e anti-emancipacionistas e que ganham força na virada do século XIX (Planert, 1998)³⁴. Uma onda conservadora reeditará a tarefa da mulher a ser desenvolvida no âmbito da *caritas*, ou seja, da função caritativa em relação aos mais pobres e inferiores, cuidado dos doentes e assistência social baseadas na tradição aristocrático-religiosa que definia a participação pública da mulher em perspectiva patriótica (Planert, 1998, p. 25). A primeira Guerra

³³ Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho encontra eco nos esforços de Mc Clintock: indo além da identificação de "como diferentes grupos de poder ocuparam diferentes posições na arena global do imperialismo", mas sim "como os significados subjetivos e coletivos de mulheres e homens foram construídos como categorias de identidade" (McClintock, 1995, p. 16).

³⁴ Planert desenvolve uma interessante pesquisa acerca do movimento antifeminista que se desenvolve, segundo ela, às margens do mainstream historiográfico dedicado ao período do *Kaiserreich*, um movimento social emergente entre atores da burguesia guilhermina que culminará, às vésperas da Primeira Guerra Mundial na fundação de uma ampla frente social contra a emancipação feminina (Planert, 1998, p. 14).

Mundial servirá de grande catalisador da entrada da mulher na esfera pública: não apenas há a fundação do *Nationaler Frauendienst* (NFD) pela mão de Gertrud Bäumer, presidente da organização guarda-chuva que reunia várias associações de mulheres – o *Bund Deutscher Frauenvereine* (BDF) – mas a época também marcará o trabalho lado a lado de associações femininas conservadoras e social-democratas no provimento de apoio às famílias de soldados mortos ou feridos na guerra, em hospitais de campanha, na assistência habitacional, de saúde e a crianças e também na organização de cozinhas comunitárias entre outras tantas atividades.

“A maior parte do movimento feminino burguês³⁵, como também a sua organização guarda-chuva, o *Bund Deutscher Frauenvereine*, representava um modelo de nação burguês-liberal, no qual a participação não configurava como direito humano, mas sim uma recompensa pela prontidão para o serviço nacional”^{xv} (Planert, 2000b, p. 43).

O mundo feminino se organizara como espelho do mundo militar masculino e, para muitas associações femininas dos espectros burguês e conservador, a atividade militar e, por consequência a atividade imperial, abriam margem ao envolvimento genuinamente feminino, reforçando um *feminismo da diferença* alinhado aos propósitos expansionistas (Maruska, 2017).

Em segundo lugar, a elevação moral do ‘lar’ e o culto à domesticidade foram providenciais para a constituição de um mercado industrial na metrópole e

³⁵ Greven-Aschoff (1981) dedica-se exclusivamente à evolução do chamado movimento feminista burguês (*bürgerliche Frauenbewegung*) em busca de uma explicação sociológica para as diferentes perspectivas de emancipação feminina durante o século XIX. Em comparação ao movimento feminista socialista/ social-democrata, bem iluminado pela literatura em História, o difuso movimento burguês, dividido em uma ala radical (voltada para a afirmação de uma feminilidade específica, de identidade e capacidades exclusivamente femininas) e uma ala conservadora, havia recebido pouca atenção do ponto de vista do mapeamento da história social do movimento. Característica comum ao movimento burguês, segundo ela, é o pertencimento ao *Bildungsbürgertum*, a proximidade aos partidos liberais, mas a atividade política basicamente realizada em contexto associativo e não, partidário. O grande argumento da tese de Greven-Aschoff é a crítica à ideia de que o movimento burguês teria se dedicado ‘apenas’ à luta pela igualdade enquanto o movimento socialista, pela emancipação. Ela vê aproximações entre os dois movimentos feministas no sentido de que a ideia liberal que informava o conceito de igualdade dos dois movimentos estaria inserido em uma teoria social mais abrangente, relacionada ao progresso moral e à construção de uma sociedade (mais) justa. Ambos os movimentos concebiam a ‘igualdade’ coadunável à ideia de dependência social da mulher. A única diferença entre este e o movimento socialista, para Greven-Aschoff (1981) residia em trazer esse aspecto ‘liberal’ para a luta de classes. Nesse sentido, a autora amplia a ideia de emancipação, abarcando também movimentos tidos como reformistas. Essa percepção é interessante porque exemplifica a dificuldade em caracterizar o movimento feminista burguês alemão e, assim, antecipar seus limites e possibilidades de participação e mudança social, o que ficará mais evidente mais tarde, quando da ascensão do nacional-socialismo na Alemanha.

para o esforço colonial no além-mar. Essa definição precisa das atribuições inerentes ao espaço privado garantiria a conquista imperial sob a autoridade masculina tanto no ambiente público quanto doméstico, organizando assim identidades masculinas e femininas. Da mesma forma como Mc Clintock, Levine (2004) vê a esfera da domesticidade, do que se chamava “home” (o que em língua alemã pode ser *Heim* – lar ou *Heimat*), como aspecto crucial para a constituição do gênero.

Para Reagin (2000), economia doméstica e identidade nacional andariam lado a lado na Alemanha imperial. Ainda que a distinção entre público e privado fosse mais prescritiva do que descritiva, a exemplo da grande mobilização feminina durante a primeira Guerra Mundial, é possível afirmar que “(...) household management of middle-class women in a number of 19th century cultures helped to define and reproduce class structure and identity” (p.199). As práticas e normas de valorização e organização da domesticidade foram articuladas, em especial, entre a burguesia alemã do século XIX nomeadamente através de jornais, revistas e periódicos dedicados à disseminação de boas práticas, como o amplamente lido *Jornal da dona de casa alemã* - ‘Die Deutsche Hausfrauen-Zeitung’ e a amplamente difundida ‘Kolonie und Heimat in Wort und Bild’, esta última a ser referida mais adiante: “advice literature for German housewives emerged gradually during the course of the 19th century, linked to the growing size and internal cohesion of the German bourgeoisie” (Reagin, 2000, p. 200)³⁶.

Segundo a autora, a domesticidade e a compreensão de uma área de atuação específica para a mulher geraram a possibilidade de socialização coletiva, ainda que de uma comunidade imaginada composta de *Hausfrauen*, que teve impacto na investida colonial, afinal, nestes periódicos as mulheres alemãs eram comparadas às mulheres não europeias que não cultivavam os aspectos específicos da domesticidade alemã:

³⁶ A autora afirmará que: “After 1870, bourgeois women began to form voluntary organizations for housewives across Germany; the first national league of such groups was created in 1908. By World War I, bourgeois women had created housewives’ leagues for both rural and urban housewives, with their own newspapers and institutions, which developed strong ties to conservative bourgeois parties” (Reagin, 2000, p. 201).

“(...) floors and furniture which housewives (or their servants) frequently scrubbed and polished; clothes which were clean, starched and ironed; fixed mealtimes and schedules for family members (especially children); household management that allowed a family to live within its means and put aside regular savings” (Reagin, 2000, p. 202)³⁷.

O que era para ser uma política de formação de classe avançou para a constituição da domesticidade alemã e que ajudaria a estabelecer fronteiras nacionais e raciais³⁸:

“In the same texts where writers of advice literature articulated their ideal of housewifery and the Hausfrau, they also asserted that German women kept house in a fashion that was different and superior to the house-keeping of women from other cultures” (Reagin, 2000, p. 202).

É interessante salientar que, tanto no contexto alemão como no britânico, a divisão de tarefas entre homens e mulheres seria essencial ao esforço colonial. Para que o empreendimento colonial fosse bem sucedido, era vital estabelecer o domínio da diferença colonial. Para tanto, a presença da mulher como representação da moralidade civilizada e civilizatória seria central à perpetuação do projeto colonial. A mulher imperial não apenas seria a facilitadora da constituição de uma masculinidade moralmente superior como, com sua presença na colônia, impediria o casamento interracial – postura essencial à manutenção da autoridade racial. A mistura das raças desafiava diretamente a distinção entre colonizadores e colonizados – nesse sentido, os discursos coloniais trazem em si necessariamente discursos de gênero (Idem, *ibidem*). Também para Bush, a “domesticidade, o casamento e os papéis de gênero apropriados foram centrais à estabilidade imperial.” (Bush, 2004, p.85)³⁹

Em terceiro lugar, e já introduzido anteriormente, a questão racial é fundamental para a conexão entre a experiência nacional, a incursão imperial e o

³⁷ E ela continua: “This style of housekeeping helped build the ‘moral community’ of the bourgeoisie, and was also deployed by bourgeois club women and social workers against working-class housewives, as bourgeois social reformers tried to intervene in remake working-class households” (Reagin, 2000, p.202).

³⁸ Para ela, o que tem início como um projeto de formação de classe será articulado como forma de identificação nacional: “But what began as a project of class formation became a vehicle for the articulation of national identity as well. Class and national identity were of course deeply interconnected, since nationalism was originally articulated and promoted by the bourgeoisie” (Reagin, 2000, p. 202).

³⁹ E avança correlacionando questões de gênero à ciência racial em curso na época: “Eugenicists believed that single men and women who delayed marriage were failing in their racial duty to reproduce the white race” (Bush, 2004, p. 85).

envolvimento da mulher: no caso específico da constituição das colônias ultramarinas, a construção da ‘branquitude’ como uma categoria normativa da cosmovisão imperial definirá a ‘raça europeia’ como – única – portadora do progresso e da civilização (Hall, 2004; Walgenbach, 2005). Ser branco, no contexto ultramarino, era *status* que conferia titularidade inata e prerrogativa de ordenamento territorial e hierárquico em qualquer circunstância – tanto nas colônias sob domínio alemão, como o Sudoeste Africano alemão e a África Oriental alemã, quanto nos assentamentos alemães na América do Sul, enclaves colonizatórios sujeitos a políticas raciais distintas (Conrad, 2010).

Assim, mecanismos de emancipação conservadora, domesticidade étnica e diferenciação racial marcam as bases que unem nacionalismo, império e a mulher no contexto do século XIX, com efeitos para o século XX.

Com isso, ainda que a vitrine da história aponte para os feitos de conquistadores, soldados, fazendeiros, burocratas e uma série de outros agentes que dão corpo ao imaginário colonial, as dinâmicas revelam não somente que mulheres também tiveram parte no imperialismo, mas que vivenciaram o imperialismo de forma distinta.

As mulheres coloniais estiveram sujeitas a diferentes *topoi* durante o processo imperial: em suas múltiplas funções (portadora da cultura, baluarte dos bons costumes, mensageira das boas novas de uma religião monoteísta, braço direito do homem colonial ou mesmo, ‘colonizadora’), detinham algum poder na esfera colonial e, com ele, possibilidades de ação (McClintock, 1995, p. 6). Algumas delas serão analisadas mais adiante a partir da literatura secundária que explica o envolvimento da mulher nas colônias ultramarinas e também no capítulo 5, quando da apresentação e análise das cartas trocadas entre egressas das escolas coloniais femininas.

3.2.

A mulher e a colonização africana na Alemanha Guilhermina

As questões relativas ao papel da mulher no contexto do império alemão tanto na África como no Pacífico e na China parecem ter obtido maior atenção na literatura dos campos da História e Sociologia nas últimas três décadas (Conrad,

2010). No caso do colonialismo alemão na África, a atenção historiográfica se volta ao passado alemão da virada do século justamente ao fim da Guerra Fria que traria quase que simultaneamente a reunificação da Alemanha e a independência da Namíbia – dois Estados à época instados pela História a se reconfigurar interna- e externamente (Roos & Seidl, 2015).

A quantidade de estudos descritivos realizados ao longo das últimas décadas indica, por um lado, a redescoberta da temática e a necessidade de catalogação de inúmeros insumos que permitam compreender o processo colonial na Alemanha⁴⁰. Por outro, acende não apenas questionamentos, mas agendas de pesquisa que apontam para atores individuais e coletivos, dinâmicas e séries de eventos que ao mesmo tempo em que forjaram novos rumos de política externa e doméstica, o fizeram de forma que o colonialismo alemão fosse talvez a empreitada colonial com menos espaço nos anais da história contemporânea.

No que pareceu uma cruzada individual de combate ao esquecimento, a obra mais antiga e amplamente referenciada (conquanto frequentemente sob críticas), “Schwarze Frau, weiße Herrin”, da escritora e ativista Martha Marmozai (1989), é uma das primeiras obras dedicadas à questão das mulheres alemãs nas colônias africanas.

Com um discurso amplamente influenciado pela vivência concreta como ativista e observadora das relações sociais na Namíbia ainda sob o domínio da África do Sul (a Namíbia só se torna independente em 1990), Marmozai publica uma das obras cuja crítica é mais contundente à participação das mulheres no esforço colonial do início do século XX. O livro inicialmente apresenta o histórico ímpeto colonial alemão e os esforços de conquista e dominação extra-continental. Em seguida, retrata a investida colonial em território africano ressaltando as motivações capitalistas da exploração do território e de suas populações e refazendo historicamente o caminho dos homens pioneiros no estabelecimento das administrações coloniais. Marmozai argumentará que o comércio internacional e

⁴⁰ Na introdução seu livro, Walgenbach (2005) valoriza o esforço historiográfico contido nas obras referenciais acerca do papel da mulher período colonial alemão (Marmozai, 1989; Smidt, 1995; Wildenthal, 2001 entre outras). Obras que, como a dela, propõe uma análise das histórias sociais apresentadas em parte nestes escritos pioneiros representariam (mais) um avanço no sentido de oferecer interpretações ao fato histórico.

os benefícios materiais da incursão colonial serviriam de plataforma para um tipo de imperialismo agressivo *in situ*, não apenas perpetrado por homens, mas também por mulheres (1989).

Ainda que muitos dos argumentos e evidências mencionados por Marmozai tenham sido apresentados ou de forma genérica ou sem a devida citação de fonte documental, a denúncia que se propõe a realizar encontra eco em documentos históricos, como o *blue book*, relatório acerca da situação do território do Sudoeste Africano redigido pelo governo britânico e publicado em agosto de 1918. Este documento narra as atrocidades cometidas pelos colonizadores alemães e serviria como argumentação histórica para a perda das colônias quando da derrota na primeira Guerra Mundial (Marmozai, 1989, p.41). Com uma narrativa em larga medida passional e com lugar de fala definido como mulher, alemã e especialista em políticas de gênero para o desenvolvimento, a autora analisa os posicionamentos da administração e da comunidade colonial em relação a aspectos como trabalho e da relação com os habitantes nativos da região ou, no léxico original, com os *Eingeborenen*.

Para ela, as mulheres haviam sido co-partícipes da investida colonial: no papel de organizadoras da unidade social vital para a perpetuação do domínio colonial (a família) as mulheres teriam tomado o solo africano como freiras, missionárias e, especialmente, esposas de missionários. No entanto, é na função profilática em relação aos ‘casamentos mistos’ que a autora se detém: tidas como heroínas e como o penhor da civilização ultramarina, as ‘senhoras’, mulheres com o projeto colonial da maternidade aliado ao da domesticidade, são as que para Marmozai, não medirão esforços à solução da *koloniale Frauenfrage* (Marmozai, 1989, pp.125-144). Com base em cartas, depoimentos, excertos de diários de mulheres que viveram nas colônias durante as primeiras décadas do século XX, Marmozai desenha um quadro comportamental que confere a essas mesmas mulheres uma coparticipação quase que igualitária no processo de opressão colonial. Os escritos de Marmozai, organizados a partir da racionalidade da ajuda ao desenvolvimento, não poupam as instituições e atores envolvidos nos processo colonizatório e atribuem às mulheres uma coresponsabilização pelo processo de subalternização de mulheres colonizadas e homens colonizados. Com uma análise

que afirma as bases racistas da dominação colonial, ela aponta um fio de continuidade entre os projetos colonial e nazista e sublinha claramente a ausência de uma política memorial dedicada ao período colonial (Marmozai, 1989, pp. 255-276)⁴¹. O trabalho de Marmozai, uma obra subjetiva acerca do período colonial alemão cuja maior crítica foi a de apresentar os ‘fatos’ sem rigor acadêmico, parece pontuar com perspicuidade elementos presentes na política de gênero do período imperial alemão da mesma forma que outros trabalhos sobre o tema. As teses de doutorado sobre o tema abordam diferentes aspectos da relação gênero-império no contexto específico alemão sejam eles a constituição de associações coloniais femininas; a publicização da investida colonial através da edição de material escrito e periódico; seja investigando o feminismo conservador e o anti-feminismo na virada do século XIX para o século XX; os principais nomes vinculados à história da contribuição feminina ao esforço colonial ou mesmo as atividades das mulheres nas colônias (Smidt, 1995; Venghiattis, 2005; O'Donnell, 1996; Sandler, 2012; Wildenthal, 2001; Walgenbach, 2005).

Do ponto de vista da abrangência do material arquivístico bem como da análise quantitativa, o trabalho de Smidt (1995) pode ser considerado um dos trabalhos cientificamente mais bem fundamentados. Após explicitar o estado da arte e as condições do acervo disponível, Smidt tecerá considerações iniciais sobre a emigração feminina organizada para o primeiro território demarcado como protetorado alemão, denominado Sudoeste Africano alemão. Em seguida, apresentará brevemente os papéis desempenhados pelas mulheres na vida doméstica na África, que incluem casamento e filhos, no trato com a população local e também no posicionamento destas em relação aos chamados casamentos mistos.

É interessante verificar que o que ela chama de ‘Frauenleben’ na África abarca a economia do lar, que inclui a relação da mulher com os seus (marido e

⁴¹ Essa temática, ainda que sem o foco nas mulheres, será trabalhada intensamente nos últimos anos por Jürgen Zimmerer, professor de História da África da área de trabalho de História Global na Universidade de Hamburgo. A Universidade de Hamburgo é um dos exemplos do esforço de retomada dos estudos acerca do colonialismo alemão: com a inauguração de uma área de pesquisa intitulada “Hamburg – (Post-) koloniale Erbe” sob direção de Jürgen Zimmerer, na área de História Global. O projeto congrega uma série de *links* para iniciativas acadêmicas e governamentais (de cidades e estados) sobre o levantamento e estudo de passados coloniais: <https://www.kolonialismus.uni-hamburg.de/postkoloniale-initiativen-in-deutschland-2/> (Acesso em 26 fev. 2018).

filhos) e com o Outro com quem tem contato constante no contexto doméstico (o colonizado/a colonizada). Também inclui seu posicionamento quanto às questões de ordem sexual e social envolvidas na temática do perigo oferecido pelos chamados casamentos mistos (*'Mischehen'*). Assim, Smidt desenvolve em dois capítulos a evolução das relações sociais no caso específico das mulheres em dois períodos – dos primórdios da colonização até 1907 e deste ano até 1920⁴². A separação entre os marcos temporais definida pelo ano de 1907 é brevemente mencionada – 1907 marcaria o grande conflito e posterior aniquilação dos povos locais – Herero e Nama – e estabeleceria a supremacia germânica sobre o território.

Até 1907, segundo Smidt, os nichos sociais destinados às mulheres compreendiam o ambiente das missões evangélica e protestante, as mulheres no contexto da produção agrária (*Farmer- und Ansiedlerehefrauen*) e enfermeiras. Após a barreira temporal do ano de 1907, quase silenciosamente apresentada pela autora, ela relata uma mudança na migração de mulheres para as colônias: a mudança no perfil de mulheres com a vinda de mulheres de nível de instrução mais elevado (*gebildete Frauen*) para as funções de ensino e administrativo-comerciais. O período entre 1907 e 1920, que também abarca a primeira Guerra Mundial, é discutido a partir das mudanças ocorridas em relação às mulheres na colônia, o que torna o trabalho de Smidt especialmente interessante.

O trabalho, portanto, trata da história colonial das mulheres alemãs desde o início do período de domínio colonial em *Deutsch-Südwestafrika* até o período de ocupação sul-africana, ou seja, de 1884 até a década de 1920. Smidt detalhará ao longo da tese como o imperialismo e a questão da mulher determinam o papel social da mulher na colônia durante o período Guilhermino a partir das informações de organizações de envio de mulheres bem como de mulheres enviadas⁴³. Para ela, o central era elucidar os “motivos, origem, composição social

⁴² Baseada em ampla pesquisa documental, a pesquisadora foi capaz de reunir dados relevantes acerca da vida das mulheres na colônia, especialmente após o ano de 1907 em que já se dispõe de informações estatísticas acerca das profissões exercidas pelas mulheres bem como estado civil, questões que tiveram profunda importância para a grande política.

⁴³ A autora justifica a escolha da região do Sudoeste Africano como foco de pesquisa porque “as condições climáticas adequadas e as condições agrícolas favoráveis fizeram com que essa região fosse desenvolvida como *Siedlungskolonie* (equivalente à colônia de povoamento). Não parece haver, por parte da autora, um posicionamento crítico em relação às condições climáticas e

das mulheres bem como objetivos e critérios de escolha das organizações de envio com o objetivo de verificar os efeitos da escolha e da composição social das mulheres sobre a colônia”⁴⁴ (Smidt, 1995, p. 1).

A própria autora localiza seu trabalho dentre aqueles que, desde os anos de 1950 segundo ela, primaram por atender a objetivos descritivos, daí a ênfase na reconstrução de estruturas sociais na colônia. Entendida no contexto da historiografia de gênero, a contribuição de Smidt tem papel importante na construção do argumento acerca da atividade da mulher no império já que a pesquisa aborda também destinos não conformes à forma social preconizada pela política de migração⁴⁵. É interessante o trato pouco crítico das fontes e a reprodução dos argumentos para a aquisição de colônias *in the first place*: para a autora, uma multiplicidade de fatores econômicos, políticos e sociológicos explicavam a ‘aquisição europeia de colônias’ (1995, p. 6)⁴⁶.

Segundo Smidt (1995, p. 130) a *koloniale Frauenfrage* – a questão da mulher associada às colônias – é o motivo pelo qual é desenvolvido um mecanismo sistemático de envio de mulheres às colônias. Na compreensão de Smidt, as escolas femininas coloniais de Witzenhausen e Bad Weilbach⁴⁷

geográficas como justificativa para o estabelecimento de uma colônia, como em relação à ideia de que o território pudesse já estar sendo aproveitado do ponto de vista climático e geológico por habitantes locais.

⁴⁴ Segundo a autora mesma, o trabalho é inédito quanto à pesquisa em relação às atividades das mulheres na colônia entre 1884 e 1920, em especial a atividade contrastiva entre a vida das mulheres nos protetorados e na ‘metrópole’

⁴⁵ Ela reunirá documentos que evidenciam que parcelas de mulheres na colônia tiveram contato com o movimento feminista burguês e social-democrata e que o ‘pensamento emancipatório’ advindo do movimento teria chegado à colônia (Smidt, 1995).

⁴⁶ Smidt (1995, p. 8) faz referência a obras muito interessantes que não fizeram parte do corpus de consulta da presente tese: Helmut Bley, cuja obra “*Kolonialherrschaft und soziale Struktur in Deutsch Südwest-Afrika 1894-1914*” trata da história da Namíbia durante o período de dominação alemã, Kerstin Engelhardt em dissertação de mestrado não publicada intitulada “*Deutsche Frauen in Namibia zur Zeit der deutschen Kolonialherrschaft*” trata de biografias e vivências individuais em detrimento de uma apresentação da evolução histórica da colônia. Além dessas obras, ressalta-se também a dissertação de mestrado, publicada em livro, de Brigitta Schmidt-Lauber “*Die abhängigen Herren: Deutsche Identität in Namibia*” (de 1993).

⁴⁷ A *Lehrfarm* – algo como uma fazenda modelo – de Brakwater no Sudoeste Africano, fundada por Helene von Falkenhausen após deixar a Alemanha quando do encerramento das atividades da escola feminina colonial em Witzenhausen, também compõe juntamente às escolas mencionadas por Smidt os esforços estruturais para preparo e envio de mulheres. A escola de Rendsburg não poderia ter sido investigada pela pesquisadora por extrapolar o marco temporal da pesquisa. No caso do presente trabalho, a *Lehrfarm* de Brakwater não objeto da pesquisa por (1) não ter sido possível localizar materiais documentais de egressas desta instituição de formação e (2) a presente pesquisa ter como foco instituições na Alemanha. É interessante notar que a temática da presença alemã nas colônias e territórios de interesse ao longo do século XIX e XX está intimamente ligada

compuseram, juntamente às iniciativas organizadas pelas associações coloniais, os esforços sistematizados para tal empreitada.

Como justificativa para o surgimento da *koloniale Frauenfrage*, a autora menciona várias transformações pelas quais passava a Alemanha Guilhermina. Dentre elas, a crescente industrialização por um lado, mas também a crise econômica que estimulava a que comerciantes exercessem pressão já no ano de 1882 sobre o governo bismarckiano para que, ao adquirir colônias ultramarinas, solucionasse a questão dos mercados de escoamento de produtos manufaturados. Segundo a autora,

“para Bismarck, os efeitos de legitimação da política doméstica obtidos a partir de uma expansão ultramarina eram extremamente atraentes. As aspirações por reformas nocivas ao sistema por parte dos liberais e social-democratas seriam neutralizadas através da expansão ultramarina que serviria como distração em relação aos problemas internos”^{xvi}

As demandas de política externa e doméstica alçariam os territórios ‘adquiridos’ de protetorados a colônias estatais formais (*formelle Staatskolonien*) – ainda que os territórios ultramarinos tenham entrado para os anais da história alemã como protetorados, desvinculando discursivamente a Alemanha da condição de metrópole. Com o apoio de grande parte do sistema partidário de então, as colônias se tornariam uma realidade para o Estado recém-fundado (Idem, p. 14-15)^{xvii}. Elementos fundantes da investida colonial residiram para ela também na perspectiva social-darwiniana de que a história seria basicamente uma história da ‘raça’. É nesse contexto que a expansão ultramarina se justificaria e haveria sustentação ideológica para a mobilização de homens e mulheres com vistas à

à atuação de instituições missionárias junto à população local (entre muitos outros, Zantop, 1997 e Habermas, 2016). No contexto desta temática em específico, o artigo de Silvio Marcus Correa (2012) intitulado ‘Fronteiras da educação na África sob domínio’ apresenta análise da incursão educacional missionária alemã no contexto da nacionalização dos sistemas educacionais europeus ao longo do século XIX e os efeitos desta sobre os territórios coloniais e suas populações locais. Ao analisar por um lado os sistemas educacionais para os nativos e, por outro, para as elites coloniais, Correa apresenta uma ampla leitura dos projetos educacionais estabelecidos nas interfaces ou, nas palavras do autor, nas fronteiras entre culturas, etnicidades, posições de poder diversas habitando a diáde colonizador-colonizado. O autor mencionará as escolas coloniais femininas de Witzenhausen e Bad Weilbach como tentativas de formação colonial no contexto da valorização do envolvimento feminino na causa colonial a partir de sua vocação à domesticidade e da assunção de seu propósito social e moral de levar adiante a *deutsche Kultur*. Dedicando-se a entender a educação para alemães na diáspora, Walther (2002) também enfatizará a importância da educação na preservação do chamado ‘Deutschtum’ no contexto maior da necessidade da preservação de uma educação ‘branca’ que atendessem aos objetivos dos settlers em territórios ultramarinos.

conquista colonial. No entanto, o que de fato, para a autora, é condição de possibilidade para a transformação concreta da *Frauenfrage* em *koloniale Frauenfrage* é o argumento que as colônias apresentavam condições de habitabilidade feminina (Idem, p. 17).

A *Frauenfrage* em si – a questão da mulher – teria surgido pela primeira vez, segundo a autora, no contexto do período Guilhermino. Em sua definição deveras sucinta e difusa, a *Frauenfrage* compreendia “todas as questões relativas à situação da mulher e de sua emancipação” (Idem, p. 17). Não obstante a ideia difusa em relação questão da mulher apresentada por Smidt – segundo ela, todo o período que abrange o marco temporal da pesquisa foi um período de intenso debate acerca dessa mesma *Frauenfrage*. Grande parte das publicações à época discutia o papel da mulher no matrimônio e na família bem como a educação de meninas (*Mädchenerziehung*) e a educação de mulheres (*Frauenbildung*), o trabalho feminino (*Frauenarbeit*) e a igualdade política (Smidt, 1995, p. 17). A questão da mulher na Alemanha afetava principalmente as mulheres da classe média sem atividade laboral. As mulheres de grupos de baixa renda, como as residentes em áreas rurais, e a população urbana feminina que compunha o proletariado não estavam alijadas do trabalho – ao contrário, essas duas classes partilhavam a constelação de atividades laborais que envolvia o trabalho doméstico e o trabalho na lavoura ou na fábrica, respectivamente.

As mulheres da classe média eram em geral as mais afetadas pela crise econômica que postergava perspectivas de casamento e possibilidades assim de contraírem um matrimônio que garantisse sua sobrevivência (*Versorgungsehe*) e que fosse condizente com a educação recebida. Para estas, o mercado de trabalho de atividades como a de governanta ou professora não era cogitado⁴⁸ de forma que, com o número excedente de mulheres em relação ao de homens, com a dificuldade financeira de manutenção das mulheres, filhas e moças sem perspectivas de matrimônio e sem mercado de trabalho, a questão da mulher se impunha como questão social.

⁴⁸ O trabalho bem visto, segundo Smidt (1995, p. 18), o de enfermeira, deveria ser levado a cabo por amor cristão, dirimindo seu potencial como verdadeiro ganha-pão para as mulheres da burguesia.

Para as mulheres da burguesia já casadas, contudo, a época parecia trazer consigo um novo tipo de atividade protolaboral, de engajamento cívico – a participação em associações beneficentes. Através dessa atividade, o acesso da mulher à esfera pública conflitava com sua posição na divisão do trabalho tradicional em cuja organização à mulher cabia o ambiente do casamento, da maternidade e do trabalho doméstico (Idem, p.18).

As estatísticas ademais indicavam os ventos de mudança e acusavam um aumento significativo de mulheres no mercado de trabalho (de 1882 a 1895 passaram de 5,6 para 6,6 milhões de mulheres e chegariam a 9,5 milhões em 1907) (Smidt, 1995, p. 19). Com isso, a questão da mulher coincidiria em cheio com o movimento feminista que tem seu primeiro impulso na Alemanha durante a revolução de 1848-1849 e os anos de 1860 (Idem, ibidem).

Uma das contribuições mais relevantes do estudo de Smidt (1995) é a estruturação do envio de mulheres em cinco fases. Estas são delimitadas por marcos temporais e evidenciam, por um lado, mudanças no padrão decisório por parte de autoridades e tomadores de decisão tanto na metrópole quanto na colônia como, por outro, o surgimento de novos atores, como o *Frauenbund*, e de novas instâncias institucionais, como as escolas coloniais, ao longo do período imperial alemão. Segundo Smidt (1995, p. 283), é possível identificar uma primeira fase da emigração organizada entre 1884 e 1892/1893. Esta é marcada pelo trabalho missionário que, com o objetivo de ampliar e aprofundar seu mandato religioso-civilizacional, procederá ao recrutamento de mulheres de missionários, irmãs e freiras. Dado o caráter descritivo do trabalho, aprendemos que o período é marcado pelo contato mais estreito com a população local e é uma fase em que a presença de mulheres de comerciantes ou de outras classes ainda é restrita.

A segunda fase, que compreende os anos de 1892/1893 e vai até 1898, pode ser considerada uma fase de empenho de política populacional ativa em que, por um lado, em decorrência da expansão agrícola e, por outro lado, justamente para estimulá-la, há o incentivo à emigração sistemática de famílias de produtores agrícolas e famílias atuantes em pequenos ofícios (*Bauern- und Handwerkerfamilien*). Há uma contribuição pontual de associações ao envio de mulheres às colônias. Assim, a *Deutsche Kolonialgesellschaft* já enviava

mulheres a partir de 1892 e tinha especial atenção ao envio de noivas e mulheres de militares da *Schutztruppe* ou de emigrados e, a partir de 1894, a associação alemão da cruz vermelha para as colônias – “Deutscher Verein vom Roten Kreuz für die Kolonien” passaria a enviar ‘enfermeiras, irmãs e parteiras em seu contributo para a melhoria do sistema de saúde ultramarino’ (Smidt, 1995, p. 283).

A terceira fase do envio de mulheres (1898-1907) teria como objetivo sanar a questão dos casamentos mistos – cerne da *koloniale Frauenfrage*. Segundo a autora, é nesse período que a *Deutsche Kolonialgesellschaft* abraça a questão como um objetivo nacional e voltado a questões de poder. Isso é evidenciado através do esforço de envio de mulheres solteiras sem vínculo prévio com a colônia: deveriam ser potenciais noivas de assentados rurais que não tivessem meios para procurar uma noiva na Alemanha (Smidt, 1995, p. 283).

A quarta fase identificada por Smidt engloba os anos de 1907 a 1914: com a fundação em 1907 do “Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft” em 1908, esta organização assume o envio sistemático de mulheres. Para Smidt (1995, p. 284) esse é um passo fundamental do movimento de mulheres:

“o *Frauenbund* ampliou os objetivos da ‘koloniale Frauenfrage’ e aliou à sua solução não apenas o fim da escassez de mulheres brancas, preferencialmente alemãs no Sudoeste Africano, mas também ao aprimoramento da posição econômica social e política da mulher na colônia” (Idem, ibidem)^{xviii}.

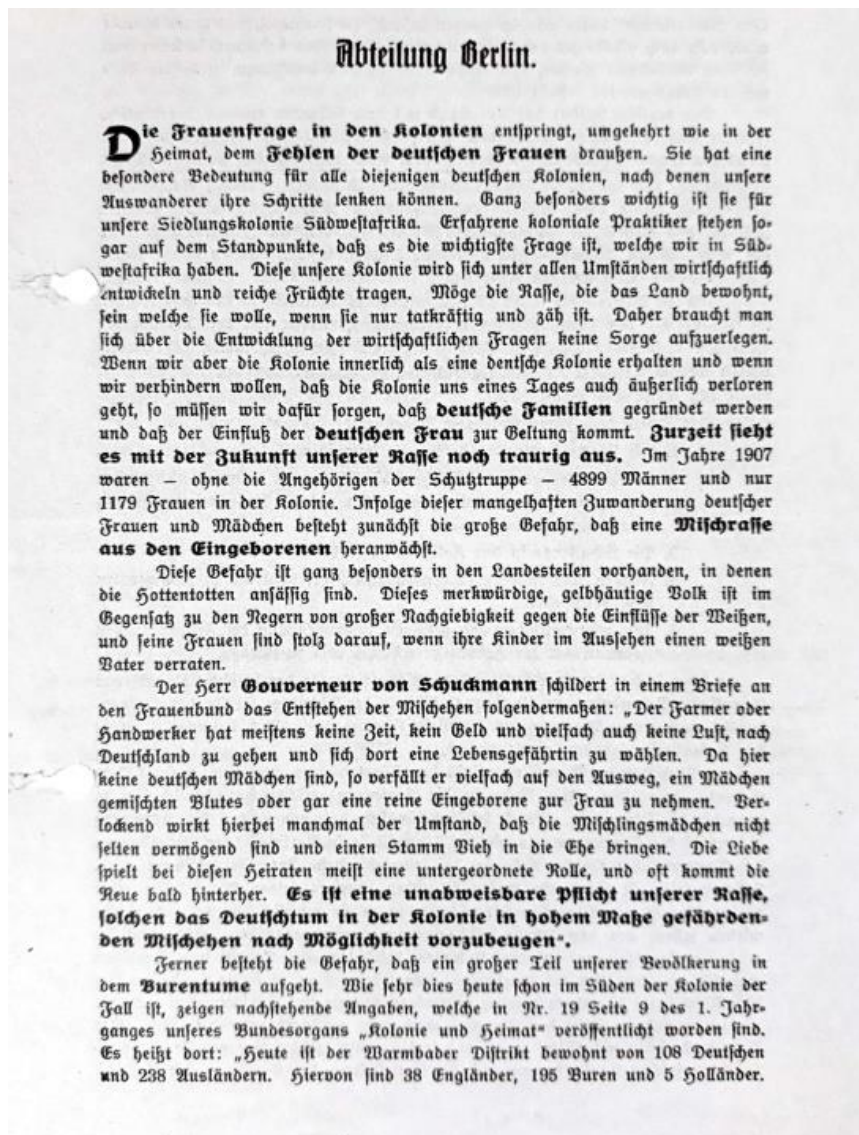


Figura 4: ‘Panfleto para conquista de novos membros, *Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft*, Seção Berlim’ - Catálogo da exposição ‘Deutscher Kolonialismus – Fragmente seiner Geschichte und Gegenwart’, DHM, p. 61⁴⁹

A partir da narrativa de que a colônia do Sudoeste Africano deveria se tornar uma colônia modelo, apenas as candidatas solteiras, com bons atestados de serviço, boa fama e professa alemanidade (Reagin, 2007) seriam escolhidas (Smidt, 1995, p. 284). A chamada quinta fase é marcada pelo início da Primeira Guerra Mundial e a consequente transferência do Sudoeste Africano como

⁴⁹ Na legenda desta imagem, que foi extraída do catálogo da exposição “Deutscher Kolonialismus – Fragmente seiner Geschichte und Gegenwart”, lê-se: “Panfleto para conquista de novos membros, *Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft*, Seção Berlim (...) ‘O soldado alemão conquistou a terra com a espada, o farmer alemão e o comerciante buscam seu aproveitamento econômico, mas a mulher alemã é a única que detém o chamado e a capacidade de mantê-la (a terra) alemã’. É assim que o *Frauenbund* fazia alusão à *Frauenfrage* nas colônias. A emigração de mulheres da Alemanha para as colônias africanas deveria ser incentivada como forma de impedir os ‘casamentos mistos’ e fomentar uma vida familiar alemã” (DHM, 2016, p. 61).

mandato de classe C da Liga das Nações ao território da África do Sul em 1920. Com o início da guerra cessam os envios de mulheres e, segundo a autora, há um movimento de emigração voluntária de algumas mulheres de volta à Alemanha após a tomada do poder pela África do Sul (Idem, ibidem).

A tese termina com uma síntese sobre a origem social das mulheres enviadas e sobre suas motivações para a migração. A cada fase, a autora ressaltará a classe social à qual as mulheres originalmente pertenciam e quais as possibilidades de encaixe social nas colônias. Ela mescla informações sobre as possibilidades de atividade laboral na colônia com as posições sociais possíveis no contexto de um casamento instrumental, ou *Versorgungsehe* (Smidt, 1995, p. 285).

Para Smidt, a grande razão para a ida das mulheres de classe mais baixa para as colônias reside na situação social emergencial na Alemanha (*Notlage in Deutschland*) e, para as chamadas mulheres da classe média burguesa (*gebildete Frauen der bürgerlichen Mittelschicht*), a insatisfação com a situação social e econômica na Alemanha (p. 285 e p. 286 respectivamente). Ainda que com uma apresentação pouco crítica acerca do envio de mulheres como política populacional, a contribuição de Smidt é um passo fundamental para a reconstituição da atividade feminina nas colônias africanas, em especial do Sudoeste Africano alemão⁵⁰. Muito embora a insuficiência de materiais primários impeça a persecução deste assunto de forma mais aprofundada aqui, é interessante verificar que, quanto à relação com os povos locais, a autora reforça a postura de distanciamento e hierarquia. O compartilhamento de conhecimento entre as culturas se deu ironicamente na ‘tomada’ de conhecimento sobre o trato com o gado por parte dos alemães e também de tratamentos medicamentosos com base em extratos naturais (Smidt, 1995, p. 292).

A tese de Claire Venghiattis (2005) intitulada “Mobilizing for Nation and Empire: a History of the German Women’s Colonial Organization 1896-1936” apresenta contornos mais gerais da atuação específica da associação feminina

⁵⁰ Ela afirma que a presença de mulheres da classe média na colônia contribui para a influência do movimento feminista também no território ultramarino: o movimento feminista no Sudoeste Africano também se dividirá em duas ‘alas’, uma radical e uma conservadora-moderada (Smidt, 1995, p. 286).

colonial (*Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft*), de seu instrumento de publicização das atividades coloniais (dentre eles a edição do periódico “Kolonie und Heimat in Wort und Bild”) e a atuação específica de quatro grandes líderes do movimento associativista colonial: a fundadora Adda von Liliencron, sua sucessora Hedwig Heyl, a reconstrução do movimento pós-Primeira Guerra sob a liderança de Hedwig von Bredow e o movimento durante o período do nacional-socialismo dirigido por Agnes von Boemken (Venghiattis, 2005, pp. 8-10).

A pesquisa contribui para a compreensão de três elementos importantes que convergem para o tema deste trabalho: em primeiro lugar, ela solidifica através de pesquisa documental a conexão que a temática da formação colonial teve com as tomadas de decisão política bem como com os fatos históricos que balizam toda a evolução da primeira metade do século XX. Em segundo lugar, o trabalho da autora evidencia o papel preponderante do movimento associativista, especialmente feminino, no contexto da investida colonial, e contribui para a compreensão do protagonismo da organização *Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft*. Esta, dentre outros movimentos associativistas e coloniais, funcionará como organização de conexão entre a esfera da alta política, a política de formação nas escolas coloniais e o processo de envio de mulheres. Com o propósito de fomentar este último, o *Frauenbund* promoveu um amplo processo de publicização bem sucedida das suas atividades através do periódico ‘Colônia e Pátria em palavra e imagem’ (*Kolonie und Heimat in Wort und Bild*) em várias vertentes tanto na divulgação das atividades nas colônias, inclusive aquelas voltadas exclusivamente para mulheres (compartilhamento de conhecimentos de ordem social, acontecimentos, descobertas e também receitas culinárias) e também um mecanismo de anúncios e classificados objetivando a chamada *Stellenvermittlung* – busca por emprego – para mulheres recém-formadas.

Nr. 1 *Preis 10 Pfennige* 3. Jahrgang

Kolonie und Heimat

in Wort und Bild

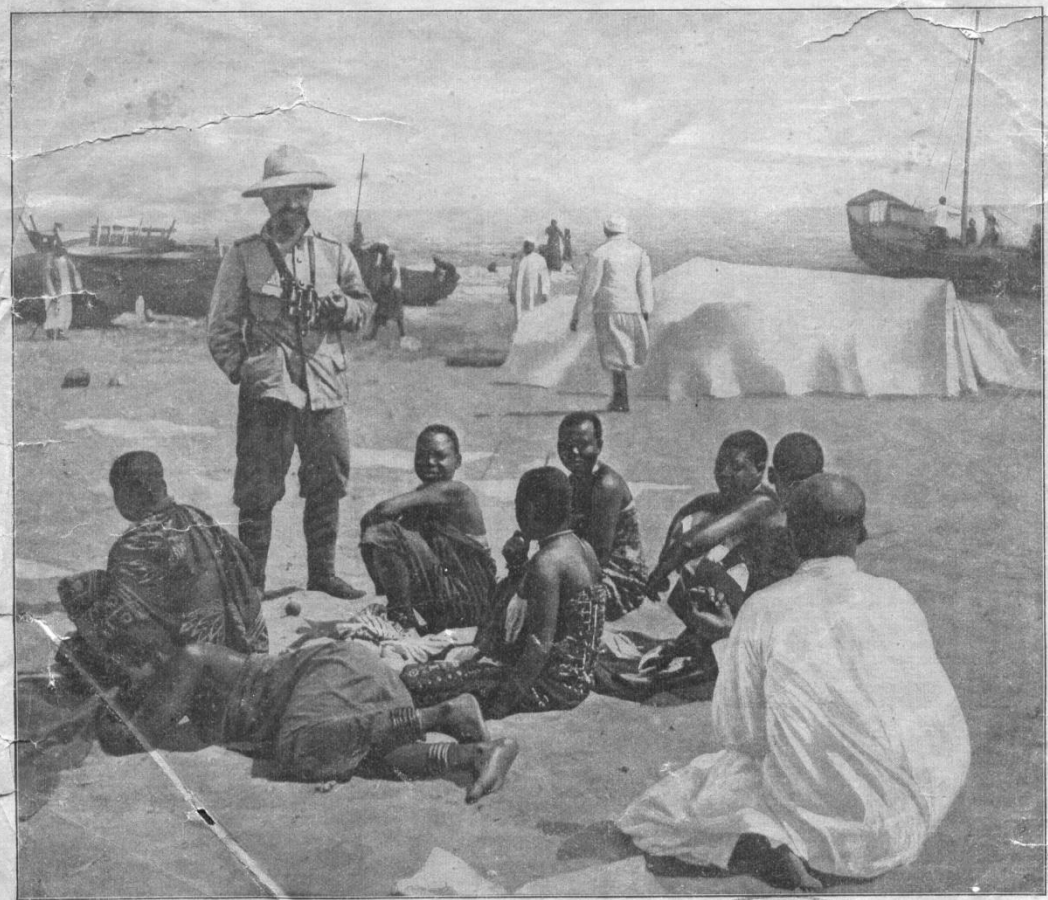
Unabhängige koloniale Zeitschrift
Organ des Frauenbundes der Deutschen Kolonialgesellschaft

„Kolonie und Heimat“ liegt auf sämtlichen Schiffen der folgenden Schifffahrtsgesellschaften auf:

Berlin, 1. Oktober 1909

Inhalt: Nach dem Tansania. Ostafrikanische Erinnerungen von Hauptmann A. Föck. — Wie der Neger in Togo wohnt. I. Negerwohnungen im Innern der Kolonie. Von Oberleutnant Smend. — Jägerfreuden in Südwest. Nächtliches Leben in der Gowarischucht. Von Carl Schlichtwein. — Mitteilungen des Frauenbundes der Deutschen Kolonialgesellschaft. — Buschklatsch. Kameruner Roman. Von Hans A. Schmidt. — Artikel. — Nachrichten. — Beilage: Kolonie und Heimat. — Koloniale Neuigkeiten. — Koloniale Kapitalanlagen. — Vom kolonialen Büchertisch. — Briefkasten.

Nachdruck aller Artikel bei Quellenangabe gestattet, wenn nichts anderes vermerkt ist.



Phot. A. Frischaut. Am Strande des Tanganjika. (Text siehe Seite 2-3)

Richard Leonhardt
Buchhandlung
DRESDEN A.

Zu beziehen durch alle Buch- und Zeitschriftenhandlungen und durch die Post, jährlich 26 Nummern zum Preise von M. 2,60, halbjährlich M. 1,30. Einzelnummer 10 Pf. Erscheint vierzehntägig.

Unmittelbar d. Streifband vom Verlag kolonialpolitischer Zeitschriften: Berlin W. 66, im Inlande einschl. Oester.-Ungarn u. der Kolonien: jährl. M. 3,00, halbjährl. M. 1,50, Einzelnummer 15 Pf., nach d. Auslande jährlich M. 5,25, halbjährl. M. 2,60, Einzelnummer 20 Pf.

Hamburg-Amerika Linie, Hamburg
Woermann-Linie, Hamburg
Deutsche Ost-Afrika-Linie, Hamburg
Hamburg-Bremer-Afrika-Linie
Deutsche Levante-Linie, Hamburg
Hamburg-Südamerika, Dampfschiff-
fahrts-Gesellschaft, Hamburg
Hugo & van Immerik, Hamburg

Piehl & Fehling, Lübeck
Red Star Line, Antwerpen
Sahr & Classen, Hamburg
Gustav Metzler, Stettin

Dampfschiffsges. J. F. Bräunlich, Stettin
Sartori & Berger, Kiel
Dampfschiffahrts-Gesellschaft „Argo“, Bremen
A. Kirsten, Hamburg

Neue Dampfer-Compagnie, Stettin
Sächs.-Böhm. Dampfsch.-Ges., Dresden
Oesterreichischer Lloyd, Triest
Holland-Amerika-Linie, Rotterdam
The Royal Mail Steam Packet Company, London
The Nippon Yusen Kaisha-Line, London
Hallands Angbats Aktiebolag in Halmstad
Nya Rederi Aktiebolaget „Svea“ in Stockholm

Figura 5: Capa da revista 'Kolonie und Heimat in Wort und Bild', Ano 3, Número 1, 1907/1908^{xix}

Em terceiro lugar, a pesquisa acerca das atividades e personalidades das líderes e presidentes do *Frauenbund* ao longo de 37 anos de existência da organização permite compreendê-la em relação ao movimento de mulheres de forma geral durante aquele período na Alemanha. Com isso, é possível ver as

tensões entre algumas feministas mais radicais e outras mais conservadoras quanto ao trato da questão colonial no contexto do feminismo burguês e também aí se desvela a relação entre os movimentos feministas, os movimentos masculinos coloniais e a política estabelecida.

Segundo a autora,

“quando a DKG começou a enviar mulheres para o Sudoeste Africano, a ativista feminista Minna Cauer havia proposto a fundação de uma organização de mulheres que controlaria todas as questões relacionadas ao envio de mulheres às colônias e que funcionaria diretamente ligada ao Ministério das Relações Exteriores” (Venghiattis, 2005, p. 417).

Minna Cauer, nascida em 1841, pertencia à ala mais radical do movimento feminista burguês. A seu tempo, acusada de ser fiel à coroa, havia participado dos primórdios do movimento feminista progressista nos anos de 1840-50 e era defensora contumaz do direito ao voto feminino, da assistência a mães solteiras e do direito à livre escolha ocupacional das mulheres. Sua militância a levaria a migrar para os movimentos social-democratas mais adiante (Braun-Schwarzenstein, 1986, p.99). No entanto, isso não a impediria de ver aparentemente com bons olhos a incursão imperial e o papel atribuído à mulher nela. Ela advogava, não obstante, que o processo de envio fosse articulado por mulheres. A tese de Venghiattis evidencia exatamente essa lenta transição na prerrogativa do envio de mulheres: o envio estará cada vez mais nas mãos do *Frauenbund* que da *Deutsche Kolonialgesellschaft*. Isso viria a acontecer durante a República de Weimar, após a perda dos territórios alemães na Primeira Guerra Mundial quando a política de envio de mulheres passara a obter novos contornos e a vigorar como (geo-) política cultural para manutenção das características culturais e linguísticas (para não dizer, nacionais) das comunidades ultramarinas em nome do revisionismo colonial e como um dos braços da política externa no pós-guerra. No entanto, nos primórdios da atuação do *Frauenbund* como ‘braço feminino’ da DKG, as mulheres não receberam papel preponderante algum – antes das revoltas dos Herero e Nama (1904-1907) – o envio de mulheres havia sido algo de políticas pontuais, canceladas pelo *Reichstag*, como veremos mais adiante, com a preocupação de ampliar a presença alemã nos territórios do protetorado, por um lado e, por outro, de garantir aos primeiros colonos condições de ‘habitabilidade’ em um lugar tão inóspito. Com (1) a vitória sobre as

populações locais em 1907, (2) a criação de um ambiente seguro à participação de mulheres aliada à (3) política de povoamento e o fomento da atividade agrícola e pecuária que beneficiava os grandes contingentes militares deslocados como *Schutztruppe* aos territórios africanos, as atividades da DKG passariam a contar com assistência feminina sistemática. A preocupação com a perpetuação da ‘raça’ alemã daria às mulheres “uma oportunidade para ampliar seu engajamento na esfera pública” (Venghiattis, 2005, p. 417).

Com solicitações da colônia para o envio de mulheres e com pressão no contexto do Ministério de Relações Exteriores e no *Reichstag* em prol de uma política de financiamento de custos de viagem para tal empreitada, são desenvolvidas estratégias de associação da possibilidade de desempenho de atividade laboral na colônia ao incentivo de que as mulheres se dessem ao matrimônio uma vez residindo na África, como discutirei em capítulo posterior. Os planos tecidos entre representantes da administração colonial, nobreza e políticos na metrópole seriam por um lado, criticados por implicar potencialmente o governo em formas de contração de matrimônio forçado e, por outro lado, acolhidos pela opinião pública o que resultava em um número maior de mulheres interessadas em ir para a Colônia que o próprio programa de envio da DKG teria condições de enviar (Venghiattis, 2005, pp. 20-26, 30).

Se até o final do século o envio de mulheres havia se desenvolvido como política para-estatal tímida, com cotas de sucesso conservadoras e a partir de arranjos que envolviam uma multiplicidade de atores (representantes da DKG, autoridades coloniais, alguns representantes da aristocracia), a partir de 1905 o envio de mulheres para atividades domésticas na colônia recebe um novo impulso (Venghiattis, 2005, p. 49). Com a proibição da realização de casamentos mistos em 23 de setembro de 1905, editada pelo vice-governador Tecklenburg no território do Sudoeste Africano, há uma protopolítica populacional levada a cabo na metrópole com o intuito de fomentar a ida de mulheres (Idem, ibidem). Sob críticas das vertentes políticas social-democratas que afirmavam ser uma afronta ao direito humano o envio de mulheres à colônia sob regimes contratuais que mais se assemelhavam à escravidão moderna, “a DKG enviaria entre novembro de

1906 e outubro de 1907 um total de 26 mulheres em 12 navios diferentes rumo ao Sudoeste Africano” (Venghiattis , 2005, p. 51)^{xx}.

A ‘nova demanda’ requisitaria uma nova estrutura de agenciamento bem como um novo perfil de organização capaz de realizá-lo. É nesse contexto que, segundo a autora, se dá a fundação do *Deutschkolonialer Frauenbund* através de Adda Freifrau von Liliencron, pertencente à aristocracia e oriunda de uma família com ampla e histórica participação militar. Ela, que permaneceria à frente da instituição desde os momentos iniciais da atividade colonial feminina organizada até 1909, seria uma figura aglutinadora fundamental e arrebataria corações e mentes de *Schutztrupplers* bem como dos dirigentes da DKG com seu discurso e escritos patrióticos voltados ao encorajamento das tropas em solo e do enaltecimento da mulher do soldado alemão (Venghiattis, 2005). Liliencron inaugura um programa de envio de mulheres com princípios tipicamente burgueses e calcados na separação cultural entre colonizadores e colonizados (Idem). Para ela

“female emigrants were to transport elements considered necessary to recreate the German nation in Africa: bourgeois housekeeping and cooking traditions, Germany’s patriotic and seasonal celebrations, the German language, and an appreciation for the country’s literacy and musical heritage” (Venghiattis , 2005, p. 418).

Escritora oriunda de uma família de heróis condecorados da região da Prússia, Adda von Liliencron era envolvida na vida pública a partir do seu *status* como viúva de Karl Freiherr von Liliencron. Ao fundar e dirigir o *Frauenbund*, desafiara

“traditional gender roles and broadened women’s possibilities for engagement in the public sphere. Liliencron also reinforced traditional gender roles, however, by accepting a subordinate position for the Frauenbund vis-à-vis the DKG within the colonial movement in 1908” (Venghiattis, 2005, p. 53).

O contexto histórico estava em transformação e as respostas do ponto de vista legal surgiam naquele momento: a lei de associações (*Vereinsrecht*), que vigorava de diferentes formas nos vários principados que compunham a Alemanha antes da unificação, datava das revoluções de 1848 e vetava às mulheres a participação em partidos políticos bem como presença em reuniões de cunho político. Com as reformas de 1908, a atividade do *Frauenbund* passaria a

ser considerada legal (2005, p. 418). A sucessora de Liliencron a partir de 1910, Hedwig Heyl, colherá os benefícios desta flexibilização da participação feminina em questões políticas. Conhecida no movimento feminista, Heyl, segundo Venghiattis, estava comprometida com a ideia de “estabelecer uma esfera feminina independente no movimento colonial” (2005, p. 420). Foi durante a gestão dela que o *Frauenbund* passou a se preocupar com a condição laboral das mulheres emigrantes – mormente organizadas em torno do serviço doméstico profissional – e que passou a dedicar-se ao envio de mulheres de classe média (Idem, ibidem). Com o aumento da visibilidade do *Frauenbund*, a organização se associa à organização guarda-chuva de mulheres da burguesia em 1910, permanecendo em sua ala mais conservadora⁵¹.

Segundo a autora, as crescentes tensões entre DKG e FB seriam dissolvidas a partir da deflagração da Guerra em 1914 que representará uma reversão na animosidade entre os dois grupos (Idem, ibidem). Se antes da Guerra o ambiente político era mormente monarquista e distante de questões relativas ao sufrágio feminino, em 1918 o direito ao voto representará uma nova dimensão de atuação na esfera pública para mulheres (Frevert, 1986).

Durante o período da República de Weimar, o *Frauenbund* será conduzido por outra liderança na autonomia do empenho feminino em relação a questões coloniais frente à atividade da DKG. Hedwig von Bredow, à frente da organização entre 1920 e 1932, seria a primeira dentre as líderes a vivenciar os ares da colônia. Bredow faria uma visita ao Sudoeste Africano em 1912 e outras viagens para visitar instituições ligadas ao *Frauenbund* e, com isso, se tornaria instrumental para um salto à frente da organização masculina, não menos por dedicar-se intensamente ao periódico *Kolonie und Heimat* (Venghiattis, 2005).

A essa altura, Venghiattis ressalta que a política de manutenção da alemanidade nos territórios alemães na África perdidos em Versalhes passa a ser

⁵¹ A atividade feminista não passa incólume aos efeitos históricos do período pré-guerra. Com o desafio social-democrata à ordem monarca-prussiana (ao alcançar maioria dos assentos no *Reichstag* em 1912), uma crescente intelectualidade de esquerda e movimentações geopolíticas relevantes, a ameaça de efeitos transformadores relacionados aos papéis de gênero leva à fundação, em 1912, da *German League to Combat Women's Emancipation* (Venghiattis, 2005, p. 421). Planert (1998) se dedicará especificamente aos movimentos associativistas que compuseram a Liga e aos argumentos anti-feministas que insuflaram a atividade desta.

de fato uma política de governo, ainda que as relações entre o Ministério das Relações Exteriores alemão e o *Frauenbund* tenham sido mantidas em larga medida em sigilo (Venghiattis, 2005, p. 425). O clima de revisionismo colonial aliado à agenda bem definida de Bredow e o incentivo indireto governamental teriam garantido, segundo Venghiattis, o sucesso do *Frauenbund* até meados dos anos 30⁵². Para Venghiattis (2005), três foram os elementos que conferiram fôlego ao movimento ao longo dos seus 37 anos de existência: (1) a ideia de que a mulher estaria relacionada à produção e reprodução da ‘raça’ alemã no além-mar associada ao (2) nacionalismo como grande narrativa catalisadora de atividades e iniciativas. Por fim, (3) a diferença de gênero⁵³ – a aceitação de responsabilidades especificamente femininas e de um papel a ser desempenhado especificamente por mulheres no contexto doméstico e familiar na colônia (Idem, pp. 427-428).

Krista O'Donnell, na tese de 1996 sobre “the colonial woman question: gender, national identity, and empire in the german colonial society female emigration program 1896-1914”, tem uma abordagem mais crítica em relação à constituição da questão colonial da mulher, ao papel desempenhado pelas organizações de envio e ao argumento utilizado para levar as mulheres à colônia. A contribuição de O'Donnell (1996) é especialmente relevante por apresentar, por um lado, uma ampla discussão de materiais empíricos disponíveis em vários suportes: ela se utiliza dos materiais arquivísticos sobre as atividades da DKG encontrados no *Bundesarchiv Potsdam* (em Berlim) bem como de biografias selecionadas de mulheres envolvidas no ativismo colonial e ainda leva em consideração filme “Wir hatten eine Dora in Südwest” (1991) da documentarista Tinka Diaz, sobre as egressas da escola colonial de Rendsburg⁵⁴. O' Donnell

⁵² Se as presidentes da organização poderiam ser consideradas até então como dedicadas à pátria, a sucessora de Bredow, Agnes von Boemken, pôde ser caracterizada como ‘agressively nationalist’ (p. 425). Sob a liderança dela, o *Frauenbund* viverá os anos no nazi-fascismo e as aspirações à atividade feminina colonial ficam à sombra do grande projeto dominação política, econômico-social, cultural e ideológica no qual não haveria espaço nem para mulheres nem para colônias no continente africano.

⁵³ A ideia de gênero como diferença aposta na manutenção intacta dos binarismos ‘sexo’ e ‘gênero’, ‘homem’ e ‘mulher’, ‘feminilidade’ e ‘masculinidade’. Para Maruska, “Os conceitos são estáticos e, assim, valorizam aspectos especificamente masculinos e femininos nas análises da realidade social” (2017, p. 4).

⁵⁴ O documentário da cineasta Tinka Diaz, do ano de 1991, a que farei apenas breve referência posteriormente, apresenta uma compilação de arquivos coloniais, testemunhos, cenas de romances coloniais, fotos e canções na tentativa de fornecer um panorama acerca deste capítulo da história da mulher nas colônias alemãs. À época do documentário, Tinka Dias entrevista egressas da escola de Rendsburg tanto em seu encontro anual quanto na Namíbia, em suas fazendas. As informantes

(1996) faz uma leitura mais ampla dos atores envolvidos na empreitada colonial durante o período Guilhermino e dá especial atenção às evidências da política de emigração feminina e seus efeitos sobre a comunidade colonial na África. Com isso, apresenta uma das obras historiográficas que melhor confere compreensão acerca das nuances da política habitacional perpetrada pela Alemanha e suas consequências *in locu*.

Em linhas gerais, ela afirma que a compreensão e a constituição do significado e conteúdo da missão imperial das mulheres na Alemanha imperial permaneceram controversas durante todo o período de envio (1996, p. 299). Segundo ela, os nacionalistas radicais, ao ‘exportarem’ a ‘questão da mulher’ para o território ultramarino, o teriam feito com repercussões tremendas no contexto dos mercados laborais e matrimoniais no Sudoeste Africano (Idem, *ibidem*)⁵⁵.

Em primeiro lugar, ela afirmará que a “manipulação da organização da reprodução no contexto imperial” faz com que houvesse a crença em uma supremacia de determinação da metrópole sobre a colônia. Isso obscureceria ‘a complexidade de negociações’ em relação ao comportamento sexual nas próprias colônias (O’Donnell, 1996, p. 299 e também Marmozai, 1989).

Segundo ela, essa política indica justamente as formas de regulação da reprodução da própria metrópole tendo em vista o processo de afirmação do império na virada do século. Não apenas a questão da reprodução estaria sendo delicadamente negociada, mas o papel imperial da mulher estaria relacionado também com a sua forma de inserção no mercado de trabalho imperial. Com o envolvimento do movimento feminista nesta empreitada há, em última instância, a tentativa de prescrever modelos de carreira e vida tanto às mulheres ocidentais

entrevistadas na dissertação de mestrado de Siegle anos depois (2004) mencionam terem sido mal interpretadas no documentário de Diaz. De fato: por um lado, Diaz conduz as entrevistas de forma a expor o caráter ‘colonial’ da presença daquelas mulheres na África. Por outro, torna-se evidente a incompreensão das entrevistas acerca das implicações éticas e políticas da sua aventura colonial ali. Para mais informações sobre o documentário, ver: <http://s43.s.gep-hosting.de/filme/wir-hatten-eine-dora-suedwest/651> Acesso em: 12. maio 2018.

⁵⁵ Segundo ela, o estudo que apresenta tem a pretensão de conectar “the histories of European women’s transportation across the metropole and colony” e faz considerações interessantes que oferecem nuances aos efeitos da política de supremacia racial sobre a metrópole e a colônia (O’Donnell, 1996, p.299).

quanto às não ocidentais bem como “considerable debate over the nature of women’s ‘true’ callings to carers or motherhood” (O’Donnell, 1996, p.300).

Um dos aspectos interessantes que a autora pontua é que “as divisões raciais e sociais do trabalho colonial doméstico e reprodutivo eram tão basilares para a lógica do domínio colonial” que qualquer coisa que escapasse a essa racionalidade devia ser violentamente contido (Idem, ibidem). Estava em curso uma transformação do significado do trabalho e da vida familiar das mulheres no contexto imperial tanto na comunidade colonial quanto na comunidade metropolitana, contexto na qual “suas racionalidades frequentemente eram divergentes e desafiavam as construções subjacentes de raça, classe e gênero em ambos os *loci*” (Idem, ibidem).

Para ela, a questão da *koloniale Frauenfrage* está calcada na propaganda bem-sucedida engendrada pelo nacionalismo alemão na virada do século que teria veiculado “uma visão extrema da família alemã patriarcal como a fundação do império” associando o sucesso deste à “indispensabilidade do serviço reprodutivo da mulher alemã à nação” (O’Donnell, 1996, p.301). Com isso, ela confere papel central à atuação especialmente das associações nacionalistas do período Guilhermino nas soluções desenvolvidas em termos de política populacional tanto na metrópole quanto na colônia. Ela conclui em sua pesquisa que, a despeito dos interesses particularistas das várias associações (*Verbände*) criadas no período para ‘organizar’ a questão colonial, a capacidade de aglutinação de interesses políticos diversos tanto da classe burguesa quanto da aristocracia conferirá a essas instituições para-estatais um peso significativo na condução da política colonial oficial do estado alemão, como se lê a seguir:

“unlike most previous histories of these organizations, which generally have emphasized their narrow class-political interests, the impact of the broadly-conceived DKG/FB imperialist social programme, which brought together radical and conservative male and female nationalists of both aristocratic and bourgeois class origins and interests, points to the conclusion that the Verbände held pivotal position in molding the Imperial German state’s policies, despite their lack of recourse to the legislative arena” (Idem, p.301).^{xxi}

Um dos ganhos do trabalho de O’Donnell é a exposição de ideias, disputadas no seio dos radicais e moderados, acerca do gênero, classe e ‘raça’. Para ela, os dirigentes da DKG, sua organização parceira – o *Frauenbund*, os

administradores coloniais, o *Kolonialabteilung* – KA (departamento colonial) do Ministério das Relações Exteriores do governo alemão e a comunidade colonial – todos agentes ativos na política colonial – expõem, ao longo das primeiras décadas do século, a construção negociada da constituição conservadora de gênero na metrópole e na colônia, bem como da neutralização da atividade política feminina de acordo com a classe social por meio da ideia de constituição de um império baseado na categoria social normativa aglutinadora da branquitude^{xxii}. Assim, o papel das mulheres é negociado desde o processo de envio das primeiras mulheres para o serviço doméstico nas colônias na virada do século, passando pelo aprimoramento da política de transporte até 1904, pela reorganização da ideia do envio a partir das vitórias nas guerras coloniais, pela configuração da proibição dos casamentos mistos e até a montagem do sistema de exclusão racial que tinha como objetivo manter castas as crianças de casamentos puros.

Contudo, segundo a autora, ainda que os valores da reprodução e maternidade calcadas em elementos como raça e classe tenham sido desenhados para ter eficácia no contexto pangermânico, a transponibilidade desses preceitos deu-se de forma limitada nas colônias. Segundo ela, os valores tidos em alta conta na colônia eram os da castidade, robustez e simplicidade, não necessariamente a pretendida respeitabilidade oriunda da identidade racial (O'Donnell, 1996, p. 301). Isso explicaria a constante resistência nas colônias à regulação dos relacionamentos interracializados e a dificuldade de implementação do arcabouço legal que definia terminantemente a proibição dos chamados casamentos mistos. A resistência tanto mais se mostra, segundo a pesquisadora, quanto é identificada a controvérsia quanto ao perfil de mulher necessária à continuidade do projeto de civilização imperial. Por um lado, a DKG insistiria no envio de moças de origem simples – *einfache Mädchen*, por outro, os ideólogos da metrópole insistiam na adequabilidade de moças instruídas – *gebildete Mädchen* enquanto, na colônia, nenhum dos dois perfis parecia fazer frente à compreensão especificamente local de respeitabilidade nas colônias, composta, sobretudo, de ‘robustez’ para o

trabalho pesado e ‘castidade’, características passíveis de serem encontradas em mulheres ‘bastardas’ *in locu*⁵⁶.

O envio de mulheres especialmente a partir do marco temporal de 1907, quando do massacre dos Herero e Nama (o extermínio das populações locais tem efeito imediato sobre a economia doméstica dos *Farmer* e *Ansiedler* já que a mão-de-obra se torna escassa) gera uma divisão internacional do trabalho que tenta transportar de forma controversa para a colônia a hierarquização laboral existente na metrópole. No entanto, ao irem para as colônias, as mulheres brancas, portanto, de membros da raça superior, resistiriam às condições de trabalho impostas aos habitantes locais, subvertendo a política laboral desenvolvida na metrópole de envio de mão-de-obra excedente e barata aos territórios ultramarinos:

“the ready availability of cheap domestic staff from Germany seemed to offer a viable potential substitute for indigenous laborers, yet European maids resisted heavy ‘native work’ and many sought to establish themselves as the social equals of their mistresses on the basis of their shared racial identities” (O’Donnell, 1996, p.303).

O projeto de divisão internacional do trabalho desenvolvido durante o período Guilhermino previa, portanto, o suprimento de serviços domésticos realizados por mulheres alemãs. Para tornar a mão-de-obra atraente, havia sido desenvolvida uma política de regulação de salários que interferia na economia local. A agenda paralela de embranquecimento da população da colônia coroaria o cenário de forjadura de uma nova Alemanha ultramarina:

“German civil authorities colluded fully in reshaping the domestic servant labor market in the colony, manipulating the racial and sexual wage scale in order to ensure that the DKG’s maids would receive starting salaries similar to indigenous domestics and below the wages of experienced migrant ‘Cape’ domestic servants of color. Their interference was intended to ensure sufficient cheap labor and eliminate unwanted ‘Cape’ maids from DSWA altogether” (O’Donnell, 1996, p. 303).

⁵⁶ Para ela, “the ongoing Wilhelmine debate over defining the ideal German settler woman and the alleged misconduct of participating DKG transportees permitted ambiguities over women’s place in the colonial endeavor to persist in the settler community” (O’Donnell, 1996, p. 302). Em consonância com parte das conclusões de Walgenbach, O’Donnell (1996) afirmará que “the DKG program’s emphasis on the transportation of practical, general emigrant domestic workers spawned new challenges to colonial German women’s already-tenuous social position, by disrupting established racial and sexual divisions of labor in settler households” (O’Donnell, 1996, p. 303).

Para ela, tanto “a liderança nacional do DKG quanto algumas personalidades da burocracia do *Kaiserreich*” tiveram papel fundamental em fazer com que as comunidades coloniais, em especial no Sudoeste Africano, implementassem “uma série de políticas populacionais controversas com o objetivo de reduzir a miscigenação colonial e aumentar o número de nascimentos ‘brancos’, particularmente através do *resettlement* de mulheres alemãs” (O’Donnell, 1996, p. 3).

No entanto, a comunidade local pareceu reagir à incapacidade por parte de autoridades da metrópole em compreender “a importância que a organização territorial do trabalho doméstico detinha na determinação do prestígio social e posição econômica dos colonos” (O’Donnell, 1996, p. 304) ^{xxiii}. Com isso, segundo ela, “o programa de envio da DKG acabou por ter um impacto abrangente e inesperado sobre o desenvolvimento das relações de trabalho e sociais nos anos finais do domínio [alemão] no Sudoeste Africano” (O’Donnell, 1996, p.304) ^{xxiv}.

Os achados de O’Donnell fornecem insumos importantes sobre o que o exemplo do Sudoeste Africano representou para questões de gênero e império:

“(...) domestic labors and reproduction, often perceived as the primary responsibilities of women, in fact bore considerable responsibility for shaping the evolving sexual, racial, and class hierarchies integral to imperial hegemony. Wilhelmine women’s key contributions to the German colonial mission in DSWA rested not in their moral authority, as elsewhere may have been the case, but rather in their adoption as well as subversion of radical imperialist notions of their reproductive and domestic roles throughout the empire (O’Donnell, 1996, p.305).

Enquanto a análise de O’Donnell fortalece os argumentos da força institucional dos *Verbände* e da dinâmica entre atores na metrópole e na colônia no período até o final da Primeira Guerra Mundial, Sandler (2012) analisa a construção da identidade colonial e sua contribuição ao caráter nacional (-ista) alemão a partir desse período de 1919 e mais especificamente durante o marco temporal que vai de 1933 a 1945. A questão central da tese intitulada “Colonizers Are Born, Not Made: Creating a Colonialist Identity in Nazi Germany, 1933-1945” é a manutenção da identidade colonial mesmo após a perda das colônias durante a Primeira Grande Guerra. Com base em amplo material propagandístico,

a pesquisadora oferece elementos para a compreensão da atuação das organizações coloniais, enfatizando sua constante presença midiática e sua assertiva promoção dos seus objetivos durante o Terceiro *Reich* (2012, p. iv). Segundo ela,

“German nationalists, straddling between anachronistic fantasy and the National socialist world-view, reintegrated overseas imperialism into Nazi Germany and thereby reinterpreted the meaning of Germanness” (Idem, *ibidem*).

O movimento colonial pareceu ser capaz de mobilizar o espírito nacionalista tornando a narrativa consistente e congruente ao período político vivido. No entanto, segundo a mesma autora, as visões acerca do revisionismo colonial que projetavam um novo futuro para a alemanidade a partir da restauração do domínio oficial territorial alemão não se coadunavam necessariamente aos propósitos perseguidos pelo regime nazista de expansão continental e domínio dos territórios do Leste europeu.

Alguns argumentos públicos tiveram especial poder de mobilização como “a mentira da culpa colonial” (Sandler, 2012, p. 52) ‘destilada’ pelo já aqui mencionado *blue book* britânico que relatava as atrocidades cometidas pela Alemanha no período colonial. A importância dos escritos de Sandler (2012) reside na visão comparada entre as identidades coloniais produzidas e reproduzidas pelas ‘grandes potências coloniais’ do início do século XX.

Os efeitos desta produção de identidades para as mulheres justamente neste período histórico são perscrutados por Lora Wildenthal na muito citada obra “German women for empire: 1884-1945” (2001). Ela discutirá no capítulo “a new colonial femininity: feminism, race purity, and domesticity, 1898-1914” os aspectos teóricos fundamentais apresentados dentre outros por O’Donnell. Nos capítulos iniciais da obra, a autora apresenta e analisa a participação das mulheres como enfermeiras em meados do século XIX nos *fronts* de batalha em territórios ultramarinos, inaugurando a ideia de que a associação entre feminismo e nacionalismo estaria relacionada à forjadura de masculinidades e feminilidades especificamente coloniais. Wildenthal apresentará alguns elementos que conferem densidade ao argumento de que haveria uma conexão específica entre gênero, classe e ‘raça’ na preparação de mulheres para a vida na colônia e que esta se

refere imediatamente à vida das mulheres na metrópole e às nascentes demandas feministas por maior participação na política e na esfera pública em geral.

Interessante na análise de Wildenthal é o protagonismo conferido às mulheres e às movimentações feministas na virada do século. Para ela, o movimento colonialista expõe justamente as contradições por um lado entre a função das ‘mulheres mais simples’ para o Império e, por outro, da função das mulheres de classe média, aristocráticas em um contexto de menor empregabilidade e maior conscientização acerca dos seus potenciais direitos.

O texto de Wildenthal revela a tensão entre os protagonistas masculinos do movimento colonialista (a administração colonial *in locu*, políticos relacionados ao governo ‘federal’ e representantes dos movimentos associativistas coloniais masculinos) em torno da definição do papel da mulher para a colônia e também de seu protagonismo na construção da Alemanha enquanto Estado nacional. As mesmas reflexões povoariam as mentes de feministas burguesas mais conservadoras, como a já mencionada Minna Cauer, dirigente da *Frauenbewegung*, e também do feminismo conservador nacionalista como um todo, ao qual estavam relacionadas todas as quatro dirigentes do *Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft* – principal agência mediadora entre as mulheres da metrópole e as colônias. Na narrativa de Wildenthal, o que parece fomentar essa corrida de mais uma vertente do feminismo pela apropriação tanto da estratégia de envio em si quanto da consequente narrativa em torno do papel da mulher naquele período de grandes transformações endógenas na monarquia Guilhermina tem a ver com a caracterização – *inventada*⁵⁷, ainda assim, revestida de autenticidade – da chamada *Farmersfrau*:

“the colonial woman farmer (*Farmersfrau*) came to dominate the imagination of colonialist women. A wave of memoirs and novels by actual women colonists documented and dramatized the abilities of the colonial woman farmer to a reading audience in Germany” (Wildenthal, 2001, p. 131).

Para a autora, a ideia de trabalho produtivo no contexto do espaço colonial “promised direct participation in the German community: women could become the yeoman farmers of classical republicanism” (Idem, *ibidem*). Ainda que a

⁵⁷ Para ‘invenções de tradições’ relativas à performance do Estado moderno, ver Hobswawm & Range, 1997.

situação nas colônias fosse de permanente instabilidade, a ideia de que o transporte de mulheres era uma medida necessária e desejada e deitaria raízes em uma

“compreensão falha acerca de dados da economia e estatística relacionadas às ansiedades acerca de conflitos políticos e da industrialização. Também guardava relação com os anseios das mulheres da classe média acerca da sua própria inutilidade econômica” (Idem, p. 132)^{xxv}.

As novidades que o texto traz em relação a pesquisas anteriores têm a ver, em primeiro lugar, com a apresentação do esforço comum por parte do amplo espectro de movimentos feministas tanto burgueses nacionalistas como imperiais em embarcar na empreitada de envio das mulheres às colônias. Em comum, ambos os movimentos tinham a ideia de que havia um papel essencial e inalienável para a mulher na colônia. Enquanto as colonialistas conservadoras, monarquistas e imperiais enfatizavam o papel da mulher relacionado ao matrimônio e a maternidade, que em última linha garantiria a prevenção de casamentos mistos e com isso, a geração de crianças puras racialmente, as feministas burguesas enxergavam na relevância da mulher para a colonização a forma de garantir a ela um mercado de trabalho voltado às suas habilidades como coconstrutoras da nação e como portadoras da cultura^{xxvi}.

Ao longo do texto, Wildenthal registra a constante tensão entre as forças do chamado feminismo burguês radical e do feminismo burguês conservador (este último apoiado pela administração colonial) em relação à apropriação da ideia do trabalho feminino conectado às questões coloniais: para Minna Cauer, representante do movimento radical, a mulher deveria não apenas exercer a sua influência através do matrimônio, mas também buscar “exercer uma influência moral positiva” na sociedade colonial (Idem, p. 135). Wildenthal realiza uma análise aguçada conforme os documentos disponíveis: para ela, era a *Frauenfrage* – (ainda) a ideia de que havia um excedente de mulheres na metrópole – que havia dado margem ao aparecimento, de acordo com várias autoridades do movimento colonial, de movimentos feministas e sufragistas. Fazia-se mister então combater a ideia de que esse tipo de ativismo feminista pudesse se estender aos territórios recém-anexados (Idem, ibidem). Enquanto o movimento liderado por Cauer almejava conferir novos contornos à participação das mulheres enfatizando, por

um lado, o papel das mulheres de classes menos privilegiadas no programa de envio e, por outro, elaborando sugestões para a garantia de direitos trabalhistas mínimos a elas na colônia, o *Frauenbund* se fortalecia em associação aos setores mais conservadores e nacionalistas do governo e sociedade civil.

O *Frauenbund* lograria posicionamento político a partir da mobilização bem-sucedida da necessidade da garantia de pureza racial para o progresso da colônia e da narrativa voltada à satisfação racial do homem colonizador, entregue de forma indefesa às vicissitudes da vida ultramarina. A visão crítica de Cauer em relação a esse papel conferido ao homem representava também uma crítica à ausência de paridade entre os sexos na colônia e o papel diminuto da mulher no contexto do planejamento de estabelecimento na colônia (Wildenthal, 2001, p. 145)⁵⁸.

Se nos estudos apresentados até agora a questão da interconexão entre aspectos de ‘raça’, gênero e classe se anunciam, é a partir da leitura de Katharina Walgenbach (2005) que é possível compreender a extensão da confluência entre a constituição do imaginário colonial e a do imaginário feminino durante o referido período.

Katherina Walgenbach (2005), na pesquisa intitulada ‘A mulher branca como portadora da cultura alemã’ – discursos coloniais sobre gênero, ‘raça’, e classe no Império (“‘Die weisse Frau als Trägerin der deutschen Kultur’ – koloniale Diskurse über Geschlecht, ‘Rasse’ und Klasse im Kaiserreich”), busca, através da análise de discurso de edições do jornal semanal editado pelo *Frauenbund*, ‘*Kolonie und Heimat*’, compreender o papel e a identidade da mulher como baluarte da cultura alemã identificando aspectos de gênero, ‘raça’/cor e classe à luz dos *critical whiteness studies* de origem norte-americana.

O objetivo da pesquisa, segundo ela, havia sido verificar a aplicabilidade do arcabouço teórico desenvolvido pelos *critical whiteness studies* para o contexto alemão. Com isso, uma das críticas que ela endossará é a de que “a construção

⁵⁸ Wildenthal, como outras autoras, confere também especial atenção ao periódico *Kolonie und Heimat* não apenas como instrumento de propagação das ideias do *Frauenbund*, mas também da popularização das masculinidades, feminilidades e também do Outro colonizado tanto na metrópole quanto na própria colônia.

social da norma [da branquitude] permanece analiticamente intocada” ao longo dos anos e que é justamente o caso em que “através do favorecimento de um foco sobre a construção do outro, a norma social permanece sendo uma forma natural, comum e inescapável” (Walgenbach, 2005, p. 13). Nesse sentido, a crítica teórica que ela privilegia é a de que a branquitude “se exime de qualquer definição” e, como norma, “precisa do Outro para se definir” (Idem, p.22). Com a autodefinição através da constituição do Outro inferiorizado, a branquitude fomenta a cultura da segregação que se manifesta ao nível do gênero, da ‘raça’ e da classe social.

Ela procurará, portanto, entender os processos de constituição das identidades brancas e as formas de autorepresentação do coletivo branco colonial analisando as três categorias que surgem nos relatos e reportagens do jornal *Kolonie und Heimat*.

Abordando a branquitude como representação, ela buscará elucidar como esta afetará a compreensão sobre a África e como, no caso da implantação da colônia, o gênero teve um papel co-constitutivo a partir da importância atribuída por vários atores (a classe política no *Reichstag*, a classe burguesa dos comerciantes, donos de fábricas e da velha burguesia e nobreza) ao papel da mulher na colônia. A mulher alemã na colônia configurava-se uma interlocutora superior: o que a distinguia do Outro africano era sua cultura, a civilização que portava em si. Com isso, as categorias gênero, ‘raça’ e classe atuavam em separado e conjuntamente nessa interação e na autodefinição das mulheres.

Os escritos de Walgenbach são relevantes para a presente análise especialmente porque seu arcabouço teórico-epistemológico contribui para a indissolubilidade das categorias de gênero, ‘raça’ e classe amplamente apoiada nas teorias de interseccionalidade norte-americanas da década de 1970 (Walgenbach, 2005, p.44). Com isso, ganha força a ideia de construir o presente estudo dando especial atenção à interdependência entre essas categorias⁵⁹. No

⁵⁹ Outra razão pela qual os escritos merecem destaque reside na proposta da autora de conferir ao discurso um papel relevante como objeto de análise. As formações discursivas, segundo ela, “definem o que deve ser pensado em uma sociedade e também limita as possibilidades de interpretações alternativas da realidade” (idem, ibidem). Os elementos de um discurso ajudam a compreendê-lo como objeto de estudo: “(...) sua gênese histórica, seu caráter de construção, seu

percurso de sua pesquisa, após uma extensa análise do papel do *Frauenbund* realizada em duas etapas (1907-1914 e 1914-1943), a autora procede a uma análise de discurso desenvolvida com base no material empírico ofertado pela revista *Kolonie und Heimat* que ela realiza de duas formas – quantitativa- e qualitativamente – acerca de quais discursos teriam sido oferecidos pelo *Frauenbund* para a formação das categorias de ‘raça’, classe e gênero. Segundo ela, o *Frauenbund* (re-) produziu diversos discursos que conjuntamente reforçariam a autoafirmação da branquitude das mulheres: a organização não se posicionou contra ideias de hierarquia da raça, mas, ao contrário, subsumiu essas ideias à arena do feminino, no qual qualquer existência fora do sistema de classificação binário (produto, por exemplo, de relações interracialis) não encontraria reconhecimento (Walgenbach, 2005, p.261).

As ditas diferenças biológicas, no contexto do *Frauenbund*, deveriam ser reforçadas por fatores culturais, sociais e jurídicos, expressos na ‘consciência de raça’. Elementos culturais como costumes alimentares, hábitos de moradia, língua e hábitos de lazer deveriam conjuntamente compor marcações de distinção entre as raças e também de enlevo e formação civilizatória da ‘raça’ branca (Idem, ibidem). Como veremos mais adiante, essas ideias serão corroboradas em larga medida pelas cartas das egressas da escola de Rendsburg. A autora identificará nos escritos do *Frauenbund* uma ideia ‘complementar’ de gênero: uma responsabilidade em relação à cultura do homem colonial e o papel de *border guard* em relação aos nativos (Walgenbach, 2005, p.263).

A construção do sentido do envio de mulheres à África pela instrumentalidade do *Frauenbund* evidencia a centralidade da formação colonial tal qual promovida pelas escolas femininas. A atenção conferida à atuação de *Verbände*, a exemplo das pesquisas realizadas com base no material sobre o *Frauenbund* e com base nos materiais produzidos pela associação, contrasta, contudo, com a quantidade diminuta de pesquisas realizadas sobre as escolas coloniais.

apelo ao consenso social, seu potencial de estruturação das percepções, ações e relações entre indivíduos e o mais importante: seu envolvimento em estruturas de poder e de dominação” (Walgenbach, 2005, p. 59).

As acepções da *Frauenfrage* evidenciadas nos trabalhos supracitados permitiram compreender que a ideia, ainda que difusa – ou talvez justamente por causa disso – foi poderosa para definir uma espécie de grande narrativa acerca do papel da mulher no contexto alemão à época.

Nesse sentido, compreender a construção da *Frauenfrage* parece fundamental para entender as razões pelas quais escolas coloniais femininas foram cogitadas nos primeiros anos do século XX na Alemanha imperial.

3.3.

A mulher como questão – narrativas sobre soluções à *Frauenfrage*

As obras referidas no trecho anterior visaram a apresentar de forma robusta, mas não exaustiva, a discussão envolvendo a presença da mulher alemã nas colônias. Nesses contextos, a chamada *Frauenfrage* é frequentemente mencionada sem que lhe seja conferida uma definição concreta⁶⁰. Nos embates políticos ao longo dos séculos XIX e XX, na literatura historiográfica acerca dos movimentos feministas na Alemanha e na literatura que trata da incursão colonial alemã a *Frauenfrage* parece ser um *place holder* para uma série de questões relativas à posição social das mulheres.

Segundo Planert (1998, p. 20), no mais tardar desde a Revolução Francesa com sua promessa de igualdade, a questão do lugar social da mulher no mundo moderno passara a ser uma questão em disputa. Durante o século XVIII, a discussão dos direitos humanos na Alemanha tomava o espaço público em paralelo ao embate discursivo em torno das obrigações da mulher (*Frauenpflichten*): diante de argumentos pontuais justificando a possibilidade de emancipação política, argumentos em especial da academia e da igreja pautam o papel preponderante da mulher na constituição do lar, na gestão da família e na postura de submissão ao homem. Com isso, a ideologia da família, tal como desenvolvida no século XVIII atribuía à família uma unidade moral e natural cuja tutela seria das mulheres.

⁶⁰ A historiadora Ute Frevert que em 1986 publicou uma pesquisa analisando os 200 anos de história da mulher na Alemanha, começa seu livro com uma avaliação acerca da questão da mulher nos anos 80: para ela a “*Frauenfrage*”, que coloca entre aspas, é um dos pontos nevrálgicos que confere ao progresso atribuído aos direitos da mulher no século XX um caráter paradoxal.

Planert (1998), em pesquisa sobre o antifeminismo durante o *Kaiserreich*, se valerá dos estudos de verbetes de enciclopédias para avaliar a evolução das ideias sobre mulher e sobre ‘a questão da mulher’ ao longo da história política, social e cultural alemã. Se inicialmente filósofos e *Aufklärer* concordavam com a argumentação de que, moralmente equivalentes, a mulher e o homem teriam sua relação definida pelas forças da natureza, no século XIX argumentos antropológicos justificarão uma orientação que definirá os papéis atribuídos aos *Geschlechtscharakter* (caráter essencial de cada gênero) de cada um, respectivamente. A naturalização dos gêneros se estendia à compreensão de que a mulher seria inadequada à atividade política – o avanço das discussões nas ciências médicas e na psicologia que legava à mulher uma constituição nervosa frágil demais para as grandes decisões da nação era acompanhada pela política doméstica, já que apenas em 1908 as mulheres teriam direito à participação em associações políticas. Pouco antes, em 1900, a aprovação do primeiro código civil – BGB a integrar todo o Estado alemão reafirmava os direitos e disposições dos pais sobre filhas não casadas e maridos sobre as esposas em questões laborais, patrimoniais e de educação dos filhos.

A função do homem do século XIX, em especial do homem burguês, baluarte da moralidade e ainda desbravador do mundo, por sua vez, exigiria da mulher a fidelidade à Coroa, à religião cristã protestante e à geração e manutenção de uma alemanidade pura, ou seja, sua completa devoção à família a partir do interesse do Estado (Frevert, 1986).

No entanto, a época cunhava o fortalecimento de movimentos feministas de matizes ideológicos mais radicais (pela emancipação e pelo voto), passando pelos movimentos social-democratas, proletários, confessionais até os mais nacional-conservadores (contra o sufrágio e a participação de mulheres no espaço público) (Idem).

Assim, a investida colonial, além de mobilizar a imprensa, o Parlamento e associações, vinha ao encontro das perspectivas de expansão comercial das classes burguesas, dos projetos de uma *Weltpolitik* alemã e ainda mobilizava a atenção e os esforços políticos de oponentes ideológicos para fora da Alemanha^{xxvii}.

As diversas pautas relativas à melhoria das condições laborais das trabalhadoras urbanas, direito a educação e entrada no mercado de trabalho das mulheres burguesas e da aristocracia e, por fim, o direito ao sufrágio feminino na Alemanha evocavam diversos conteúdos para a expressão ‘Frauenfrage’ de forma que Gerhard (2009, p.70) apontará que “o espectro das *Frauenfragen* trazidos à tona e discutidos na esfera pública nos anos de 1900 abrangiam todas as áreas da vida social, já que representavam questões da ‘metade da população mundial’^{xxviii}. Essa ideia encontra eco na definição da *Frauenfrage* na enciclopédia *Brockhaus* em 1898 “(...) a totalidade dos problemas e exigências que surgiram nos últimos tempos em relação à posição do sexo feminino a partir da transformação da sociedade e suas formas de vida entre as nações modernas”, fazendo também referência à *Frauenbewegung* que traria a relação basilar dos sexos entre si à atenção da sociedade da época (Frevert, 1986, pp. 11-12)^{xxix}.

O debate público em torno das questões da mulher se acirrará na mesma medida em que florescem movimentos como o sufragista na Grã-Bretanha e a politização da classe trabalhadora. Concretamente, o medo difuso do pauperismo e do proletariado que já tinha amplas camadas sociais pouco antes do *Vormärz*, a segunda metade do século XIX havia trazido novamente com força o medo da revolução – toda e qualquer manifestação coletiva parecia esconder o perigo vermelho que ameaçava o bem-estar das classes burguesas e, com isso, a ordem social como um todo (Frevert, 1986, p. 104). Na virada do século, os grandes problemas relativos à *Frauenfrage*, no entanto, eram pautados por homens: por um lado um excedente populacional que desequilibrava a lógica matrimonial vigente e deixava muitas mulheres das classes mais altas em idade reprodutiva sem marido e, por conseguinte, sem sustento, já que a lei previa responsabilidade patriarcal e familiar sobre seus membros. O reverendo protestante Ernest Fabarius, diretor da escola masculina, um dos idealizadores da escola feminina e primeiro ‘interventor’ nesta mesma *Frauenschule* em Witzenhausen, identificará exatamente esse problema ao sugerir a conscrição feminina obrigatória. Por outro lado, os homens contraíam matrimônio em idade cada vez mais avançada por questões de carreira, o que gerava uma certa descompatibilidade entre as expectativas de ambos os sexos tornando assim a mulher um problema social. No

entanto, os dados não corroborariam para esse argumento. Segundo Frevert (1986, p. 117):

“O excedente de mulheres e o pouco interesse dos homens em contrair matrimônio eram *topoi* comuns, com os quais as pessoas da época tentavam explicar a ‘Frauenfrage’. As condições demográficas reais justificavam essa argumentação no máximo de forma incompleta: não apenas o excedente estatístico da população feminina estava sendo superestimado enormemente, mas também a suposta redução geral do número de matrimônios não havia acontecido nas dimensões referidas. Similarmente enganosa era a referência à avançada idade com que homens se casavam, pois no século XVIII acadêmicos e comerciantes também se casavam tarde, sem que naquela época se falasse em ‘Frauenfrage’. A personagem da mulher burguesa solteira não se tornou um problema político porque antes não existia. O que mudou ao contrário foram as condições sociais sob as quais as mulheres burguesas solteiras passaram a viver e a disposição delas em abraçarem o seu destino”^{xxx}.

No período Guilhermino, a discussão da *Frauenfrage* se ampliou:

“depois até do Reichstag se ocupar dela, os debates não ficaram restritos apenas a revistas femininas ou algumas palestras e panfletos, mas passou a surgir em jornais, periódicos políticos e até em aulas expositivas em universidades” (Planert, 1998, p.33)^{xxxi}.

O significante *Frauenfrage* foi preenchido ao longo dos embates políticos determinados pelo campo ideológico, pela classe e também pelo gênero, de diversas formas ao longo dos anos que marcam o início da *Frauenbewegung* em meados do século XIX, passando pela constituição do Estado Nacional durante o período Guilhermino e pelas duas Grandes Guerras (com a República de Weimar como interlúdio).

Merece destaque para a análise deste trabalho a ideia de que durante o *Kaiserreich* muitas das iniciativas políticas e participações na esfera pública surgiram a partir da ideia de que era imperativo deter a luta pela emancipação política. Enquanto a luta permaneceu na esfera das conquistas sociais e educacionais, associações profissionais e eclesiásticas foram capazes, de forma geral, de absorver as demandas e impor condicionalidades do ponto de vista legal (Frevert, 1986).

A ‘invasão’ da área política trouxera ao intelectual de classe média no período Guilhermino o receio da perda de sua própria identidade, do intelecto germânico acumulado ao longo de séculos, de sua história e cultura (Idem, p.40).

A mulher na política se transformaria em um homem e o *homem feminino* seria incapaz de preservar as características da nação (Idem, ibidem). A emancipação tanto incomodava setores das classes burguesas e nacional-conservadoras que em 1912 é fundada a associação alemã para o combate à emancipação feminina – *Deutscher Bund zur Bekämpfung der Frauenemanzipation*. Com o slogan ‘verdadeira masculinidade ao homem, verdadeira feminilidade à mulher’ (“Echte Männlichkeit für den Mann, echte Weiblichkeit für die Frau!”). De caráter racista e antissemita, a associação guarda-chuva reunia entre seus membros, pessoas físicas e associações como, por exemplo, o grupo pangermanista e imperialista ‘Liga Pan-Germânica’ (*Alldeutscher Verband*) (Planert, 1998, pp. 118-130).

A questão do antifeminismo é relevante por se distinguir de forma clara de outras manifestações contra a mulher de forma geral. Não se tratava de misoginia (a ideia da inferioridade ontológica da mulher), e nem de hostilidade contra mulheres/*Frauenfeindlichkeit* (a discriminação contra mulheres), mas sim, como aponta Planert, de um antifeminismo “como reação direta aos anseios emancipatórios” das mulheres (Idem, p.12). Essa distinção é relevante porque ajuda a explicar o campo de atuação permitido às mulheres, inicialmente as de classes mais baixas e depois as de classes mais altas, no contexto do projeto colonial.

Nos últimos anos do século XIX, a questão colonial era uma das questões na ordem do dia nos jornais, nos debates e encontros de grupos associativos e também no Parlamento fragmentado do ponto de vista ideológico, com a presença de monarquistas conservadores, comerciantes, progressistas e liberais (Gründer, 2012)⁶¹. Estabelecida a ideia da necessidade de envio das mulheres aos territórios ultramarinos e fortalecidas as instituições que assumiriam a responsabilidade pela seleção e envio das mulheres de forma geral, ao Parlamento cabia cancelar o envio (indiretamente tornando a empreitada uma política de Estado) e a ele em

⁶¹ É importante ressaltar que, ainda que este trabalho dedique-se às questões relativas ao envio de mulheres a territórios ultramarinos, a historiografia apresenta um quadro mais amplo de políticas estatais de coordenação dos esforços migratórios não apenas na segunda metade do século XIX mas também durante a República de Weimar com efeitos políticos e econômicos transnacionais e com efeitos não apenas para a África, mas também – e sobretudo, para as Américas. Para um breve panorama da denominada ‘staatliche Lenkung der Auswanderung’, ver J. Oltmer, especialista em estudos de migração (<http://www.hdbg.de/auswanderung/docs/oltmer.pdf>) e para entender as implicações em termos de política internacional, ver Conrad (2010).

1899 seria solicitado o fornecimento de aporte financeiro a ser aprovado como parte do orçamento da União.

As sessões parlamentares no fragmentado *Reichstag* se transformavam em arenas de discussão dos mais variados aspectos do andamento da nação: as rodas de discussão em que estavam homens (Enloe, 2014) das mais variadas colorações partidárias também seriam palcos de debate dos destinos das mulheres. Através de uma rede de discursos compondo narrativas acerca da *Frauenfrage* são constituídas condições de possibilidade para a distinção de um papel específico para as mulheres no esforço colonial (Phoenix, 2008, p.66). Lerp (2009) também identifica a seguinte sessão do *Reichstag*, relatada pelo Príncipe von Arenberg aos 11 de março de 1899, como uma sessão particularmente simbólica quanto à definição dos marcos das atividades cabíveis às mulheres e de efeitos destas para o futuro da colônia e da metrópole. A sessão apresenta-se como um dos momentos reveladores de definições de trajetórias e é interessante verificar (1) como os debatedores transitam de uma temática à outra e como, ao debaterem o aspecto central daquele tópico da sessão (o subvencionamento do assentamento de jovens alemãs com o montante de 25.000 Marcos), (2) os autores das falas inserem o que chamamos de ‘temas recorrentes’ em diferentes momentos da narrativa (Phoenix, 2008, p. 67)⁶².

Assim, o relator introduz seu parecer favorável à subvenção da ida das mulheres da seguinte forma:

“Meus senhores, aqui temos um tema extremamente interessante, qual seja o de ajuda para o assentamento de moças alemãs – 25.000 Marcos. A grande maioria da Comissão acatou a questão de forma bastante simpática, já que, foi sublinhado a partir das mais diversas manifestações que a colônia estaria diante de um grande perigo, do surgimento de uma chamada raça mista – raça bastarda, como diz-se lá – ; não há nada pior para uma colônia tão jovem e tão pouco povoada do que essa mistura entre a raça europeia e a raça nativa. Os filhos herdariam normalmente os defeitos de ambas as raças e, além disso, faltaria a educação absolutamente imprescindível da mãe de forma que, além dos defeitos da sua predisposição, ainda haveria falhas muito graves de educação” (Reichstag, 1899, p. 1471)^{xxxii}.

Assim, a subvenção da atividade laboral das meninas a serem enviadas através da atividade da(s) associação (-ões) colonial(-is) aparece justificada pelo

⁶² Reichstag – 54. Sitzung – Sonnabend den 11. März 1899, conforme bibliografia referenciada.

relator a partir da ameaça derivada do surgimento de uma ‘raça mesclada’ ou “como lá se denomina, uma raça bastarda”.

O debate acerca do tema tem início com a constatação de que a empreitada, sob responsabilidade da *Kolonialgesellschaft*, baseava-se em elementos contratuais a serem considerados, naquele momento e por parte daquela comissão, como controversos: a questão salarial parecia não estar suficientemente esclarecida. Os autos dão a entender que o salário estipulado para as mulheres na atividade ultramarina seriam aquém ao de um trabalhador na Alemanha continental. Somava-se a isso a proposta de que não houvesse subvenção que arcasse com os custos da volta à Alemanha em caso de quebra contratual ou desistência do emprego^{xxxiii}.

As mulheres com contratos de dois anos de trabalho receberiam auxílio financeiro para a ida para as colônias, mas um retorno subvencionado não estaria previsto contratualmente. Por um lado, aquelas que não cumprissem a função do envio (aquelas que não se casassem), deveriam ter a possibilidade de serem trazidas (*zurückgeschafft*) em segurança^{xxxiv}. A questão é que, se as mulheres pudessem voltar quando quisessem da África, estariam interpretando a própria ida como uma viagem a passeio (*Vergnügungsreise*). A inadmissibilidade dessa condição em específico colocaria a proposta de financiamento em suspenso, ainda que aberta ao debate^{xxxv}.

August Bebel, deputado social-democrata⁶³, fará duas considerações sérias em relação ao discutido⁶⁴. Por um lado, que não cabia ao governo de SWA abraçar a causa do envio das mulheres, indicando que a concepção de contrato

⁶³ August Bebel (1840-1913), um dos fundadores do partido social-democrata alemão SPD, tem a sua história de vida associada ao movimento feminista: havia sido representante do Leipziger Arbeiterbildungsverein que previa a educação das mulheres proletárias, seguindo a tradição esclarecida do direito geral à educação, participara da Leipziger Frauenkonferenz em 1895, trabalhara pela equiparação salarial entre homens e mulheres em nos anos de 1870, havia se engajado pelo direito ao voto feminino e havia publicado um livro de grande circulação à época: “Die Frau und der Sozialismus”, de 1879 que alcançaria 50 reedições até 1909 (Gerhard, 1992).

⁶⁴ Bebel fará surgir em vários momentos os argumentos-chave relativos ao envio de mulheres. É relevante ressaltar que o partido social-democrata, que nos anos de 1890 ainda rechaçava publicamente a atividade colonial, passaria paulatinamente à aceitação e ao apoio à política colonial nos 20 anos seguintes. Se a crítica estava baseada, antes da virada do século, em questões morais, humanitárias e de rentabilidade bem como na ideia de que colônias seriam um impedimento à livre expansão comercial global, a Kolonialbegeisterung em nível sociale e a compatibilidade com a doutrina marxista estabeleceram a acomodação do partido à política vigente (Gründer, 2012, pp. 79-80).

definida pela *Kolonialgesellschaft* tornava a uma vez implícita e explícita a ação do governo e sua imparcialidade na questão da escolha das candidatas e das condições de sua permanência na África. Por outro lado, indicaria a constituição de uma economia das relações laborais distintas em território ultramarino: a mando de seu senhorio (*Herrschaft*), daquelas mulheres inicialmente em processo de envio às colônias esperava-se “(...) coisas que não estão subsumidas ao conceito de uma menina faz-tudo conforme os padrões alemães^{xxxvi} “O parágrafo 1 contém a definição da utilização da força de trabalho dessas moças que extrapola em muito uma medida justa^{xxxvii}, afirmaria o parlamentar (Idem, *ibidem*).

O argumento de Bebel trará dois elementos importantes para a questão da mulher naquele momento – ao seguir a sua argumentação, ele afirmará que se as mulheres não fossem capazes de exercer a escolha quanto à volta, teriam trabalhado na colônia como escravas. O argumento que parece libertário quanto aos direitos das mulheres vem acrescido de um outro temor, o de que as mulheres, quando submetidas a condições análogas às da escravidão, tenderiam a recorrer à prostituição^{xxxviii}. Por um lado, a questão laboral, especialmente relativa às horas e condições de trabalho, estava sendo amplamente discutida também naquela época (tema a partir do qual as plataformas feministas burguesas e proletárias se dividiam). Por outro lado, a prostituição representava degeneração moral e também exigia o controle da administração local alemã como ocorrera no caso na colônia chinesa de Kiautschou (Mühlhahn, 2009, p.97).

A divergência entre os representantes dos diversos partidos parecia consistir na construção do arranjo que comprometia o governo local – e assim, a Coroa – ao modelo de sistematização do envio de mulheres às colônias. Sobretudo, porque o governo tomaria para si o papel de agência de matrimônios^{xxxix}. Ainda que o governo não devesse ter como responsabilidade esse tipo de agenciamento, a discussão avançava com um dos deputados mencionando a opinião do governador Leutwein, de SWA acerca da sua fé na medida em que ajudaria a evitar o surgimento de uma ‘raça bastarda’ (‘Bastardrasse’), argumento reiterado por Graf von Armin que afirmará que as 17 moças que já haviam ido, haviam imediatamente recebido pedidos de casamento (Reichstag, 1899, p. 1473).

Segundo o parlamentar, a menor quantidade de mulheres que de homens na colônia aumentaria seu valor local, ‘tal qual nos Estados Unidos’^{xl}.

Mas é de Müller-Sagan, deputado do *Freisinnige Volkspartei*, que vem a mais sistematizada apresentação dos esforços em jogo naquele momento para o auxílio financeiro ao envio de mulheres:

“através de ‘auxílios para moças alemãs assentadas’ [será possível] conter os graves prejuízos ao desenvolvimento populacional nacional-alemão que podem resultar da união entre assentados brancos e mulheres nativas (...) introduzí-las em nosso protetorado do Sudoeste Africano como ‘elemento cultural essencial’, como o diretor colonial Sr. Dr. von Buchka já havia mencionado, para que lá façam uso de sua feminilidade de forma a poder ajudar a fincar uma raça branca pura em nossos domínios. Por outro lado, está sendo feita a tentativa, como nos prova este terrível contrato de trabalho, que força de trabalho destas moças será explorada (exatamente! Da esquerda). Então tenho de dizer-lhes que não me parece lícito associar uma questão laboral a uma questão de gênero”^{xli}

A crítica de Müller ao que chama de anuência à escravidão branca que parecia se seguir à anuência já estabelecida em relação à *Haussklaverei* negra nos protetorados^{xlii} é fortalecida por um argumento ácido de Bebel aos representantes da aristocracia: o de que a tratativa parecia ser aceitável apenas por estarem tratando de moças do povo. Fossem as mulheres de outra classe social – da aristocracia, por ex. – sua opinião divergiriam quanto ao propósito da ida das mulheres^{xliii}. Esta argumentação provou não ser verdadeira: as escolas coloniais, de caráter privado, abrigariam em primeira linha mulheres oriundas da burguesia cuja ida à África seria igualmente arregimentada e financiada pelo *Frauenbund*.

A análise de Von Arenberg, construída para contra-argumentar as ideias social-democratas, é perspicaz e indica o *rationale* e a sustentabilidade do projeto inicial:

“Reclama-se amplamente que há uma quantidade maior de mulheres que de homens. Agora as mulheres recebem a oportunidade de casar, de serem autônomas e de participarem na atividade colonial. Imaginar-se-ia que justamente aqueles que tendem à emancipação feminina seriam simpáticos à ideia.” (...) “Mas meus senhores, o objetivo da coisa toda não é levar empregadas domésticas para o Sudoeste Africano, mas sim fundar famílias alemãs lá. Toda essa relação de serviço é apenas um estágio de transição”^{xliv}.

Ao que Bebel responderá:

“O Sr. Diretor colonial também disse que o contrato seria sem dúvida bem intencionado, já que se quer levar mulheres alemãs para a África como elemento cultural. Só que não há uma palavra acerca disso no contrato. Dele apenas consta a arregimentação de empregadas domésticas. Que trata-se de uma forma de arranjo matrimonial estava claro e fico feliz que o deputado príncipe Arenberg tenha dito isso de forma tão clara aqui, que tudo isso só tem o objetivo de organizar para bem do Estado uma agência matrimonial”^{65xlv}

E continuará:

“O senhor deputado Príncipe von Arenberg tentou justificar a coisa toda dizendo que aqueles que são a favor da emancipação feminina deveriam ser os mais afeitos ao processo descrito aqui. Tenho de me defender disso porque eu mesmo defendo a emancipação feminina. E justamente porque o faço é que vou fazer de tudo para impedir algo que se assemelha à escravidão e na verdade é escravidão tal qual está nesse contrato. O senhor deputado Príncipe von Arenberg reconhecerá que a relação entre sexos, que tanto na Alemanha quanto em outros países é de desvantagem para a mulher, haja vista a quantidade maior de mulheres que de homens, mal vai se resolver a partir do transporte de moças para o Sudoeste Africano. O número é tão pequeno que nem pode ser considerado. O príncipe Arenberg também disse que tudo não passa de um estágio transitório, já que as moças iriam desembarcar no porto do matrimônio, o destino que as aguardaria quando chegassem lá. Pode ser, contanto que as mulheres o façam de forma livre, sem intervenção do Estado, se assim for não haverá quem seja contra. Meus esforços de emancipação para o sexo feminino não vão ao ponto que eu seja inimigo do casamento. Ao contrário, considero-o natural e necessário, mas não com os meios e caminhos considerados aqui. O debate nos teria sido poupado se o senhor Conde Arnim, com seu entusiasmo colonial, não tivesse defendido a questão de forma tão infeliz. (risos)” p. 1477^{xlvi}.

A provocação de August Bebel durante a 54ª sessão do *Reichstag* em 1899, de que se a equação que solucionava a questão laboral e a questão sexual/matrimonial na colônia funcionavam em razão da classe social das mulheres que foram objetos, inicialmente, da política populacional administrada pela *Kolonialgesellschaft*, é colocada à prova pela evolução histórica do esforço colonial e pela instrumentalidade de Ernst Fabarius, idealizador das escolas masculina e feminina de Witzenhausen⁶⁵. Afinal, Ernst Fabarius havia

⁶⁵ Ernest Fabarius havia fundado em 1898 a escola colonial masculina de Witzenhausen. A fundação dessa escola em específico dera-se no contexto da existência de associações coloniais cada vez mais fortes como a Associação colonial alemã - *Deutsche Kolonialgesellschaft*, mas seu estopim é um fortuito conflito entre a Associação africana dos católicos alemães - *Afrikaverein Deutscher Katholiken* e a associação evangélica africana - *Evangelische Afrikaverein*. Com isso, surgira a ideia de fundar uma instituição (evangélica de confissão luterana) colonial com o objetivo de promover a cultura alemã bem como os interesses da missão luterana no além-mar. A fundação da escola colonial, com vistas à ampla formação teórica e prática de filhos da classe média alta, alta e da aristocracia fornecia um indicativo da constituição ideacional da ‘colônia’ no imaginário alemão como afirma Lerp (2013).

comparecido ao *Reichstag* algumas vezes para apresentar sua compreensão de pedagogia colonial (Baum, 1999).

Enquanto o envio de mulheres às colônias tinha um caráter difuso que agregava trabalho e matrimônio, o envio de homens às colônias, também objeto diversas vezes de debate no *Reichstag*, obedecia claramente a lógica da formação e preparo para o domínio colonial.

Segundo Lerp (2013):

“Fabarius took it upon himself to select and educate a colonial ruling elite and to this purpose founded the Colonial School in Witzenhausen, where men with aristocratic or higher-middle-class background could receive an education in agriculture in order to prepare themselves for life in the German colonies or in the Prussian east” (Lerp, 2013, p. 573).

Baum (1997, p. 26), um dos ‘biógrafos’ da escola, afirma que a escola especificamente masculina surgirá com a pretensão de unir o imperativo do ‘ide’ bíblico associado ao trabalho profissionalizante e prático ‘omitido’ na Bíblia. Com isso, e também talhada pelo forte idéário do seu diretor-fundador e grande inspirador, o funcionamento da escola seria sancionado do ponto de vista orçamentário pelo *Reichstag*. Debates ocorrem no biênio 1907/1908 e sua estrutura, baseada na ‘pedagogia colonial’ proposta por Fabarius, será aprovada a partir dos seguintes objetivos: formar ‘burocratas da economia prática e da *plantation*, *Pflanzer*, agricultores, pecuaristas, e produtores de vinho e frutas para as colônias alemãs e colônias ultramarinas de forma diligente e diversificada (...) para que o tempo de aprendizagem na colônia seja menor e para que estejam preparados do ponto de vista físico, mental e do ponto de vista dos costumes para tarefas futuras’ (Baum, 1997, p. 41). Com uma formação em forma de internato, os primeiros alunos se submeteriam a uma disciplina rígida determinada pelo regimento vigente e também pela sequência de aulas teóricas e práticas que pouco deixavam margem à fruição do tempo livre - este também vigiado na pequena Witzenhausen. A extensa grade curricular estabelecia uma organização do conteúdo a ser aprendido conforme os eixos ‘disciplinas gerais, ciências agrícola e florestal, técnica, línguas, trabalhos manuais e com maquinário, atividade agrícola e florestal e atividades técnicas’ distribuídos em disciplinas práticas (*praktische Arbeiten*) e teóricas (*Vorlesungen und seminaristische Unterweisungen*)^{xlvi}. Ainda

que as ementas dos cursos não estejam disponíveis, já que a organização do curso ficava a critério do detentor da cátedra/disciplina, os títulos das mesmas fornecem uma ideia acerca da ampla formação teórica e prática dos candidatos a colonizadores: dentre as disciplinas teóricas figuram matérias das ciências culturais como História da cultura e da ciência, Etnologia, História e política colonial, História e política da agricultura, na área de línguas, inglês (língua obrigatória), espanhol, português, holandês, francês, kiswahili e malásio. Na área das ciências biológicas, a Química, Botânica, Zoologia, Metereologia; na área de economia, a disciplina de contabilidade; direito; e ciências médicas tropicais. Na área prática surgem disciplinas como agricultura pátria e agricultura tropical, bem como ciências florestais, criação de animais e montagem de estufas (Baum, 1997, p. 54-55). A formação ampla indicava também a necessidade da *Bildung* do caráter empreendedor, desbravador e da construção literalmente da *Herrschaft* (do senhorio) do *farmer*.

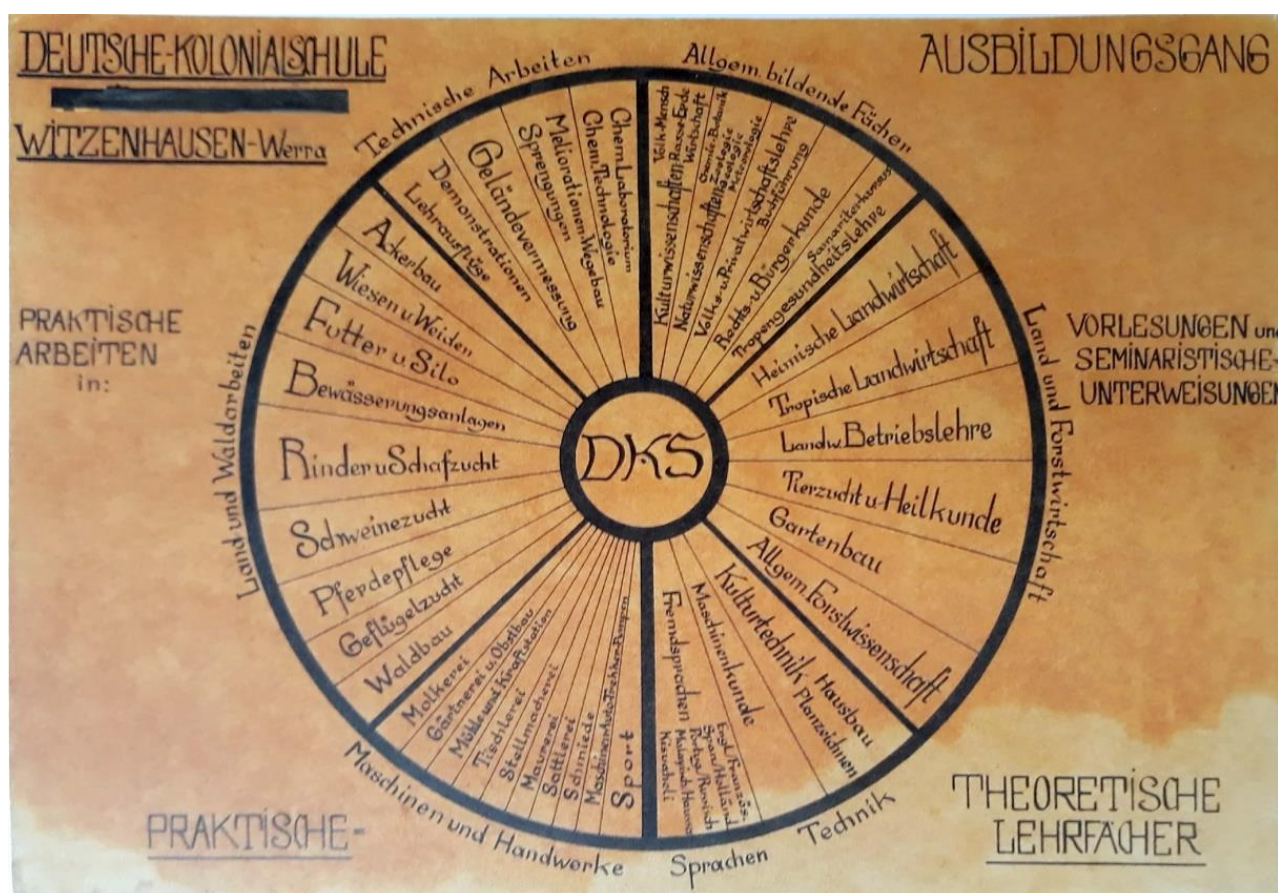


Figura 6: “Plano de estudos da Escola Colonial Alemã de Witzenhausen. Deutsches Institut für tropische und subtropische Landwirtschaft GmbH, Witzenhausen - DITSL ” - Catálogo da exposição ‘Deutscher Kolonialismus – Fragmente seiner Geschichte und Gegenwart’⁶⁶.

⁶⁶ DHM, 2016, p. 62.

A instituição teve longa sobrevida como escola colonial, tendo seu nome alterado em 1956 - o projeto pedagógico se mostrou ambicioso, sendo um dos fenômenos icônicos do projeto colonial e imperialista europeu para o continente africano na virada do século.

É no contexto da fantasia expansionista com efeitos para a própria metrópole, em que homens e mulheres pudessem exercer funções que equilibrassem a sociedade (benefício interno) e alçassem a Alemanha a um patamar de potência colonial, que o livro de Fabarius lançará as bases ideacionais para o seu projeto de formação colonial feminina. Em seu “Die Allgemeine Weibliche Dienstpflicht – ein Vorschlag und Beitrag zur Lösung der Frauenfrage” (A conscrição feminina em geral – uma sugestão e contribuição para a solução da questão da mulher), ele analisa o papel da Alemanha nos últimos 25 anos – a julgar pela data de escrita do prólogo – sua referência histórica é a batalha de Sedan de 1871 que seria fundamental à vitória da Alemanha na guerra franco-prussiana^{xlvi}. O ‘jubileu’ de 25 anos de trajetória nacional bem-sucedida, segundo ele, deveriam ser solidificados a partir de um esforço conjunto: a alma nacional alemã, ainda que diligente, encontrava-se limitada por forças internas e externas. Para que a força motriz benéfica à evolução da nação seja liberada, a mulher alemã teria de cumprir aquilo para o qual fora capacitada e chamada^{xlix}.

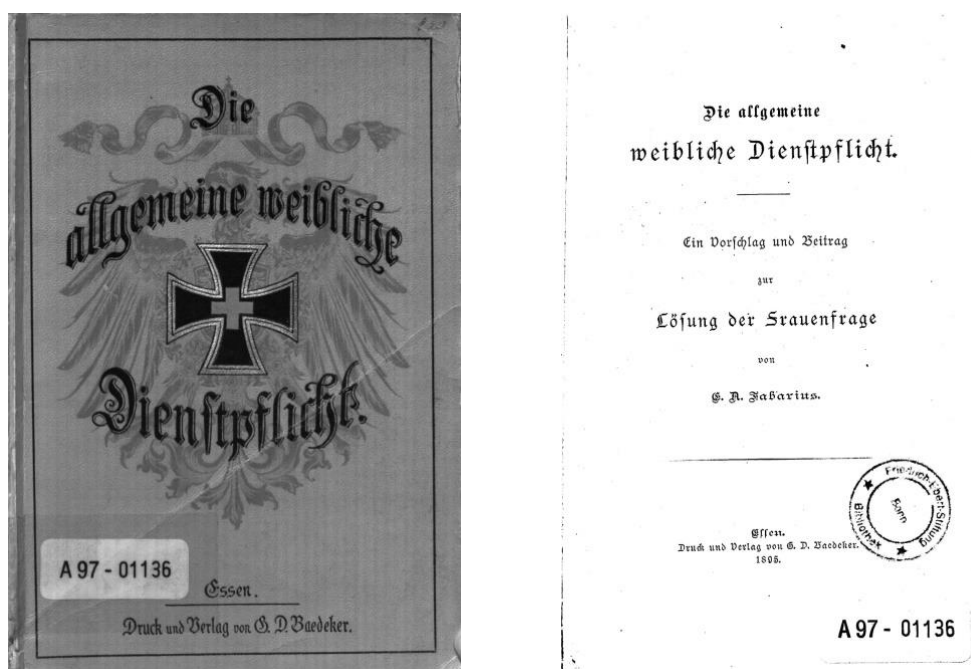


Figura 7: capa e folha de rosto do livro de Ernest Fabarius de 1895 intitulado ‘Die allgemeine weibliche Dienstpflicht – ein Vorschlag um Beitrag zur Lösung der Frauenfrage’.

Ainda que o livro em sua inteireza forneça pistas contundentes acerca dos traços narrativos oficiais *in the making* àquele momento, o texto introdutório estabelece o marco analítico da ideia de que às mulheres, agora também da classe aristocrática e da alta burguesia, caberiam um papel especial na construção da nação – tida como um universo simbólico não apenas referido ao território continental europeu. O tom profético de Fabarius leva a que se entenda que, ainda que as classes sociais ‘mais altas’ e as ‘mais baixas’ percebam diferentemente o *Zeitgeist*, a sociedade alemã estaria diante de uma época de profundas transformações que faziam emergir as questões vitais do seu tempo: a questão social e a questão nacional. Ambas, segundo ele, convergiam para um ponto crítico – a questão da mulher:

“nossa época está diante de várias interrogações; pois ela é um estágio de transição no qual o que é antigo não se sustenta e o que é novo luta para surgir. As duas grandes questões, as chamadas questões vitais da nossa época são – a questão social e nacional, e elas têm um ponto nodal em comum – a *Frauenfrage*”^l.

Ambas, segundo ele, estariam no centro do que ele entendia como renascimento social e nacional. De ambas dependeria a saúde dos membros do corpo populacional como um todo (*Volksganzen*). O sexo feminino (*das weibliche Geschlecht*) – em maioria na população – teria influência decisiva sobre a vida nacional (*Volksleben*), sobre a juventude e o futuro. Sua influência sobre sua descendência – a posse do que lhe é inerente – conferiria a ela um poder maior que o do marido, pai, Estado, sociedade ou igreja^{li}.

Ele combate a ideia de que a mulher seria um ser inferior, relega essa percepção às sociedades que chama de orientais e sul-europeias^{lii} afirmando que é justamente nessa percepção da mulher que reside um câncer social. Quanto mais o corpo social demorasse a enxergar a vitalidade e importância do papel da mulher, tanto mais ela mesma demoraria em compreender sua função nele ficando assim à mercê de sua própria condição social atual^{liii}.

A sociedade que Fabarius observa dá indícios de que o papel da mulher, ser esposa e cuidadora da casa – *sua maior coroa e honra* –, se enfraqueceria na mesma medida em que as mulheres de classes mais altas já não se constituíam (devido à sua condição de maioria no cômputo populacional em geral) em partidos para o casamento^{liv}.

A superpopulação feminina e as estatísticas que apontavam o desequilíbrio populacional tomam outra forma no texto de Fabarius: a grande questão populacional estaria referida à contração de matrimônios. E o maior percentual de mulheres não casadas encontrava-se, segundo as estatísticas para as quais ele não fornece referência alguma, entre as classes mais altas da sociedade alemã^{lv}.

A falta de destinação laboral das mulheres de classe mais alta levava à morosidade no desempenho de suas funções^{lvi} e a uma crise em relação à sua própria existência (Fabarius, 1895, p. 8). Nesse contexto, a busca deliberada pelo casamento era humilhante e, em nível social, as mulheres não-casadas, vistas como elementos sociais de segunda classe, ficavam sem função (Idem, p.9).

O movimento de Fabarius tem endereçamento específico – seu manifesto é em nome de uma solução para a questão da mulher (que para ele emerge da reduzida matrimonialidade no contexto alemão) estaria ligado ao perigo da apropriação discursiva *Frauenfrage* por parte do movimento social-democrata. A ideia de que homens e mulheres podem ser iguais desconsidera a singularidade do sexo feminino em sua inserção social: a consequência de uma vitória da leitura dominante social-democrata sobre a *Frauenfrage* acarretaria em uma sociedade dominada pelo materialismo, impactada pela revolução e prejudicada – como a sociedade francesa – pela ideia absolutamente não alemã (*undeutsch*) da emancipação feminina^{lvii}. O combate a essa ideologia residia na elevação (*Hebung*) da posição da mulher equânime ao homem conforme o seu valor e sua dignidade^{lviii}.

Com isso, a solução proposta por Fabarius, que é também o esteio filosófico de sua empreitada futura em relação à escola feminina, foi a de definir duas condições para a elevação da mulher diante do cenário político e social vigente na Alemanha no momento. Era necessário, por um lado, reconstruir a essência da autoconsciência do sexo feminino (*das weibliche Selbstbewusstsein*) e, por outro, em paralelo, simultaneamente elevar (*heben*) dos serviços (*Leistungen*) das mulheres (Fabarius, 1895, p. 12).

O ponto de inflexão da reflexão de Fabarius em direção ao que considera imperativo para a solução da questão da mulher é a canalização da sua capacidade

para atividades específicas uma vez que ela possa ter perdido sua função primeva – a de dona de casa e mãe (Fabarius, 1895, p.18). É nesse contexto que ele enxerga a necessidade de formação obrigatória e serviço obrigatório da mulher – uma *allgemeine Schulbildung* e uma *allgemeine Dienstpflicht* – de forma que ela, como membro do povo e, ao contrário das culturas orientais, pudesse ser uma cooperadora do todo nacional:

“(...) Educação formal geral, - conscrição geral! Essa é a solução! A mulher é membro do povo, tão boa quanto o homem, alguém de valor. Essa é a concepção antiga alemã. O oriental pode manter a mulher sob a frágil e enervante proteção do véu e do harem. Nossas mulheres alemãs serão e permanecerão cada vez mais colaboradoras e cooperadoras essenciais da vida como um todo”^{lix}

Alguns anos após este manifesto, com a escola masculina estabelecida, a edição que comemora seus 10 anos de fundação é também aquela que narrará um evento singular na vida dos alunos e do Diretor, com efeitos para a fundação da escola feminina.

A edição da revista interna da escola, chamada *O pioneiro cultural alemão*, do ano de 1907/1908, no editorial (aí chamado de *Rückblick und Ausblick*) do volume 2 ⁶⁷ contará com parágrafos iniciais que reafirmam a atividade cultural (*Kulturarbeit*) daquele grupo de alunos^{lx}. Todo o orgulho dos feitos conquistados pela escola é balizado pela humildade oriunda da consciência do trabalho ainda muitas vezes imperfeito e ajustes necessários ao bom funcionamento da instituição, mas é compensado pela valorização que esta recebe dos quadros visionários que realizam a condução nacional do povo alemão^{lxi}.

Na ocasião em questão, a singularidade do evento residirá na visita de ilustres representantes da aristocracia alemã, como a Sua Alteza, o duque Johann Albrecht zu Mecklenburg, regente de Braunschweig e patrono da escola. Ele participará inicialmente das consultas do conselho administrativo e do conselho curador (*Kuratorium*) bem como da assembleia principal (*Hauptversammlung*) dos societários da escola.

⁶⁷ “Der Deutsche Kulturpionier”, Jahrgang 1907/1908, volume 2, “Rückblick und Ausblick” (pp. 7-14).

— 10 —



Seine Hoheit Herzog Johann Albrecht im Kreise
des Aufsichtsrates.



Wettrudern vor Sr. Hoheit dem Herzog.

Figura 8: Fotos da visita do duque Johann Albrecht zu Mecklenburg, regente de Braunschweig e patrono da escola. Em cima: ‘Sua Alteza, o Duque Johann Albrecht, e o Conselho Supervisor’ e, embaixo: ‘competição de remo a presença de Sua Alteza, o Duque’⁶⁸.

⁶⁸ Página extraída do periódico ‘Deutscher Kulturpionier’, 1907/1908, Vol.2, p.10 – ‘Rückblick und Ausblick’.

O Duque, no dia da visita, percorrerá instalações da *Kolonialschule*, inclusive as áreas externas como as estufas de plantas como café, por exemplo, e solicitará que os alunos, trajando ainda suas vestimentas de trabalho, deixem suas atividades e se encaminhem ao refeitório da escola e oferecerá à escola um relógio de pé (*Standuhr*).

Nesta fala, o duque retoma a retórica do diretor da escola que afirma que o local não deve ser visto como um espaço para a indolência ou a preguiça – discurso esse que reafirma a industriiosidade inerente à ética protestante. Da mesma forma, fará alusão à passagem bíblica que afirma que “quem lança mão do arado, não pode olhar para trás”^{lxii}: quem se compromete com o destino escolhido e com o chamado da escola, já não pode mais abandoná-lo e deve cumprir sua missão – a de *pioneiro cultural alemão*.

Na mesma ocasião, a imperatriz Augusta Vitória e sua filha com o imperador Guilherme II, a princesa Viktoria Luise, visitam as instalações da recém-inaugurada *Frauenschule* expressando sua alegria pela existência da nova escola e desejando, ao final da visita, que a escola feminina fosse tão bem-sucedida quanto a masculina^{lxiii}.

Tais palavras poderiam ser relegadas à diplomacia que o protocolo requer, não fosse a ênfase posterior.

Na despedida, a imperatriz entregará ao diretor uma carta do duque Johann Albrecht zu Mecklenburg na qual ele, ao final, diz que o trabalho colonial conta com grata amabilidade e que será uma benção ao futuro colonial^{lxiv}. Ele mesmo pedirá que dedique seu cuidado à jovem escola feminina. Afinal, a escola colonial é uma humilde, mas fundamental engrenagem no grande e operoso motor de nossa economia mundial e também na busca, em meio a essas novas forças, de uma colocação da formação do povo e da educação dos jovens^{lxv}.



Figura 9: Fotografia do Busto do Duque Johann Albrecht zu Mecklenburg na exposição comercial de Berlim (*Berliner Gewerbeausstellung*)⁶⁹

Enquanto a escola masculina verá continuidade, a escola feminina, será acossada pelas desavenças entre os diretores Fabarius, Helene Falkenhausen e Anna von Zech, por manifestações de desagravo das estudantes e pelo pouco apelo popular confirmado pelo baixo número de matrículas. Este último fato conferirá à escola problemas concretos de solvência e ela terá suas atividades suspensas em meio a negociações imediatas que garantiriam a sua continuidade como parte integrante da associação *Reifenstein*.

3.3.1. A mulher como questão – por quê?

A questão da mulher, ou melhor, a ideia de que a mulher seria objeto de discussão não é exclusividade do período do *Kaiserreich* e nem do contexto alemão. A pesquisa mostra como a *Frauenfrage* fez parte de uma questão maior circulante no contexto da constituição de marcadores sociais como lar, família,

⁶⁹ A foto, segundo o catálogo da exposição, é de 1896, disponível no Landesarchiv Berlin. Na legenda da foto, no catálogo, lê-se que “Entre 1 de maio e 15 de outubro de 1896 foi realizada em Berlin-Treptow uma exposição comercial no contexto da qual havia sido montada uma exposição colonial que evidenciava os esforços e anseios coloniais alemães. No saguão colonial (Kolonialhalle), o Ministério das Relações Exteriores apresentaria as diferentes colônias e as atividades coloniais do Deutsches Reich em cada uma delas. Nesse mesmo salão colonial foi erigido um busto entre dentes de marfim do Duque Johann Albrecht zu Mecklenburg, que foi alçado patrono da exposição” (DHM, 2016, p.150).

trabalho e moralidade especialmente ao longo do século XIX. Longe de ser uma ‘pergunta’ isolada, a questão da função social da mulher – a *Frauenfrage* – havia sido e estava sendo objeto de intensos debates acadêmicos, em sindicatos e também na opinião pública ao longo do século XIX em vários países do hemisfério norte. Os contextos francês e britânico são referenciais em termos temporais, haja vista a luta por direitos e igualdade a partir da Revolução Francesa e a mobilização em torno do sufrágio feminino na Inglaterra. Com o ‘mundo ocidental’ – ou parte dele – em ebulição social e econômica, as classes sociais na Alemanha sentiriam o impacto dos múltiplos questionamentos em torno da função social da mulher. No caso alemão, a *Frauenfrage* pareceu estar associada à luta pela construção do conceito de mulher calcada na “universalidade e quase inevitabilidade da (centralidade) da família patriarcal” (Frevert, 1986; Kandal, 1988, p. 3). De dentro os atores fundamentais à organização da família e à constituição da esfera privada, à mulher no século XIX eram relegadas funções tanto morais quanto físicas na constituição e sustentabilidade do núcleo social familiar.

Ao longo da segunda metade do século XIX, com o recrudescimento das disputas em torno da forma de inserção das classes sociais existentes nos mecanismos do modo de produção capitalista em plena transformação, a ideia da diferença de gênero torna-se alvo de disputa: sim, questões de gênero operavam na produção histórica das dimensões da vida pública e política (incluindo trabalho, classe e demandas por direitos). A questão, no entanto, não era mais sobre direitos das mulheres já adquiridos, mas sim a forma como se evidenciava que a própria constituição do direito era *genderizada* desde o início. Esse sim era o alvo do conflito: entender os limites da ideia de gênero entendida em ideias como universalidade, igualdade, liberdade, mas também direitos, esferas públicas e privadas.

Na Alemanha se solidificaram duas macro-vertentes do movimento feminista: uma vertente seria a socialista, que ganha projeção quando do início do fortalecimento do movimento (e do partido) social-democrata. A outra, uma vertente liberal, das classes médias e burguesas e com algumas ligações com a aristocracia. Ao contrário do pujante movimento socialista que trazia questões

como o direito das mulheres ao trabalho e pagamento condizentes, direito à escolha da atividade laboral e à igualdade de oportunidades bem como à participação na revolução, o movimento burguês tinha se rendido ao longo do século XIX à força da política aristocrática e, com isso, o movimento liberal estava atrelado às demandas pelo exercício feminino de papéis como a maternidade e de dona do lar – até os anos de 1890 (Kandal, 1988, p. 101). O movimento florescerá com as burguesas radicais como a ativista Minna Cauer, já referida neste trabalho que, por um lado advogará a causa dos direitos iguais, mas por outro, para que estes contribuíssem para a manutenção da moralidade, da ordem e dos costumes.

Em primeiro lugar, destacaria, portanto, que temos em disputa a própria interpretação da natureza das ideias de direito, liberdade, universalidade e igualdade e, por outro, um movimento que, no caso específico da Alemanha da segunda metade do século XIX, dava indícios de que as interpretações acerca da função social da mulher estavam fragmentadas nos campos da classe, trabalho e na compreensão da extensão da autonomia frente à ordem patriarcal.

A disputa em torno da ideia de direitos, liberdade, universalidade e igualdade, elementos essenciais à definição da racionalidade ocidental (imperial), parecia evidenciar que o próprio estatuto ontológico da mulher não estaria bem definido ou à mulher estaria conferida uma esterilidade ontológica que só permitia que fosse vista como questão ou problema a ser solucionado. Nesse sentido, os movimentos feministas na Alemanha se mostraram heterogêneos em questões relativas ao trabalho remunerado, ao acesso à educação formal/ profissionalizante e, ao papel da mulher frente ao nacional e ao estrangeiro (em especial, frente à existência de colônias e ao chamado do homem imperial alemão de fazer com que estas pudessem ser exploradas). Quanto ao papel da mulher em relação ao homem, a importância do matrimônio como instrumento de classe e a centralidade da família como fator de estabilidade para o sujeito imperial, os movimentos, ainda que em diferentes estágios no processo associativo, apontavam para certa convergência. De fato, a ameaça era sentida pelos homens, tanto que pressentiam a potencial (des-) organização social e política com as portas que porventura pudessem ser abertas através do sufrágio feminino e da coeducação. O sufrágio

feminino apontava para uma brecha no direito eleitoral patriarcal (com efeitos para o direito civil), já que sancionava o poder de escolha no âmbito do político – o que devia ser, por tudo, evitado, conforme os movimentos anti-emancipacionistas (que contavam com grupos de apoio de mulheres). Já a coeducação tornava o acesso ao conhecimento – ainda que, para parte da academia alemã da época, as mulheres fossem tidas como limitadas em sua capacidade de conhecer – algo, em princípio, acessível a todos. Afinal, coeducar não permitia selecionar conteúdos conforme o gênero. A primeira escola colonial feminina, criada em Witzenhausen nas mesmas instalações da escola alemã colonial (i.e. masculina), foi encerrada por força de E. Fabarius a partir da constatação da absoluta impossibilidade de coexistência das duas escolas lado a lado.

A narrativa apresentada na décima edição, número 4 de 1910 d'O Pioneiro Cultural Alemão (*Der Deutsche Kulturpionier*), revista da escola masculina, é absorvida por grande parte da literatura como dado historiográfico único e suficiente acerca do fenômeno e dá conta do insucesso do empreendimento de formação colonial feminina. A narrativa de Fabarius é autorizada, uma vez que ele havia concebido ideal- e materialmente as escolas coloniais e, além de tudo, manteve-se no Conselho das instituições até a sua morte em 1927. No periódico, ele se esforçará em construir uma versão dos fatos que, se não encerrava a escola de vez, travava de afastá-la do caso de sucesso representado pela escola colonial masculina. Ao final de um curto e diversificado texto editorial acerca das atividades da escola masculina e seus egressos, afirmará que ‘não é possível deixar passar despercebido aqui [na revista] que, a pedido da *Deutsche Kolonialschule*, a *Kolonialfrauenschule* deverá ser realocada’. Segundo ele, essa realocação seria tanto mais fácil “por tratar-se de uma sociedade limitada com direção e administração independentes”.

E prosseguirá:

“a *Deutsche Kolonialschule* havia disponibilizado tão somente seus materiais pedagógicos e professores à escola feminina para facilitar o jovem empreendimento em seu período inicial. Conforme a compreensão unívoca do Conselho fiscal [*Aufsichtsrat*], as instituições e o nomeadamente a direção da escola até agora não foi aprovada”^{lxvi}.

Tantos erros haviam sido cometidos pela então diretora da escola feminina que, sob as condições vigentes, a continuidade da escola havia se tornado inapropriada. ‘Como os serviços altruístas prestados à escola feminina haviam, por causa dos severos equívocos pedagógicos da administração da escola, causado prejuízo à própria escola colonial (masculina), o encerramento da atividade conjunta e a remoção da escola feminina como algo que só faria bem’^{lxvii}. Na narrativa, Fabarius afirma que a atribuição de culpa às alunas e alunos de ambas as escolas teria sido a forma encontrada para justificar os erros cometidos, mas seus olhos haviam sido abertos aos verdadeiros problemas quando voltara de uma viagem à colônia do Sudoeste Africano alemão. Uma primeira tentativa de manter as escolas funcionando lado a lado havia sido o estabelecimento da condição de que todas as atividades pedagógicas de ambas as escolas, desta vez inclusive as aulas teóricas (*Vorlesungen*), fossem ministradas separadamente. No entanto, no ano seguinte à criação da escola, na segunda assembleia geral, o diretor Fabarius apresentaria um parecer por escrito com a recomendação de realocação da escola (Schanz, 1914, p. 63). Uma tentativa é feita antes da ‘solução final’: a de contratar uma nova diretora para a escola feminina. As características do posto a ser novamente preenchido haviam sido alteradas, em lugar de uma diretora executiva, a nova candidata seria uma dama da casa – ‘Hausdame’ e não ‘Leiterin’ (diretora). Enquanto a posição não fosse preenchida, Fabarius estaria a cargo da escola. A única característica a falar a favor da nova candidata, *Gräfin* Anna von Zech, é destacada pelo próprio Schanz, também membro do mesmo Conselho:

“(...) tinha experiências próprias de muitos anos na Nova Guiné, Ceilão e África Oriental alemã e durante o último ano havia dirigido o grupo local de Weimar do Deutsch-Evangelischer Frauenbund” (p. 64)^{lxviii}.

O fracasso completo da instituição feminina, já sob a batuta da *Hausdame* com menos autonomia que a antiga *Leiterin*, pareceu exigir que Fabarius se posicionasse pelo afastamento da sua bem-sucedida escola masculina daquela empreitada duvidosa, ainda que perdesse a “o precioso fomento aqui iniciado para o trabalho colonial através da cooperação da mulher alemã culta e ao mesmo tempo dada às atividades práticas”.

A forma como o projeto da escola feminina havia sido finalizado em Witzenhausen reforçava a ideia de que produzir e sustentar estruturas sociais

perpassava questões e relações de gênero. Essas relações se constituem na história, no sentido de que elas são forjadas na História e têm efeito posterior sobre ela. A relação entre homem e mulher no projeto imperial estabelecida pela separação entre as escolas é, em minha avaliação, fundamental para a compreensão acerca da forma como a ordem de gênero foi construída naquele contexto, como as hierarquias foram levadas adiante e como as instituições passaram a concebê-las em seguida.

Nesse sentido, destaco em segundo lugar os seguintes dois aspectos que, durante a transformação sofrida pela sociedade alemã durante o *Kaiserreich*, foram catalisadores do sentimento difuso de ‘irreconhecimento’ da função social da mulher: a coeducação e o sufrágio – esta última uma ideia insuflada pelos ventos socialistas – são ambos fatores desestabilizadores de uma ordem já que não permitiriam vislumbrar os limites do engajamento político e social da mulher.

Quanto à questão do sufrágio, é interessante notar como a própria possibilidade do voto feminino na Alemanha caminhou lado a lado à instrumentalização destes mesmos votos pelo sistema partidário como um todo, tendo beneficiado de forma mais evidente o nascente partido social-democrata SPD (Frevert, 1986). Dessa forma o voto pode ser compreendido, conforme a narrativa, tanto como conquista quanto como concessão – a disputa de narrativas de certa forma evidencia a tentativa de normalização do papel social da mulher sobre novas bases, nas quais sua participação política poderia ter efeito sobre os rumos decisórios do país.

A questão da mulher, em terceiro lugar, ilumina também a questão do homem. Parpart & Zalewski (2008) se debruçam sobre ‘the man question’ relacionando-a a violência, sexo e gênero nas Relações Internacionais. Assim, uma terceira forma de compreender criticamente a questão da mulher é observá-la criticamente pelo seu (possível) avesso. A partir da ideia de que o panorama político mundial pode ser considerado uma esfera predominantemente masculina, e de que as teorias e práticas da disciplina das Relações Internacionais tem se mantido em larga medida intocada pela virada feminista, para as autoras seria necessário interrogar o que constitui a questão do homem de forma a iluminar práticas políticas alternativas (Parpart & Zalewski, 2008, p.1).

Pensar a crítica da mulher como questão pressupõe, finalmente, a elucidação da masculinidade hegemônica alemã no contexto europeu. O homem burguês do período do *Kaiserreich* – preso entre a autonomia comercial e o peso da aristocracia prussiana, assim como dono de prestígio na esfera privada, mas representante de uma elite atrasada nas conquistas coloniais - estaria perenemente medindo sua capacidade, estabilidade e prestígio em comparação à Europa imperial. O sujeito imperial alemão, nesse sentido, parecia dar-se conta de sua fragilidade enquanto tal ao mesmo tempo em que o movimento de mulheres, ainda que difuso, ameaçasse através do seu comportamento a ordem social estabelecida. Como resolver? Construindo a fachada do sujeito imperial alemão domesticamente, através do controle do sufrágio feminino e da educação e pautando a mulher como questão – à espera de uma resposta (Idem, p.11).

4.

Por um novo olhar sobre um velho tema: construindo conceitual- e metodologicamente a História Global das escolas femininas e suas narrativas

Inspirada por um lado por uma tímida aproximação ao tema das escolas coloniais femininas pela via das histórias cruzadas tal qual apresentada por Lerp em sua dissertação de mestrado de 2007 e, por outro, na crescente apropriação desse tipo de abordagem no contexto das Relações Internacionais e, sobretudo, na História (Santos & Sochaczewski, 2017), a presente pesquisa buscou compreender, a partir da História Global, caminhos epistemológicos que pudessem conferir um novo olhar sobre um tema já tão presente nas pesquisas de Relações Internacionais e História que é o Imperialismo/ colonialismo⁷⁰.

Ao longo deste trecho da pesquisa, buscarei explicitar alguns pilares conceituais da História Global como abordagem e de que forma, em minha avaliação, a compreensão acerca dos limites e possibilidades epistemológicos e metodológicos desta permite discutir novos olhares sobre a pesquisa voltada para atores, dinâmicas, papéis (em suas duas acepções) e arquivos que, conjuntamente, relatam a experiência do colonialismo alemão.

Como empreendimento intelectual em curso desde os anos de 1990, a abordagem da história global indica duas características crescentes no contexto de transformação da política mundial após grandes rupturas ao longo do final da década de 80 e início da década de 90. Em primeiro lugar, a de que os marcos da história não necessariamente deviam/ podiam ficar circunscritos às fronteiras do Estado-nação, ainda que a História, nascida como disciplina em meados do século XIX tenha sido uma das alavancas da própria documentação da criação do Estado-nação (Santos & Sochaczewski (2017). E, em segundo, que a Europa não necessariamente deveria/poderia ser o ponto orientador da/ na narrativa global (Crossley, 2015, p. 144). Não porque, em um mecanismo de concessão benévola de protagonismo, os estudos sobre a Europa e, sobretudo, da Europa sobre as

⁷⁰ A ideia da revisita a temas e materiais empíricos já pesquisados é também um desafio às análises de discurso históricas tal qual apresentadas por Landwehr. O desafio de abordar sob nova ótica epistemológica e metodológica temáticas já escrutinadas ao longo das trajetórias das disciplinas tem como principal desafio a identificação de interrelações ainda não identificadas, novos sentidos, releituras genealógicas e conexões a outros materiais que auxiliam no adensamento da compreensão da não menos complexa realidade social.

outras regiões devessem ‘deixar falar’ os arquivos e documentos produzidos em outras partes do mundo, mas porque conexões com outras partes do mundo descentrariam a trajetória supostamente singular do caminho europeu.

João Julio Santos e Monique Sochaczewski (2017) apresentam de forma assaz didática e consisa o percurso da chamada abordagem da História Global e todas as abordagens relacionadas a ela, tais como a *história conectada*, as *histórias cruzadas*, a *história mundial*, a *história da globalização* e suas relações com grandes marcos explicativos da Sociologia ao longo das últimas três décadas.

Para efeitos deste trabalho, é suficiente marcar o início dos debates e a pluralidade de abordagens que se sobrepõem em diferentes aspectos; identificar os principais argumentos produzidos no contexto do debate desta abordagem e, por fim, justificar a escolha desse olhar sobre a *Frauenfrage* e as narrativas das egressas das escolas coloniais. De fato, a abordagem da História Global em geral (e da perspectiva da conexão em particular) abrirá as portas para uma pesquisa multiarquivo que recorre a materiais primários e secundários e que tentará, ao buscar a historicidade da narrativa das mulheres egressas de escolas coloniais, descentrar o olhar e variar os pontos de vista sobre as questões de gênero, classe, raça e lugar no imperialismo.

A discussão acerca da História Global surgirá, segundo Boucheron, como explicação à globalização ou mundialização, e da ideia de que nem globalização nem mundialização conseguiriam dizer tudo sobre o mundo. Ao dar voz àqueles agentes cuja produção de memória incipientemente documentada ou cuja memória não foi absolutamente reconhecida, é possível fazer emergir uma história que, ainda que sensível à longa duração, não seja necessariamente globalizante. Nesse sentido, a História Global apresenta uma tentativa justamente de não se fazer uma história imperial da produção de conhecimento, mas de evidenciar “(...) o mais alto grau de espaço partilhado pelas sociedades humanas em dado momento (...)” e, assim, “narrativizar essas texturas do tempo” (Boucheron, 2015, p. 20).

Nascida no contexto dos desafios impostos à disciplina da História a partir, por um lado, do adensamento das interrelações políticas e sociais com impacto sobre as geografias de estudo do objeto e da produção de conhecimento e, por

outro, da provincialização do ‘império de vocação universal’ e do modelo europeu de narrar o Outro, a História Global bebe em outras tradições historiográficas transfronteiriças.

Revel, conhecido acadêmico e especialista em micro-história, afirmará que:

“no decorrer dos anos de 1990, como que num efeito de balanço, a área de história global pareceu voltar ao primeiro plano, com uma diversidade de proposições cujos títulos podiam ser diferentes (World History, Global History, Connected Histories, *histoires croisées*, até uma Big History), cujos pressupostos metodológicos e programas não correspondiam exatamente entre si, mas que tinham em comum o fato de reivindicar a necessidade de levar em conta os fenômenos maciços, as longas durações, os espaços vastos. É oportuno lembrar que o XIX Congresso de Ciências Históricas, realizado em Oslo em 2000, proclamava como seu primeiro tema de reflexão: “Perspectives on Global History: Concepts and Methodology” (Perspectivas sobre a História Global: Conceitos e Metodologia). Com toda certeza, seria por demais simples – e simplificador – não ver nada nisso além dos efeitos de uma moda e uma série de oscilações em volta do que poderia ser um ponto de equilíbrio por demais ilusório” (Revel, 2010, p. 434).

Com isso, aponta para o que considera ser estopim para a proliferação das discussões sobre uma História Global: a de que todos esses pareciam se remeter “(...) a um certo número de interrogações sobre a natureza e o funcionamento daqueles objetos sociais que escolhemos estudar” (Idem, *ibidem*).

A proposta de Revel é interessante: é a de incorporar a ideia braudeliana da história na longa duração ao estudo da história indo, no entanto, de encontro à percepção marxiana de que os grandes movimentos históricos são os que definem as direções da humanidade. Ao contrário, o que propõe é uma abordagem micro-histórica na qual o que está em jogo é “(...) a convicção de que a escolha de uma escala peculiar de observação fica associada a efeitos de conhecimentos específicos e que tal escolha pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento” (Revel, 2010, p. 438). Para ele, “é o princípio da variação de escala que importa, e não a escolha de uma escala peculiar de observação” (Idem, *ibidem*). Em favor do estudo em escalas está a ideia de que os estudos históricos, quando aplicados à macroescala, demonstrariam a inabilidade em apreender a experiência social ou vivência. Observar a ação social a esse nível possibilita

“(…) a inclusão de uma trajetória individual (a de um homem ou de um grupo de homens) numa multiplicidade de espaços e de tempos sociais, pelo novelo de relações sociais que se criam em volta dessa trajetória e dão-lhe sua significação” (Revel, 2010, p. 439).

O texto introdutório dos editores da obra *Globalgeschichte – Theorien, Ansätze, Themen* (2007), Sebastian Conrad e Andreas Eckert, apresenta a relevância da consideração da abordagem da História Global para a revisita a temas caros às pesquisas convencionais em Relações Internacionais e História.

Nesse texto, os autores apresentam o percurso histórico disciplinar que leva à consideração da história global como epistemologia possível à historiografia contemporânea. Para eles, a variedade de abordagens denominadas de “história global e mundial”⁷¹ abarca

“abordagens que se dedicam ao entrelaçamento e também a uma história relacional da modernidade, abordagens que argumentam de forma não-eurocêntrica e que buscam superar perspectivas baseadas na historiografia nacional” (Conrad & Eckart, 2007, p.7).

Ao apresentar uma história da trajetória de abordagens contemporâneas que marcam uma certa abertura nas estruturas de análise, os autores evidenciam que perspectivas como a da História Global emergem de uma crítica à historiografia que conferiu à Europa a centralidade no sistema internacional. Apoiada sobre perspectivas orientalistas e sobre a disciplinarização da ideia do estudo dos povos sem história – a etnologia –, a historiografia ocidental do século XIX conferiu às histórias extra-europeias o papel da pré-história ao mesmo tempo em que construía a história da Europa como relevante.

A legitimação da centralidade europeia tanto como materialidade como quanto perspectiva de análise em grande medida deu-se também “a partir de fora”,

⁷¹ Patrick Manning (2003), ainda que no contexto do campo de estudos da chamada world history, aponta para a possibilidade de exploração da noção de rede e de sua considerável poder metafórico já que as redes “(...) can be thought of as connective social tissue holding the world together” (Manning, 2003, p. 278). As conexões e interações referidas a laços passados não devem ser reduzidas a mecanismos de causa e efeito (Idem, ibidem). Ele reforça a ideia de que é possível escrever histórias globais conforme as abordagens metodológicas da conexão e contextualização que ele sugere. Em seu capítulo 3, a ideia de conexão torna-se mais evidente e fortalece o argumento aqui apresentado: através da conexão de unidades (cartas, contatos, experiências) conectamos não apenas vivências físicas, mas também visões de mundo, a forma de compartilhar e organizar o conhecimento adquirido e produzido.

com a produção de referenciais teóricos amplamente utilizados para discernir o mundo extra-europeu quanto para reportá-lo mais uma vez ao centro.

A inclusividade das teorias e abordagens da história mundial no século XX, em especial a partir do abalo das certezas absolutas no período entre-guerras (Conrad & Eckart, 2007, p. 11), daria lugar a ideias que, a despeito de se abrirem à existência de outros povos/ outras racionalidades, permaneceriam eurocentrando o mundo.

É o caso das análises civilizacionais no pós-guerra e a partir dos anos de 1930 apresentadas por Oswald Spengler e Arnold Toynbee, respectivamente (Idem, p. 12). Ainda que estes tivessem uma visão da história do mundo “menos determinada pelo pensamento desenvolvimentista linear e a metafísica do progresso do século XIX”, compreendiam haver no mundo uma série de unidades culturais encerradas em si. Os autores dirão que a “pluralização do conceito de civilização” nesse estágio marcará decerto um avanço em relação à ideia monolítica e exclusivista da única civilização possível até então – a europeia, mas que os avanços ficam restritos à própria evolução do pensamento econômico e sociológico, informado em larga medida pelas teorias de modernização.

Se o período pós-guerra abriu margem para algumas incertezas no tocante à soberania do homem europeu e sua forma de fazer História, a década de 1960 prenunciará uma nova “tradição das sínteses historiográficas mundiais” que “se despede da lógica relativista dos espaços culturais e abraça a abordagem desenvolvimentista do ‘rise of the West’”: uma perspectiva⁷², segundo os autores, eurocêntrica e difusionista que, no limite, baseava-se em um modelo de desenvolvimento universal⁷³.

⁷² Perspectiva essa que, segundo os autores, prevaleceu até os anos de 1990 tanto nas suas variantes liberais ou marxistas, “como um paradigma da escrita da história universal” (2007, p. 13).

⁷³ As mesmas décadas assistem, em paralelo às teorias de modernização, ao surgimento dos chamados ‘estudos regionais’. Os estudos regionais, ou ‘area studies’, que surgem com vigor no contexto acadêmico norte-americano, terminaram por servir, segundo os autores, de certa forma como balizadores do curso das abordagens voltadas à explicação do ‘rise of the West’, em especial “quando apresentavam uma alteridade com conotação positiva de sua área” (2007, p. 13). O avanço em geral teria a ver com tentativas de desenvolvimento de pesquisas não-eurocêtricas e empiricamente fundamentadas (idem, ibidem). No entanto, ainda apresentavam uma ideia bastante limitada de cultura, no sentido de uma “Container-Theorie” atrelada a fronteiras definidas. Entre

E não foi diferente em relação à parte das abordagens contemporâneas que, de forma geral, se desenvolveu segundo eles no bojo da internacionalização da História enquanto disciplina e também do alargamento do seu objeto de estudo, que passaria a ir além do estado nacional.

As teorias contemporâneas que primam pela compreensão dos marcos do estabelecimento de uma economia mundial, como a teoria do ‘sistema-mundo’, podem ser incluídas neste raciocínio. No caso da teoria do sistema-mundo, esta se apresentou como grande alternativa às teorias de modernização porque projetou o Estado nacional e a sociedade para o contexto global. No entanto, a ideia de centro e periferia permaneceria atrelada aos marcos historiográficos convencionais continuando a conferir à Europa lugar de destaque na conformação do sistema internacional (ou seja, um posicionamento eurocêntrico), além de – de forma reducionista - negligenciar fatores políticos e culturais em detrimento aos econômicos (2007, p. 17).

A compreensão de um projeto sistêmico inclusivo, mas que realiza inclusão partir da atribuição de nítida centralidade ao sistema europeu de Estados pode ser encontrado na chamada ‘Escola Inglesa’ em Relações Internacionais. A compreensão de que a Europa se expande para o mundo não europeu, incluindo civilizações e culturas diferentes da cultura e civilização europeia é coadunável com a perspectiva intelectual desta que, mais próxima à hegemonia europeia do século XIX que à realidade social do período da Guerra Fria, foi por muito tempo considerada marginal na teoria e historiografia das Relações Internacionais (Saraiva, 2006, p. 133). No entanto, sua importância como ‘caminho do meio’ entre as polarizações teóricas fomentadas pela Guerra Fria foi reconhecida por autores como Sombra Saraiva (2006). Ele destaca os méritos de grandes nomes da Escola Inglesa, como Hedley Bull, cuja obra, para ele, apresentou justamente um maior pluralismo teórico a serviço escolha de uma reflexão ‘intermediária’ entre o realismo (e a primazia do poder) e o idealismo romântico. A perspectiva de

teorias convencionais que buscaram explicar a ordem do sistema internacional a partir da virada do século XIX para o século XX e, em especial, a partir do pós-guerra em meados do século XX, as teorias de modernização, teorias civilizacionais e a abertura para novos focos de pesquisa dentro dos chamados *area studies* evidenciam os grandes esforços de localização e concretização da episteme eurocêntrica.

“(…) uma ordem internacional tolerante, fundada no consenso limitado; enfatiza a força do pluralismo que permite mediar entre a negação realista da sociedade internacional e a assunção legal da existência, *a priori*, da mesma; e inclui a dimensão da justiça como um valor na sociedade internacional, sem desmerecer a dimensão da ordem” (Saraiva, 2006, p. 135).

As dimensões eurocêntricas podem ser lidas nas entrelinhas, através da ideia ‘natural’ da estratificação entre membros da sociedade internacional por *status* ou prestígio (Sochaczewski, 2017, p. 51)⁷⁴. A economia teórica e histórica da Escola Inglesa é referida por poucos autores que fazem menção às condições de reconstrução de explicações acerca do surgimento e funcionamento do sistema internacional. Segundo Sochaczewski (Idem, ibidem) a omissão dos mecanismos, por vezes brutais, de expansão do sistema ao longo do século XIX não oferece insumos para a análise da realidade social internacional dos dias de hoje. Com isso, a Escola Inglesa, como vertente teórico-historiográfica das Relações Internacionais, não permitirá, por força de sua própria epistemologia, o que Historiadores Globais hoje vêem como potencialidades na pesquisa. Com o foco se abrindo para a dimensão cultural – em paridade – daí surge a possibilidade de inclusão de distintos aspectos potencialmente excluídos da mesa de cavalheiros da Escola Inglesa – a ideia de sistema social internacional e, portanto, de inclusão de diversos atores, minorias, etc bem como o transicionamento entre a história compreendida em uma dimensão cronológica *versus* as interações históricas compreendidas em sua dimensão espacial.

Essa questão do eixo de análise tem consequências relevantes para a pesquisa porque influencia a periodização canônica dos marcos históricos e desafia finais e começos, conectando pessoas e temáticas de forma (ainda) não mapeadas pela História⁷⁵. Se as abordagens clássicas da economia mundial e sua historiografia centrada no Estado oferecem limitações à ideia de uma História

⁷⁴ Sochaczewski (2007), historiadora internacional, afirmará que as bases da herança intelectual que impulsiona a Escola Inglesa omite a ideia de que a expansão do sistema internacional a partir da sociedade internacional atenua elementos associados “O sistema de estados originalmente europeu de fato se espalhou pelo mundo – e não é eurocentrismo reconhecê-lo, mas constatação de um fato –, mas em grande parte derrotando, subjugando, formando e deformando sociedades e entidades com os quais travou contato” (p. 51).

⁷⁵ Conrad & Eckert alertam, no entanto, para os riscos de uma abordagem que tome a Globalização como perspectiva: a de que “a ênfase no caráter multicêntrico da agência histórica sirva como disfarce ao caráter de integração do mundo marcado por relações de poder (como no caso do colonialismo) e dê a impressão de que a globalização pode ser considerada um fenômeno quase que natural e com raízes culturais e sociais quase que equânimes em qualquer parte do mundo” (2007, p. 22).

Global realizada a partir de um olhar descentrado sobre a realidade social, as abordagens pós-coloniais, em linhas gerais, contribuem para essa compreensão a partir do olhar que fornecem sobre novas formas de agência. Ao contrário dos grandes movimentos de explicação da realidade a partir de movimentos globalizatórios, os estudos pós-coloniais parecem circuncscrever as abordagens que mais coadunam elementos caros à História Global, como a crítica à universalização do pensamento histórico europeu. Uma das sensibilidades dos estudos pós-coloniais pode residir na ideia de que formas interpretativas culturais teriam por vezes precedência frente a dimensões estruturais de poder. A ênfase na autoafirmação cultural ou um certo nativismo poderiam fazer com que a crítica ao essencialismo europeu fosse combatida com um outro essencialismo cultural (Burbank & Cooper, 2015, p. 29)⁷⁶.

O diálogo entre a ideia aqui proposta e os pressupostos de pesquisa dos estudos pós-coloniais contribui para o adensamento do argumento na medida em que coloca a questão colonial/ imperial e a política da diferença entre colonizadores e colonizados em questão. Os chamados repertórios imperiais – “(...) misturas, combinações e transformações das práticas imperiais (Burbank & Cooper, 2015, p. 30) – perpassam as relações entre metrópole e colônia, entre homens e mulheres, entre colônias e seu entorno tanto na Alemanha quanto em territórios ultramarinos.

Diante desses elementos que evidenciam aproximações entre abordagens da história global e outras formas de apreensão do mundo, será fundamental identificar quais dimensões de análise distinguem a História Global.

Alto-me à compreensão de Conrad e Eckart (2007) de que há três dimensões basilares para a definição *grosso modo* das orientações da História Global: a dimensão temporal, a dimensão espacial e a posicionalidade. Quanto à dimensão temporal, destaca-se a ideia de que as abordagens da História Global

⁷⁶ Ainda assim, três aspectos dos estudos pós-coloniais em geral têm diálogo com abordagens da História Global. E em primeiro lugar, há em comum uma agenda de pesquisa que aponta para relações de troca e negociações transculturais. Em segundo lugar, há a ideia de que é necessário buscar a história dos enredamentos/ entrelaçamentos (e com isso, descentralizar nações/civilizações como unidades ‘naturais’ das análises históricas, já que há entidades que se formam justamente no contexto da circulação global). E, em terceiro lugar, há a ideia da constituição relacional do mundo moderno, ou seja, de que interações têm papel na formação das sociedades modernas.

não observam a totalidade dos passados da história mundial e sim se como se manifesta a ‘história do entrelaçamento’ na época moderna. Além de ter efeitos sobre a periodização canônica e pela concepção de continuidade e ruptura no desenvolvimento histórico há também e, sobretudo, a ênfase na sincronicidade de objetos históricos.

Em relação à dimensão espacial, as abordagens da História Global não buscam uma história totalizante do ponto de vista espacial ainda que a integração do mundo seja uma premissa das questões de pesquisa da mesma. Nesse sentido, Conrad e Eckart (2007) afirmam que não há a substituição do Estado nacional como categoria de análise por uma abstração global – os marcos são as interrelações globais. Assim, não é a circunscrição espacial que importa em última instância e sim os resultados que emergem do raciocínio a partir desta perspectiva. Uma das consequências dessa perspectiva é entender que, para além do Estado nacional, a perspectiva crítica

“(…) coloca em causa a própria natureza e a própria função da narrativa histórica que o Ocidente se esforçou por produzir e conseguiu impor ao resto do mundo: a narrativa de sua própria história e, inseparavelmente, de todas as outras” (Revel, 2015, p.25).

O desafio reside em levar as relações regionais em consideração do ponto de vista metodológico sem subsumí-las ao relacionamento estrito com um paradigma civilizatório narrado como superior. Nesse contexto, revelar a posição de pesquisadora assume um papel preponderante: ela é *condição sine qua non* para a possibilidade de uma História Global.

Os autores elencam, no entanto, dois elementos que, conjuntamente, se apresentam como fragilidades da abordagem: as pesquisas em História Global tendem a ser generalizadas em excesso e por vezes baseadas em literatura secundária, dado o conhecimento insuficiente da língua dos objetos de pesquisa.

Na presente pesquisa, o acesso aos materiais empíricos da língua original abre possibilidades para a análise textual dos documentos – a obtenção de materiais diversos ao longo do tempo permite uma abordagem que busque sistematicidades e a posicionalidade implica abraçar um tema europeu a partir da lente feminina e do Sul.

As abordagens da História Global têm em comum a ênfase sobre as coincidências, as sincronicidades e assim produzem um certo distanciamento do caráter teleológico da escrita da história mundial. O eurocentrismo segundo Conrad & Eckart (2007, p. 31) deve seu poder universalizante às relações econômicas e políticas de poder – e ao fim e ao cabo, à força da expansão do modo de produção capitalista que conferiu à Europa seu papel preponderante na conformação do sistema internacional. É nesse contexto que a ênfase em uma história e atores *relacionais* abre possibilidades para o estudo de fenômenos a partir da História Global: cabe ao pesquisador a concepção de uma pesquisa que não compreenda a hegemonia do Ocidente desde os século XIX simplesmente como processo de difusão e o local extra-europeu como consequência ou como movimento em resposta ao estímulo europeu.

Assim, apropriar-se da História Global como lente de análise possível à revisita do colonialismo alemão e da questão de gênero no contexto das escolas femininas requer atenção a questões concretas colocadas pelos autores e consideradas no presente trabalho: a presente pesquisa pretende, levando em consideração a construção da ideia de império da Alemanha recém-unificada, observar como os discursos em torno da *Frauenfrage* se realizam no projeto de escola colonial feminina e que ganhos a historicização das narrativas das egressas trazem para a investigação da constituição global da nação, não apenas da Alemanha como nação mas também do ideal de nação pan-europeu e não limitado temporalmente à discussão empreendida no início do século XX.

Com isso, a periodização dos marcos históricos relativos à constituição do estado, da incursão às colônias, das argumentações que localizam a mulher como problema nacional e solução imperial bem como da materialização da formação colonial das mulheres estão sujeitos a um olhar transnacional. A pergunta que flexibiliza, portanto, a *periodicidade* imposta pela teleologia da escrita da história é: ‘como ler de forma transnacional os fatos históricos e as informações coletadas em arquivo’⁷⁷? Daí em diante, a ideia é a persecução de elos e intersecções que apontem para possíveis *espaços entre as relações*. Busco construir fios condutores

⁷⁷ É no contexto britânico e nos escritos de Levine (2004) que confirma-se a ideia de que “a relação entre gênero e império também oferece a oportunidade de se reimaginar algumas das periodizações tradicionais as quais conformaram os escritos históricos” (Levine, 2004, p.4).

paralelos, de ordem espacial de forma a escapar da cronologia imposta pela história. Nesse caso, o tema impõe a sua própria continuidade, já que a formação de mulheres para a investida colonial se dá após o marco histórico do fim do direito da Alemanha sobre as colônias ao final da Primeira Grande Guerra.

O modelo de análise escolhido para o presente trabalho guarda semelhanças com a proposta de Revel no sentido de que

“(...) convida a pensar que é em todos os níveis, desde o mais local até o mais global, que os processos sócio-históricos são gravados, não apenas por causa dos efeitos que produzem, mas porque não podem ser compreendidos a não ser que os consideremos, de forma não linear, como a resultante de uma multiplicidade de determinações, de projetos, de obrigações, de estratégias e de táticas individuais e coletivas. *Somente essa multiplicidade desordenada e em parte contraditória nos permite dar conta da complexidade das transformações do mundo social*” (grifo nosso) (Revel, 2010, p. 443).

E ele segue:

“(...) um fato destaca-se, afinal: as formas mais interessantes, aos meus olhos, da nova “história global” são aquelas que, longe de partir da ideia de que os processos sociais maiores são naturalmente globais, procuram dar conta das circulações que tornaram possíveis a globalização, das conexões e das encruzilhadas, das formas de hibridação que estão na sua base e que são as únicas a torná-las compreensíveis” (Idem, ibidem).

Certamente, a experiência das mulheres objetos-sujeitos deste trabalho teria adquirido outra dimensão não fossem elas mulheres e não fossem as suas experiência tão singulares (do ponto de vista da quantidade de escolas estabelecidas) e marginais (quanto à sua importância na historiografia do colonialismo). Percorrer as conexões dessas mulheres através de suas narrativas permite vislumbrar as relações entre a Alemanha e o mundo e ver que forças para além do Estado nacional ajudaram a (con-) formar o que a Alemanha é hoje, ao mesmo tempo em que as atitudes dessas mulheres em relação ao ‘outer world’ ou, na própria nomenclatura que utilizam, ‘draussen’, fazem com que seja construída a narrativa do que é ser alemã e do que é ser mulher na Alemanha.

Nesse sentido, a História Global não se presta a uma forma de apagamento da história através do foco em grandes movimentos e nem se pretende à dissolução de elementos-chave como gênero e império (e Estado) em detrimento da profusão de temas que as cartas suscitam. Ao contrário, as interrelações entre

unidades de análise e contextos interpretativos buscam a partir das cartas evidenciar redes, interdependências e entrelaçamentos com enfoque na sincronicidade e na atualidade das discussões.

A sustentabilidade (ou constância) no contato entre mulheres através das cartas gera uma interdependência de relações que faz com que as impressões das mulheres só tenham podido existir no compartilhamento. O compartilhamento dá a inteligibilidade às vivências. No limite, as escolas forneceram o enquadramento através do qual suas egressas interpretaram as vivências narradas. Se os discursos oficiais conectam a *Frauenfrage* a um amplo projeto de disciplinarização dos sujeitos colono e colonial, ao mesmo tempo parecem fortalecer o frágil sujeito imperial alemão diante de uma Europa imperial forte. O livro de Rommel e Rautenberg (1983) abrirá outra janela de percepção sobre aquela experiência. As cartas das egressas, por sua vez, apontam para a sincronicidade de acontecimentos em lugares distintos (a atuação da marinha alemã, os atos da SS, as continuidades no sistema educacional alemão a despeito da ruptura com o fim da Segunda Grande Guerra) e os temas (relações Norte e Sul, desenvolvimento, emancipação, trabalho) encarregam-se da atualidade e da contemporaneidade histórica da experiência dessas mulheres.

Olstein (2015), em seu manual acerca de como pensar a história globalmente, apresenta um esforço ainda que resumido de mapeamento do surgimento da temática da História Global no contexto na área da História, apontando para as redes regionais que se constituíram desde os anos Noventa. Em sua obra “Thinking History Globally”, o autor fornece um manual de metodologias que acredita levarem à análise de histórias globais. Na compreensão dele, “comparações, conexões, conceitualizações e contextualizações” podem, conjunta- ou separadamente, iluminar novamente as histórias nacionais ou, como ele os chama, os casos nacionais (Olstein, 2015, p. 30). Seu argumento reside inicialmente na constatação dos vários impérios existentes concomitantemente (ver Sochaczewski Goldfeld, 2017) e na constante e disputada afirmação de fronteiras que por um lado estabelecem os limites dos estudos da história e, por outro, também se constituem como fato político, conforme apreendemos da área de estudos das Relações Internacionais. Para ele, pensar a história globalmente é

uma empreitada acadêmica possível a partir das possibilidades de comparar, conectar, conceitualizar e contextualizar (Idem, p.6): “[...] this typology is envisioned as a functional tool to help visualize clearly the possible strategies and historiographies at hand when it comes to thinking globally” (Idem, p. 7). As metodologias, em realidade, não são uma exclusividade da história global - quando escolhido o olhar, este sim, global, as metodologias convencionalmente usadas nas Humanas, como essas referidas acima, são utilizadas para operacionalizar as categorias escolhidas.

O esforço de Olstein (2015) de elencar 12 abordagens⁷⁸ partir de quatro eixos de análise – comparar, conectar, conceitualizar e contextualizar - deve, por fim, ser mencionado. O mapeamento que ele apresenta das abordagens existentes deixa transparecer que são utilizadas as metodologias já há muito conhecidas e utilizadas na História para avançar no conhecimento desta que é, para a realidade acadêmica brasileira, uma nova vertente de estudos da História (Moreli, 2017)..

Tendo encontrado alguma ressonância entre historiadores e internacionalistas nos últimos anos, a História Global parece ter chegado a alguns impasses que emergem tanto da conjuntura política mundial quanto da própria forma de avanço do conhecimento, suas temáticas e instrumentos de pesquisa (Idem, ibidem)⁷⁹.

Santos & Sochaczewski (2017) apoiados em Kocka (2012) apontam algumas ressalvas quanto à perspectiva da História Global como perspectiva de metodologia prática e produção de conhecimento. Em primeiro lugar, há o risco

⁷⁸ Olstein (2015) não dá destaque à abordagem da História Global, ao contrário, trata-a como uma das várias abordagens, dentre abordagens tanto mais novas quanto mais consagradas, para pensar o mundo globalmente. Ele define quatro eixos de análise que e distribui heurísticamente cada uma das áreas de estudos que vislumbra o pensamento global: para o eixo da comparação, ele elenca a história comparada e as histórias relacionais. Para o eixo de análise da conexão, ele identifica as áreas de estudo da nova história internacional, história transnacional e a história oceânica/atlântica.. Para o eixo da conceitualização, ele elenca a área de estudos civilizacionais e a sociologia histórica e abordagem do sistema-mundo. No eixo de análise da contextualização, ele vislumbra a história global, história da globalização, história mundial e a chamada *big history*. O esforço de organização das áreas de estudo e suas pesquisas resvala na dificuldade em separar de forma clara cada abordagem, já que elas têm premissas e aspectos metodológicos em comum.

⁷⁹ Em fascículo publicado pela revista ‘Estudos Históricos’ em 2017, o editor Alexandre Moreli faz uma interessante leitura de conjuntura apontando para a ideia de que, em um momento em que historiadores e outros pesquisadores dedicam-se com tanto afinho à compreensão do que seria a ‘virada global’ nas Humanidades, movimentos anti-globalização e fatos políticos em todo mundo têm apontado para um retorno à perspectiva nacional, asfixiando esforços de avanço da referida perspectiva.

da superficialidade da pesquisa tendo em vista o imperativo da busca pela visão global. Especialmente para historiadores, tão acostumados à produção de interpretações e explicações baseadas em material primário em local e temporalidade específicos, o desafio global pode conferir à pesquisa uma caráter menos científico. Kocka mesmo oferece uma ressalva a esse argumento afirmando que a pesquisa em História Global não terá necessariamente alcance global, já que foca, sobretudo, nas relações e ligações transfronteiriças e transculturais (2012, p.4). Uma segunda objeção ao entusiasmo com História Global reside na potencial tendência de historiadores globais à preocupação apenas com os imbricamentos e entrelaçamentos encontrados em suas pesquisas – a não consideração de aspectos conjunturais e contextuais bem como a negligência em relação a grandes similitudes e diferenças entre casos e fenômenos poderá ter como resultado uma simplificação extrema da compreensão de mecanismos e causas. A terceira objeção tem a ver com a posicionalidade já mencionada anteriormente: Kocka acredita “(...) que não se deve esquecer que o espaço de produção influencia a produção histórica; assim, é necessário prestar atenção quando os conceitos são influenciados pelo contexto regional, cultural e intelectual” (Santos & Sochaczewski, 2017, p.494). Ou seja, o reconhecimento de que há um sujeito da pesquisa histórica e também a consideração da variabilidade de sujeitos de pesquisa levantando questionamentos em vários centros de investigação nos hemisférios norte e sul são aspectos que influenciam a pesquisa e devem ser afirmados sob pena de reificação da assimetria na produção de análises históricas.

A partir do mapa intelectual fornecido pela área interdisciplinar da História Global e conhecedora dos seus riscos, tais quais apontados por Kocka (2012) e Santos & Sochaczewski (2017), meu percurso metodológico é realizado com inspiração em alguns estudos da área de estudos europeus que têm identificado construções identitárias europeias a partir de narrativas e, em linhas gerais, na compreensão dos discursos e narrativas como práticas em Relações Internacionais (Hansen, 2016). Essa construção da metodologia a partir de uma percepção crítica com elementos pós-estruturalistas encontra eco na literatura de RI (Doty, 1993) e a ideia de que narrativas estão relacionadas tanto a continuidades quanto a rupturas no processo social apresentam um ganho metodológico para os estudos na disciplina.

Assim, a ideia neste trabalho é, com base na construção do contexto de inserção dessas mulheres, empreender uma análise da narrativa das egressas a partir de uma revisita ao livro de Rommel e Rautenberg (1983), obra-síntese sobre as escolas, e apresentar e analisar o material inédito composto de cartas trocadas entre uma ex-professora e egressas do curso ao longo de 20 anos.

Esta é uma tese da desconfiança salutar à empreitada acadêmica e ao avanço do conhecimento. As desconfianças dão ao trabalho originalidade em três aspectos. Em primeiro lugar, o questionamento da *Frauenfrage* como problema estatístico e a complexificação dessa que se tornou a condição de possibilidade para que as escolas fossem instauradas. Os argumentos oficiais produzidos por partidos, aristocracia e pela literatura programática representada pelo livro de Fabarius são importantes à análise – são discursos produzidos por aqueles de posse do que Phoenix (2008, p. 71) denomina *category entitlement*, ou a autoridade para falar:

“ (...) for example by establishing their membership of a particular group that has expert knowledge or privileged experience about the topic. Potter (1996) suggests that successful claim to category entitlement allow people to speak without having to explain the source of their knowledge” (Idem, pp. 70-71).

Em segundo lugar, a revisita ao livro de Rommel & Rautenberg não como bibliografia básica acerca das escolas coloniais, mas como narrativa construída acerca das escolas. Como fonte primária, portanto, e não como literatura de consulta. Digo ‘re’-visita ao material porque as obras consultadas sobre a temática das escolas coloniais e sobre a atuação de mulheres durante o período têm esta narrativa como canônica, extraindo daí apenas os fatos e datas que, de fato, fornecem pontos de apoio ao relato histórico.

Em terceiro lugar, a busca documental e análise do corpo de cartas trocadas entre ex-professora e egressas entre 1938 e 1960 analisadas do ponto de vista narrativo.

O caminho metodológico escolhido, coerente com os pressupostos epistemológicos da História Global (busca pela flexibilização do eurocentrismo, afastamento em relação ao nacionalismo metodológico, estudos das interrelações interfronteiriças e amplitude espacial de análise) e ao mesmo tempo em sintonia

com os materiais arquivísticos encontrados em campo, foi o de uma metodologia pluralista que se inspirasse nas narrativas produzidas para solução da *Frauenfrage* e que abarcasse as ideias apresentadas pelas mulheres a partir da análise de narrativa.

Se na primeira parte da análise empírica temos a identificação do mecanismo de construção narrativa da *Frauenfrage*, na segunda parte haverá o empreendimento de uma análise narrativa das vozes das egressas em livro e cartas. Os estudos narrativos permitem uma abordagem multinível, multiescalar e interdisciplinar e, com isso, pareceu-me fecundo abordar as narrativas sobre as mulheres e aquelas produzidas por elas a partir dessa abordagem metodológica.

4.1.

Operacionalizando a História Global - estabelecendo as conexões através de narrativas

O estudo de narrativas⁸⁰ não é empreitada nova em Relações Internacionais e obteve renovada atenção no contexto do que se pode chamar de narrative turn no contexto das Ciências Sociais (Roberts, 2006, p. 703). Roberts (2006) afirmará em consonância com outros especialistas de áreas afins nas Ciências Humanas que

“(...) it is possible to talk of a 'narrative turn' across the human sciences. In economics, psychology, sociology, political science, and even management theory, there has been a significant embrace of narrative as a fundamental research tool. The sources of this narrative turn are various: the crisis of confidence in positivist social science; the post-structuralist rediscovery of the power of agency; the growth of individualism and the appeal of emancipatory storytelling to identity-based movements; and, perhaps most important, the postmodernist exposure of the meta- narratives underpinning much theory construction” (Idem, ibidem).

O recorte metodológico-analítico deste trabalho requer uma delimitação inicial do que seriam narrativas. Uma primeira aproximação permite afirmar que narrativas envolvem basicamente a prática de contar histórias e assim organizar sequencialmente (o que não significa seguir uma lógica temporal marcada por

⁸⁰ Um discurso, segundo Burr (2003, p. 64 *apud* Livholts & Tamboukou, 2015, p.21) se refere a um“(...) set of meanings, metaphors, representations, images, stories, statements and so on that in some way together produce a particular version of events. It refers to a particular picture that is painted of an event, person or class of persons, a particular way of representing in a certain light”.

elementos estritamente cronológicos) a ação humana individual e coletiva (Idem, pp. 703-704)⁸¹.

A pesquisa em narrativas se refere, no contexto das Ciências Sociais em geral, de acordo com as autoras Lieblich, Tuval-Maschiach & Zilber (1998), a qualquer estudo que faça uso ou analise materiais narrativos, sejam eles dados de uma história (life story, entrevistas ou mesmo material literário), notas de campo antropológicas ou mesmo anotações pessoais e cartas (p. 2). Nesse sentido, a ideia de que narrativas podem ser consideradas fontes e práticas no contexto do Social é compartilhada por historiadores, historiadores das Relações Internacionais e oferece instrumentos heurísticos para o avanço do conhecimento em outras áreas das RI.

Segundo Squire, Andrews & Tamboukou (2008, p. 11) a pesquisa social de cunho narrativo:

“has some catching up to do here with literary and cultural studies and social theory, particularly those developed by feminists, which have long adopted more nuanced approaches towards narrative sequencing. (...) [T]he co-presence of futurity and past in the present, the reconstruction of the past by new ‘presents’, and the projection of the present into future imaginings [can be recognized] in ways that do not give and implicit priority to personally experienced time (...)”.

Nas Relações Internacionais, as narrativas são um aspecto importante na análise da política internacional. Meta-narrativas como, por exemplo, as ideias de Iluminismo e progresso esconderam práticas sistemáticas de violência. Em tempos de fortalecimento de discursos nacionalistas, a produção de contra-narrativas aponta para que a legitimidade entre as histórias/histórias contadas está em permanente disputa⁸².

⁸¹ Nas palavras de Tamboukou (2008), “(...) social scientists in narrative research have suggested that narratives should be understood as organizing the sequence of events into a whole so that the significance of each event can be understood. The following definition is exemplary of this approach: ‘Narrative (stories) in the human sciences should be defined provisionally as discourses with a clear sequential order that connect events in a meaningful way for a definite audience and thus offer insights about the world and/or people’s experiences of it’ (Hinchman and Hinchman, 1997 citado em Elliott, 2007, p.3 *apud* Tamboukou, 2008, p. 284). Tal estudo não se confunde com análises de conteúdo ou de discurso, ainda que ambas as abordagens permitissem iluminar a temática em questão de forma frutífera.

⁸² Verifica-se a importância do estudo das narrativas do ponto de vista ontológico, epistemológico e metodológico a partir, por exemplo, de um workshop promovido pela Associação Britânica de Relações Internacionais (BISA) a ser realizado em 2018 em Hamburg em torno da centralidade da

Nesse sentido, alguns autores das Relações Internacionais têm se voltado ao estudo da produção de narrativas e de suas práticas, descortinando uma possibilidade interdisciplinar de compreensão das práticas políticas em nível internacional. Contudo, a (pouca) quantidade de estudos que se utilizam de abordagens narrativas em RI indica o potencial de exploração de narrativas do ponto de vista ontológico, epistemológico e metodológico. Três exemplos de boas pesquisas elaboradas a partir do estudo de narrativas são o de Suganami (1999), Gadinger *et al.* (2004) e Roselle *et al.* (2014). Em Suganami (1999), a construção de narrativas é investigada como forma de escapar ao realismo científico wendtianiano, trazendo novos ares à (velha e sempre recorrente) discussão agência-estrutura. Gadinger *et al.* (2014) analisam conceitualmente possibilidade da realização de uma ciência política narrativa aplicando uma análise especificamente narrativa a manifestações ocorridas na Inglaterra em 2011. Roselle *et al.* (2014) fazem um esforço triplo e bem oportuno para as RI: definem os parâmetros do que entendem por narrativas, aplicam-nos ao conceito de narrativas estratégicas e buscam em métodos já utilizados como *process tracing*, análise de conteúdo e análise textual, elementos que avancem na identificação de narrativas estratégicas midiáticas no exercício de *soft power* em situação de conflito internacional.

Em revisão de literatura sobre a utilização do estudo de narrativas como instrumento metodológico, Lieblich *et al.* (1998, p. 6) mostram algumas controvérsias no campo de estudos de narrativas ou estudos narrativos. O estudo sobre narrativas é considerado multifacetado e interdisciplinar e sua popularidade entre as diversas áreas de estudo do campo das Humanas levou ao surgimento das mais diversas correntes, algumas por vezes contraditórias entre si (Squire, Andrews & Tamboukou, 2008, p. 2). A evolução da pesquisa na sociologia e na psicologia do pós-guerra pareceu cada vez mais ir em direção a abordagens mais centradas em pessoas, ou seja, estudos de caso individuais, biografias e histórias de vida, criando assim novas formas de compreensão da linguagem, subjetividade, formação de sentido e representação mais afastada do (ou mesmo contrárias ao) empiricismo positivista (Squire, Andrews & Tamboukou, 2008, p. 3).

A despeito das divergências, grosso modo, entre abordagens humanistas e pós-estruturalistas, as abordagens “(...) are brought together by their shared tendency to treat narratives as modes of resistance to existing structures of power” (Squire, Andrews & Tamboukou, 2008, p. 4). Em ambas as grandes áreas, critérios como o material a ser estudado, a atividade sequencial das narrativas e a questão da temporalidade parecem surgir de forma geral como elementos de análise.

É importante distinguir a análise de narrativas da análise de discursos, caminho metodológico não utilizado neste trabalho. Em uma análise narrativa pensada a partir das tradições narratológicas clássicas da literatura em contato com as Ciências Sociais coteja-se que é a história em si (seja ela verdadeira ou não) o que está em jogo. Processos, temporalidade, encadeamentos e a ação estão em evidência (Tamboukou, 2015; Gadinger *et al.*, 2014, apoiados em nomes da área como Riessman, 2005 e McQuillan, 2000). Uma análise de narrativas visa é uma análise temática (o que se conta/ quais *topoi* surgem) e do enredo (a forma de contar). Também são levados em conta os tropos, como metáforas, metonímias e outras figuras de linguagem (Gadinger *et al.*, 2014), mecanismos linguísticos (verbos, adjetivos) e paralinguísticos (marcações textuais). A ideia é entender o que é feito em não, “(...) como nas análises de discurso, o que ele expressa e com quais pressupostos subliminares ele opera” (Gadinger *et al.* 2014, p.80).

A temporalidade, no entanto, não é linear:

“(...) narrative research is not about linear temporalities; but rather about time contractions and rhizomatic formations, stories that contract the past that have made them what they are, starting from the middle, going back and forth, making connections with other stories of other times and other places” (Tamboukou, 2015, p. 45)

Nesse sentido, é um arcabouço absolutamente fecundo para a compreensão da constituição espacial dos seres humanos, como contam suas vidas em (através e a despeito de) espaços e lugares (Idem, *ibidem*)⁸³. A questão do espaço,

⁸³Segundo Massey, espaços são produto de interrelações (2005, p.9). Para ela, pensar sobre historicidade e temporalidade tem necessariamente implicações sobre como imaginamos o espaço (idem, p. 18). Livholts & Tamboukou (2015, p.31) discorrerão embasadamente sobre a distinção entre espaço e lugar no contexto da relevância que têm para o estudo de narrativas; “since space is conceptualised in terms of the interrelation of certain social forces, place is theorised as an articulation of certain social relations of the spatial at a particular moment. As Linda McDowell

relacionada à teorização em torno do ‘lugar’, também encontra ressonância na área dos estudos narrativos. Livholts & Tamboukou (2015) afirmam que essas categorias analíticas estão associadas a gênero, classe e ‘raça’ a partir da ideia de que frequentemente as cartas são um universo feminino e que, nelas, as mulheres se expressam de forma específica sobre espaços de atuação, sobre a esfera privada e a esfera pública^{lxix}. Para a pesquisa aqui proposta, os espaços e lugares assumem um papel importante haja vista ancorarem materialmente e/ou no imaginário das narrativas as ideias que as mulheres produziram sobre o mundo. Classe, gênero e ‘raça’ são mobilizadas e reproduzidas nesses espaços e lugares.

Mais um fator distintivo entre formas narrativas reside na diferenciação entre narrativas centradas em eventos e narrativas centradas em experiências. Se há uma comonalidade entre elas, ela reside na ideia de que ambas “(...) are assumed to be individual, internal representations of phenomena – events, thoughts and feelings – to which narrative gives external *expression*” (Idem, p. 5). Uma terceira forma de abordar as narrativas foca em seu caráter social, coconstruídas e que, ainda que expressem “(...) internal cognitive or affective states (...)” também poderão apresentar “(...) much more extensive representations that exemplify broad cultural narratives” (Idem, ibidem).

“This division between socially- and individually-oriented narrative research relates to yet another theoretical divergence: that between narrative researchers who are interested in the agency of narratives and narrators, and those who are either uninterested or who argue that agency is not linked to narrative. Researchers who are interested in narratives as individualized accounts of experience tend to be most convinced of the significance of stories as ways of expressing and building personal identity and agency [...]. Work that addresses event narratives, or stories co-constructed in talk-in-interactions, tends to be least interested in issues of agency, most aware of the varied and ‘troubled’ subject positions occupied by narrators (...)” (Idem, p. 6).

A epistemologia subjacente aos pressupostos teóricos que norteiam os estudos narrativos vai definir se há possibilidades de agência individual e se são operacionalizáveis através da narrativa (Idem, ibidem).

has put it, we should think of place as ‘the grounded intersections of a whole variety of flows and interactions that operate over a range of spatial scales’ (McDowell, 1999: 6). In this light, Rose has argued that ‘places differ one from another in that each is a specific set of interrelationships between environmental, economic, social, political and cultural processes’ (Rose, 1993; 41)”.

Um outro critério relevante tem a ver com a questão da linguagem como um elemento de análise. A questão que se impõe é se ela pode/deve ser analisada como um espelho da realidade social ou se a linguagem é considerada complexa e intransparente:

“another theoretical division related to the place of language in narrative is that between researchers who assume that their data will contain relatively stable and unified narratives of experience, identity and the social world, at least in a particular time and social context; and those who are less convinced that such narratives can be accessed by them, or even that they are produced. The degree to which narrative researchers adopt this second, postmodern take on narrative, relates strongly to their engagement with language’s complexity and non-transparency (Idem, p.9).

Não por fim, uma questão de relevância no contexto do estudo de narrativas tem a ver com a percepção de ‘verdade’. A ‘verdade narrativa’ pode estar próxima ou mesmo mais distante em relação à ‘verdade histórica’. A esse respeito, sigo a ideia de Lieblich, Tuval-Maschiach & Zilber (1998, p.8) quando se posicionam entre as concepções positivista e pós-positivista:

“we do not advocate total relativism that treats all narratives as texts of fiction. On the other hand, we do not take narratives at face value, as complete and accurate representations of reality. We believe that stories are usually constructed around a core of facts or life events, yet allow a wide periphery for the freedom of individuality and creativity in selection, addition to, emphasis on, and interpretation of these ‘remembered facts’”

Tamboukou (2008) sugere a substituição da ideia de sequencialidade pela de processo, o que se alinha com a abordagem às cartas das ex-alunas, já que elas re-escrevem a experiência na escola adicionando, a cada edição de correspondências, camadas de informação e percepção e tecendo comentários sobre o mundo à sua volta:

“(...) the triangle of sequence-meaning-representation creates a conceptual framework within narrative research is being placed. This framework seems to be shaken, however, within the postmodern image of thought, where the sequential condition is interrogated, meaning decentered and representation is problematized” (Idem, p.284).

A pesquisa ora apresentada se orienta metodologicamente da seguinte forma: leva em consideração que as narrativas são relatos experienciais e não de eventos ou episódios, tornando assim a ideia da investigação epistolar (o processo de interação que se desenvolve através das cartas) algo em si fundamental para a

análise. Compreende que é necessário balizar elementos intraepistolares com um enquadramento de pesquisa social e cultural. Compreende também que, ao contrário da pesquisa baseada em eventos, a questão da representação é importante;

“the uncertain, changeable nature of written, spoken and visual symbol systems means that stories are distanced from the happenings they described, have many meanings, and are never told twice” (Squire, 2008, p. 41).

O presente trabalho, no entanto, se descola da compreensão convencional de narrativas centradas em experiências na medida em que não se filia a uma abordagem fenomenológica ou hermenêutica que subentenderia que a experiência seria a formadora da consciência. A rerepresentação da experiência elucida mais do que o fenômeno em si, elas são mais do que meios de formação de sentido. São histórias que são sociais e que a contação de histórias “constitutes and maintains sociality” (Denzin, 1989 *apud* Squire, 2008, p. 44).

A grande diferença entre uma abordagem fenomenológica ou hermenêutica e a abordagem aqui apresentada é a compreensão de verdade da fenomenologia/hermenêutica: “the interest in reconstruction and co-construction in experience-centred narrative research leads some researchers to view any personal story as just of many narratable ‘truths’” – penso que não há necessariamente uma verdade por trás das vivências e sim percepções. Tampouco há uma sequencialidade histórica necessária, que para Ricoeur, por exemplo, estaria cunhada em uma evolução tempo-dependente envolvendo “a varying balance between sedimentation and innovation” (Squire, 2008, p. 45).

A pesquisa aqui, portanto, considera que a narrativa de maior extensão, como no caso epistolar, é fundamental para compreender o objeto não em sua sequencialidade, mas em seu processo. A natureza do material empírico convida à análise das vozes e das conexões. Timboukou entende que os conceitos de sequência-sentido-representação devem ser interrogados:

“[...] narratives should be theorized as entities open to constant becomings, stories in becoming. In this light, it is to the consideration of process, rather than sequence, that the interest in narrative research should shift” (Idem, *ibidem*).

Quanto à ideia de processo, ela afirma:

“Process as an organizing plane in narrative analytics derives from a conception of time as simultaneity and duration, an immeasurable concept of time where past, present and future co-exist. [...] Narratives are therefore taken as discursive events that express only a limited set of lines of thought intervoven around moments of being temporarily crystallized into narrative forms. These actualized narratives, however, create conditions of possibility for more stories to emerge” (Idem, *ibidem*).

Ela exemplifica sua percepção acerca da narrativa epistolar a partir da ideia de que às vezes vidas se prendem a estórias e “[...] culturally embedded stories shape perceptions, meanings and understandings, producing the real and the subject herself” (2008, p. 285). Ela ressalta que, frequentemente, os extratos de texto submetidos à análise falham por não abarcar justamente o processo. Análises fragmentárias de materiais extraídos de *corpora* maiores geram meta-narrativas distintas da análise realizada sobre o corpo epistolar em sua inteireza. Para ela, o ato de narrar é um ato “[...] immanently political, relational and embodied” (2008, p. 288). O *self* emergirá enquanto *self* narrável porque é constitutivo do próprio desejo de ouvir sua história sendo narrada (*idem, ibidem*):

“This desire is intervoven with what Cavarero (2000, p. 35) conceives as ‘the unreflective knowledge of my sense-of-self through [which] I know that I have a story and that I consist in the story’” (*Idem, ibidem*).

A narrativa, segundo a autora, é, portanto, uma forma de afirmação do *self* narrável e constitui também uma forma de unir autobiografia e biografias em um *desejo* da apresentação de um *self com sentido*, indivisível. É interessante que para ela, não são as verdades da narrativa de um indivíduo que estão em jogo, mas sim “[...] the force of her desire for her stories to be written and maybe told and retold” (Timboukou, 2008, p. 288).

No contexto específico do estudo de cartas, a pesquisa em estudos narrativos aponta para o estudo de *corpora* de cunho ficcional e não-ficcional e, no caso deste último, *corpora* de cunho (auto-) biográfico. No contexto de uma História das conexões, cartas podem ser lidas como artefatos de criação de espaços transnacionais. Nessa interface entre história e narrativa/ linguagem, essa pesquisa busca através da análise epistolar, compreender os discursos, subjetividades e espaços construídos em concomitância e em resistência aos

discursos estruturados pelo *Reichstag*, pela escola em seus estatutos e pela compreensão do chamado da mulher conforme o idealizador da escola masculina de Witzenhausen, Ernst Fabarius.

Por que a valorização de uma narrativa epistolar? Stanley (2004 *apud* Tamboukou, 2008, p. 286) afirma que “[...] narrative sense emerges as effect of the exploration and juxtaposition of wider collections of letters and bodies of correspondence”, que ela denomina epistolário. No presente trabalho, as *newsletters* informais de autoria da ex-professora da escolar Hildegard Dreves compreendem esse corpo de correspondências que não apenas oferece interpretações de passado, presente e futuro, mas também a cada edição anual, reinventa possibilidades de narrativa a partir das escolhas temáticas entremeadas ao ritual da saudação natalina, do relato do encontro das *Kolos* naquele ano e também das memórias partilhadas e da produção de conhecimento sobre o mundo.

Os insumos que Tamboukou (2008) elenca para a análise epistolar são de grande valia para a abordagem do material neste trabalho já que ela chama atenção para elementos pouco estudados em contextos, por exemplo, em que se privilegia a análise de discurso ou a análise de conteúdo. Tamboukou (2008) critica e redimensiona a importância da ‘sequência’ como uma condição necessária à compreensão do sentido de narrativas epistolares evidenciando o seu caráter processual e de constituição permanente. Segundo ela, ‘o processo como plano organizador da narrativa’ interfere/adia o seu significado (*meaning*) de forma a romper com critérios mais convencionais na análise de narrativas, que repousam sobre a coerência e o *closure* (2008, p. 283).

Temos, portanto, no caso das cartas deste trabalho, a criação de uma assemblagem, de uma matriz narrativa que faz com que vários *selves* narráveis emergjam. Os *selves* narráveis justificam as narrativas de experiência, que serão sempre relacionais mesmo quando o destinatário dessas narrativas é imaginário (2008, p. 289):

“working with narratives creates an assemblage of power relations, forces of desire and intense pleasures for narratable selves to make connections, sense their vulnerability and become exposed to their dependence on others”.

Em uma obra didática e abrangente, Landwehr (2008) apresenta pontos de encontro entre o estudo de materiais históricos e análises textuais aplicáveis à área. As percepções sobre linguagem e discurso apontam caminhos para a análise a partir de materiais históricos⁸⁴. Uma das grandes dificuldades metodológicas é justamente o enquadramento interpretativo. Para explicitar o que me chama a atenção no livro de Rommel & Rautenberg (1983), me utilizei de insumos encontrados em Landwehr (2008) e no manual de estudos narrativos de Lieblich, Tuval-Maschiach & Zilber (1998). Ambas as leituras se complementam do ponto de vista metodológico haja vista elucidarem diferentes aspectos do material empírico.

Landwehr (2008) apresenta três aspectos que, segundo ele, merecem a atenção do pesquisador: é necessário fazer uma leitura a partir do contexto situativo. Entender e elucidar quem em que momento e onde realiza o discurso faz parte da análise (2008, p. 107) e, segundo Lieblich, Tuval-Maschiach & Zilber (1998) o conhecimento preciso do entorno em que se dá a narrativa pode ser considerado um dos critérios de qualidade do estudo. O contexto histórico associa elementos discursivos aos desenvolvimentos históricos que ocorrem em paralelo à construção da narrativa.

O segundo aspecto a ser considerado para fins de análise é a atenção ao suporte midiático do texto histórico. Segundo o Landwehr (2008), o meio não é apenas formal ou informativo, mas sim coconstrutor e em si, portanto, também acional.

Por fim, a moldura da análise também está amparada pelo seu contexto institucional, ou seja, pelo contexto arquivístico e pela política de preservação - como esses textos foram preservados e passados adiante no contexto de instituições políticas e sociais.

Lieblich, Tuval-Maschiach & Zilber (1998) identificam um espectro de dimensões que vão, em linhas gerais, de uma dimensão holística a uma dimensão categórica, por um lado e, por outro, de uma dimensão que prioriza o conteúdo a uma dimensão que prioriza a forma. Ou, nas palavras das autoras (1998, p.12),

⁸⁴ <https://www.hsozkult.de/publicationreview/id/rezbuecher-10793> Acesso em : 10 jan. 2018.

“upon looking at different possibilities for reading, interpreting, and analyzing life stories and other narrative materials, two main independent dimensions emerge—those of (a) *holistic versus categorical* approaches and (b) *content versus form*” (grifo no original).

A atividade, basicamente interpretativa, em geral não se baseia em hipóteses a serem confirmadas, já que, frequentemente as hipóteses e as marcações vão surgindo durante o contato com o material empírico (1998, p.10). Landwehr (2008, p. 126) orienta tais pontos por perguntas centrais: quais estruturas epistêmicas são reveladas? Que conhecimento é necessário para compreendê-las? Quais categorizações, causalidades, hierarquias de valores transparecem? Quais são os silenciamentos?

Alguns elementos apontados por Landwehr (2008) ajudam a organizar a análise: a pesquisadora buscará tópicos (identificação de temáticas-chave) e *topoi* (lugares comuns); elementos lexicais (palavras específicas, neologismos, como palavras estrangeiras, anacronismos bem como acrônimos); verbos (que desempenham uma função linguística dupla: estabelecem ações, atividades, acontecimentos bem como a capacidade em descrever estados de coisas); conjunções que ajudam a explicar, embasar, subentender, argumentar, diferenciar etc...; advérbios de tempo e local; pronomes pessoais que expressam pertencimento/ exclusão (ex., eles e nós); elementos paralinguísticos (pontuação e tipografia).

O passo a passo metodológico do presente estudo de narrativas pressupõe as seguintes cinco etapas:

1. A pesquisadora identificou os *topoi* (lembranças da escola, percepções da África, percepções da América do Norte, *ethos* de trabalho das mulheres/ visões das populações locais) com atenção a elementos de transição linguísticos e paralinguísticos entre uma temática e outra;
2. A pesquisadora procedeu à seleção do chamado subtexto: com base na pergunta de pesquisa e nos *topoi* encontrados, todas as seções relevantes do texto foram recortadas e assembladas, formando o universo de conteúdo a ser analisado. Foram, portanto, desconsiderados para fim desta análise, relatos fora do escopo da pergunta de pesquisa: a vivência das alunas durante a Segunda Guerra Mundial, os encontros anuais das

egressas, a constante releitura das festas natalinas como característica cultural distintiva da vivência alemã⁸⁵;

3. A pesquisadora, para fins de apresentação, organizou os trechos textuais conforme os *topoi* selecionados, que constituem, em seu conjunto, as narrativas sobre determinado tópico reunindo os trechos sobre o mesmo *topos* e sinalizando em que ano haviam sido escritos^{lxx};
4. Após a apresentação dos *topoi* conforme os trechos selecionados, seguiu-se a descrição breve dos trechos narrativos em questão, com a evidenciação de tropos, elementos linguísticos e paralinguísticos bem como da consideração dos temas anteriores e posteriores nas cartas^{lxxi}.
5. A análise se deu através da interpretação dos trechos das cartas em face dos insumos históricos coletados e apresentados em capítulos anteriores, perspectiva epistemológica escolhida e a pergunta de pesquisa.

Os critérios de qualidade de uma pesquisa narrativa de cunho qualitativo e de natureza interpretativa não poderiam ser os mesmos já consagrados critérios da pesquisa quantitativa, quais sejam a confiabilidade, validade, objetividade replicabilidade (1998, p. 171). No entanto, os critérios de qualidade mencionados por Lieblich, Tuval-Maschiach & Zilber (1998, p. 173) norteiam a presente pesquisa.

As autoras mencionam uma base ampla de materiais e um amplo cabedal explicativo para os trechos selecionados. Ou seja, ampla base arquivística e documental; coerência em relação a pesquisas anteriores; inovação e originalidade na seleção das narrativas e sua análise; e, por fim, parcimônia na organização dos *topoi* e das narrativas que os caracterizam. Quanto ao aspecto da validação, as autoras afirmam que esta se dá por pares. A ética da interpretação é uma questão sempre presente: concordo com Ricoeur (1991, p. 26 *apud* Squire, 2008, p. 51) quando diz que as histórias são reconfiguradas a partir do pesquisador e que “the

⁸⁵ Conforme a ideia de Lieblich, Tuval-Maschiach & Zilber (1998, p.112) On the basis of a research question or hypothesis, all the relevant sections of a text are marked and assembled to form a new file or subtext, which may be seen as the content universe of the area studied. (...) Characteristically, the selected sections of the subtext are withdrawn from the total context of the life story and are treated independently. Sometimes, however, interpretation of the results is validated or facilitated by parts of the interview material that remain”.

process of composition, of configuration, is not completed in the text but in the reader”.

Para Squire (2008), “the worlds of readers and texts, speakers and listeners must be brought together, co-inhabited, in order for understanding to occur” (p. 51). Nesse sentido, a pesquisa empírica busca devolver a historicidade da vida humana que (já) não dispõe de história (Landwehr, 2008, p. 166). As narrativas me permitirão assim observar os arranjos globais, a construção do mundo a partir da percepção das mulheres.

5.

As narrativas sobre as mulheres e pela pena das mulheres: convergências, divergências e novas redes

As narrativas sobre as escolas coloniais não são muitas. As referências bibliográficas apontadas ao longo da tese apresentam o projeto de formação colonial em meio a discussões mais amplas acerca do movimento feminista, especialmente burguês, nos séculos XIX e XX, das relações interseccionais na metrópole e na colônia e na expectativa lançada sobre a mulher no contexto da *Frauenfrage*. A ideia da formação colonial feminina nasce a partir de um projeto de solucionamento completo da questão da mulher: o ‘excedente’ de mulheres de classes médias em idade fértil preenchia os anseios por uma colonização sustentável dos territórios ultramarinos – o avanço, portanto, de um imperialismo cultural baseado em ‘raça’, gênero e classe.

As escolas de Witzenhausen, Bad Weilbach e Rendsburg se alinhariam em clara continuidade institucional: a partir das articulações da mesma entidade mantenedora, as experiências transitarão por fases que reafirmarão sua importância por motivações diferentes. Witzenhausen buscava atender à demanda ditada pela política habitacional da Alemanha como potência colonial. Bad Weilbach atenderá ao mesmo propósito, mas sob a égide de um projeto conservador feminino agenciado pelo *Frauenbund*. Já a escola de Rendsburg transicionará entre o revisionismo colonial e o sonho de um projeto expansionista nazi-fascista voltado para o interior da Europa.

A pesquisa empírica, realizada em três cidades – Basiléia, Kiel e Rendsburg - e ainda os materiais coletados a partir dos contatos travados com a biblioteca de Witzenhausen descortinaram outras narrativas para além das pesquisas já disponíveis. quais sejam, a dissertação de mestrado de D. Siegle, de 2004, realizada a partir de insumos coletados junto a egressas – e talvez por isso, com um olhar pouco imparcial sobre a temática. Também apresentarei a dissertação de D. Lerp (2007) e, por fim, um texto do historiador B. Blisch (1996) apenas sobre a história da escola de Bad Weilbach – ele, como historiador local, apresenta uma visão interessante acerca da escola.

Em seguida, proponho-me a ler como narrativa o livro-síntese Rommel & Rautenberg (1983), um esforço historiográfico importante de resgate da história das três escolas. Buscarei nele percepções e nuances sobre as escolas, informada pela metodologia apresentada acima. Neste livro há uma pequena referência às cartas circulares de Hildegard Dreves, ex-professora da escola. No entanto, a coleção de cartas faz parte de um acervo ainda não catalogado de Rautenberg, aparentemente esquecido nas prateleiras da *Landesbibliothek Schleswig-Holstein*. São essas cartas a serem abertas e analisadas aqui, em um movimento inédito que busca compreender as conexões estabelecidas entre as mulheres, suas formas de estar no mundo e – a partir disso – a história social e política que conecta gênero e império no século XX.

5.1.

As escolas coloniais femininas por Blisch (1996), Siegle (2004) e Lerp (2007)

As obras de Marmozai (1989), Smidt (1995), O'Donnell (1996), Venghiattis (2005), Walgenbach (2005), Wildenthal (2001) e Sandler (2012) foram apresentadas e analisadas no subcapítulo 3.2 de forma a oferecer um panorama geral de pesquisa acerca da presença da mulher na investida colonial durante o *Kaiserreich*, fornecendo assim uma compreensão maior acerca das interrelações entre política nacional e organizações coloniais bem como estabelecendo os marcos da *Frauenfrage* no contexto imperial.

Contudo, três obras acadêmicas se dedicaram especificamente à reconstituição da história das escolas femininas coloniais: a dissertação de mestrado de Dörte Lerp (2007), sobre Witzenhausen e Bad Weilbach; o artigo de B. Blisch (1996), historiador da cidade de Bad Weilbach, sobre a escola que ali havia sido fundada e, por fim, a dissertação de mestrado de D. Siegle (2004), basicamente sobre a escola de Rendsburg.

Das três obras, a que oferece uma análise mais profunda e bem documentada da experiência de formação colonial é a pesquisa de D. Lerp (2007). Baseada na perspectiva epistemológica das histórias cruzadas, a pesquisadora refaz o percurso da criação das escolas de Witzenhausen e Bad Weilbach afirmando a importância do estudo das escolas coloniais em geral como

contribuição relevante à compreensão da história colonial e de gênero no contexto alemão. Lerp (2007) afirma que as escolas “encontravam-se em meio a um campo discursivo no qual ideias de masculinidade e feminilidade, alemanidade, *whiteness* e cidadania se constituíam de maneira nova e interrelacionada” (p.3)⁸⁶. Nesse sentido, ela identifica a constituição de um campo narrativo que uniria de fato percepções e ações tanto acerca de ‘raça’, quanto de gênero e classe.

O objetivo do trabalho de Lerp (2007), no entanto, foi reconstruir a história de Witzenhausen e Bad Weilbach a partir de processos de negociação e cooperação entre as associações coloniais em geral e as associações feministas coloniais em particular no projeto de constituição das escolas. Com isso, a dissertação dedica-se a discutir quais funções as escolas desempenharam, quais os papéis atribuídos às alunas e de que forma as expectativas cultivadas pelas instituições apoiadoras da emigração feminina foram realizadas pelas escolas coloniais (2007, p.4). A pesquisa se dedicará à compreensão acerca de “quais (novas) relações entre feminilidade, alemanidade, branquitude (*whiteness*) e o ser burguês (*Bürgerlichkeit*) foram desenvolvidas e que permitiram que houvesse convergência, ainda que limitada, entre o movimento colonial e o movimento feminista” e de que forma esse complexo narrativo se estabeleceu de forma tão flexível e abrangente de forma a agregar “interesses nacionalistas, feministas, racistas e da burguesia que deram voz às pessoas envolvidas no projeto de constituição das escolas bem como aos agentes as organizações (coloniais)” (Idem, p.4). Em sua pesquisa, ela enfatiza a interrelação entre duas primeiras escolas e o trabalho desempenhado pela *Deutsche Kolonialgesellschaft* - DKG ou com o *Frauenbund* – FB e reforça, com isso, a ideia de que, na historiografia acerca das escolas, as relações políticas entre associações e escolas foram mais profundamente estudadas que outros aspectos envolvendo o cotidiano das instituições de ensino. Contudo, ainda que as pesquisas em sua maioria tivessem como foco ou a relação entre instituições coloniais e as escolas ou o estudo das associações feministas que apoiaram-nas diretamente, ainda assim, há aspectos da

⁸⁶ Em seu capítulo introdutório, Lerp (2007) ressalta a dificuldade em localizar material arquivístico e fontes primárias acerca da existência das escolas e argumenta que a disponibilidade das fontes teve um papel decisivo na delimitação da trajetória metodológica escolhida.

História envolvendo a atividade das mulheres no império que teriam permanecido sub-iluminados⁸⁷.

A pesquisa da autora, portanto, corrobora com o panorama inicial acerca das fontes primárias levadas para a presente tese: à parte das correspondências entre os diretores das escolas e representantes das associações DKG e FB bem como da administração local no Sudoeste Africano alemão que estão disponíveis no *Bundesarchiv* Berlin e alguns prospectos, fotos e dados das egressas da escola de Bad Weilbach arquivados no *Niedersächsisches Staatarchiv Bückeburg*, quase não há registros da existência das escolas femininas (Idem, p.7).

Ainda assim, alguns poucos artigos como o de Blisch (1996) tematizam a existência da escola de Bad Weilbach no contexto da criação de escolas rurais femininas, uma conquista dos movimentos feministas conservadores que, ainda que entendessem a função da mulher como co-partícipe da instituição familiar, buscavam fortalecer o direito da mulher à formação especializada (para além da escolarização básica obrigatória até então) com vistas ao trabalho autônomo. Dessa forma, Lerp baseia-se em sua pesquisa em edições escolhidas do conhecido jornal da Liga feminina (*Frauenbund*) da *Deutsche Kolonialgesellschaft* - DKG (Sociedade colonial alemã) bem como escritos autobiográficos e programáticos (como o livro de Fabarius sobre a questão da mulher).

Quanto à escola de Bad Weilbach, há poucos escritos sobre a atividade da escola colonial, das suas atividades e de suas egressas. A história da escola de Bad Weilbach, ainda que atrelada à história de Witzenhausen e à sua dissolução – baseada em questões financeiras, mas também na impossibilidade de acomodação dos desejos da direção ‘masculina’ da escola aos da direção ‘feminina’ – emerge no contexto de um movimento de renovação no feminismo burguês e de altas camadas da sociedade bem como de sua luta por um espaço por uma educação que conferisse à mulher um espaço na economia à época. O fim da escola de

⁸⁷ Aspectos como o grau de envolvimento do movimento associativista feminino de direita com a questão colonial antes de 1914 bem como o grau de engajamento das organizações femininas conservadoras no contexto das associações protestantes e nacionalistas durante o período Guilherme em específico ainda poderiam ser melhor iluminados, segundo Lerp (2007). De acordo com sua pesquisa, os estudos existentes priorizam o marco temporal da República de Weimar negligenciando assim as relações entre as correntes políticas anteriores a esse período, que podem estar relacionadas à ascensão e posterior consolidação do nacional-socialismo.

Witzenhausen implicará o ‘traslado’ do seu acervo material e intelectual para a instituição em Bad Weilbach. No entanto, há uma reorientação político-pedagógica realizada com a parceria marcante de mulheres do movimento de mulheres conservador. Com a presença de representantes das escolas de economia doméstica e economia agrícola da associação *Reifensteiner (Reifensteiner Verein)* no Conselho (ver Lerp, 2007), a escola colonial recebe acolhida no contexto das escolas agrícolas, tornando-se um departamento anexado à escola agrícola em Weilbach. Durante os anos de 1911 a 1914, associada à escola feminina da associação *Reifenstein* (*‘Reifensteiner Verband für wirtschaftliche Frauenschulen auf dem Lande’*) havia sido fundada uma escola popularmente chamada de *Kolonialhaus* (casa colonial), segundo o historiador Bern Blisch, com o objetivo de “preparar jovens mulheres para a vida nas colônias alemãs na África e na Ásia” (1996, p. 73).

Para Blisch, o último quarto do século XIX havia testemunhado uma grande comoção social em torno da ideia de que era necessário ‘fundar colônias’ (1996, p. 73)⁸⁸. As colônias deveriam

“por um lado servir como territórios de investimento [*Investitionsgebiete*] para empreendimentos comerciais e, por outro lado, como locais de assentamento para agricultores, artesãos e funcionários públicos. E assim veio a fase da tomada de posse nos anos de 1880 para aquisição de territórios no Pacífico, na África, entre os quais o Sudoeste Africano alemão, a África Oriental alemã e Camarões, as três colônias alemãs de maior relevância”^{lxxxii}.

Os anos entre 1890 e 1907, marcados pelas guerras entre a potência colonial e o que ele chama de ‘os povos africanos em defensiva’, dariam início à fase de consolidação da supremacia e dos projetos de progresso coloniais cuja plataforma baseava-se na evolução da legislação colonial que paulatinamente proibiria os chamados casamentos mistos. A necessidade de casamentos *puros* e de ocupação do território conquistado seria, segundo o autor, o motivo pelo qual seriam fundadas escolas coloniais, primeiro a masculina e feminina em Witzenhausen e, em seguida, a de Bad Weilbach. Segundo ele,

⁸⁸ Ainda que posteriormente o texto se mostre mais crítico da formação de mulheres àquela altura, as razões pelas quais o processo colonial se dá e os motivos que justificam a ida das mulheres à colônia permanecem acriticamente elaboradas.

“a transferência de máximas morais e militares da escola masculina para a escola feminina e o comportamento autoritário do diretor da escola masculina, do teólogo evangélico Ernst Albert von Fabarius – que nunca aceitou Helene von Falkenhausen como uma igual – bem como um conselho curador formado apenas por homens, mas também o planejamento pedagógico sobrecarregado fizeram com que o primeiro experimento de uma escola colonial feminina rapidamente fracassasse”^{lxxiii}

O autor identificará a linha de continuidade entre as duas escolas como elementos de prioridade para o interesse nacional no pedido pessoal da *Kaiserin* Auguste Viktoria à presidente da associação de escolas de economia (doméstica) em áreas rurais ou “Verein für wirtschaftliche Schulen auf dem Lande”, Ida von Kortzfleisch, para que a formação colonial fosse incorporada à formação feminina no contexto da associação^{lxxiv}. A formação do caráter teria primazia em Weilbach ao longo dos três anos de formação: o primeiro ano seriapropedêutico, o segundo ano ofereceria uma complementação dos conhecimentos de economia doméstica e o terceiro teria finalidade profissionalizante (Blisch, 1996, p. 75)⁸⁹.

Para o autor, o fechamento da escola em Witzenhausen e a reabertura em Bad Weilbach teriam representado, portanto, uma reorganização estratégica catalisada pela maior representação feminina das associações no Conselho Supervisor (*Aufsichtsrat*) da pessoa jurídica *GmbH Kolonialfrauenschule* (Blisch, 1996, p. 75). Nesse contexto de composição do Conselho figurariam mulheres importantes para a confecção de novo ramo de formação profissional para moças das classes burguesas e mais altas tais como Ida von Kortzfleisch (*Reifensteiner Verband*) bem como algumas representantes da associação *Frauenbildung-Frauenstudium* (Idem, ibidem). A incorporação de tomadoras de decisão ao Conselho da escola significaria uma mudança expressiva no objetivo final da escola. Se inicialmente, as mulheres deveriam ser preparadas ao desempenho de funções auxiliares na economia de uma fazenda ou propriedade agro-pecuária, um discurso construído para fortalecer o imperativo da ida à colônia cuja narrativa subjacente era a da política habitacional imperial a partir do matrimônio puro, a

⁸⁹ Os valores da escola se traduziam plasticamente: objetos e acrônimos reuniam os elementos simbólicos que conferiram força ao projeto. As alunas eram apelidadas de MAID, um acrônimo relativo às “virtudes” a serem expressas por aquelas mulheres – “(...) *Mut* [coragem], *Ausdauer* [persistência/resiliência], *Idealismus* [idealismo], *Demut* [humildade]” (Idem, ibidem).

escola de Weilbach deveria prepará-las ao trabalho em suas próprias propriedades através de conhecimentos de economia doméstica⁹⁰.

A pesquisa de Blisch sobre Bad Weilbach merecerá destaque por dois aspectos: suas fontes informam, em primeiro lugar, que a escola dispunha de uma ampla biblioteca provida de literatura colonial, de edições de todos os jornais circulantes nas colônias e também uma coletânea escolar de artefatos coloniais que servia de material pedagógico (Idem, p.76)^{lxxv}. Em segundo lugar, ele aponta a escassez de materiais documentais acerca da escola em decorrência da *invasão francesa* daquele território ao final da Primeira Grande Guerra (Blisch, 1996, p.77). A riqueza da pesquisa do autor encontra-se no esforço em recolher uma pequena amostra de nomes de egressas e frequências que dariam a dimensão da atratividade da escola bem como dos múltiplos destinos abraçados por elas^{lxxvi}.

Blisch (1996) endossará o argumento de que, por um lado, a proliferação de escolas femininas evidenciava um certo progresso feminino, mas que a associação *Reifenstein*, ainda que ‘emancipatória’ nesse sentido, havia se deixado instrumentalizar pela grande política^{lxxvii}: com a promessa de subvenção estatal, a escola de Bad Weilbach teria sido manipulada por um governo convencido de sua política colonial.

Há, no caso da pesquisa em torno da história da escola de Bad Weilbach contada por B. Blisch (1996) um subtexto que aponta para uma certa ideia (positiva) de emancipação feminina gerado a partir da construção da narrativa da escola colonial atrelada ao surgimento do projeto de formação feminina proposto pela associação *Reifenstein*.

É interessante notar que Blisch é um pesquisador oriundo da região da escola: a proximidade física ao tema aponta para alguma posicionalidade em relação ao mesmo. Tive uma percepção semelhante ao ler a dissertação de

⁹⁰ A seriedade com que o projeto ‘Bad Weilbach’ se desenvolverá é atestada pelo envio e financiamento da visita de duas professoras da instituição ao Sudoeste Africano para conhecimento do ambiente colonial por um lado e, por outro, da ramificação da formação feminina que passou a compreender trabalhos de economia doméstica, atribuições na área agrícola e de animais de pequeno porte e, por fim, de conhecimentos ‘médicos’ como atividades de enfermagem e cuidados infantis – em consonância com a política de incentivo à permanência de colonos na segunda década do século.

mestrado sobre a escola de Rendsburg confeccionada por Dorothea Siegle e publicada no ano de 2004 pelo *Kreisverein Rendsburg für Heimatkunde und Geschichte e.V.*, com financiamento da fundação da caixa econômica (Sparkassenstiftung) do estado federado de Schleswig-Holstein.

A obra dedicou-se à história da escola colonial feminina de Rendsburg e dedicou-se, sobretudo, à experiência de educação colonial no contexto da política colonial tanto da República de Weimar quanto do chamado Terceiro *Reich*. A obra não apresenta qualquer referência teórica ou metodológica que permita identificar exatamente o aspecto crítico relativo à análise do material coletado. Ao contrário, a referência ao ‘anos de sucesso’ da escola entre 1936 e 1945 faz transparecer uma narrativa quase romantizada da vivência das alunas, com impressões acerca da percepção das alunas sobre ‘a nação’, ‘o marido’, ‘os empregados africanos’, ‘a casa’ e questões abstratas como ‘o corpo’, ‘as habilidades’ e ‘o caráter’. Do ponto de vista da pesquisa documental, ao menos, a obra de Siegle termina por fornecer elementos fundamentais para compreender e analisar o percurso das escolas e permite aprofundar a tese da continuidade entre os projetos de formação colonial de Witzenhausen, Bad Weilbach e Rendsburg.

A autora constrói um encadeamento de fatos históricos que permite vislumbrar reiteradas reorganizações estratégicas de formação colonial feminina a partir da manutenção de um discurso político revisionista especialmente alimentado pela permissão da entrada de alemães em seus antigos territórios colonizados em 1925 (Siegle, 2004, p. 62). A formação colonial, como braço da política externa, é evidenciada a partir da presença de um dos diretores do Ministério do Interior (*Reichsministerium des Innern*), Bruno Dammann, (*Aufsichtsrat*) da escola masculina de Witzenhausen.

A escola feminina em Rendsburg também teria um papel nessa trama que engajava de forma cada vez mais direta a perspectiva colonial à *Weltpolitik*: no dia 1 de maio de 1927, a escola será inaugurada sob a direção do experiente fazendeiro teuto-brasileiro Hans Helling (Siegle, 2004, p. 65)⁹¹. O curso, com

⁹¹ Hans Helling, o primeiro diretor da escola feminina de Rendsburg, adiciona mais uma conexão transnacional à história global da escola: ainda que formado na Alemanha, ele era filho de colonos alemães residentes no sul do Estado de São Paulo. Com a vacância do posto anunciada em redes

duração apenas de um ano (duração menor que o curso em Bad Weilbach), já admitirá candidatas com ou sem o chamado *Abitur*. Os dois canais de matrícula – a aluna podia registrar-se tanto própria escola colonial quanto através do *Frauenbund*, dão a dimensão da participação associativa na formação e envio das mulheres àquela altura (Siegle, 2004, p. 67). A instrumentalidade do *Frauenbund* em garantir às alunas conluente p título de “Farmassistentin” ou “Farmhelferin” evidenciam a preocupação com a terminalidade do curso e a ideia de que aquela formação contribuía para a autonomia profissional das mulheres (Siegle, 2004, pp. 68-69)⁹².

A paulatina ‘estatização’ da escola entre 1928 e 1929 (o capital social da escola àquela altura era detido majoritariamente por um administrador do *Reich*, Wilhelm Arning, e minoritariamente pelo *Frauenbund* e pela cidade de Rendsburg) e a mudança nos rumos político-pedagógicos pelas mãos do seu mais famoso diretor – Karl Körner – dariam à escola a partir de 1930 um aspecto claramente nacionalista, ainda que não abertamente submetido às crescentes investidas do regime nazista (Siegle, 2004, p. 74-75). Com uma miríade de aulas práticas e aulas teóricas que, antes de 1937 abarcavam ‘aula nacional-política’ (*Nationalpolitischer Unterricht*), ‘alemanidade da diáspora’⁹³, (*Auslandsdeutschtum*) e ‘problema coloniais’ (*Kolonialprobleme*), a partir desta data, ‘leitura da literatura nacional-socialista’ (*Lektüre nationalsozialistischen Schrifttums*) e ainda depois de 1941 ‘questões do Leste’ (*Ostfragen*), a escola parecia se adequar inteiramente ao regime político no poder (Siegle, 2004, p.78).

associativas coloniais e do ramo agrário, a esposa de Hans Helling o candidatará ao posto de diretor e, confirmada sua contratação, ele e a família deixariam os negócios em sua fazenda em São Paulo para assumir a escola em seus primeiros anos (Idem, ibidem).

⁹² A literatura confirma que a escola de Rendsburg foi de fato a escola mais procurada, ironicamente, a escola que mais dista temporalmente da empreitada colonial ultramarina da virada do século XIX para o XX. Siegle afirma que, ao longo da existência da escola, “ (...) ao todo, 1.100 alunas frequentaram a escola sendo que, destas, cerca de 800 receberam diplomas de conclusão” (2004, p. 102).

⁹³ Aqui optou-se pelo termo ‘diáspora’ para caraterizar os alemães vivendo fora do território circunscrito pelas fronteiras do Estado alemão, aqueles portanto vivendo ‘im Ausland’. O empenho da palavra diáspora tem efeito remedial neste caso (e também deve ser lida sob essa lente em outros trechos dessa tese). Correa (2015) oferece precisão conceitual à ideia de diáspora ao afirmar a um deslocamento de caráter forçado e não voluntário, como em vários casos de emigração de alemães para a África e as Américas. No sentido estrito do termo, portanto, apenas Aussiedler, e não Auslandsdeutsche, poderiam ser caracterizados como diaspóricos. Para a exemplificação deste fenômeno a partir de um caso de deslocamento feminino alemão no início do século XX em território africano, ver Correa, S. Diáspora branca na África Austral (1914) In: **e - hum Revista Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte**, vol. 8, número 2, Agosto/Dezembro, 2015, pp. 77-88.

O fato de Karl Körner nunca ter se filiado à NSDAP é peculiar já que subscrevia a preocupação com a integração racial e transpunha o novo corpo de conhecimento à estrutura de disciplinas na escola. Ele mesmo escreve que

“em 1931 eu comecei a dar aulas sobre questões de raça, encorajado pelas minhas próprias observações sobre a derrocada do clã baixo-alemão em decorrência da mistura de raças no e também das experiências no Sudoeste Africano Alemão (a questão dos bastardos, casamentos entre soldados da Schutztruppe e mulheres bastardas). Em 1933 essa disciplina foi ampliada e se tornou um estudo da raça mais sistemático; (...) em 1933 começaram também as aulas regulares sobre estudos hereditários e estudos de saúde hereditária”⁹⁴.

As aulas de higiene tropical eram ministradas por especialistas do Instituto de Higiene Tropical de Hamburgo e a escola contava com uma variedade crescente de disciplinas manuais. A integração de disciplinas pedagógicas posteriormente fez com que a escola por um lado passasse a atender a dupla exigência tanto das alunas, por uma formação ampla e profissionalizante, quanto do regime que ora se instalava. Com uma expressa seleção natural das melhores (*Auslese der Tüchtigsten*), a política de condução das coisas da escola por parte de Körner fazia jus à necessidade cada vez mais bem desenhada de garantir às egressas uma posição ativa na construção do novo *Reich* após a expansão territorial da Alemanha para o Leste europeu. A Gleichschaltung do movimento colonial em 1936, a ligação direta da escola ao *Reichsministerium für Erziehung, Wissenschaft und Volksbildung* em 1939 e os anos até 1945 serão marcados por embates entre desejos do partido, orientações do *Reichskolonialamt* e o posicionamento do diretor (Siegle, 2004, pp. 94-95).

Com todos esses elementos, é surpreendente que a abordagem do trabalho tenha sido tão pouco crítica. No entanto, a forma de utilizar os documentos ‘primários’ para construir a narrativa da vida e do dia a dia das egressas ajuda a iluminar alguns aspectos da presente pesquisa. Siegle (2004) entremeou entrevistas feitas com algumas egressas da escola com as quais já tinha contato pessoal com as entrevistas de outras egressas colhidas pela documentarista Tink Diaz em “Wir hatten eine Dora in Südwest” (1991)⁹⁴. A partir das informações do documentário e de múltiplos arquivos, a autora apresenta e analisa em poucas linhas o papel daquelas mulheres em relação a todos os referenciais ao seu redor:

⁹⁴ Em nota anterior, faço menção às impressões das egressas sobre o documentário.

“a mulher e o seu ‘povo’, seu cônjuge, seus filhos, seus empregados africanos, seus afazeres domésticos, seu caráter, suas habilidades e seu corpo” (Siegler, 2004, p.10). Em cada uma dessas rubricas, a autora desenvolve uma narrativa e a embasa com documentos variados (o prospecto da escola de Rendsburg, artigos do *Frauenbund*, informações obtidas no documentário). Em “a mulher e o seu ‘povo’”, a autora identifica a dupla missão da aluna de Rendsburg, “a missão biológica e a missão cultural” (Siegler, 2004, p. 110). Ainda que, como refere a autora, o ‘raio de influência’ da mulher fosse limitado ao seu cônjuge, filhos e empregados, a ampla formação era um atrativo, afinal, as mulheres tinham um chamado a “(...) uma vida adornada pelo brilho da responsabilidade nacional e do espírito pioneiro (Siegler, 2004, p. 115).

A rubrica ‘a mulher e seu cônjuge’ sublinha a continuidade da política de formação e envio de mulheres para o impedimento às misturas raciais tão marcadas pela ideia de ‘Verburung’ e ‘Verkafferung’⁹⁵, neologismos criados no contexto da investida colonial para retratar a decadência física e moral dos alemães que se submetiam à mistura tanto aos outros colonizadores moradores da região quanto aos povos nativos⁹⁶. Na avaliação da autora, a evolução tanto do projeto político-pedagógico da escola quanto da progresso em questões relativas à pauta de direitos e atribuições da mulher no espaço público contribuirá para que a mulher formada pela escola e enviada à colônia seja cada vez mais considerada um ‘auxiliadora’ e uma ‘camarada’, uma companheira com a qual partilhar as agruras do dia a dia na colônia. Dentre as atribuições da mulher ‘e seu cônjuge e filhos’, a autora destaca a manutenção da língua alemã como bem cultural, sua domesticidade e sua vocação à maternidade, quesito no qual Siegler também enxerga continuidade desde o *Kaiserreich*, passando pela República de Weimar até o Terceiro *Reich* (Siegler, 2004, p.123). Na seção em que detalha as atribuições e relação da mulher ‘com seus empregados africanos’, Siegler se vale de suas fontes de pesquisa arquivísticas para chegar à seguinte conclusão:

⁹⁵ Ver Kundrus, 2008, p.91.

⁹⁶ A autora faz referência a livros que circulavam à época e retratavam o imperativo colonial do ponto de vista da mulher como os romances “Wiete will nach Afrika” e “Wiete erlebt Afrika” de Else Steups bem como o manual “Wer will in die Kolonien?” do ano de 1938, “(no qual o) autor, Adolf von Duisberg, fala ‘de uma atração irresistível em relação a ambientes novos (fremdartig)’, ao qual o homem estaria sujeito” (Siegler, 2004, p. 119).

“a forma como as mulheres alemãs descreviam os africanos tinha a ver sobretudo com a forma como elas mesmas queriam se ver. Quanto menos educação formal o africano tivesse, tanto mais bem formadas as mulheres alemãs poderiam se sentir. Quanto mais dependentes, quanto mais infantis e preguiçosos os africanos, tanto mais ‘senhora’ controladora era a mulher do agricultor [*Farmersfrau*]. Quanto mais sujos os empregados, tanto mais alva brilharia o avental da dona de casa alemã”^{lxix}

A autora não questiona a verossimilhança da narrativa que conferiria aos ‘africanos’ a condição de não-civilizados. Entretanto, ela mesma parece apontar para a ideia de que, ainda que nas escolas a questão dos ‘africanos’ não surgisse como tema, ela estava permanentemente presente através das aulas teóricas, práticas e de todo o corpo de valores e identidades construídos durante o ano de formação. Quanto às suas ‘atividades domésticas’, salta aos olhos a construção da domesticidade através das múltiplas tarefas e habilidades que a mulher deveria desenvolver associadas a uma consciência de classe específica, a da classe burguesa que se apropriava da formação ampla praticada pela aristocracia e a associava ao espírito pioneiro necessário à ida à colônia (Siegle, 2004, pp.134-138). Em relação ao seu ‘caráter, habilidades e quanto ao seu corpo’, a autora reitera de forma quase que descritiva, com base em imagens e nos documentos que relatam as atividades pedagógicas das alunas, que estas tinham um caráter diligente, inabalável diante do treinamento e das funções futuras – características nutridas pelo nacionalismo imperialista e que se alinhariam ao regime que vigente à época (Siegle, 2004, p.140-160).

Do ponto de vista da reflexão, a obra, que busca inicialmente discorrer sobre a questão da formação colonial a partir de questões políticas associadas às temáticas do gênero e do imperialismo, tende a apresentar ao final uma análise particularista da rotina na escola e perde a oportunidade de conectar a micro-história às grandes questões do seu tempo⁹⁷.

⁹⁷ Um elemento marcante das questões finais que ela apresenta é a compreensão de que a escola de Rendsburg em particular poderia ser o protótipo de uma educação voltada ao expansionismo na direção do leste europeu, afinal, ainda que todas as atividades coloniais tenham recebido ordem de término pelo regime nazista, por que a escola continuaria funcionando até 1945? A autora, nesse sentido, considera a escola como “último projeto colonial alemão” (Siegle, 2004, p. 163).

5.2.

O livro-síntese sobre a experiência das escolas femininas coloniais: Rommel & Rautenberg (1983)

O livro de Rommel e Rautenberg, de 1983, é umas das tentativas mais antigas e também mais frequentemente citadas pela literatura especializada acerca da história das três edições da escola colonial feminina na Alemanha. Uma das grandes fontes de acesso ao pensamento historiográfico, sociológico e, sem dúvida (auto-) biográfico das autoras surge na análise do índice da obra⁹⁸.

Aqui pretendo me deter no que de mais pessoal parece surgir nesse relato publicado acerca das escolas. Entendo que as tensões podem se revelar no prefácio (*Vorwort*), nos agradecimentos (*Danksagung*) e também nos comentários que caracterizam e qualificam as informações apresentadas no corpo da obra.. Mais importante que as informações em si, os marcadores que circundam a forma como estão inseridas no texto, por exemplo, palavras de preenchimento com carga semântica específica, adjetivos, a referência autobiográfica a partir de pronomes pessoais autoreferenciais (eu/ nós...) e pontos de exclamação – ajudam a fazer uma leitura mais profunda que possivelmente indicará imbricamentos entre os fatos e suas interpretações – entre passado, presente e futuro.

As autoras iniciam o prefácio ao primeiro Tomo fazendo menção à especificidade das escolas de Witzenhausen (1908-1910), Bad Weilbach (1911-1914) e Rendsburg (1916-1945) no contexto em que estavam inseridas, qual seja a das escolas rurais de economia doméstica (*ländliche Hauswirtschaftsschulen*) e as escolas femininas de economia (doméstica) na área rural (*wirtschaftliche Frauenschulen auf dem Lande*, posteriormente chamadas de *Landfrauenschulen*) e seguem afirmando que “essa forma especial de formação de mulheres” tem início na primeira década do século e se encerra ao final da II Guerra Mundial (Rommel & Rautenberg, 1983, p.4). Ainda que essa formação especial das mulheres, destinada às atividades doméstico-agrícolas em assentamentos ultramarinos já não existisse mais quando da escrita do livro, *ainda assim*, dizem

⁹⁸ Agradeço ao professor Silvio Marcus de Souza Correa (UFSC) comentário acerca da ilusão de linearidade apresentada no livro síntese em questão que se dá como fruto da ‘armadilha de uma racionalidade a posteriori’. De fato, apenas através dos elementos linguísticos e paralinguísticos elencados aqui para análise cotejados em relação à história das três experiências de formação é possível iluminar as descontinuidades do discurso.

elas, há mulheres ainda hoje que buscam uma ocupação em atividades agrárias em países estrangeiros. Descrevem a experiência de criação das escolas como um ‘capítulo da formação feminina’:

“o capítulo dessa forma especial da formação feminina teve início na primeira década deste século e teve seu encerramento ao final da segunda Guerra Mundial. Uma formação especial para mulheres, direcionada às atividades de economia doméstica rural nas áreas de assentamento ultramarino, hoje já não existe mais. Ainda hoje, no entanto, há moças e mulheres que almejam uma atividade nas áreas rurais de países estrangeiros. Nesse sentido, a formação de mulheres aqui apenas alcançou um novo patamar” (Rommel & Rautenberg, 1983, p.4)^{lxxx}.

O esforço requererá delas uma ida às fontes:

“A partir de vários materiais disponíveis, tentamos compilar a história das escolas coloniais femininas. Alguns elementos, especialmente acerca do início, deverão ficar em aberto porque arquivos, catálogos e relatórios anuais não foram encontrados de forma contínua. Mesmo assim esperamos ter, com essa exposição, podido registrar a história das escolas coloniais femininas em seus elementos mais basais. Para melhor compreensão das relações, foi incluída na exposição também o pano de fundo histórico da época. Em todas seções de nosso relato, nos esforçamos por fornecer uma compreensão geral (da história)” (Idem, ibidem)^{lxxxi}.

Os agradecimentos oferecem uma mirada sobre a coleta de informações, ao mesmo tempo em que estabelecem uma conexão institucional que compartilha os saberes sobre a escola de Rendsburg: à Biblioteca do DITSL em Witzenhausen, à associação *Reifenstein* em Darmstadt, ao *Landesarchiv* do Estado de *Schleswig-Holstein*, ao *Bundesarchiv* na cidade de Koblenz e, por último, à *Heimvolkshochschule* em Rendsburg, instituição que passaria a funcionar no mesmo prédio da escola colonial de Rendsburg quando as atividades da mesma foram encerradas) bem como “às muitas ex-alunas, professoras e diretores da escola em Rendsburg que disponibilizaram projectos, artigos e lembranças pessoais tanto em suporte escrito quanto oral à Hulda Rautenberg” (tradução nossa) (Rommel & Rautenberg, 1983, p.5)⁹⁹. Ao descrever o propósito da escola, dizem que:

“a *Kolonial-Frauenschule*, fundada em Witzenhausen em 1908, uma escola profissional para mulheres, com uma formação agrário-doméstica com ênfase em atividade ultramarina, deve a sua criação à confluência de dois fatos da história à época: por um lado, a demanda crescente de meninas e mulheres por possibilidades de formação continuada para além da escolarização obrigatória e, por outro lado, a

⁹⁹ Ambas assinam: Rommel e Rautenberg, em Witzenhausen, julho de 1983.

ampliação da área de assentamentos alemães ultramarinos principalmente – mas não apenas – nas colônias alemãs” (Rommel & Rautenberg, 1983, p.8)^{lxxxii}.

Nota-se por um lado um propósito nacional para a formação feminina no segundo argumento, mas por outro, o primeiro argumento evidencia a formação como uma conquista nascida das próprias mulheres e não como solução convencional de cima para baixo da *Frauenfrage*. Segundo elas, no último quartel do século XIX, a ideia de que não apenas homens deveriam possuir formação especializada e voltada para o mundo do trabalho teria tido enfim visibilidade pública. As mulheres da época teriam passado a se organizar em associações “neutras, confessionais, profissionais e políticas” de forma que tanto inicialmente no ambiente urbano quanto posteriormente no contexto rural, passariam a desejar uma formação e aprofundamento profissional em economia doméstica.

A genealogia que elas oferecem para as escolas coloniais é notadamente diferente daquela genealogia histórica oferecida, por exemplo, por Baum (1999), em que a escola colonial feminina emerge como uma ‘subsidiária’ da escola masculina. A narrativa das autoras tem início com as escolas de economia doméstica no contexto urbano, especialmente fomentadas por mulheres como a especialista em políticas sociais Hedwig Heyl (1850-1934). Segundo elas, Heyl teria fundado uma escola de jardinagem (*Gartenbauschule*) já em 1890, a qual teria sido a pioneira entre outras escolas de economia doméstica rural (*‘ländliche Hauswirtschaft’*) para mulheres de origem rural. Segundo elas, as escolas urbanas não forneciam possibilidade de qualquer acesso à prática em contexto rural.

Um outro modelo, segundo elas, de formação de mulheres foi aquele desenvolvido por Ida von Kortzfleisch (1850-1915), que buscava promover o desenvolvimento de escolas rurais engajadas nas comunidades em que se localizavam. Elas comparam os dois modelos justamente a partir da questão de classe:

“enquanto, porém, as escolas domésticas agrárias formavam meninas de associações rurais, as ‘escolas econômicas femininas em contexto rural’ haviam sido pensadas para ‘as filhas de grupos de formação elevada’, cuja origem e consciência de classe tinham tornado até aquele momento uma formação profissional e exercício da profissão coisas impossíveis” (Rommel & Rautenberg, 1983, p.8)^{lxxxiii}.

Duas coisas chamam a atenção: por um lado, a diferenciação entre escolas a partir da sua clientela e não necessariamente a partir das atividades-fim. A referência às ‘filhas de círculos mais abastados’ aparece entre aspas o que parece indicar que pode haver um estranhamento quanto a alcunha. As autoras ressaltam que Ida von Kortzfleisch via a economia doméstica (*Hauswirtschaft*) como tarefa de formação (*Bildungsaufgabe*) e que havia reconhecido que a economia doméstica rural poderia estabelecer uma relação objetiva e pedagógica entre economia doméstica e vida rural. Como consequência disso, teria optado por fundar as escolas em monastérios românticos (*romantische Klöster*) ou antigos castelos (*alte Schlösser*). A perspectiva de corpo discente e docente residirem no mesmo complexo educativo aponta elementos de caráter central para a compreensão do tipo de formação ali forjada: a convivialidade deveria ser cultivada e os laços de sociabilidade mantidos com a população no entorno da escola^{lxxxiv}. A afirmação é categórica: o que distinguia as escolas era uma forma específica de educação e não a metodologia das aulas” (Rommel & Rautenberg, 1983, p. 8).

Quanto à preparação para fundação da primeira escola colonial, elas dizem:

„Havia muitas ideias sobre formas de educação e formação para jovens moças, as quais finalmente levaram à primeira fundação de uma escola colonial feminina. Desta forma, as sugestões de Ida von Kortzfleisch que levaram à criação das ‘escolas econômicas femininas’ emergiram de uma discussão geral levada a cabo desde o início da década de 1880 sobre um ‘serviço feminina obrigatório’. Acerca deste tema foi publicado em 1895 mais um livro: ‘O serviço geral obrigatório feminino’ do teólogo evangélico e pedagogo Ernst Albert Fabarius (1859-1927)^{lxxxv} (Rommel & Rautenberg, 1983, pp. 8-9).

A grande temática que envolve o movimento aparentemente emancipador da criação da escola é a temática do serviço feminino à nação, desenvolvido em “mais de uma publicação” acerca do tema, indicando que o guarda-chuva narrativo desse tipo de projeto de emancipação feminina estaria relacionado à *solução para a mulher*.

Quem era Fabarius na avaliação das autoras?

“Como clérigo de divisão (1891-1899) ele encontrava tempo para lidar com diferentes questões de educação e sugestões para criação de escolas, nas quais suas próprias experiências com internatos e com a formação de jovens rapazes puderam ser incorporadas. Em sua publicação sobre o serviço obrigatório feminino ele

sugere instituições de formação – ele as chama de conventos de moças -, nos quais moças recebessem uma formação continuada e profissionalizante. Suas ideias se baseiam em um serviço obrigatório geral para moças que deveria ser cumprido lá e não no exercício do serviço voluntário. Há elementos para se acreditar que ele tinha conhecimento dos artigos que Ida von Kortzfleisch publicara pouco antes (1894) no “*Täglicher Rundschau*”. Ele sabidamente pertencia como ela aos mesmos círculos de funcionários públicos e de oficiais protestantes do Norte da Alemanha, nos quais esse jornal era lido”^{lxxxvi} (Rommel & Rautenberg, 1983, p. 9).

E elas continuam:

“ao mesmo tempo ele tinha se dedicado intensamente com a questão/ pensamentos acerca da educação da juventude para o trabalho colonial e teria feito, em 1896, sugestões junto à *Deutsche Kolonialgesellschaft* para a fundação de uma instituição nestes moldes. Em uma ‘escola colonial alemã’, jovens rapazes deveriam ser formados moral-, cultural- e tecnicamente para um atividade nas colônias alemãs. (...)Após a criação da ‘escola colonial alemã’ Fabarius perseguiu então um objetivo similar em relação à formação econômica colocada para moças. Se ele mesmo previu Witzenhausen para isso ou se a ideia de uma formação conjunta em Witzenhausen foi trazida à atenção dele é algo que não pode ser comprovado” (Idem, p.10)^{lxxxvii}.

As autoras não reuniram elementos empíricos que comprovassem se Fabarius mesmo é quem havia concebido o modelo de ensino em coeducação.¹⁰⁰ Muito provavelmente, ele não imaginava os efeitos da frequência conjunta de homens e mulheres às disciplinas teóricas, tanto que exigiu que o contato entre alunos e alunas fosse limitado¹⁰¹.

As autoras notam que o formato de educação posto em prática em Witzenhausen diferia da proposta apresentada na obra de Fabarius :

“ao contrário do modelo de ‘conventos para moças’ que ele havia desenvolvido em sua obra sobre o serviço feminino, as duas escolas em Witzenhausen com em parte aulas conjuntas e atividades conjuntas para alunos e alunas em atividades práticas era uma forma de educação ainda pouco praticada. Com isso, em Witzenhausen foram estabelecidos critérios disciplinares rígidos aos alunos e também às alunas, que não permitiam um real trabalho em conjunto”^{lxxxviii}.

¹⁰⁰ Dentre os materiais bibliográficos consultados pelas autoras estão prospectos, artigos de jornal, cartas recebidas em resposta às solicitações por melhores esclarecimentos (como é o caso de Hans Helling) e também documentos mantidos em arquivo pela egressa Hulda Rautenberg, cujo espólio parcial contendo cartas, relatórios, manuscritos e excertos de livros escritos por ela sobre a África é um dos poucos e mais bem documentados espólios sobre a atividade de cidadãos privados na África. Outra grande parte do espólio encontra-se na *Landesbibliothek Schleswig-Holstein*, à espera de catalogação.

¹⁰¹ A partir dos insumos encontrados no ‘*Deutscher Kultupionier*’ e apresentados anteriormente, é possível afirmar que a aristocracia considerava a empreitada importante para o avanço da atividade colonial, o que pode ter exercido influência sobre a decisão.

Se Hedwig Heyl não concordara com uma escola na Alemanha, preferindo que fosse fundada no Sudoeste Africano alemão, o teólogo e pedagogo Friedrich Zimmer abraça a ideia: “suas ideias foram inicialmente co-determinantes na preparação para a fundação da escola em Witzenhausen e ele participou também na escolha e formação da primeira diretora” (Rommel & Rautenberg, 1983, p.10-11)^{lxxxix}.

A primeira assembleia do conselho de responsáveis pela escola decide criá-la como uma sociedade privada (limitada) que é registrada no registro comercial da cidade de Witzenhausen no dia 27 de junho de 1908:

“como objetivo do empreendimento foi posto: formação de mulheres alemãs para as colônias alemãs e fomento a alunas formadas” (...) “como diretora executiva permaneceu a viúva do fazendeiro Barão Friedrich von Falkenhausen, Helene, nascida Nitze”(Idem, p.12)^{xc}.

O relato apresenta de forma concisa a sequência de fatos que indicam insatisfações acerca do andamento da escola^{xc}, mas o que parece definidor para as autoras é a deterioração da situação financeira da escola que faz com que a assembleia societária decida, em 27 de agosto de 1910, encerrar as atividades no dia 01 de outubro do mesmo ano. Ao mesmo tempo há a decisão, segundo elas,

“de solicitar à representante da associação para ‘escolas femininas de economia doméstica rural’ Ida von Kortzfleisch, presente pessoalmente à reunião, sugestões para a integração de uma escola colonial feminina à sua associação. Com isso, a escola colonial feminina de Witzenhausen estava sendo fechada, mas a sociedade permaneceu e passaria a partir de então a trabalhar em conjunto com a associação *Reifenstein*” (Rommel & Rautenberg, 1983, p.13)^{xcii}

Após essa decisão, “seguiu-se uma reorientação muito rápida com ajuda das sugestões de Ida von Kortzfleisch. Foi formado um Conselho de trabalho (*Arbeitsrat*) no qual enfim havia especialistas que não eram ‘societários’!”^{xciii}. Temos aí um *turning point* na narrativa, marcado lexicalmente pela ideia de ‘reorientação’ e pelo intensificador ‘muito’. O uso de aspas e da exclamação permitem hipotetizar que as autoras julgam que finalmente haveria uma composição apropriada do Conselho executivo que se orientasse mais por critérios pedagógicos que políticos. Ao fornecer os nomes dos integrantes do *Arbeitsrat*, nota-se um número maior de nomes de mulheres. Com as contas saneadas e um novo programa pedagógico, é decidida a compra de um local em Bad Weilbach.

Na assembleia de societários do dia 15 de julho de 1911 a ata da reunião afirmará que: “a escola colonial feminina será integrada à escola feminina de economia doméstica a ser fundada em Weilbach no dia 01 de outubro de 1911. O plano de ensino e de aulas de ambas as escolas se entrelaçavam”^{xciv} Esse entrelaçamento evidencia como estavam alinhadas as percepções de ambas as escolas.

Ao apresentar o plano de ensino (*Lehrplan*) da escola feminina já em Weilbach, vemos a manutenção do objetivo declarado, segundo elas, da escola:

“o objetivo declarado era: ‘1. A formação e equipagem de mulheres alemãs para a atividade e a vida nas colônias alemãs’. Nesse sentido imaginava-se que essas moças e mulheres pudessem sair do país como noivas de fazendeiros, ajudantes de donas do lar bem como enfermeiras da associação feminina alemã de enfermagem. A escola gostaria de fomentar, conforme as suas possibilidades, as alunas formadas com sucesso e aprovadas do ponto de vista da personalidade na ida para o exterior e após a ida” (Idem, p.17)^{xcv}

É interessante notar que a narrativa do livro não é sincrônica e que, nas páginas 17-18, as autoras falam um pouco acerca das duas candidatas ao posto que foi exercido finalmente por Helene von Falkenhausen, a primeira diretora da escola ainda em Witzenhausen. As autoras mencionam outra candidata, Margarethe von Eckenbrecher, afirmando que as duas teriam tido uma trajetória relativamente parecida: “tinham atuando nas fazendas com seus maridos, vivido o levante dos Herero e voltado à Alemanha. As duas escreveram livros sobre suas experiências”^{xcvi}.

Elas também retornam em sua narrativa às dificuldades da convivência entre a escola (masculina) e a escola feminina em uma espiral explicativa que cada vez parece tentar elucidar melhor as dificuldades, tornadas intransponíveis, que levam ao fim da convivência entre as duas instituições. Após a escolha da diretora, segundo elas uma escolha não realizada de acordo com o ideal estabelecido por Fabarius, as dificuldades têm início:

“já três meses depois, no final de julho de 1908, a sra. Falkenhausen já relatava dificuldades no trabalho conjunto com a escola colonial alemã. Tentou-se alterar o plano de ensino, mas era muito claramente muito severa a falta de liberalidade do diretor (*Direktor*) em relação à diretora (*Leiterin*) e os crescentes tumultos internos entre o corpo discente. Não podia deixar de ser que também as moças tomassem partido nesses tumultos, greves e manifestações planejadas. A sra. Falkenhausen

pediu demissão no início de 1909 e voltou para SWA para montar a planejada *Lehrfarm*” (Idem, pp. 18-19)^{xcvii}.

Teriam sido as dificuldades impostas ou iniciadas pelo corpo discente da escola masculina? A pesquisa de Lerp (2007) trata dessas mudanças ao nível das instituições, identificando as tomadas de decisão de grandes atores nesse contexto. No entanto, Böhlke (1995), em obra dedicada somente ao estudo da escola masculina, afirma que os alunos pareciam não aprovar o rigor disciplinar de Fabarius e que as greves levadas a cabo para por eles finalmente terminarem por confirmar a tese de que a atividade conjunta entre a escola masculina e a feminina representaria um impedimento para ambas as partes (*Hemmung beider Teile*)¹⁰².

Nada impede, no entanto, que Fabarius, que mantinha contato constante com ex-alunos já em campo, tivesse levado em consideração alguns escritos como o de um aluno que afirmava que a escola feminina talvez fosse apenas necessária para ‘providenciar material matrimonial’, já que as atividades exercidas por uma mulher na colônia eram as mesmas que aquelas exercidas na metrópole, para as quais não haveria necessidade de formação específica^{xcviii}.

As manifestações estudantis geram ‘publicidade desagradável para fora’ – as notícias chegam até o Parlamento alemão – e apesar disso ou mais provavelmente até *por causa disso*, segundo elas, a remoção da escola não foi autorizada^{xcix}. Seria uma forma de provar que a convivência entre instituições era de fato incomensurável ou apenas uma forma de continuar agradando parcelas da aristocracia que tanto haviam apostado na ideia de uma escola? Que *sob essas condições mais uma vez uma mulher tenha se colocado à disposição da escola* só pode ser atribuído ao idealismo da pessoa consultada para a função, a Condessa Zech^{cc}, cujo *curriculum vitae* entregue à instituição detalhava sua experiência na colônia afirmando ter vivido em tendas e ter conhecido a vida, conforme o hábito dos agricultores, pelo seu lado mais primitivo^{cci}. A opinião das autoras sobre o fim da escola em Witzenhausen parece ser a que segue: “o experimento pedagógico-colonial feminino de Ernst Fabarius havia fracassado. Claramente havia faltado à fundação dessa escola a vivacidade e o entusiasmo que caracterizavam as ideias de Ida von Kortzfleisch, por ex., de forma especial” e os motivos que certamente

¹⁰² DKP, 11. Edição (1910), N.4, p. 12 *apud* Böhlke, 1995, p. 61 (nota de rodapé).

levam a isso, segundo elas, teriam sido: “as máximas militares e morais de Fabarius, seu comportamento autoritário, o Conselho curador formado apenas por homens e o pesado plano de ensino” (Rommel & Rautenberg, 1983, p.20).

O sucesso da empreitada da escola feminina uma vez separada da escola masculina estará, para elas, relacionado ao pensamento pedagógico desenvolvido por Kortzfleisch. De fato, a introdução ao *Prospekt*, uma brochura contendo as caracterizações gerais da escola, contem elementos aparentemente mais emancipadores. O objetivo reza que

“as alunas da escola colonial feminina devem ser preparadas para desempenhar um papel de utilidade nas colônias alemãs como auxiliares nas fazendas, apoios à dona do lar etc. ou desempenharem atividades, em sua própria propriedade, através da economia doméstica, jardinagem, cultivo de pequenos animais, aves e abelhas” (Idem, p. 21)^{cii}.

Com o objetivo definidamente profissionalizante, do formulário de inscrição para escola constava a pergunta acerca da intenção da candidata em trabalhar nas colônias^{ciii}. As disciplinas, dentre elas ‘geografia colonial e estudos sociais das colônias’ (*Kolonialgeographie und Landeskunde der Kolonien*) e leitura colonial (*koloniale Lektüre*), certamente contribuiriam para o preparo para o trabalho ultramarino^{civ} (Idem, p. 23).

A escola passa a receber financiamento do *Reich* para cada aluna colonial (*Kolonialschülerin*) para compensar os altos gastos com a formação e também são disponibilizadas bolsas de estudo por parte da *Deutsche Kolonialgesellschaft* para que algumas alunas possam frequentar a escola. Este claro movimento de apoiovinha no esteio da necessidade de envio de mulheres, temática já discutida no Parlamento em anos anteriores.

As próximas medidas coincidirão temporalmente com o aumento de influência das mulheres do *Frauenbund*, associação que se desliga paulatinamente da *Deutsche Kolonialgesellschaft* dirigida precipuamente por homens.

As autoras relatam que

“a diretora também via como sua tarefa encontrar postos de trabalho adequados para as alunas que assim o desejassem. Para este fim, o Conselho supervisor da Sociedade Kolonialfrauenschule m.b.H entrou em contato com todos as

administrações reais de todos os protetorados, informou a eles a criação da escola e solicitou que definissem pessoas de contato (*Vertrauenspersonen*). Também foram estabelecidos contatos os assentamentos alemães na América do Sul. Depois que, desta forma, a formação se tornou conhecida, foi firmado um contrato com o Frauenbund no qual esta associação assumia a intermediação e assistência das alunas já formadas” (Rommel & Rautenberg, 1983, p 23) ^{cv}.

Na conclusão do primeiro Tomo, as autoras apresentam um desfecho à narrativa afirmando que:

“ao que parece, o curso colonial se inseriu no contexto da escola econômica feminina de Bad Weilbach de forma fácil [*zwanglos*]. Ao contrário da escola em Witzenhausen, ele não gerou nenhum furor negativo, ao contrário, como todas as outras escolas femininas, proporcionou um trabalho de formação de qualidade. (...) A ideia de combinar uma formação doméstico-agrária com uma oferta de formação ampliada pôde ser claramente melhor realizada no período antes da primeira Guerra Mundial na área de formação especial para moças e mulheres que na perenemente atribulada Witzenhausen. Que a ideia dessa oferta de formação especial na formação de moças abrisse um novo caminho se comprovou através da ideia de que, mesmo sem propriedade colonial alemã própria essa formação pôde ser continuada em meados de 1920. O plano de formação já da primeira escola colonial feminina deixava claro que moças e mulheres enfim poderiam ultrapassar também de forma autônoma fronteiras espaciais e intelectuais muito estreitas” (Idem, p. 25) ^{cvi}.

A narrativa acerca da escola de Rendsburg (1926-1945) em específico tem início com o fim da primeira Guerra Mundial: a Alemanha havia perdido a guerra e, com isso, perdido também parte do território do *Reich* tanto nas colônias quanto no Leste. No lugar do *Reich* havia ocorrido a república¹⁰³.

A tese da indignidade colonial alemã que havia sido levantada pelas potências vitoriosas e utilizada por eles como subterfúgio para alocar para si mesmos as colônias alemãs como áreas de seu mandato (*Mandatsgebiete*) havia sido recebida por muitos alemães como injustiça. Eles não estavam dispostos a se conformar com essa desqualificação moral e suas consequências políticas e econômicas¹⁰⁴.

Havia, no entanto, uma grande comoção social em torno da questão colonial:

¹⁰³ “(...) ‘war die Republik eingetreten’”. (Rommel & Rautenberg, 1983, p.30).

¹⁰⁴ As autoras mencionam no tratado de Locarno no qual Stresemann teria negociado a questão colonial (se a Alemanha se tornasse membro da Liga das Nações, poderia se tornar novamente mandatária das colônias). O ministro colonial inglês Amery declara em 1926 Ostafrica como território inglês e o presidente da Deutsche Kolonialgesellschaft/Kolonial-Reichsarbeitsgemeinschaft Gouverneur a.D. Seitz pede posicionamento do *Reichskanzler*.

“muitas publicações sobre as antigas colônias, revisões de pesquisas científicas, romances, relatos de experiência e relatos aventureiros de caçadas despertaram ou fortaleceram o interesse da opinião pública em especial pela África, mas [também] no geral pela amplidão mais livre do novo mundo. A aquisição de conhecimento sobre as antigas colônias era estimulada de forma consciente. As semanas coloniais eram realizadas anualmente em diferentes cidades, eram fomentadas pelas associações que direcionavam seu trabalho ao além-mar. (...) Os contatos retomados muito rapidamente com representantes no ultramar mostravam que não apenas nas antigas colônias eram desejadas jovens moças e mulheres com uma formação em economia doméstica agrária. As famílias que recém-assentadas em outros territórios ultramarinos também dependiam, para o seu sucesso, da capacidade prática trazida pelas mulheres com capacidade de exercício de uma economia doméstica agrária em condições frequentemente primitivas” (Rommel & Rautenberg, 1983, pp.30-31) ^{cvii}.

Decidida a refundação da escola, restava escolher o local apropriado, escolha essa justificada no seguinte parágrafo:

“independentemente uma da outra, as representantes (a Duquesa Elisabeth zu Mecklenburg e a Sra. von Lekow) ficaram convencidas após a visita de que Rendsburg seria o local adequado para a escola especialmente por sua localização representativa à beira de uma via fluvial muito utilizada, internacional. O Canal de Kiel [*Nord-Ostsee-Kanal*] conectava Rendsburg com o mundo inteiro” (Idem, p.31) ^{cviii}.

A fundação da sociedade *Koloniale Frauenschule m.b.H* se dá em 1926 com o objetivo de oferecer formação agrária e em economia doméstica de moças e mulheres para fins de assentamento doméstico e no exterior” (p. 34).

Em 1927 assume o teuto-brasileiro Dr. Hans Helling e em 1929 assumirá o posto a *Fräulein* Ana Pahl. Em 1930 o diretor Dr. Karl Körner assumirá a escola e permanecerá sendo seu diretor até o fechamento da escola em 1945, permanecendo o representante da Sociedade *Gesellschaft Koloniale Frauenschule m.b.H.* até o dia 01 de abril de 1947” (Rommel & Rautenberg, 1983, pp.38-39).

Um relato interessante deixa transparecer alguma opinião acerca do primeiro *Prospekt* sobre a escola, divulgado em 1927:

“o primeiro *Prospekt* mostra a silhueta da casa-sede da escola e anuncia sua reabertura no início do ano de 1927. Do ponto de vista da redação, o prospecto estava integralmente comprometido com a demanda colonial em expressões lexicais marcadamente masculinas de forma que imagina-se que ao menos o seu início tenha sido escrito por um homem. São descritas as demandas e os objetivos da escola. À formação prática é dado o mais amplo espaço de forma que as ‘jovens moças estejam em condições de encontrar em qualquer lugar, seja no Além-mar ou no lar seu caminho de vida. Não se pensou com isso em uma formação profissional no sentido estrito, mas apenas em ‘mulheres e moças que quisessem se dedicar à

bela tarefa de serem fieis camaradas de nossos compatriotas em lugares longínquos” (Rommel & Rautenberg, 1983, p. 40)^{cxix}.

Às camaradas não eram solicitados exames de aptidão, porém *sim* a garantia de que cumprissem os requisitos físicos e mentais e que fossem capazes de decidir e agir¹⁰⁵. Dentre outras narrativas interessantes, chama a atenção a apresentação mais detalhada que foi oferecida do primeiro diretor da escola e que indica conexões forjadas ao longo do tempo com os chamados ‘assentamentos’ em outras localidades para além das colônias alemãs na África. Na busca, portanto, por um primeiro diretor para a escola, as autoras relatam algo que consideram uma *coincidência*, já referida anteriormente aqui: uma jovem esposa de fazendeiro, *Pflanzerfrau*, havia ido do Brasil a Alemanha para o nascimento de sua filha e se encontrava em Nuremberg ao ler acerca da vaga para diretor da escola. Ela vai à Rendsburg para realizar a candidatura em nome dela e do marido e ele, *sem suspeitar de nada*, estando em uma fazenda *em lugar remoto* recebe um telegrama perguntando se aceitaria a vaga. Com isso, em 1926, Hans Helling^{cx} e família assumem o posto em Rendsburg^{cxii}.

Sobre as origens das alunas e sua convivialidade, algumas passagens narradas pelas autoras mostram que “nos primeiros anos havia relativamente muitas jovens oriundas de *Südwestafrika*, ao mesmo tempo também filhas ou parentes de personalidades famosas e ativamente ligadas naquela época ao pensamento colonial” (Rommel & Rautenberg, 1983, p.52)^{cxiii}. As meninas que vinham das colônias^{cxiiii} tinham aprendido a trabalhar de forma primitiva e saber aceitar as condições que lhes eram impostas – com isso, por vezes, tinham mais conhecimento prático que as professoras da escola^{cxiv}.

O diretor a partir de 1930, Dr. Karl Körner, tem um papel importante na forja da escola e é uma personalidade que surge em cartas trocadas pelas egressas. Tendo unificado o sistema educacional privado alemão em *Südwestafrika* (Rommel & Rautenberg, 1983, p.56), ele detinha os conhecimentos pedagógicos que Hans Helling não possuía¹⁰⁶. Ao lado de Körner, Hildegard Dreves figurará como uma importante personalidade na escola. Denominada a ‘primeira

¹⁰⁵ Rommel & Rautenberg, 1983, p. 43.

¹⁰⁶ A captação de Körner para o serviço na escola dá-se através do conhecimento que representantes do *Frauenbund* e da aristocracia travam com seu trabalho em território colonial. Ao mesmo tempo, sua fama o precedia como pedagogo bem-sucedido na colônia. (Idem, p. 57).

professora', Dreves era oriunda de uma das escolas da associação *Reifenstein* e respondia pela escola na ausência do diretor^{cxv}. Nos relatos das autoras, uma página inteira é dedicada aos dados biográficos de Hildegard Dreves – inclusive com referência às *Rundbriefe* que enviava¹⁰⁷.

Seguindo o relato apresentado pelas autoras, é importante destacar as disciplinas dadas por Körner^{cxvi}: problemas da Alemanidade no exterior (*Probleme des Auslandsdeutschtums*), pedagogia, higiene tropical, espanhol, Kisuaheli e Otijherero. Hildegard Dreves, por sua vez, lecionaria, entre 1931 até 1945, disciplinas teóricas e práticas em lavanderia, na área de laticínio, economia doméstica, enfermagem (inclusiveneonatal) e primeiros socorros¹⁰⁸.

Além das disciplinas, no ano de 1942 foi iniciado um ciclo de palestras com catedráticos do 'Instituto para Doenças de Navio e Tropicais' sobre vários temas¹⁰⁹ - também eram realizadas visitas anuais ao Instituto Tropical de Hamburgo¹¹⁰. Em 1932, segundo as autoras, as primeiras estagiárias começam a ser enviadas à Caríntia (na Áustria). Com o início da Guerra e o fim dos contatos com as regiões ultramarinas, as estagiárias passam a ser enviadas aos assentamentos no Leste para suprir necessidades locais no âmbito da economia doméstica. A Noruega, invadida em 1940, também receberá estagiárias em 1944 em fazendas locais. Quando egressas voltam à Rendsburg, relatavam o que do curso lhes tinha servido e o que não. Körner separava tempo para esses relatos e ia adaptando o curso às necessidades.

Os relatos acerca da evolução da escola durante a Segunda Grande Guerra evidenciam resiliência e adaptação tanto estrutural quanto disciplinar: a escola torna-se um internato, dada a dificuldade de locomoção das alunas pelo país. As aulas continuam com alunas sendo enviadas para a realização da parte prática do curso em assentamentos no Leste. As que permanecem na cidade desenvolvem atividades práticas nos hospitais locais. Apesar da deflagração da Guerra Total no verão de 1944, ainda é aberta uma nova turma no outono do mesmo ano

¹⁰⁷ O relato foi extraído desta seção e retomado de forma analítica na próxima seção, que apresenta e analisa as narrativas epistolares, nas quais Hildegard Dreves exerce papel fundamental.

¹⁰⁸ Rommel & Rautenberg, 1983, p. 60.

¹⁰⁹ Rommel & Rautenberg, 1983, p. 66.

¹¹⁰ Rommel & Rautenberg, 1983, p. 68.

(Rommel & Rautenberg, 1983, p.76). Uma das divisões da SS se estabelece no prédio da escola, enquanto outro receberá uma das primeiras levas de refugiados vindos a bordo do lendário Wilhelm Gustloff – muitos deles, crianças, seriam abrigados na maior casa - ‘África’ – pertencente ao complexo de casas da escola, todas com nomes de regiões africanas (Windhoek, Tanga, Camarões)¹¹¹.

Entre as atividades de socorro médico e a ajuda aos refugiados, as alunas ainda mantinham sua rotina de aulas. As autoras enfatizam algo que surgirá nas cartas: a rotina de acomodação de todas essas tarefas era extenuante.¹¹²

As últimas alunas deixariam a escola em outubro de 1945, um mês após o fim da Segunda Guerra Mundial^{cxvii}. Nas conclusões (*Ausklang*), que traduzo na íntegra, evidenciam-se os elementos de continuidade e também a perspectiva positiva em relação à escola como experiência de formação feminina:

“não chegou-se à refundação da escola feminina com os objetivos de formação ‘atividades no além-mar’ ou ‘atividades na ajuda ao desenvolvimento’. Uma formação curta, ainda que rica do ponto de vista do conteúdo, como as escolas femininas coloniais haviam oferecido, não mais teriam sido suficientes nesse contexto. Na área da formação feminina também a busca por uma formação profissional mais qualificadora pôde se impor. Uma atividade autônoma feminina na ajuda ao desenvolvimento, fora do próprio contexto familiar, parece ainda hoje impossível para muitas pessoas. Com o fechamento da escola em Rendsburg foi encerrado um capítulo por si mesmo na área da formação feminina rural e uma evolução autônoma foi interrompida, que aqui talvez pudesse ter gerado uma mudança de consciência. O poder de atração que essa formação certamente exerceu sobre muitas moças pode ser justificado pelo fato de que disciplinas e formatos de aula oferecidos muito ampliaram o horizonte delas. Para muitas moças esse período de formação significou um primeiro passo em direção à autonomia, em direção a uma nova autoconsciência que frequentemente resultava na busca por mais formação. Por conta dessa trajetória, os pensamentos e esforços pelas criações e direções das escolas femininas coloniais não foram em vão”^{cxviii}.

Observando o livro de Rommel & Rautenberg (1983) com especial atenção aos marcos discursivos, linguísticos e paralinguísticos amparados pela extensa pesquisa histórica é possível afirmar que a discursividade apresentada no referido livro-síntese está limitada pelas características do gênero textual: o encadeamento dos conteúdos, a apresentação de personagens, as partículas modais e as marcações gráficas modulam a leitura e permitem um vislumbre acerca da percepção das autoras sobre as escolas.

¹¹¹ Rommel & Rautenberg, 1983, p. 72.

¹¹² Rommel & Rautenberg, 1983, p. 77.

Em síntese, é possível afirmar que as autoras entendem a criação das escolas em uma grande linha de continuidade institucional (a partir da existência ininterrupta da entidade mantenedora da escola) e também orgânica, na medida que em todos os momentos em que os objetivos de fundação da escola são declarados (nas ‘refundações’ da escola e no preparo dos ‘*Prospekte*’ para divulgação), há a refirmação do compromisso de formação agrária e doméstica para mulheres alemãs.

Que o trabalho das mulheres, talvez influenciado pela atividade humanitária realizada na e ao redor da escola especialmente nos anos finais da segunda Guerra Mundial, e associado ao ‘amplo’ conhecimento adquirido em questões coloniais, fosse visto como um preparo para o desempenho de tarefas ligadas à ajuda ao desenvolvimento, como lemos na conclusão do livro, levanta questionamentos quanto à ideia de desenvolvimento estudada na escola e fomentada em outros locais de formação¹¹³.

Como uma narrativa baseada em eventos, mas, sobretudo, em atores centrais conectando regiões, políticas e atividades, o livro de Rommel & Rautenberg (1983) abre uma janela para o material empírico a ser analisado a seguir.

5.3. As Rundbriefe de Hildegard Dreves (1938-1960)

As cartas compreendem uma narrativa em gênero textual específico e, no contexto das Ciências Sociais, oferecem uma interessante possibilidade para abordar aspectos contextuais, autorais, sequenciais e substantivos (relacionados a conteúdo) de materiais potencialmente biográficos, como é o caso de cartas.

A pesquisa a partir de narrativas epistolares não é incontroversa, no entanto. Autores como Ken Plummer afirma(-vam) que cartas e diários seriam materiais primários problemáticos para o pesquisador por dois motivos em particular: (1) porque a visão do narrador reflete não apenas o mundo, mas também a percepção que tem do receptor e (2) porque as cartas frequentemente abarcam uma miríade de temas e com isso são difusas para fins analíticos.

¹¹³ Afinal, sabe-se que foi mantido o contato com a escola de Witzenhausen que, nomeadamente, publicou seu periódico ‘Der Deutsche Kulturpionier’ entre os anos de 1900 e 1970.

Ainda assim, áreas de conhecimento como a História e a Literatura consideram o gênero ‘carta’ como factível do ponto de vista analítico: na História, cartas podem ser contejadas conforme a sua facticidade e na Literatura, mais influenciada pelo pós-estruturalismo, a intertextualidade é observada como elemento chave.

Para o caso das Ciências Sociais, Liz Stanley (2004) tece considerações teóricas e analíticas sobre o uso de cartas como material primário a partir da sua própria experiência como editora das cartas da feminista Oliver Schreiner. Para ela, há três elementos que dão às cartas significado do ponto de vista analítico: (1) cartas são dialógicas (oferecerão sempre engajamento com o leitor), (2) cartas são perspectivísticas (não são referenciais do ponto de vista do redator, seu conteúdo não será referencial de forma apontar sempre para um redator unívoco). Ao contrário, as perspectivas vão se configurando conforme o receptor e com o passar do tempo. As cartas também, segundo Stanley (2004), (3) têm “propriedades emergentes”: há “preocupações” e “convenções” que estão suscetíveis a mudanças ao longo do tempo e que, segundo ela, ajudam a caracterizar uma ética epistolar partilhada por uma comunidade epistolar.

No caso das cartas aqui apresentadas e analisadas, as (mais de uma, certamente) comunidades epistolares vão se sobrepondo à medida que, com o tempo, novos interlocutores vão obtendo espaço a partir da ‘moderação’ realizada por Dreves.

No caso do presente trabalho, observo as cartas como coleção (Stanley, 2004). É de Stanley (2004) e Tamboukou (2011) o alerta de que frases e trechos retirados de seu contexto adulteram o sentido e propósito do que é enunciado (Stanley, 2004, p. 205) ou levam outros pesquisadores a conclusões incompletas (Tamboukou, 2011, p. 626).

Para Stanley (2004), o marco temporal e a estrutura são os elementos balizadores de uma análise epistolar. Alguns elementos são importantes quando da análise de fontes históricas, ainda que o presente trabalho não tenha como objetivo final assegurar a verossimilhança, a confiabilidade deste material em face de outros da mesma época, como fariam os pesquisadores dados ao trabalho

historiográfico *strictu sensu*. Antes de cada fonte utilizada, entendemos que o pesquisador que lida com elementos históricos

“(...) must introduce the text with all the information she has about the text’s history – its location, its relationship to any known (or hypothesized) original, previous editions of the text, its place of composition, its date and so on” (Howell & Prevenier, 2001, p. 62)¹¹⁴.

As *informelle Rundbriefe*, como a própria Hildegard Dreves as chamará eventualmente, se iniciaram no ano de 1935, carta essa que não consta do acervo encontrado. A descoberta do ano de início das correspondências é dada por uma pista na carta de 1955 em que Dreves se lembrará com saudades do período passado em Windhoek, lecionando em uma escola local. A carta enunciará a grande ruptura representada pelo fim das atividades da escola durante o período em que escreve: é o do amadurecimento do Ilan (refere-se à planta asiática Cananga do Japão, introduzida no continente africano e depois no europeu) e também o momento de lembrar que as atividades intensas na escola que tornam impossíveis as correspondências pessoais são substituídas pela rede de pessoas e suas experiências, uma vez que a escola já não existe:

“Essa é a época do ano em que o Ilan amadurece em Süd-West e Ostafrika. Não seria possível escrever a cada um individualmente e contar aos lá de fora as nossas atividades em cada ano na *Koloschule*. Essa é minha vigésima carta e nela, se já não posso mais falar da escola, falo das muitas pessoas queridas que passaram um período feliz em Rendsburg e que se alegram em ouvir aqui e ali as experiências dos outros. Que a mim me seja permitido ainda escrever muitas cartas de Natal par vocês pois eu também fico feliz em pensar em cada destinatário dessa carta e me sentir em meio às famílias que oxalá estejam comemorando o Natal com saúde e satisfeitas!”^{cxix}

A primeira carta disponível no acervo data de 1938 e já apresenta as características formais gerais da coletânea que se seguirá. As cartas têm como abertura uma saudação de Natal e frequentemente apresentam logo após a datação no canto superior direito (em geral com as informações acerca da cidade a partir da qual se escreve, o mês e o ano), um verso ou poesia de motivo natalino. Em

¹¹⁴ Da mesma forma, é necessário pensar no seguinte: “(...) the questions are not so much literally about time and place and author as they are about the significance of this information. What kind of institution or individual produced a source, with what authority, under what circumstances? What surrounding events gave the date or the place special meaning?” (Idem, ibidem). Nesse caso, Dreves divide a autoria intelectual (conceitual), material (ela que determinou a linguagem e escreveu) e jurídica (é ela que confere impacto institucional sobre o material através de sua autoridade e influência) sobre o texto (Idem, p. 63).

seguida, em geral virá um parágrafo de saudação inicial que faz alusão às frequentes epígrafes das cartas ou apenas um parágrafo inicial de saudação por ocasião da época das festividades às *Kolos* onde estivessem e é interessante notar que são datilografadas, tendo como intervenção manual na maioria das vezes apenas a assinatura de Dreves.

Há alguns *topoi* sempre presentes ao longo do tempo e que conferem leveza e intimidade, até simpatia ao projeto de troca de cartas: na primeira página das cartas, Dreves menciona todas as mulheres com as quais se encontrou ao longo do ano (ou porque vieram visitá-la ou porque as encontrou fortuitamente em viagens) também menciona todas as alunas das quais ou obteve notícias diretamente ou as obteve através de terceiros. Assim, a primeira página de cada carta se assemelha a um grande mural de achados e perdidos transnacional que, se cartografado – ou seja, colocado por sobre um mapa – fornece já em 1938 uma vívida imagem dos espaços físicos, laborais e sociais ocupados por essas mulheres. As entradas acerca de cada aluna são curtas, mas apresentam as seguintes informações: nome da aluna, em que turma cursou o ano de formação colonial, o local de atuação e a atividade laboral exercida.

Há muitas referências nominais a destinos e trajetórias¹¹⁵ já na carta de 1938 e que darão o tom da localização das mulheres em cartas posteriores:

“Hansel Kammer e Ruth Papa administram o Lady store Hygienic Milk Produkts Tanga na ausência da proprietária que voltará em fevereiro e quer levar mais uma Rendsburgiana. Mariane Ritter fez Medicina e ficou noiva de um médico, Lotar Bilz. Dagmar von Trotha também se casou. Ina Konrad-Heine Marungu Estates Post Tanga II8. Hanna Steigerwald também se casou em *Ost* [*in Ost*]. Lotte Müller se tornou noiva durante a partida de Lukas Kranach. Hilde Damer está casada. Dore und Hanna Frowein-Werne estiveram de visita na Alemanha, agora estão de volta a S-W. na fazenda Berg Aukas perto de Grootfontein no norte. Juliane Heintze está aprendendo fotografia. Hella Hering está em uma propriedade rural [*Gut*] perto de Danzig^{cx}.”

¹¹⁵ A seguir ela faz um breve apanhado nominal do que parece ser o paradeiro e atividade atual de diversas ex-alunas. A narrativa é a de apresentar o nome da ex-aluna e dizer onde está, se está casada e em que está trabalhando. Chama atenção a mobilidade das mulheres: muitas indo à África, basicamente à Süd-West e Ost. Uma ex-aluna na Espanha e outras na Alemanha, mas com desejo de voltar à África (Lete Holz, que esteve em Ost e ‘will wieder heraus’, bem como Lenore Woermann (macht ihr Abitur, will Volksschullehrerin werden und wieder nach drüben”). Na segunda página, referências à saída para Ost e também para Süd-west (Hulda Rautenberg). “Ich gehe so die einzelnen Jahrgänge durch, sodass jeder bald seine Alten und Neuen herausfinden kann.”.

A mesma carta de 1938¹¹⁶ nos dá a dimensão transcendência espacial e da mobilidade das alunas com quem Dreves tem contato. Aqui, apenas os locais (entre cidades e países) que surgem em sequência e compõem a cartografia possível para todo o marco temporal analisado:

“Farm Katsamba, Kamanjak, Índia, Alemanha, emprego em editora em Otjiwarongo, Wusseken-Land com o tio, Oesterreich in Eibishof bei Klagefurt bei Kindel, Ondekaremba-Nord Osire S-W, Islândia, retorno para a terra dos pais em Farm Lubeco Chimoio Port Ostafrika, Puchstein em Hamburgo, emprego em Hamburgo em uma empresa de exportação de borracha, Dulsberg, Kärnten, Lushoto, Farm Tew Post Windhuk, Freidenau SW, SW, Moshi, Burka Estates Post Arusha Ost, internato em Lushote, Oldeani, Fazenda do Tesouro/ Buri E.F. Soroc Est São Paulo, sul da Alemanha, Schleswig-Holstein, Oldeani, Índia holandesa, Nova Guiné, SW, Alemanha, Lushoto/ Magamba-Country Club, retorno à Áustria, Ponzlin Mecklenburg, Vegesack nas cercanias Bremen, Düsseldorf.”

Também presentes em todas as cartas estão algumas informações sobre os encontros anuais de egressas: com o encerramento das atividades da escola, as cartas enviadas por ela dão indícios de que, no correr dos anos, há o amadurecimento da ideia da realização de um encontro anual de ex-alunas de todas as turmas. Os chamados *Kolotreffen* foram realizados por muitos anos, como comprovará o documentário ‘Wir hatten eine Dora in Südwest’, que mostra cenas dos encontros¹¹⁷. Ao final de cada carta vêm informações que Dreves frequentemente reporta como ‘as mais importantes’ (ainda que formuladas sempre em tópicos): que egressas se mudaram, casaram (com quem e onde se casaram bem como a profissão do marido), quantos filhos ou filhas tiveram e, por fim, o registro de óbitos.

¹¹⁶ A página 3 ainda relata uma experiência de trabalho de algumas alunas em uma fábrica; (desconfio que já seja uma fábrica voltada a alguma coisa relacionada ao esforço de guerra): “Wir Lehrerinnen waren ganz ausgeschaltet und lebten unser Leben für uns oben auf dem Lehrerinnenflur, die unteren Räume hatten sie für die Tagung zur Verfügung. Die Reichsstudentenführerin war da, mehrere noch von der Studentenschaft, dann vom BDM und dem Frauenwerk, es war ein ständiges Kommen und Gehen. Die Mädels erzählten von den Vorträgen über Die Frau im dritten Reich, die verschiedenen Berufe, Bücherbesprechungen, B.D.M Organisation, sie sangen viel zusammen, lernten ein Stegreifspiel, das nachher bei einem sehr gelungenen Kameradschaftsabend aufgeführt wurde und was dergleichen mehr noch war”.

¹¹⁷ O dNo museu da cidade de Rendsburg, em uma pequena caixa com todos os materiais disponíveis para pesquisa acerca da escola colonial feminina, junto a outros materiais diferentes, uma coleção não completa de ‘jornaizinhos’ dos encontros anuais permite vislumbrar a capacidade de memorialização e retomada de aspectos identitários da experiência das mulheres enquanto egressas da escola colonial ao mesmo tempo em que reinventam seus olhares sobre o mundo, escrevendo e reportando suas vivências atuais e suas percepções acerca de questões como política, economia e desenvolvimento nas diferentes partes do globo em que estão inseridas.

A justificativa para a iniciativa de escrever cartas foi a de conectar as egressas e manter contato entre todas as alunas da escola durante os anos de sua existência – tendo sido contemporâneas ou não. A justificativa vai sendo reeditada paulatinamente, reforçada pela inclusão de depoimentos de ex-alunas tanto residentes na Alemanha quanto no exterior.

Os grandes *topoi* separados e analisados são relativos à (1) identificação das alunas como egressas e memórias identitárias relativas à escola, (2) o paradeiro das egressas e (3) as impressões de egressas e ex-professora em relação ao mundo *vis-à-vis* quaisquer elementos de comparação que emergissem nas narrativas.

Esses *topoi* encontram eco nas categorias analíticas que estão informadas pela orientação teórico-epistemológica. As cartas serão analisadas a partir das seguintes categorias: (1) as sequências de relatos ou lembranças que narrativizam a identidade conjunta construída e reconstruída ao longo do tempo epistolar (2) a construção de espaços (3) a construção de lugares.

Em relação à categoria 1, destaco a produção de re-presentificações de vivências passadas, no sentido de que são construídas a partir dos momentos criados/ selecionados de forma a forjar uma memória cumulativa do passado em torno de elementos comuns a todos os anos de funcionamento da escola. As cartas fazem um chamamento constante à interação entre todas as mulheres que tivessem a experiência da formação colonial em Rendsburg em comum e os encontros anuais organizados por Dreves representavam a materialização da comonidade intergeracional que, por sua vez, a reforça e cria novas memórias e princípios, projetados normativamente para o presente e futuro (“com base nos ensinamentos e no ethos partilhado na escola, como a *Kolo* é e deve ser?”).

Em consonância com a orientação teórico-epistemológica desse trabalho, são mapeados e analisados nas categorias 2 e 3 os espaços referidos pelas mulheres. A ideia de espaço está baseada nos estudos que envolvem a produção de espacialidades cotidianas e de caráter transnacional, como em Massey (2005), detalhada anteriormente.

Algumas marcas do gênero textual epistolar, ainda que não sejam determinantes, são relevantes para a compreensão das narrativas. As cartas, que têm frequência anual ininterrupta e são escritas próximo às celebrações natalinas, têm em média cinco páginas, foram todas iniciadas pela chamada ‘primeira professora’¹¹⁸, Hildegard Dreves no sentido de que têm a sua autoria primeira atribuída a ela, ainda que ela, com o passar dos anos, tenha incorporado excertos de cartas de ex-alunas recebidas ao longo do ano e, com isso, tenha atuado também como ‘moderadora’, por assim dizer, das opiniões externadas nas cartas.

Dreves, que assumirá papel desencadeador da troca de cartas e também, portanto, moderador nelas, assume o papel de sujeito narrável, aquele se assume digno de narrar a si mesmo e, ao fazendo isso, permite que outras narrativas emergjam em igual proporção. O *narratable self* não tem caráter necessariamente individual, ele é coletivo, no sentido de que a experiência empodera um narrador a ver a sua estória/história contada (Livholts & Tamboukou, 2015, p.43). Assim, a visão de Dreves dela mesma como narradora e sujeito narrável abre espaço nas cartas para que outros sujeitos narráveis tragam suas narrativas.

Realizada a seleção de trechos a serem analisados e a identificações de recorrências narrativas conforme os três elementos indicados acima, algumas outras questões balizarão a análise: o potencial estado emocional/psicológico do sujeito da narrativa (em especial diante de fatos históricos como o fim da II Guerra Mundial), os silêncios nas cartas (se houve seleção nos interesses do autor/se ele ignorou eventos ou nuances do que conta); sob quais influências externas/de autoridades superiores o manuscrito foi confeccionado, se há pré-conceitos ou pressupostos sociais. E, para além disso, se há uso lexical sem aposição explicativa (ou seja, uso de palavras que prescindem de explicação e que, por isso, podem ser tidas como pertencentes ao campo semântico da comunidade de cartas) e, além disso:

- como Dreves e as interlocutoras se referem a si mesmas (sua condição no mundo que as cerca, a construção da relação com a escola e seus valores);
- que redes de conhecimento e relacionamento elas estabelecem;

¹¹⁸ Rommel & Rautenberg (1983).

- como Dreves e as interlocutoras se referem à Alemanha e ao presente/futuro/passado – que palavras usam (sinônimos, qualificações);
- como se referem ao mundo e ao presente/futuro/passado (*draussen*, sinônimos, qualificações).

Antes de mais nada, quem é Hildegard Dreves? A biografia dela é fornecida pelo livro-síntese de Rommel & Rautenberg (1983, pp. 58-59):

Nascida aos 4 de março de 1896 em Walsrode, filha de um médico, Dreves frequentou a partir de 1913 uma escola pertencente à associação *Reifenstein* em Maidburg. A escola, que se situava perto da fronteira com a Polônia, havia sido fechada quanto da eclosão da Primeira Guerra Mundial, mas foi reaberta 6 meses depois. Em 1915, Frl. Dreves obteve o diploma em ciências da economia doméstica agrária, trabalhou inicialmente em Hannover em um hospital de campanha organizado por seu pai. Após a Guerra, teve dificuldade em encontrar um emprego como professora e pôde assumir finalmente, com ajuda financeira de parentes em 'Heideheim Riethagen' ao sul de Walsrode, uma posição como professora sob a tutela da associação *Reifenstein*. Iniciou suas atividades na escola colonial feminina em 01 de outubro de 1931. De 01 de julho de 1935 a 01 de abril 1937 ela interrompeu seu trabalho em Rendsburg e substituiu Fräulein Carola Wiss a direção de uma pequena escola de economia doméstica fundada pelo Frauenbund da DKG ligada à instituição Bredow-Heim em Windhoek. Lá ela também dava aulas de culinária. Ela aprendeu a conhecer a mentalidade das alunas, as condições gerais, o país (*Land*) e a gente (*Leute*). Contando com caronas espontâneas, pôde viajar pelo país em suas férias. Conheceu outros 53 lugares além de Windhoek (pequenos lugarejos e Farmen). No final de 1936, Frl. Dreves faz o caminho por Ostafrika de volta à Alemanha. Lá visitou diversas plantações, tantas quantas podia com as caronas que a ela eram oferecidas. Ela conheceu várias alunas e trouxe impressões vivazes e ideias para casa. Ela voltou com prazer ao seu entorno laboral em Rendsburg. Lá ela transmitiu não apenas conhecimento e experiências práticas, mas introduziu algumas formas de organização e princípios educacionais (*Erziehungsprinzipien*) já consagrados nas escolas *Reifenstein*. Uma delas foi, por ex., a divisão dos afazeres rotineiros da casa em assim chamados 'postos' ('Ämter') a serem realizados alternadamente pelas alunas. A personalidade desta professora se reflete nas 'Rundbriefe' que ela enviou por muitos anos às antigas alunas. Até o final de sua vida ela manteve contato pessoal com muitas delas. Ela faleceu bem idosa no dia 1.1. 1981^{xxxi}

As cartas direcionadas por Dreves às egressas e, posteriormente, as respostas das egressas à Dreves e entre si permitem identificar que há um processo de consolidação da estruturação não apenas das diferentes seções que compõem a própria estrutura epistolar, mas também dão pistas ao leitor acerca das grandes temáticas e contextos nas quais as trocas epistolares estão sendo realizadas. No contexto da História, como referido anteriormente, a atenção se volta tanto para as condições de produção (contextos) como para a organização discursiva que leva em conta os temas ou *topoi* singulares ou recorrentes e também marcações

linguísticas e para-linguísticas que ajudam a compor a interpretação. A carta, como texto, é também um sistema de categorias, tanto as que a definem como gênero textual como as categorias gerais relevantes ao texto e à pesquisa. Dentre elas, destaco a ideia de que a carta é produzida em função do outro (Venancio, 2004, p.113). Quanto à materialidade da carta e seu suporte, se datilografada ou manuscrita, se assinada ou não, se referenciada em tempo e espaço, esses elementos também constituem a análise.

A narrativa, caracteristicamente epistolar, tecida por Dreves ao longo de todos os anos em que capitaneou as cartas anuais às egressas, permitiu a identificação de algumas temáticas que ajudam a lançar luz sobre as questões de pesquisa, quais sejam, ‘onde estão as mulheres?’ e ‘o que dizem sobre o mundo?’. As perguntas ‘quais as conexões globais possíveis a partir das cartas?’ e ‘como entender as RI a partir dos achados?’ serão abordadas na conclusão.

5.3.1.

Onde estão as mulheres? O que dizem sobre o mundo? Cartas de 1938 a 1960

De 1938 até 1945, Dreves tem a preocupação de criar e fortalecer os elos que unem as egressas através do compartilhamento de notícias atualizadas acerca da evolução da escola, de suas atividades e de seus membros, em especial com o avançar da Guerra.

Como parte do processo de construção da escrita que termina por ser conjunta, são evocados espaços de sociabilidades comuns (clubes, as diferentes casas que compõem as instalações da escola, o Canal de Kiel) e atividades comuns às alunas, grandes referenciais identitários, como o diretor Karl Körner e a aviadora Hanna Reitsch. Do ponto de vista estrutural, as cartas apresentam a datação aproximada, evocando na maioria das vezes o período das festas de Natal e o ano de escrita. A maior parte das cartas começa com uma epígrafe natalina e Dreves, sexagenária naquele ano, após saudar suas leitoras, dedicará o primeiro parágrafo de suas cartas à construção de uma introdução à carta em que expressa seus votos natalinos associando-os ao passado da escola, ao futuro e ao desafio à manutenção das atividades imposto pela Guerra.

As cartas de 1946 a 1950 apresentam uma reorganização interna por parte de Dreves: os trechos de auto-referenciação e auto-narrativa são influenciados pela condição física dela e pelo cenário difícil do ponto de vista laboral representado pelo fechamento da escola e, assim, pelo cessamento da razão pela qual as cartas eram enviadas.

As cartas entre 1950 e 1960 passam a ter como objetivo principal a integração e a produção de uma rede de sociabilidade entre todas as egressas independente da turma através das redes de notícias sobre a localização das mulheres e suas atividades laborais/ de vida. As notícias da escola dão lugar a formas de rememoração da vivência: as memórias conjuntas, narradas por Dreves, retomam elementos do passado e têm o efeito de explicar o *ethos* das egressas em suas diversas áreas de atuação.

As cartas a partir de 1955 têm uma configuração específica: se antes Dreves havia paulatinamente passado a inserir excertos das cartas em sua narrativa sobre as pessoas que a tinham escrito, a partir deste ano a estruturação da carta preverá uma seção específica separada para os ‘relatos de todo o mundo’, na qual transcreverá extensos trechos de cartas recebidas, comentando entre as linhas quando possível/necessário. É interessante notar que ela parece agrupar as cartas de acordo com *topoi* como a natureza e clima dos locais onde moram as egressas, a condição social das egressas e seus novos começos na Alemanha e no exterior e, por fim, a questão do negro nos locais a partir dos quais as mulheres escrevem.

As cartas entre 1950 e 1960, portanto, são as que de forma mais explícita e profunda apresentam as conexões com outras partes do globo a partir de narrativas que tecem acerca do mundo. O corte temporal é estabelecido pela carta de 1960, que é a primeira em que Dreves opta por reproduzir na íntegra uma carta de uma egressa “por conta do seu conteúdo” e também a primeira a trazer questões políticas à superfície narrativa.

A carta de 1960, portanto, é a última carta analisada e marca, em minha avaliação, o início de uma nova etapa não apenas da interação das egressas entre si nas cartas, mas também grandes marcos da política doméstica e externa da Alemanha (Occidental) que tem influência sobre a sociabilidade das egressas e sua

forma de ser e estar na ‘dispersão’. Em meados de 1961, com a decisão determinante divulgada repentinamente de construção do Muro de Berlim, a política da Alemanha Ocidental voltada para suas questões domésticas estaria determinantemente relacionada às questões de política externa e internacional desenhadas pela disputa de poder do mundo bipolar.

O ano de 1961 marca também o início oficial da política externa de ajuda ao desenvolvimento da Alemanha Ocidental, com efeitos diretos e indiretos para os alemães nas ex-colônias. Com uma presença mais forte, com um novo mandato em relação à sua presença no exterior e com especial atuação em partes do mundo como África e América Latina, a leitura de mundo das egressas se mistura a eventos políticos como a luta na Namíbia por maior autonomia frente à África do Sul (levantando questões de pertencimento e direitos), o início da política externa alemã para o desenvolvimento no contexto de definição de contornos da Guerra Fria e o estabelecimento de uma Alemanha Oriental com laços com outros regimes autocráticos. O momento político pelo qual atravessava a Alemanha (Ocidental e do Leste), com o recrudescimento das posições pré-guerra fria e o início de uma nova etapa de política externa definem o marco temporal e a limitação da análise até 1960.

A primeira carta achada em acervo data de 21 de novembro de 1938 e como local de escrita aparece *Rendsburg (Hannover)*, dando a entender que o local referencial de escrita é a cidade de Rendsburg, ainda que ela não esteja fisicamente lá. Ela se dirige a todos os queridos antigos da *Koloschule que tenham vontade de ler esse relato* (“an alle lieben Alten der Koloschule, die Lust haben diesen Bericht zu lesen...”) tanto os que estão na Alemanha quanto para aqueles no exterior, a ideia é enviar uma saudação cordial a partir da pátria (“für diejenigen im Ausland soll es ein herzlicher Weihnachtsgruss sei aus der Heimat (...”). Ela se alegra com todos os que através de cartas se lembram dela e da escola e também que algumas antigas se encontraram, se deixando levar pelas memórias de um tempo em que realmente podiam viver sem preocupações. Esse é o tom que recorrentemente fará parte das cartas posteriores: a leveza do tempo vivido na escola em oposição ao período da Guerra e à vida após a Guerra, tanto na Alemanha quanto no exterior^{cxxii}. Quanto às cartas que recebe, ela diz que “(...)

muitas cartas curtas e longas me chegam às mãos me contando mais e frequentemente que interessante é a vida fora e dentro e que me suscitaram frequentemente memórias (...)”^{cxiii}. Mesmo não respondendo a todas as cartas, tem muita alegria em recebê-las já que compartilha com as alunas atuais as informações recebidas:

“(...) com muita frequência conto às novatas coisas das cartas, de forma que as que as escrevem ajudam a trançar um vínculo entre a velha e a nova geração e além disso elas contribuíram muito para o conteúdo dessa carta, já que essa carta passa muito adiante do que eu ouvi das mais antigas”^{cxiv}.

A carta que aparece em seguida no arquivo não dispõe de data – supõe-se que tenha sido escrita em fevereiro de 1939 e terá como início a seguinte formulação:

“a todas as queridas antigas e antiquíssimas uma saudação calorosa que, no entanto, chega um pouco atrasada, porém !! - - vocês mesmas já sabem que frequentemente surgem impedimentos com os quais não contamos. Dessa vez foi a guerra que nos tirou dos trilhos, que é travada em nome da existência ou não existência da Alemanha e da qual sabemos que não iremos ceder e que faremos pessoalmente tudo o que estiver em nosso alcance para que esse objetivo possa ser alcançado”^{cxv}.

Nessa carta, como em outras do mesmo período, os votos de um bom Natal surgem associados ao sofrimento imposto pela Guerra e que se aproxima cada vez mais da escola, seja por notícias veiculadas, seja pela proximidade material e pelo empenho das alunas em atividades relacionadas ao esforço de guerra. No corpo das cartas desse período, ela se dedica a reportar, por vezes de forma breve e por vezes mais alongadamente, o paradeiro das alunas de turmas anteriores. Nas descrições, Dreves marcará a presença e atuação das alunas nas ‘colônias’ alemãs, referindo-se frequentemente à localização delas como estando ‘draussen’ (lá fora) ou ‘drüben’ (do lado de lá). Marcadas são também as formas de locomoção até os destinos finais ou temporários: as diversas estações pelas quais as mulheres passam parecem ser a prova, para Dreves, de que a escola as preparava para essa ida ‘ao mundo’. Se as condições de vida das mulheres vão se alterando rapidamente com o passar do tempo (e da evolução da Guerra), as notícias da escola têm o propósito de mostrar resiliência e estabelecer algum elo intergeracional entre as alunas já egressas e as alunas que ainda frequentam a escola.

“Das nossas antigas lá fora (*draussen*) sabemos pouco. Ouvi que Ursel Kämpf que esteve na escola em Lushoto teria voltado com um navio italiano. Talvez ela já esteja no *Transport* que chegou por último em Berchtesgaden. Quantos antigos *Ostafrikaner* tiveram já pela segunda vez o mesmo destino! Mas dessa vez eles mantêm a esperança de em breve novamente poderem voltar para lá (*drüben*) sendo lá uma colônia alemã! Quantas das nossas antigas foram parar lá (*drüben*) pouco antes do irromper da Guerra ou haviam há pouco se familiarizado à vida lá, como por ex., Brigitte Pachnio que (...) foi para Windhuk e quantas haviam acabado de se casar lá como Heidi von Schwerin und Hansel Kemmerl, quantas são recém-casadas e estão sozinhas com seus filhos pequenos enquanto o marido está em um campo de detenção. Meus pensamentos estão com todos estas e se alguma de vocês de alguma forma puder entrar em contato com elas, por favor envie essa carta a elas”^{cxxvi}. Em primeiro lugar vocês gostariam certamente de ouvir da vida e das atividades da sua velha *Koloschule*, que nesse ano mais uma vez se expandiu com a construção de um complemento à Klein-Windhuk, já havia escrito acerca disso certa vez. Recebeu o nome de casa Tanga e tem na parte de baixo uma sala de costura grande e bonita. A sala antiga na casa principal se tornou uma ampla sala de leitura e aulas^{cxxvii}. (...) Danças e passeios interromperam como a cada ano o nosso trabalho até que em setembro a Guerra se tornou notória entre nós, pois a escola transbordava de paramédicos que tiveram de comparecer à escola. Ela foi confiscada para servir de hospital militar e na época da prova final funcionaram ao mesmo tempo o hospital e a escola”^{cxxviii}. (...)

A Guerra surgirá como, por um lado uma ‘atividade’ à qual as alunas se dedicam em parte em paralelo às suas atividades e, em parte, em substituição às suas atividades na escola. A relação que têm com a movimentação de guerra fica explícita em vários momentos nos quais Dreves recontará episódios envolvendo a passagem de navios de guerra pelo Canal de Kiel e também embarcações históricas como o navio Gustloff:

“ao final de outubro o confisco foi suspenso e pudemos retomar as aulas, estamos com ocupação máxima e já estamos trabalhando com o pensamento na prova (final). (...) A equitação acontece agora em um galpão de equitação com professores militares e cavalos militares, o que agrada muito as meninas. Vocês certamente adorariam participar. (...). O Eider congelou, mas os navios ainda passam pelo canal por entre as calotas de gelo que vão se partindo em grandes blocos. Saudamos com frequência os navios de guerra a caminho contra a Inglaterra ou voltando de lá, vimos o Prien e seu *Uboot*, vimos o grande navio médico Gustloff que desembarcou feridos poloneses aqui no porto e muitas outras coisas, coisas que todas vocês decerto conhecem. Frequentemente seus pensamentos se voltarão a essas vivências e às camaradas que e com vocês àquela época gritavam o *Zicke-Zacke*.”^{cxxix}

A carta obedece, durante os primeiros anos de envio, a função social de conectar mulheres que, tendo frequentado a mesma turma, haviam perdido o contato umas com as outras ao longo do tempo e à custa das circunstâncias: “vou seguir a sequência e cada uma terá de encontrar sua conhecida na lista. Quem foi para fora (*draussen*)? O que mudou na vida das que trabalham aqui e lá fora?”^{cxxx}.

Após o curto detalhamento dos paradeiros de diversas alunas, Dreves oferecerá uma atualização, um inventário, acerca dos matrimônios contraídos pelas egressas e – em cartas posteriores – também acerca dos nascimentos dos filhos e filhas das ex-alunas. As informações são colhidas de cartas recebidas de ex-alunas – uma circulação de informações que será característica de todas as cartas enviadas ao longo dos anos e à qual ela atribuirá destacada importância, afirmando em determinadas cartas ser ‘a razão da correspondência’, o ‘principal trecho’ da carta, ‘o mais importante, que deixa para o final’.

A carta de 1939 dá a dimensão das distâncias abrangidas pelas redes de contatos e evidencia que os matrimônios contraídos não necessariamente realizavam o propósito político-social que havia sido condição de possibilidade para a existência das escolas em primeira linha. Os casamentos dão-se, por exemplo, em Kiel, Mühlheim, Durban, Oldeani, Rendsburg, Omatumba, com amigos de infância, com missionário, com um inglês, com um militar, no Paraguai, em Schlesien, Berlim, Angola, em Kitzingen, por exemplo. Na despedida desta carta, a menção a um elemento intergeracional comum – a saudação das alunas – e um grande fator unificador: o desejo de que as famílias se reúnam a partir do cenário de vitória na Guerra:

“A todas as que têm seu amado, marido ou noivo, pai ou irmão lá fora, desejo um reencontro com saúde com eles após um combate vitorioso pela existência da Alemanha! Que DEUS no-la dê! Eu saúdo a todas com a velha saudação colonial (*Kologruss*) *Zicke-Zacke Heil!*”^{cxxxix}

A carta que tem por data e local “Rendsburg, em fevereiro de 1940” tem início com uma saudação a todas as *Kolonegern* e pedindo desculpas pelo envio um tanto atrasado:

“Tomara que esta carta alcance muitas de vocês, ela serve ao mesmo tempo como agradecimento a todas que com carinho lembraram-se de mim seja através de saudações, cartões ou cartas. Onde quer que estejam, vocês que a Guerra tirou dos caminhos planejados, vocês que tiveram seus locais de trabalho lá fora roubados pela Guerra. Quantas de vocês foram profundamente feridas pela Guerra através da perda de pessoas queridas”. (...) Dessa forma, a luta da nossa querida pátria tem ceifado muitas vidas. Nós pranteamos todas com vocês, mas temos a firme convicção que essas vidas não foram perdidas em vão! Que este ano nos traga o desfecho vitorioso da Guerra e nos abra novamente nossos locais de trabalho em nossos próprios territórios ultramarinos”^{cxxxix}. (...) “Aqui planejamos ansiosamente a participação ampliada das alunas coloniais em nossas próprias colônias. Quando vocês daqui a um ano vierem ver novamente sua velha *Koloschule*, vocês

certamente não a reconhecerão de tanto que terá crescido para fazer frente às demandas que receberá assim que a Guerra terminar pois haverá necessidade de muitas moças (verdadeiramente) alemãs com formação rigosa no Além-mar. Muitas das de turmas anteriores e especialmente aquelas que já estiveram lá fora querem sair novamente, pelo menos é o que se lê em todas as cartas das que voltaram”^{cxxxiii}.

A Guerra grassava. No entanto, a relação que tinham com ela era singular: de acordo com a carta, elas passaram a receber visitas de marinheiros de submarinos que passariam pela região. Ela menciona o *Uboot Weddingen*, que teria feito uma ligação para a escola às 22:30 da noite avisando que estariam retornando de uma incursão à batalha, se anunciando então para o café às 7 da manhã do dia seguinte: a manhã foi então de apresentação das instalações da escola e da visita ao Uboot. Para elas, o verão havia sido de ganho de conhecimento e também com momentos de lazer em eventos com danças e festas.

Com as informações acerca dos casamentos e noivados ocorridos naquele ano (p.4), Dreves avança para o que chama de ‘anúncios gerais’ (*allgemeine Mitteilungen*) com referências às localizações das alunas conforme informações enviadas a ela. Ao final, uma despedida em que valoriza as relações privadas e o trabalho: “Ficaria muito feliz em poder passar uma tarde conversando com vocês e espero que esta carta as encontre com boa saúde e desempenhando um trabalho que as dê alegria e satisfação”^{cxxxiv}.

A carta natalina escrita em Rendsburg em dezembro de 1941 desejará às queridas *Kolokinder* que a alegria natalina as alcance na véspera de Natal, estejam elas junto aos entes queridos ou na companhia das camaradas. Em especial, diz ela, seus pensamentos se dirigiam àquelas que na véspera de Natal pensam nas pessoas que amam e que elas deram pela pátria – aqueles que se deram pela pátria e, assim, por todas elas. Ela escreve em um momento em que é necessário deixar tudo preparado para fazer um agrado de Natal aos soldados que receberiam. Em relação às notícias de alunas que teriam vivenciado a Guerra, eis como ela narra a vivência:

“quem certamente mais vivenciou pessoalmente a guerra durante esse ano foram Ursela Schünemann e Herta Reiner-Hollmann. Ursel morava em Teerã e vivenciou todas as crueldades que os ingleses fizeram aos alemães no Iraque. Agora ela está com a mãe o irmão na Alemanha, o pai foi capturado pelos ingleses e o noivo teve de fugir, já que constava cinco vezes da lista dos soviéticos. Herta Hollmann vivia

na Nova Guiné holandesa, foi capturada em Java, seu marido em outro lugar, e ela mesma agora está no Japão”^{”cxxxv}.

Ao encerrar a “longa epístola”, nas palavras ela, ela agradece a todos que escreveram cartas endereçadas a ela durante o ano, diz que se alegra com todos os sinais de vida recebidos e se alegra em depreender delas que as amizades feitas na escola ainda perduram. Com desejo de que tenham boas festas a despeito da Guerra, um novo ano com saúde e “à nossa pátria alemã uma paz vitoriosa em breve!”.

Em dezembro de 1942, a carta escrita em Rendsburg tem como vocativo ‘*liebe alte Kolokinder*’. “A *Koloschule* antiga inteira as saúda mais uma vez e com ela as saúda pela primeira vez a nova ‘casa África’, cuja imagem vocês vêem acima” e ela segue:

“Mais um ano se passou desde que escrevi pela última vez, naquela altura torcíamos pela paz neste ano. Como os meses foram se passando, cada um, mas uma vez sobrecarregado com o peso inteiro da Guerra e quantas das antigas e das novatas tiveram sofrimentos profundos por conta da perda de alguma pessoa querida! Meus pensamentos vão com vocês até todos os que sofrem, que lhes sirva de consolo que estes deram com alegria a sua vida pelo futuro da Alemanha. Nós agradecemos a cada um pelo sacrifício, na pátria [*Heimat*] permaneceremos tão fieis quanto eles foram no *front*! Esse é o nosso juramento para o novo ano. Que nos aproxime, queira Deus, da paz”^{”cxxxvi}. Frente aos sofrimentos de tantos, Dreves escreve acerca de como as dificuldades na escola são minúsculas. “O ano se passou de forma muito tranquila, sem grandes eventos. Pudemos aproveitar o *Kolopfingsten* como em outros anos, ficamos felizes sempre que o tempo estava bom e pudemos trabalhar de forma verdadeiramente diligente já que a falta de trabalhadores temporários naturalmente também se fez notar por aqui. (...) O trabalho me remeteu a tempos passados, quando comecei aqui há mais de dez anos e nós ainda éramos um grupo pequeno. Vocês ainda se lembram das nossas noites políticas nos anos de 32 a 35? Nós brigávamos, mas ainda assim era bom”^{”cxxxvii}.

Ficara muito feliz ao notar que nas turmas entre si há ainda havia muita união “já que a última carta também alcançou alunas antigas para as quais não havia sido destinada e que me escreveram sobre a alegria que tiveram ao lê-la e me contaram de suas vidas”^{”cxxxviii}. Segundo ela, a *Koloschule* inteira teria ficado muito feliz com a outorga da Cruz de Ferro à Hanna Reitsch, algo que já havia mencionado rapidamente na carta de 1941. Sim, todas haviam ficado felizes com

“(…) a outorga da cruz de ferro de primeira classe a Hannah Reitsch. Muitos terão se lembrado da sempre alegre Hanna ao ler o jornal. Soubemos pela Frl. Dr. Schneider que também este ano deu palestras que Hanna tivera um acidente durante o pouso em seu último voo e que estaria de cama, muito doente. Desejamos a ela de todo o coração que esteja em breve bem de saúde nas alturas e desejamos sorte em relação ao grande prêmio recebido. Muitas das nossas meninas estão trabalhando no momento no Leste, por exemplo, Sigrid Bartels-Pohl, Edel Bumann, Lore Wahrenberger e Bertl Singer na SS na Ucrânia (número militar 34546). Estão lá contratadas como mulheres rurais alemãs e comandam vários koljós”^{cxxxix}.

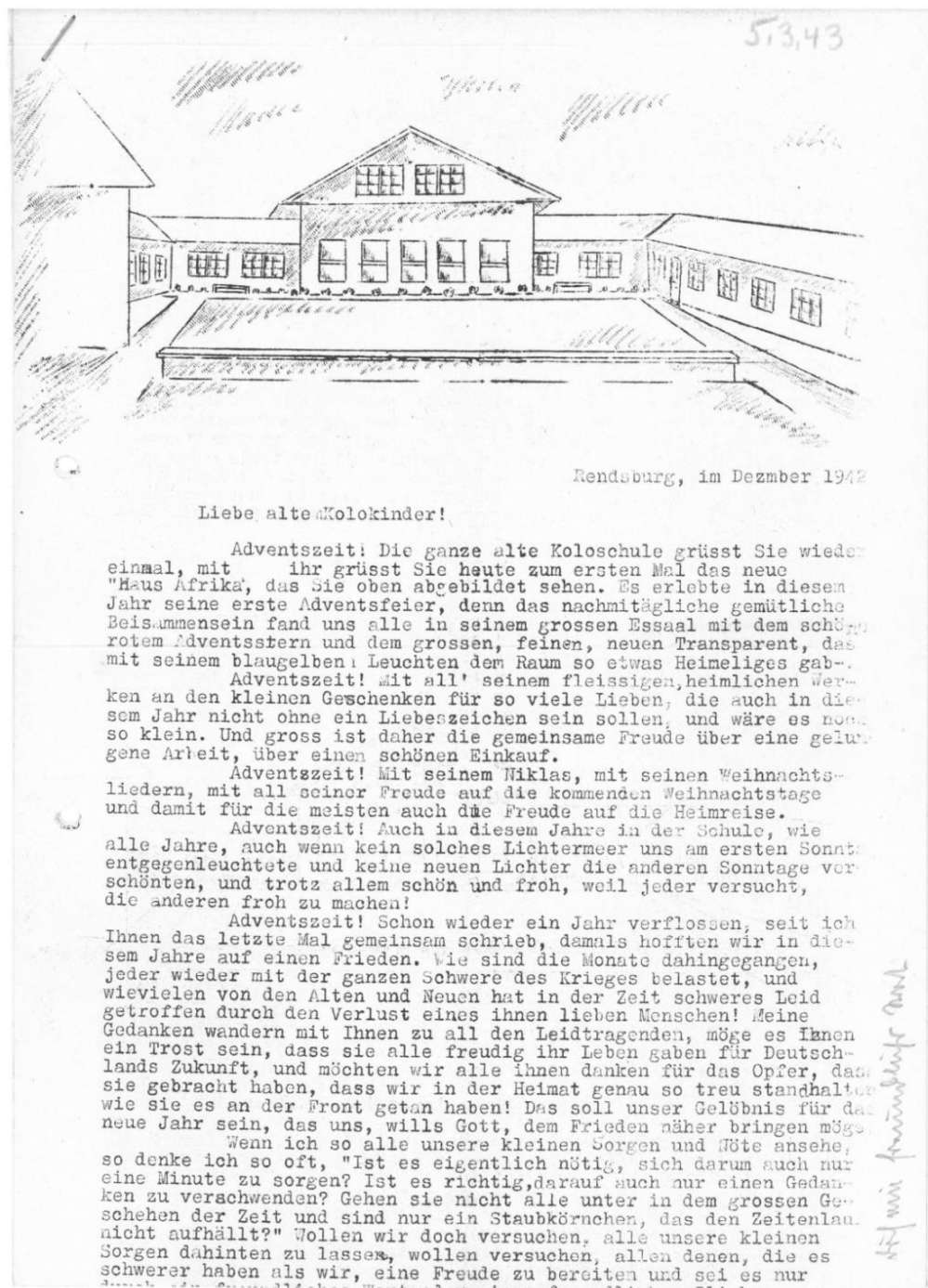


Figura 10: Primeira página da Rundbrief no ano de 1942, com o desenho da casa principal da escola colonial feminina de Rendsburg desenhado por Hildegard Drevs. Landesbibliothek Schleswig-Holstein, Zuwachs G.

Em Rendsburg, em dezembro de 1943, Dreves reproduzirá um verso de Natal e contará às leitoras como havia sido a comemoração do advento naquele ano.

“Quantas vezes me lembrei das várias comemorações do advento nos últimos anos, em especial nos anos antes da Guerra quando nós ficávamos no escuro, em frente à casa, e em cada cômodo víamos as velas do advento espalhando sua luz pela escuridão” (...) “nesse ano não tivemos convidados, ao menos nenhuma das antigas alunas, mas sim 3 soldados, irmãos, noivos, amigos”^{cxli}. “Pois a Guerra já exigiu de alguns muitos e grandes sacrifícios. Todos nos põem orgulhosos na certeza de que esses sacrifícios não foram em vão, mas sim necessários para abrir-nos o caminho à vitória”^{cxlii}.

Uma tônica de muitas cartas do período, ilustrativamente destacada abaixo, é a da manutenção da oferta de seminários teóricos e práticos para as alunas. As palestras eram, conforme as pistas dadas nas cartas, sobre temas variados, proferidas por especialistas do Instituto Tropical em Hamburgo, por diplomatas radicados na África ou por especialistas em história da arte e, não menos importante, como se lê abaixo, acerca do campo prático de atuação das mulheres, ainda na carta de 1940:

“Como sempre ao longo dos semestres tivemos muitas palestras do Instituto Tropical [*Tropeninstitut*] e as palestras sobre história da arte da Frl. Dr. Schneider que também durante este ano foram muito aclamadas. Também as palestras do Cônsul Aeldert-Nairobi da associação *Universitätsgesellschaft* etc.”^{cxliii}.

E também em 1941:

“Tivemos uma palestra muito interessante na semana passada da Frau von Oeynhausen, representante distrital do RKB [do chamado *Reichskolonialbund*] em *Ostafrika*. Ela nos contou sobre as três vezes em que teve de começar de novo lá [*drüben*] e das duas vezes em que foram expulsos pelos ingleses. Ela contou de forma tão vívida e empolgante que teríamos ficado com prazer ouvindo-a além daquelas duas horas e meia. Também Fräulein Dr. Schneider deu novamente palestras sobre arte, desta vez sobre construções gregas e como ela mesma já esteve lá, foi, claro, algo muito vívido”^{cxliiii}.

As palestras em 1943 encontravam aplicação prática já no processo de ‘tomada do Leste’, em franco andamento. Como campo de experimentação de um plano mais abrangente para o avanço alemão no continente europeu, o Leste compreendia, ainda que as mulheres não a tematizassem, a ‘Eindeutschung’ – alemanização – dos territórios: as populações com ascendência alemã da região seriam assessoradas em suas novas terras, em parte tomadas de minorias

polonesas e judias, na organização e racionalização dos seus *Höfe* (pequenas economias rurais) conforme os avanços nas ciências domésticas e agrárias das quais a escola colonial de Rendsburg era pioneira (Harvey, 2016, p.3).

Nesse contexto, escola de Rendsburg, herdeira de um processo de racionalização da atividade doméstica rural já amplamente em curso e destinada a camadas de peso social e econômico na sociedade (já demonstrado através da profusão de escolas para mulheres sob o guarda-chuva institucional da associação *Reifenstein*) era a que melhor realizaria a transferência de conhecimento do trabalho feminino, multiplicaria a expertise na estruturação racial do trabalho e a construção de uma projeção de futuro baseada na expansão territorial.

“A despeito de todas as dificuldades em Hamburgo tornou-se novamente possível ter as palestras. As palestras sobre história da arte também serão retomadas depois do Natal. Por causa da longa doença de Fräulein Sommers tivemos duas palestras muito boas sobre a missão [*Einsatz*] no Leste, que por ora nos deverá substituir as colônias. Foi muito bom mostrar às meninas antes que saíam de forma bem clara o que está em jogo lá fora [*draussen*] e como moças alemãs devem se comportar. Além disso, o Sr. diretor foi por nós até lá por 5 dias, foi a várias propriedades (*Gütern*) e nos contou em 5 ou 6 horas pelas manhãs acerca do que viu. Muitas nesse ano saíram, em parte, no entanto, por conta da situação da Guerra, já estão de volta à Alemanha. Muitas foram trabalhar no ano corrente lá fora: em Warthegau^{cxliv},

Enfatizando que muitas foram trabalhar em propriedades da SS. A participação das egressas de Rendsburg, tanto alunas quanto professoras na expansão do *Reich*, segundo pesquisa de Harvey (2016), pareceu corroborar para a associação entre mecanismos coloniais e nacional-socialistas de tomadas de território. A expansão do *Reich* representava uma possibilidade de ampliação de locais de aprendizagem para as mulheres da escola – e também locais – e, sobretudo, servia de vitrine e conquista dos corações e mentes de minorias alemãs fora do *Altreich* (velho reino) indicando serem bem-sucedidas as medidas de aperfeiçoamento das práticas de produção e vida no campo. A entrada na Polônia significava, para a direção da escola de Rendsburg, uma re-orientação dos propósitos da escola e uma nova legitimação para a formação colonial em tempos de guerra – das ex-colônias da África para o Leste, as ‘Kolos’ estavam inseridas nas mesmas imagens e metáforas que associavam o espaço do Leste (como, à sua época, o espaço africano) ao reposicionamento da mulher, sua produtividade e, com isso, sua realização pessoal” (Harvey, 2016, pp.6-7).

Em Rendsburg, no primeiro domingo do advento de 1944, Dreves escreverá às suas queridas ‘Kolokinder!’:

“enfim começou para nós o período pré-natalino! Tão mais sério que em outros anos! Durante as celebrações, nossos pensamentos estiveram frequentemente lá fora (*draussen*) com nossos corajosos soldados que nos permitiram com sua dedicação ter uma bonita comemoração do advento também neste ano^{cxlv}”.

O momento inspira preocupação, mas o motivo (a ‘Guerra total’) é apenas mencionado como um elemento a despeito do qual as atividades da escola – e até a própria existência da mesma – são mantidas, na medida do possível, intactas.

“Todas as que já estiveram aqui sabem quão bonita é a celebração e ninguém quer perder esses dias que acontecem durante o *Kolojahr*. Algumas antigas já escreveram perguntando se eu lhes enviaria este ano novamente uma carta de Natal e se lhes contaria sobre as atividades aqui e também sobre alguma outra antiga aqui e acolá. Graças à ajuda do Sr. Alberme é possível satisfazer esse seu desejo e enviar a todas que me alegraram durante esse ano com sua lembrança uma saudação em conjunto e calorosa e lhes dizer que a escola, a despeito da Guerra total, deve ser completamente mantida e que está novamente operando em capacidade quase total com 100 alunas. Em algumas coisas notamos as restrições advindas da Guerra total, mas com que prazer levamos essas restrições sobre nós se podemos através delas contribuir para que o mundo seja defendido do inimigo por nós^{cxlvi}”.

Muitas alunas já egressas do curso teriam abandonado os postos de trabalho no Leste – postos estes estimados pelas alunas – e muitas moças designadas para o *Einsatz* no Leste já teriam tido de voltar, em parte “em condições muito difíceis”. A auto-censura nas cartas¹²⁰, em que proposições gerais apontam para sub-textos compartilhados entre as mulheres naquele momento, seja de fuga ou de deslocamento forçado, faz emergir outras ausências, como o próprio sentido do avanço para o Leste. As atividades da escola por vezes dariam lugar ao que chama de ‘trabalhos relevantes para a guerra’ (*kriegswichtige arbeiten*) – relacionados a

¹²⁰ Claudia Koonz, em um artigo abrangente sobre ‘gênero, memória pública e a historiografia da Alemanha nazista’, apresenta e comenta um amplo leque de publicações dedicadas a objetos e metodologias de pesquisa envolvendo a participação de mulheres no regime nazista e mapeando essas contribuições no espectro dos debates travados na historiografia alemã e transatlântica. Diversas pesquisas arquivísticas e de história oral envolvendo temas como sexualidade, memória, culpa, participação e negação ajudam a formar um panorama das idiossincrasias do momento histórico associadas às idiossincrasias das questões de gênero. Nesse contexto, Koonz faz referência a pesquisas acerca das ideias de memória e testemunho do terror. A questão da auto-censura como ação narrativa emerge exatamente quando é rompida ou abandonada: por exemplo, na pesquisa de Gudrun Brockhaus (“*Schauder und Idylle*”, de 1997) sobre o trabalho de mulheres alemãs no Leste, a entrevistada, ao falar da remoção de judeus, ‘cancela’ sua auto-censura e diz: ‘sim, eles gritavam, gritavam, era horrível!’ evidenciando assim sombras e silêncios quanto ao papel da mulher no Leste (Koonz, 2008, p. 163).

lidar com carvão e com alimentos – mas as atividades na escola permanecem e, se comparada à situação na Alemanha ocidental e central, a situação é de relativa paz. Quanto às alunas que receberam postos na França e nos países bálticos, ela não tem notícias, ainda que uma ex-aluna tenha vindo da França visitá-la e tenham passado momentos agradáveis juntas. Algumas alunas, segundo a carta, também passam a trabalhar como *Nachrichtenhelferinnen*¹²¹. Os espaços em que as alunas se encontram no período são o front (*Fronteinsatz*), Varsóvia, Alsácia, Itália, Warthegau, no protetorado (*im Protektorat*), uma está no Sudetengau, outra estudando medicina em Kiel e outras em Berlim e em Essen (p.3). Ao inventariar os noivados e casamentos, a lista passa a incluir mais homens oriundos do militarismo (com três primeiros-tenentes, tenentes e apenas um fazendeiro/Bauer).

O encerramento da carta tem tom ainda confiante:

“assim o ano se encerra sem movimento, um ano que nos trouxe a todos tanto sofrimento e dor e ainda assim não podemos perder a esperança e a coragem, mas ao contrário devemos ajudar de acordo com nossas forças para que a pátria não fique para trás atrás do front, eles que alcançaram o sobrenatural e ainda mantiveram a cabeça erguida e ainda após fracassos não ficaram desanimados. Então também nós queremos levar ao coração as palavras proferidas no primeiro advento: a luz deve brilhar novamente após estes dias escuros. Não nos perguntamos se vamos vê-la! Isso acontecerá!^{exlviii}”

¹²¹ Durante Terceiro Reich, civis foram amplamente arregimentados para atividades de apoio ao exército, à Luftwaffe e à Marinha. Muitos trabalharam como *Nachrichtenhelfer*:atendiam telefonemas, teletipos (anteriores aos telégrafos) e realizavam atividades postais.

**KOLONIALE FRAUENSCHULE
RENSBURG**

RENSBURG, DEN 15. April

BRIEFPAPIER:
(Denn Briefschaften und Urkunden bedürfen der Aufsicht auszugehen)

Koloniale Frauenbildung
Koloniale Frauenbildung
Koloniale Frauenbildung

Zeugnis

Frau **Gisela Schaarschmidt**,
geboren am 22. November 1924 in Oermensing, hat zwei wirtschaftliche Semester der Kolonialen Frauenschule Rendsburg vom 16. April 1944 bis zum 15. April 1945 besucht.

Auf Grund ihrer Kursleistungen und der Abschlussprüfung wird Frau **Schaarschmidt** das Prüfungsurteil

- befriedigend -
bestanden -
suerkannt.

Im Einzelnen wurden die Leistungen wie folgt bewertet:

1. Führung: sehr gut
Fleiß: befriedigend
Ordnung: befriedigend
2. Ausfertigung: befriedigend
3. Praxis der Haus- und Farmwirtschaft:
Kochen, Backen, Einkochen, Schlachten: ausreichend
Hausarbeit, Waschen, Sägen: befriedigend
Haus- und Farmtechnik: gut
Viehhaltung: befriedigend
Molkerei und Käseerei: ausreichend
Gartenbau: befriedigend
Schneidern: ausreichend
4. Theorie:
Vollstumpfpflege: befriedigend
Gesundheit: gut
Nahrungsmittelkunde: befriedigend
Kolonialhygiene: gut

Ferner wird die erfolgreiche Beteiligung am handwerklichen Unterricht (Holz- und Metallarbeit, Anstreichen, Glasern, Schustern, Polstern) bescheinigt.

5. Buchführung: Die Teilnahme an einem Anfängerkursus wird bescheinigt.

6. Frau **Schaarschmidt** nahm an einem Anfängerkursus in Russisch mit Erfolg teil.

7. Außerdem beteiligte sich Frau **Schaarschmidt** an Leichtathletik, Gymnastik, Sport, Autofahren und Schießen.

Die Grundausbildung ist erst nach Ableistung eines dritten (medizinisch-pflegerischen) Semesters abgeschlossen.

Frau **Schaarschmidt** hat sich in Kriegseinsatz in einem von der Schule eingerichteten Flüchtlings-Wichnerinnen- und Säuglingsheim, verbunden mit einer Krankenstation - sehr gut bewährt.

Mr. H. W. W. W. W.
Oberstudienleiter.

Figura 11: Diploma final de uma aluna com data de 15 de abril de 1945. Landesbibliothek Schleswig Holstein, D3.

A carta de 1945 inexistiu. A ruptura é justificável, dados os resultados devastadores da Segunda Grande Guerra em nível mundial, europeu que levariam a Alemanha à capitulação irrestrita em maio de 1945.

A carta de 1946, não obstante, fará ‘essa costura histórica’ do ano de 1945 até o momento em que escreve novamente para as egressas. Em 1946, ela iniciará a carta fazendo a ressalva de que essa não é a carta de Natal, que não alcançou a todos que querem saber como ela está e como está a escola, por isso ela escreve novamente.

Uma grande transição havia ocorrido nos meses anteriores de forma que ela escreve até de uma das casas – de Klein-Windhuk – mas acrescenta que havia retornado para lá após vários meses de mudanças: “Eu escrevo a vocês a partir de Klein-Windhuk, para onde o vento, após 9 meses de distância da escola, novamente trouxe”^{cxlviii}.

Essa grande mudança é um eufemismo para uma ruptura radical da ordem estabelecida que havia gerado remoção, despertamento e migração – a escola

receberá, por esse período, tanto egressas que não têm para onde ir com seus filhos e familiares, quanto atuais alunas impedidas de retornarem às casas na Alemanha continental e dos territórios tidos como alemães no além-mar. As irmãs de Dreves haviam se instalado na escola em abril de 1945. Em maio, ao mudar-se para Danzig¹²² com as irmãs, precisa se reinventar. A situação de absoluta falta de trabalho faz com que retorne à cidade e se torne professora (*Betreuerin*), por 8 meses, de detentas femininas (*von inhaftierten Frauen*). Em seguida, é convidada a assumir a administração de uma casa (*Heimleitung*) da escola *Volkshochschule* (uma *Führerschule* e um hospital militar/*Lazarett*) à beira do Canal, pronta para receber 60 moças refugiadas (*Flüchtlingsmädel*). A escola foi apreendida e o diretor disponibilizou Klein-Windhuk para 30 meninas. A figura do diretor é central para a percepção de alguma continuidade em meio à ruptura radical. Não apenas o diretor ainda terá longa sobrevivência, como manterá a escola existente do ponto de vista administrativo, ainda que inoperante.

“Mas agora falemos das nossas vivências aqui no último ano. Éramos muitas na celebração do Natal de 1944 e transcorreu como se devêssemos estar felizes ali novamente. Assim passamos o Natal em paz e percebemos que não imaginávamos que em breve teríamos de deixar nossa querida escola”^{cxlix}.

A descrição a seguir leva ao nível micro as vivências do final da Guerra, ainda que em momento algum o dia exato do fim seja descrito ou mencionado. Após o Natal de 1944, a escola constata que não há combustível ou lenha suficientes para a calefação, com isso, pedem que as ‘mais velhas’ não retornem à escola após o recesso de Natal. Com o tempo, começam a receber ondas de migração vindas do Leste (*Flüchtlingsstrom vom Osten*).

“No dia 16 os refugiados partiram e vieram, um após o outro, para se instalar em nosso prédio as mais diversas agências e QGs da SS de que nem me lembro porque não mais me interessavam”^{cl}.

O relato de 1946 é um relato extraordinário no sentido de que narra do ponto ao nível do diário/ *life writing* as dificuldades diárias, decorrentes da Guerra, das pessoas da cidade de Rendsburg e das mulheres, tanto as que estudavam na escola

¹²² Danzig, a cidade referida na carta, é Gdansk, a cidade – pertencente à Prússia Ocidental até 1919 e que havia deixado de ser território do Terceiro *Reich* alemão ao final da guerra após ser objeto de disputa internacional já desde a Primeira Guerra. Em 1939, a Alemanha havia invadido a região entre a Alemanha continental e Prússia, denominada corredor polonês.

quanto as que chegariam até ela por referência de outros ou de forma anônima, para buscar ajuda.

Os ataques à cidade de Rendsburg haviam sido marginais, com apenas algumas casas destruídas perto do hospital. Com a notícia de que a cidade seria defendida, tanto a população da cidade quanto a comunidade da escola buscava um lugar para se abrigar.

Ela relata que a quantidade de trabalho era tão imensa que nem se preocupou em saber quando os ingleses chegariam até que, um dia, diante do fato consumado, os ingleses chegariam à porta da escola solicitando sua evacuação ao diretor. No andar de cima, uma unidade da Marinha alemã escondia-se e num ato ao mesmo tempo de coragem (*mit geballten Fäusten*) e covardia, aquela seria a última oportunidade de convivência próxima entre as alunas e a Marinha.

Novamente escrevendo a partir da cidade de Rendsburg, em carta datada de 30 de novembro de 1947, o *topos* sempre recorrente e desta vez mais que necessário do *ethos* partilhado pelas alunas e ex-alunas^{cli}:

“A despedida da *Koloschule* me foi muito difícil, não muito pelo trabalho, mas sim porque eu não mais poderei oferecer apoio a vocês quando vierem à Rendsburg e quiserem visitar sua velha escola”^{clii}.

Ela teme pela continuação dos encontros anuais das egressas organizado por ela em Rendsburg: *fico feliz de termos realizado o encontro já que, agora que estou longe, será mais difícil*^{cliii}. O ano havia sido o mais pesado quando a expectativa delas era que o pior já tivesse ficado para trás. Dreves não esconde a dificuldade em imaginar-se longe da escola e, mais uma vez, valoriza as memórias partilhadas ali com tantas ex-alunas. As páginas finais apresentam as notícias, em formato de lista, das ex-alunas: noivados e casamentos primeiro e, em seguida, notícias sobre nascimentos e mortes, dentre as quais – e isso será noticiado por ela também suicídios – frequentemente associados à situação da referida egressa na Guerra.

De Rendsburg, Dreves escreverá novamente no advento de 1948:

“*Meine lieben alten Kolos!* Amanhã é o primeiro advento! Quantas belas memórias estão relacionadas a essas duas palavras! Quantas expectativas! Quantos desejos e quantas esperanças! Terão elas sempre se tornado realidade?”^{cliv}.

Na segunda página da carta, ela afirma que mal tem notícias da *Koloschule* para compartilhar já que ‘todas sabem’ que lá será criada uma *Heimvolkshochschule*, ideia estabelecida (ou reestabelecida na Alemanha inteira) para fornecer formação continuada em idiomas, formação política e literatura. Os cursos teriam duração de cinco meses e sob forma de internato. Ela menciona como cada casa está sendo utilizada. Afrika se tornou um Schülerheim. Afirma que a casa está bem melhor já que em 1945 *os ingleses* teriam levado todos os móveis.

A carta de 1948 inagura uma outra fase das cartas natalinas de Dreves. Ela começará a contar com mais detalhes os conteúdos das cartas que recebe fazendo alguns comentários acerca dos relatos. Primeiramente, apresentará alguns relatos de moças (*Mädel*) que estão do outro lado da grande poça (*die überm grossen Teich sind*).

Ela relata aspectos da vida de uma das alunas na África do Sul (Cidade do Cabo) e também da *Portugiesische Ostafrika*, regiões que estão sofrendo com dificuldades de comercialização de produtos devido aos baixos preços. Quanto à família, do marido que trabalha como lenhador e os filhos que frequentam a escola em uma cidade vizinha e voltam 15 km de lá de bicicleta: “você veem com quantas dificuldades se luta também lá (*driiben*). Nem tudo é cor de rosa”^{clv}. O *topos* do trabalho árduo em todos os locais de emigração - mas compensatório – surgirá com frequência nas cartas e encontra ressonância em Conrad (2010, p. 290) que, a propósito da emigração para o Brasil, mencionará que mesmo as instâncias governamentais alertavam para “(...) the immense difficulties and hard work that the first few years of settlement entailed”. O sucesso, segundo as narrativas explicadas por Dreves, vem do pendor para o trabalho, algo intrínseco à pertença nacional, e também aos conhecimentos adquiridos na formação colonial. Os insumos recebidos pela formação davam a elas o conhecimento necessário para começar novamente e o espírito aventureiro e corajoso para ter a disposição

certa para explorar a terra e compreender o novo (fossem pessoas ou lugares) ao redor, algo que surgirá em outras cartas a seguir.

Outra aluna estaria trabalhando como secretária em um hotel em Beira. Já outra, em uma *Farm* na África do Sul após 6 anos de detenção (*Internierungshaft*), já outra estaria desenvolvendo trabalho como costureira. Outra aluna vai para São Francisco, nos Estados Unidos e relata sua luta para ganhar algum dinheiro

“(...) pois lá não como é como na Alemanha em que uma aluna de enfermagem recebe estadia e alimentação e uma mesada, ela tem de pagar tudo ela mesma. Além disso, o trabalho dela na Alemanha não foi contabilizado...”^{clvi}.

Uma outra ex-aluna havia retornado para casa após anos em um campo de detenção russo:

“fiquei muito feliz em ouvir algo de Inge Kletschke após anos em detenção russa. Que os planos de ir para fora ainda são cultivados por muitas alunas antigas depreendo a partir do fato de que Margot He/olfeld vai ficar com seus parentes na África do Sul. Ursel Krieschen ficará com amigos na Inglaterra, Melitta von [?] (no momento, professora de um internato) quer ir para a Virginia, Hilda [?] para o Brasil, Hanna Ellinghaus passou algumas semanas na Inglaterra. Com base em seus conhecimentos adquiridos na escola colonial (*Kolokenntnisse*) Luise Duvel pôde prestar exames para obter o título de professora de agricultura (...)”.

Dreves escreverá novamente a propósito do Advento do ano de 1949 – a data não apresenta local a partir do qual foi escrita: “alle meinen lieben Alten wünsche ich ein solches Weihnachtstfest!”. Para muitas a vida se tornou mais fácil e encontram-se com corações felizes diante da época do Natal e de um novo ano (...)”^{clvii}.

A despeito de não ter novidades sobre a escola – a *Koloschule* em si –, havia recebido pequenas notícias de ex-alunas ao longo do ano. Entre elas

“Annegret Engelmann, que no ano de 1936 foi para a África do Sul e agora se naturalizou e assim tornou possível uma viagem à Alemanha ao ‘Brit Dominion Germany’!!!. Ela contou sobre Jenne von Lieres-Theissen, que conseguiu melhorar de vida após vender a sua fazenda e assumir um hotel A própria Jenne escreve^{clviii} que (...) os filhos comem melancias e melões e eles cultivam vários tipos de legumes” (...) “‘Vocês ficariam impressionados se vissem tudo aquilo que conquistamos’. E quem conhece Jenne, acreditará!!”^{clix}.

Dreves narrará também que recebera novamente

“(...) a visita de Reinhild Kirstein-Schlott com seu filho Volker de 9 anos com quem ela esteve aqui na Kolo durante a Guerra. Ela queria ter ido em agosto para Angola com seus dois filhos para assumir a plantação de seu marido, morto na guerra e que está sendo administrada por nativos (*Eingeborenen*). O sogro de vez em quando inspeciona a plantação porque ela é tão próxima !!! que Reinhild queria levar sua moto para lá. Ela naturalmente se tornou em grande parte mata selvagem e Reinhild está diante de um difícil recomeço e ainda muito solitário, os parentes haviam passado 8 meses sem ver um branco”¹²³.

A citação indireta ou comentário que Dreves faz em relação às condições de vida de Reinhild, ‘sem ver um branco ao longo de 8 meses’, emerge da apreensão do conteúdo e seu significado, da interpretação da carta recebida, do contexto social e, certamente, do contexto institucional em que está inserida. Menções às relações com as populações locais, especialmente as populações negras, e afastamentos discursivos marcados pelos pronomes ‘nós’ e ‘eles’ estarão presentes em várias cartas a seguir. Essas narrativas adensam os espaços habitados pela mulheres e revelam suas posições sobre o mundo. O retorno a esse *topos* ajuda a desenhar também as conexões entre as narrativas¹²³.

Há a referência frequente – comum a muitas das incursões internacionais – ao início da construção de uma vida no estrangeiro como sendo ‘tudo menos um mar de rosas’ ou ‘cor de rosa’. Os relatos que mostram o avanço paulatino em direção a uma vida melhor constroem conjuntamente, na troca de cartas, um *ethos* da auto-construção como sujeito empreendedor que também é repetido pelas mulheres:

“De Heidi Egner eu ouvi que está com o marido e 3 filhas na África. Luzie Zarembo está com sua irmã mais nova no Canadá. Gerda Walldt-Nelge reuniu todos os papeis para ida para Südwest e pensa em ir para lá no início do ano com seu filho de 10 anos. Que também lá fora nem tudo é um mar de rosas, podemos ver a partir de alguns trechos de cartas:”¹²⁴.

¹²³ O debate acerca da questão racial, especialmente informado pelas teorias raciais desenvolvidas e popularizadas no século XIX, ainda que não tratado no presente trabalho, deve servir ao leitor como pano de fundo já que constitui um paradigma de compreensão do mundo durante a reorganização geopolítica neoimperial na virada do século XIX para o XX. Com isso em mente, é interessante verificar que o espaço institucional da escola, já imaginário haja vista o encerramento de atividades, é um espaço autorizado para a manutenção de um discurso de ordenamento racial que, não obstante, chegara aos seus limites durante a Guerra, continuava a organizar a apreensão de mundo nas décadas subsequentes.

Dreves reproduzirá também relatos de pessoas que desejam se estabelecer em SW, alertará especialmente a estes que

“que as preocupações lá também não deixam de existir podemos ver a partir das seguintes cartas: Berta Voigts Belinger escreve: ainda que nós como iniciantes estejamos em uma situação especialmente boa, mesmo assim me parece que temos de caminhar muito, pois no final de janeiro não choveu e carneiros morrem todos os dias. Mas estas são as preocupações de um *Südwester*, que nunca têm fim, aqui no sul muito menos!”^{clxii}.

Na carta de 1954, leríamos um relato que segue o mesmo tom:

“Brigitte Kedziora-Haeling esteve aqui após sua partida para o Canadá com marido e o filho Wolfgang, de 5 anos. Eles já conseguiram melhorar bem de vida. Fácil não é, isso temos de repetir sempre para todos aqueles que acham que as coisas são mais fáceis no exterior. Se a pessoa não correr do trabalho, se abrir mão no início de todo o conforto, há chance de sucesso tanto lá como aqui. É a mesma coisa em todo lugar, ninguém recebe as coisas de mão beijada (...)”^{clxiii}.

Dreves escreverá a partir de Fulda no advento do ano de 1950. O deslocamento forçado e o fim da possibilidade de alimentar as cartas com as notícias acerca da escola exigem uma saudação, por um lado, que explique a origem da escrita, indicando que ainda persevera em suas atividades – o que a mantém qualificada para o diálogo com as ex-alunas. Por outro, ela explica que o envio de cartas perdeu o sentido:

“*Meine lieben alten Kolos!* “A primeira saudação de Natal não mais do velho estado de Schleswig-Holstein, mas da bela cidade barroca de Fulda, na qual já tenho desde maio meu grupo de atividades”^{clxiv}. “A uma vez essa carta na verdade perdeu a sua razão de ser, pois deveriam constar dela o dia a dia e as transformações da *Koloschule*. Agora que estou longe de Rendsburg, já não posso mais ir até lá, percorrer a escola e ver se tudo ainda é da mesma forma como era em nossa época ou se algo mudou”^{124, clxv}.

Ainda assim, a carta prossegue com algumas lembranças acerca da última vez em que esteve em Rendsburg: ao caminhar ao longo do Canal de Kiel, não havia mais as saudações dos navios de guerra alemães, mas sim pequenas e grandes embarcações de todo o mundo. Das lembranças ao presente vivido por ela e, dali, para as vivências das pessoas com as quais se corresponde:

¹²⁴ Ainda que ela tenha se atualizado acerca dos fins dados às escolas, por exemplo, que os cômodos internos haviam sido ajeitados e que na casa principal havia se instalado a Volkshochschule enquanto a casa que chamavam de ‘Afrika’ abrigava a escola Waldorf até que encontrasse outras instalações.

“Liebmuth Falls-Vigener: “Eles tem uma *Farm* bem-sucedida com *Store*, mas ainda gostem de estar lá, ela acha que após 15 anos ela deveria poder sorver um pouco de vento frio nas narinas, pois a vida lá desgasta muito”^{clxvi}. “ Das outras *Südwestern* não tenho novidades, De Anita Deutsch recebi uma longa carta enviada da Bolívia, da qual vocês podem depreender que muitos alemães não estão bem por lá e que lutam muito pelo pão diário. Em 1945 ela havia ido embora da escola pouco antes da chegada dos ingleses para tentar passar clandestinamente a fronteira”^{clxvii}.

O percurso desta ex-aluna em específico a levará da Alemanha à Paris e depois a Nova York. O pai, alemão, havia perdido a farmácia que tinha e, com isso, comprara *campos de minas*. Dreves relatará que Anita trabalhara com índios nas minas do pai, o que fez com que contraísse toda sorte de doenças antes que a vida melhorasse.

Em Fulda, no advento de 1951, Dreves escreve às *liebe alte Kolos!*. A carta tem início com um verso natalino e Dreves deseja que, como no verso, “todas as dificuldades e todo o sofrimento do momento presente [passem] e surja a luz do Natal, (...)”^{clxviii}.

Nessa carta, pela primeira vez Dreves pergunta como havia sido aquele ano na vida das ex-alunas. Muitas egressas haviam escrito contando novidades, haviam feito visitas umas às outras a despeito de ter sido instituído um *Kolotag*, um dia de reunião das egressas de quaisquer turmas em local acertado pelo grupo.

A intensa troca de cartas das egressas entre si durante o ano de 1951 mencionada por Dreves atesta que a rede de contatos e troca de experiências havia se estabelecido de forma independente à existência da escola.

A realização de encontros anuais em agosto e a tentativa de organizar encontros regionais entre as *Kolos* indicaria que as redes de circulação de conhecimento e de re-edição de cosmovisões haviam tomado um caminho singular. Alguns rastros dessas conexões, que também incluem ex-professoras, surgirão nas cartas a partir de agora.

Ao recontar notícias recebidas, ela mencionará, por exemplo, que uma das professoras “(...) ficará por dois semestres na universidade do Arkansas e escreve: o melhor é que aqui eu não preciso fazer provas e posso participar das disciplinas que escolher e de resto posso fazer o que me apetece. (...)”^{clxix}. Ela acrescenta que

achou o local muito aberto e receptivo a pessoas que outras *Sitten*, outros costumes. Nos encontros entre as *Kolos* as lembranças da escola se misturarão à reafirmação do *ethos* de raça e de pertencimento e, nos relatos, narrativas recorrentes do encontro com o Outro e da constituição de uma geopolítica em que as palavras ‘europeu’, ‘civilização’, ‘branco’, ‘negro’, ‘progresso’ são utilizadas na leitura de mundo que partilham com outras colegas ao redor do mundo. Para Eckart (2016, p.151), perspectivas desenvolvidas sobre o colonialismo *a posteriori* serviriam para solidificar a ideia de que, conquanto os países europeus diferissem entre si, teriam desenvolvido uma mesma identidade que os diferenciava de um mundo não-europeu.

As notícias fornecem um ‘retrato’ instantâneo da presença das mulheres em diversos locais, ainda que elas tenham algumas experiências pertençam ao passado (mulheres que já teriam emigrado) e algumas se projetem para o futuro, como no trecho a seguir. Com isso, a temporalidade da carta (a data de escrita) é subvertida pelos vários tempos da narrativa, seus locais de referência e suas condições:

“No ano passado realizou-se o desejo de algumas de ir ao Além-mar. Desta forma, Clara-Maria Niemeyer (Heini) foi por 3 anos para Pretória em que trabalhará em um *native hospital* fazendo raio-X nos nativos das minas. Ursel Dickudt escreve satisfeita da Inglaterra. Os pais querem tê-la de volta no Peru, mas temem o clima tropical. Eva Höper e Elske Kramer foram para Windhuk, SWA, esta última, para uma família de médicos. Suse Hennies trabalha como jardineira na Suíça e espera poder em breve se reunir com o noivo aos seus pais, que voltaram para a Venezuela. Gerda Waldt-Welge, que no ano passado foi com seu filho de 9 anos ficar com seus irmãos em SWA, dirige agora uma casa para meninos que é conectada à casa para meninas, a *Bredowheim*, e que está nas instalações da antiga escola de educação doméstica *Hedwig Heyl Haushaltungsschule* na qual eu trabalhei em 35/36. Elise Ebert voltou da Suíça e não sei no que está trabalhando no momento. Erika Thiermann trabalha em Santiago em um instituto de pesquisa. Liesel Schack-Becker deixou Windhuk e está na Farm Outjo próxima a Omaruru. Anita Deutsch La Paz, Bolívia, escreveu dizendo que havia recebido uma carta de Luzie Klose de Buenos Aires e elogiou especialmente seus bons conhecimentos de espanhol. Será que ficou tanto na memória das aulas que frequentou na *Kolo* ????? Escreveram-me dizendo que Herta Blaich emigrou para a Austrália e que lá encontrou com a mãe que, por todo esse tempo esteve em *Ostafrika* e que agora enfim tinha novamente uma pátria (*Heimat*). A Herta nunca conseguiu se sentir em casa aqui na Alemanha, desejo muito que assim ocorra”^{clxx}.

A relação com o território é dúbia: enquanto algumas egressas exaltam a vastidão do território pronto para ser explorado, outras destacam sua constituição tão diferente em relação ao que estavam acostumadas: uma ex-aluna que teria se

tornado administradora (*Wirtschafterin*) na escola interna alemã da Baía de Lüderitz (*Deutsches Schülerheim/Lüderitzbucht*) falará, por exemplo, da *terrível* costa arenosa de lá e que não quer ser enterrada na região, “ainda bem que ela não está presa a essa região para o resto da vida”^{clxxi}.

Alguns relatos indicam que a ida das mulheres para outros territórios fora da Alemanha por um lado tinha a ver com a busca por novas oportunidades de vida após a Guerra e, por outra, com o resgate de um fio de continuidade já existente nesses locais. Assim, uma ex-aluna escreve relatando a ida Angola para revitalizar a fazenda abandonada, mora com os sogros e costura roupas para trabalhadores a 1 DM (marco alemão) cada, ao que Dreves comenta: “(Quem dentre vocês se sente de volta à sala de trabalhos manuais na *Kolo*??!) Pois é, nos aprendemos mesmo a não fugir de trabalho algum”^{clxxii}. A mesma aluna, escrevendo sobre a vastidão de Angola e da forma primitiva de transporte – caminhões seriam a forma mais comum para transportar carga, nativos e europeus (*Fracht, Eingeborene und Europäer*).

E, na carta de 1953, leremos que:

“Irene Steinhorst escreve acerca das suas primeiras impressões em SW: eles tiveram sucesso e ela gosta do trabalho que desempenha. Logo após a sua chegada, ela ficou 3 dias sozinha na fazenda com seus dois filhos mais novos, de um e dois anos. Ela relata: Quando você pára pra pensar, parece estranho que o vizinho mais próximo esteja a x quilômetros de distância. – do ponto de vista da paisagem é simplesmente maravilhoso. A fazenda fica sobre uma colina, em meio a uma cadeia de colinas. Mas só é possível notar isso quando olhamos a paisagem a partir da cadeia de montanhas Hakos. Da fazenda tem-se uma bela vista sobre os montes até o Namib, sobre a montanha Gamsberg, um Tafelberg, e sobre a brusca e deserta cadeia de montanha Hakos. Para alemães a terra aqui é extremamente deserta, vazia e seca, mas tem a sua atratividade”^{clxxiii}.

A emigração para o Canadá nessa mesma janela temporal também não representava uma vida mais fácil aos imigrantes, sobretudo no que diz respeito às questões culturais: uma egressa que emigrara para Canadá há três anos reportará como está, contará acerca do trabalho dela e do marido e mencionará, no contexto da tentativa de compra de uma casa própria, que “além do que, os ‘estrangeiros’ não são muito bem-vindos”^{clxxiv}.

Em 1954, Lisel Bonheit escrevendo a Dreves, dirá que:

“(…) estando há 8 semanas ao Sul de Ontário, no Canadá, fui parar finalmente em Montreal haja vista que no pequeno lugarejo onde estava não havia nenhuma possibilidade adequada de trabalho. Eu quis começar como vendedora em Montreal, mas os salários não são muito altos. Além disso, o inverno bate à porta, assim, por fim, escolhi uma vaga em uma casa de família para poder me familiarizar de forma mais segura com as condições aqui. Algumas coisas aqui são diferentes, temos de esquecer uma série de coisas da velha Europa e tentar absorver com os sentidos e as mãos abertas o que há aqui.”^{clxxv}.

E, em 1955:

“O início de Liesel Fuchs no Canadá foi o trabalho em uma casa com um senhor, quatorze cães Dackel e dois cavalos. Ela teve de se afastar do trabalho infelizmente por conta de uma inflamação dos nervos no braço, arrumou um outro trabalho e, por fim, foi desempenhar um trabalho doméstico mais leve em Montreal. Lá ela encontrou trabalho e moradia para Agathe Wegenast e a apresentou ao seu círculo de conhecidos. Sobre uma viagem que fez de Montreal a Humboldt, ela escreve: a viagem de Montreal até aqui durou 3 dias e 3 noites e foi uma experiência especial. Tive uma pequena ideia da imensidão desse país, que é infinita. Passamos por florestas enormes, à beira de grandes lagos e inúmeros rios. O país, em sua maior parte, é feito de terras não construídas. O Canadá não precisa de tantas pessoas para explorar suas riquezas”^{clxxvi}.

As referências a “Port. Ost” – à África Oriental Portuguesa, território contíguo ao sul da ex-colônia alemã denominada pelas egressas de ‘Ostafrika’ – atesta a transnacionalidade imperial em territórios ultramarinos: enquanto a Alemanha é destituída do domínio sobre as colônias africanas ao final da I GM, Portugal deterá o poder sobre seus territórios até que os perca ao longo das guerras coloniais. *Port. Ost*, frequentemente citada nas cartas, se tornará independente em 1975 – assim, temos uma conexão entre a Alemanha pós-Guerra, Portugal colonial e a população local. *Port. Ost*, na visão de uma das egressas, no ano de 1954,

“(…) é ainda em grande medida selvagem e há grandes extensões de terra que ainda não foram exploradas. Em algumas épocas do ano os elefantes chegam até aqui, às fazendas e os leões nos dão intensamente a graça de sua presença em alguns momentos e abatem o gado”^{clxxvii}.

Na parte mais importante da carta (*die Hauptsache des Briefes*), segundo ela, em meio às notícias de noivados, casamentos e nascimentos, a menção ao pai de Gisela Poerschke, que após 4 anos e meio de Buchenwald, havia voltado ao seio familiar^{clxxviii}. A História relata que após o fechamento do campo de concentração em Buchenwald ao final da II GM, o governo soviético se apropria

das instalações do KZ e abre ali um campo de detenção para abrigar nazistas e presos políticos – este, com o nome de *Speziallager Nr. 2 Buchenwald* – funcionará de 1945 a 1950, sendo possível então que o pai da egressa tenha sido liberado desse local.

Ao encerrar essa carta, Dreves diz que seus pensamentos passeiam novamente pela Alemanha e pelos mares até as queridas antigas *Kolos*^{clxxix}.

Em 1952, a carta, escrita no inverno e a partir da cidade de Hannover-Kleefeld, tem início com “Meine lieben, alten, getreuen Kolos!”. Feliz, Dreves recebera como presente de várias *Kolos* por ocasião da Páscoa uma máquina de costura e que, para ela, representava uma forma de obter sustento, já que o senhor de quem cuidava profissionalmente havia falecido. O *Kolotreffen*, realizado em agosto daquele ano, havia sido realizado com a presença de 15 *Kolos* e 3 professoras: “combinamos que sempre nos encontraremos no primeiro domingo de agosto. No ano que vem, o encontro será provavelmente em Kleefeld de novo” (sublinhado no original)^{clxxx}.

Dreves transcreverá pela primeira vez um trecho de carta de uma das ex-alunas, carta essa que chega um dia após o encontro: na carta, a ex-aluna conta que está se reunindo com seus filhos aos pais dela que já estão em *Ostafrika*.

A carta começa com tom positivo: passado meio ano “de burocracia”, eles iriam em fevereiro para a África! Após um voo de 3 dias que passou por Zurique, Roma, Atenas, Cartum e Nairobi, chegam a Dar-es-Salam:

“passar do gelo e neve para o clima tropical mais quente foi uma mudança climática enorme!” (...)“Uma vez chegando aqui em Kikongo, me alegrei em rever todas as coisas e os velhos pretos que surgiram aos montes para nos saudar. O idioma Kisuaheli voltou quase todo rapidamente e fluentemente à memória”^{clxxxi}.

O pai havia recuperado a plantação de sisal e expandido os negócios.

“Essa forma de exploração da terra, no entanto, é uma tentativa para essa área costeira e se baseia na experiência africana que meu pai já acumula há muito tempo (desde 1907) e tem despertado forte interesse por parte dos ingleses, já que em Tanganjyka há escassez de alimentos”^{clxxxii}.

A mesma aluna fornecerá um relato precioso da internacionalidade dos artefatos que circulavam em seu dia a dia. A variedade de povos e a relação com a população local estão inter-relacionadas no relato:

“No geral, constatamos que por aqui as mercadorias boas, disponíveis em pequena quantidade, desde aparelhos ópticos a panelas, carros, relógios, 4711, canetas tinteiro Pelikan vêm da Alemanha. As boas mercadorias locais são os troféus, utensílios nativos, bons tecidos, móveis orientais, jóias, tapetes, etc. e coisas japonesas e chinesas. As cidades, Dar-es-Salam por ex. Também são respectivamente ‘coloridas’ e a mistura de povos é grande. A questão é que as cidades nos trópicos, ainda que sejam bem menores que as cidades na Europa, são insuportavelmente mais empoeiradas de forma que estou feliz quando, em Dar-es-Salam, quando posso mergulhar no Oceano Índico. Fui à pequena casa dos meus pais por causa dos meus dois filhos, que não posso arrastar pra lá e pra cá pelos cerca de 100 km e também não posso deixar muito tempo sob o cuidado da não tão esperta YaYa. Assim falta aqui um pouco de variedade apenas interrompida aqui e ali (ah, que alegria!) pelos visitantes de todas as nações que surgem ou por um pequeno convite dos nossos vizinhos (ingleses e os italianos que estão construindo a nova estrada para Dar)”^{clxxxiii}.

A egressa vive em Tanganyka, uma região que tomará este nome por alcunha oficial nos anos 60, depois, portanto, da data desta carta. Estando em região pertencente inicialmente ao império britânico, é interessante que a egressa não mencione a existência de ingleses na região. A região é descrita como um local de exploração por parte de europeus, uma estação temporária em uma trajetória em rumo à vida melhor:

“Há apenas uns 100 alemães puros em Tanganyka. Germanófonos como suíços e, no momento, holandeses, há vários. Todos querem, enquanto ainda é possível, ganhar dinheiro aqui na África e escapar às condições pátrias europeias com o desemprego e falta de espaço existentes. Mas a despeito de todos os sucessos alcançados, há sempre a saudade da pátria (*Heimat*), a qual não se deve nunca esquecer para que se mantenha o equilíbrio espiritual e a energia para o trabalho, especialmente em regiões tropicais estranhas à espécie (*artfremd*)!! Esperamos poder passar férias na pátria em cerca de 3 anos e, em seguida, após mais 3 a 4 anos aqui também, para o bem de nossos filhos, poder encerrar nossa permanência nos trópicos de alguma forma”^{clxxxiv}.

Há diferentes noções de tempo em curso: uma linear, do progresso da história e das vidas individuais em que há a ideia de que em África é possível prosperar e, com isso, ultrapassar os problemas sociais do continente europeu a partir do empenho laboral individual. E há o tempo não linear, colonial, colonial

da descrição das populações presentes no território bem como de como o apreendem¹²⁵.

Logo em seguida, há um relato sobre a vida em SWA e a ética de trabalho europeia:

“Muito interessante também o que Eva Pack-Liedtke escreveu sobre a situação em Süd-West, a carta é do início no ano: Süd-West se desenvolveu de forma colossal desde os anos de minha estada aqui (1937). O número de habitantes das aldeias maiores quase que duplicou, há muitas construções, em todos os lugares há construções”^{clxxxv}(...) “Quase toda casa de fazenda tem a sua geladeira e muitas têm luz elétrica. No entanto, ainda cozinhamos à lenha. Todas as mulheres de fazendeiros agradeceriam enormemente àquele que puder inventar algo diferente, pois a cozinhança naquele calor não é nem um pouco agradável. Tivemos em 1951/1952 um verão extremamente quente, como há anos não tínhamos. Os que aqui nasceram e velhos africanos também acharam o calor considerável (...) Aqui as pessoas continuam a trabalhar da mesma forma como estão acostumadas a fazer na Europa”.

Ambas as narrativas encontram eco no que Conrad (2010) chamará, no contexto da circulação global do trabalho, do ‘trabalho alemão’, distinto física- e moralmente do trabalho desempenhado por outras ‘raças’. O trabalho, na cosmovisão alemã ainda da virada do século previa o trabalho como ato moral e, assim, com valor ideacional. O trabalho manual intrinsecamente associado ao trabalho intelectual alemão e sua capacidade de transmitir através dele seus valores o diferenciariam tanto de outros povos europeus – marcadamente do sul, ou românicos, e de outras culturas extra-europeias (Conrad, 2010, p. 334 em diante). A missivista assume que não é possível manter o ritmo do trabalho: “vamos adaptando nosso ritmo ao dos nativos, que têm experiência de várias gerações acerca de como se comportar aqui”.

Parece assim compreender a transculturalidade do trabalho, o ‘ritmo europeu’ não se adequava ao clima e circunstâncias no hemisfério sul. A narrativa rapidamente retoma uma temática pessoal relacionada à criação e educação de filhos nas colônias. Por um lado as grandes distâncias entre fazendas e, por outro, o sistema educacional organizado a partir de internatos para crianças e jovens alemães que garantissem sua educação até que fossem estudar na Alemanha:

¹²⁵ Ver, para diferentes noções de tempo – linear e não-linear – da experiência colonial no caso específico da colonização Boer, o excelente artigo de McClintock (2004, p.103).

“no final de janeiro deixei, com dor no coração, os meus filhos mais velhos, de 9 e 7 anos e meio, no internato em Windhuk (o menor foi para o internato de Gerda Waldt-Welge), são ainda muito pequenos para que uma mãe os deixe de bom grado em lugar estranho. Mas essa é a sina de todas as mulheres de fazendeiros aqui!”^{clxxxvi}.

Encontros são relatados e, em especial a menção a Hanna Reitsch, tem um efeito catalizador da ideia de liberdade e auto-determinação incorporada nas narrativas das egressas. Assim, Dreves contará que

“Lore Wahrenberger trabalha em Barcelona já desde o início do ano. Ela teve a sorte de, estando com uma família conhecida, encontrar com Hanna Reitsch e ficou impressionada com ‘os feitos que essa moça delicada teria realizado, feitos que exigem uma quantidade de coragem e energia’. Vocês já leram o livro de Hanna intitulado ‘Fliegen, mein Leben’? Todos para os quais empresto o livro o lêem com prazer. Em muitas passagens, ele reflete a vivaz Hanna, que esteve nos anos de 1931/1932 na *Koloschule*, época em que tirou o brevê para planador”^{clxxxvii}.

Um outro elemento catalizador é o broche usado à época pelas alunas da escola – supõe-se que seja o broche cunhado pela escola feminina da associação *Reifenstein*, ainda mais por ser Dreves uma egressa dessa escola. Em um pequeno encontro realizado na cidade de e em muitos outros, o broche foi usado.

Frequentemente nas cartas, os relatos repassados por alunas que foram especialmente para os Estados Unidos têm um tom positivo – a comparação com a Europa se dá em termos de engenhosidade e também, de forma bem concreta, em termos geográficos, como ver-se-á mais à frente.

Uma ex-aluna seria selecionada para passar três meses nos EUA por ocasião de um programa de intercâmbio para líderes de jovens (*Jugendleiteraustauschprogram*) e escreve que

“no início e no final da viagem estive em Nova York, essa metrópole de tirar o fôlego, com seus arranha-céus. O prédio mais alto do mundo (...). Depois estive em Arlington (...) e depois em Marietta em Ohio (...) – tornei-me rapidamente conhecida nesta cidade universitária, tive de fazer várias palestras acerca das condições na Alemanha, dar entrevistas para jornais e para o rádio, ensinar músicas alemãs folclóricas e de Natal. Recebi muitos convites e fui recebida de forma muito amigável e até amável”^{clxxxviii}.

A impressão de Brigitte Kedziora-Haeling em 1956 de Nova York seguiria o mesmo deslumbramento:

“Brigitte Kedziora-Haeling e inesquecível! Como construções irreais e superdimensionadas são os arranha-céus de Manhattan sobre nós! Tão surpreendente quato essa impressão foram as muitas outras coisas no novo mundo! Brigitte Kedziora-Haeling, Woodstock/ Canadá, trouxe uma menininha de lá para Nova York e ficou com ela até que a mãe melhorasse de saúde: ‘Gostei muito de Nova York, no início me senti um pouco perdida nesse mar de casas, mas depois que fiz amizades, esse sentimento de abandono passou. Sim, tive até a oportunidade de visitar a famosa ou, como se diz por aí, a infame bolsa de valores na Wallstreet. Um operador da bolsa conhecido meu simpaticamente se ofereceu para me levar até lá. Tentaram me explicar tudo e reforçaram a ideia de que, no fundo, tudo era muito simples, mas tenho de assumir que tudo me pareceu bastante difícil e complicado e não acho que tenha entendido muito do sistema todo, que no fundo tem mais ou menos a ver com a política como um todo. – Morávamos no 15. andar. No início, ficava mareada ao andar de elevador. Pensei em várias coisas: será que alguém dorme nessa cidade? Pois o que via ao olhar da janela: fila de carros sem fim e na casas as luzes estão permanentemente acesas. Há uma atmosfera singular sobre essa cidade e me disseram que nenhuma cidade é comparável a esta nesse sentido, talvez apenas São Francisco. E tenho de admitir que essa cidade exerceu uma certa magia sobre mim e olha que eu conheço parte das grandes cidades europeias: Copenhage, Berlim, Oslo, Londres, Varsóvia, Riga, mas elas são tão diferentes. Até mesmo Londres, que tem quase o mesmo número de habitantes que Nova York’ (Ursel, eu procurei na enciclopédia: a proporção de habitantes é de 3 para 2, em milhões isso faz uma grande diferença)^{xlxxxix}.

O *topos* de uma América do Norte digna de admiração – em um estágio civilizatório notavelmente diferente dos estágios civilizatórios narrados a partir das experiências na África e América do Sul confirmam a cosmovisão de que a existência de padrões de evolução a um só tempo histórico confirmavam a incapacidade inerente de não sofrerem a influência alemã (Conrad, 2010, p.292).

No entanto, as mulheres continuarão emigrando, concomitantemente, para várias localidades tanto no hemisfério Norte quanto no Sul: a lista de alunas que se casaram virá seguida de algumas informações sobre o que houve durante o ano com algumas ex-alunas e, por fim, quem saiu da Alemanha e para onde foram: Canadá, Windsor Forest - Inglaterra, *Südafrika*, Lourenço Marques, para a fazenda do pai em Südwest, para a Austrália e para o Chile: “Renate von Obernitz teria aberto uma boutique na Cidade do Cabo, Erika Thiermann já trabalha há muito tempo em um laboratório científico em Santiago e escreve dizendo que agora eles, como alemães são 100% reconhecidos^{xcxc}.

Escrevendo a partir de Hannover, no advento do ano de 1953, ela iniciará sua carta com *Meine lieben Kolos!*.

“Mais uma vez se aproxima o período do Natal e meus pensamentos vagueiam pela Alemanha no Leste e na parte Ocidental, vagueiam por terras [*Länder*] e mares e desejam a cada uma de vocês com os seus um Natal abençoado e um novo ano com saúde! Que todos avancem em seus trabalhos, sobretudo aqueles que tiveram um começo difícil em um novo e desconhecido país e aqueles que aqui na pátria também tiveram de começar de novo. Mas em todas as cartas leio que uma *Kolo* não se deixa abater e que ela toma a vida pelas mãos firmes de forma a dar aos seus um lar belo e satisfatório. Que todos também neste ano celebrem um belo Natal e, onde há crianças em casa, que estes, cheios de saúde alegria de viver, embelezem a celebração!”^{xcxi}.

A razão da correspondência mais uma vez é evocada – o relato sobre o passado em Rendsburg se transforma em atualizações acerca da cidade onde as egressas teriam passado um ano de experiências intensas em conjunto. Não mais (somente) a escola tem efeito de memória: o local, a cidade, o Canal de Kiel em si, adquirem força representativa:

“Enquanto vocês lêem esta carta, permitam que seus pensamentos se voltem ao lindo ano que passaram em Rendsburg e vagueiem comigo pelas ruas já tão conhecidas da cidade que ainda mantém esse aspecto de cidade pequena ainda que as lojas se esforcem, com suas vitrines e despesas, para parecer uma cidade grande”^{xcxii}. [

Dreves começará a receber cartas da parte oriental da Alemanha. Reproduzirá trechos de cartas e ponderará acerca de um relato afirmando que

“ela também me disse a mesma coisa que todas as meninas do Leste escrevem: que ela ficaria muito feliz com uma visita mesmo não conhecendo [a *Kolo*] pessoalmente, mas é que há muitas lembranças em comum que não estão vinculadas às turmas. Quem então for até Berlim ou na zona Oriental e também aqueles que forem passar férias aqui na parte Ocidental, por gentileza busque endereços comigo. Certamente você trará alegria à uma antiga *Rendsburgerin* assim.”^{xcxiii}.

Análoga à experiência do ano anterior, a narrativa da emigração para o Canadá em 1953 relembra a narrativa do desbravamento de vastos territórios e do esforço individual de sucesso inerente à experiência coletiva na escola colonial:

“E agora algumas informações sobre as nossas Kolos no Além-mar e no exterior. Gisela Mendel-Hembach e Doris Dyck-Fast, com sua família, foram para o Canadá, foi o que ela me escreveu em sua última carta. As duas tiveram um começo difícil e lê-se nas cartas que é necessário dizer a todos quantos querem emigrar: apenas se eu não tiver medo de pegar no batente é que vou conseguir algo! O início é difícil, especialmente porque a pessoa tem de se adaptar completamente aos outros hábitos do país. Tanto Gisela quanto Doris pegaram o primeiro trabalho que lhes foi oferecido. Quando Gisela foi para lá, o marido tinha quebrado o braço e não podia trabalhar. Dessa forma, ela assumiu o lugar dele na agricultura. Quando Doris foi já era inverno. Mesmo no Canadá um emprego não

pula no colo de um homem, tanto mais quando ele tem uma perna dura. Assim, Doris assumiu trabalhos domésticos da maior cidade mais próxima até a qual viajava 15 km de carona. Ela diz que a relação que ela tem com a dona da casa nunca foi a de uma empregada doméstica, mas sim a de uma ajudante (*Gehilfin der Hausfrau*). Que no Canadá a pessoa não é avaliada pelo que ela faz e sim, como ela faz^{cxciiv}.

E, em 1956:

“Marianne Ruppel surgiu esses dias. Eu não sabia nada de sua estada de 6 anos em *Südafrika* e assim nosso papo quase não teve fim. Ela foi com um *Transport* para Johannesburgo em 1950 para trabalhar por lá como enfermeira. Segundo ela, eles exigem muitos conhecimentos lá para o exercício da enfermagem e por isso entende-se que peçam mais exames [*Examen*] para o exercício da profissão. Ela começou de qualquer jeito do início, tinha apenas sua experiência de Guerra, sabia da dureza do trabalho e se sentia bem no local de atuação. Ela voltou para Durban para fazer as provas para obtenção do certificado de parteira. Durante as suas férias, visitou certa vez Erika Schmidt-von Wühlisch em *Südwest*. Ela teria ficado lá, na fazenda, se pudesse, diz ela. O cavalgar pela amplidão foi o que mais a marcou^{cxciiv}.

E os relatos individuais são alternados com impressões coletivas – estas obedecem à lógica do ‘nós’ e ‘eles’. Estes posicionamentos identitários estão diretamente referidos às condições locais e importam traços culturais gerais, que organizam a interpretação da missivista:

“Todos de *Südwestafrika* escrevem da boa chuva que garantiu o pasto por um ano, mas talvez agora já estejam na expectativa das nuvens carregadas porque todas as atividades de fazenda lá dependem das chuvas mais fortes ou mais fracas nessa época do ano. Eles também contam sobre os *Neudeutschen*, estão felizes pela chegada desses imigrantes porque trazem vento novo e isso faz bem quando não se quer africanizar [*verafrikanern*] do lado de lá. Mas, é claro, muito de fala sobre os novos, como é comum entre os alemães, que eles logo sabem mais do que os outros e de cara já se arrogam no direito de julgar como são as coisas no país, o comportamento dos funcionários públicos, o tratamento que é dado aos nativos e também sobre os novos, que passeiam de roupas típicas [*Trachtkleid und Trachthübchen*]^{cxciiv}. É claro que todos os emigrantes são todos colocados no mesmo saco, pois: fala-se mal dos ruins e o comportamento dos quietos e diligentes é considerado auto-evidente. Esses sofrem sob a opinião sobre aqueles poucos que não se encaixam na vida em SW. Em SW reconhece-se um *Neudeutscher* [alemão recém-imigrado. N.A.] pela sua pele clara e seus calçados robustos. Uma criança diz: ele vem da Alemanha, ele usa calçados com zíper, eles não existem aqui! Ruim é que com a emigração, o número de crianças que durante o período das aulas precisam ficar em internatos também aumentou muito o que tornará em breve impossível a acomodação deles. A construção de uma nova casa para um *Deutsches Heim* é sempre uma questão orçamentária difícil pois o dinheiro é sempre escasso entre os alemães. Mas em Windhuk eles agora construíram um anexo à escola Hedwig-Heyl na qual eu trabalhei em 1935/1936 e assim conseguiram dormitórios e refeitórios para o internato masculino [*Knabenheim*], já que tiveram de sair das instalações antigas na cidade. Espero bem com eles que possam usar as instalações no início do ano letivo. Quem pode, tenta, naturalmente, conseguir um lugar particular para seus filhos porque lá podem receber um

tratamento mais individualizado. Assim, Eva Pack-Liedtke está com seus dois mais velhos em Swakopmund com a avó e uma au pair em casa^{”xcvii}.

Posteriormente, já no ano de 1956, também da pena de Eva Pack –Liedtke, dará novamente essa dimensão:

“Eva Pack-Liedtke tirou férias na Alemanha no ano passado e, na volta, parou em vários lugares com o marido como em Atenas e no Cairo: ‘Em Atenas e no Cairo as condições de vida nos pareceram muito interessantes. Os pobres gregos são um povinho lamentável. Não imaginava tamanha pobreza, sujeira e apatia. Nossos negros vivem muito melhor em comparação a isso, só o clima quente e saudável já os faz bem. De qualquer forma, já botei na cabeça que devemos enviar todo europeu que reclamar sobre o tratamento que damos aos negros a Atenas para que veja a miséria. Provavelmente essa pena e [sentimento de necessidade de] ajuda serviriam melhor lá, aos brancos. [Seria melhor] que essa moda de reclamação em torno da salvação dos negros. – Por que fazer dos negros num piscar de olhos uma raça cultivada? Todos os povos tiveram de passar pelo seu período de desenvolvimento, por que deveríamos tirar dos nossos pretos essa oportunidade?’^{”xcviii}

Se em muitos momentos as cartas provocam intertextualidade, ou seja, que textos entrem em contato uns com os outros, na carta de 1957 é possível identificar esse diálogo realizado entre duas egressas tendo como suporte mediador as cartas escritas por Dreves:

“Annemarie, que depois de 19 anos esteve na Alemanha em 1956, teve, diga-se de passagem, a mesma impressão sobre os Slums em Atenas e no Cairo que Eva Pack-Liedtke nos descreveu no ano passado^{”xcix}

No entanto, as egressas não emigram apenas para fora do continente europeu. O relato da egressa residente na Espanha, e que fechará a carta de 1953, é ilustrativo da retomada das relações entre países em nível local:

“Lore Wahrenberger escreve relata sua celebração de Natal na Espanha: passei um ótimo Natal. Após a missa de Natal, estive com uma família alemã que organizou uma noite maravilhosa. Em seguida ouvimos soar no rádio de emissoras/radiodifusoras alemãs os sinos das nossas grandes igrejas. Isso aconteceu, pelo que me disseram, pela primeira vez após a Guerra e após o acordo entre as radiodifusoras espanholas e alemãs. Assim na véspera de Natal as emissões espanholas foram enfraquecidas para que as alemãs passassem – ou seja, paz na terra!”^{”cc} E Dreves complementa: “Sim, e se finalmente estivéssemos a ponto que pudéssemos dizer exatamente isso e o mundo não estivessem em ebulição sempre em todos os cantos! Mas em nosso lar, em nossas celebrações, queremos tentar no que estiver em nosso alcance contribuir para que essa palavra logo se torne realidade: paz na terra!”^{”cci}.

Com uma saudação em sua carta encabeçada com a nota de que escreve “antes do Natal” de 1954, Dreves iniciará a reprodução de cinco trechos de cartas de ex-alunas falando do tempo onde estão: Juliane von Lieres-Theißen em *Südafrika*, Morgot Holfelds de Windhuk, Ursel von Sryck-Reibnitz do Canadá, Inge Bottor-Jordan da região do Vale do Ruhr, Irene Steinhorst, de SWA. Após o relato acerca do encontro das *Kolos* daquele ano, ela contará de forma mais extensa as agruras de algumas egressas que escrevem contando a ela acerca das dificuldades da vida que levam:

“Como Reinhild Kirststein-Schlott não conseguiu a ajuda que esperava e a isso haviam se somado outras circunstâncias difíceis, ela em princípio adiou o início da plantação e foi ficar com uma família para a qual podia trazer seus dois filhos a qualquer momento durante as férias. Ela descreve tudo o que pode surgir de trabalho durante um dia fora o trabalho normal. Primeiro, um preto teve uma queimadura terrível, ele tinha roubado gasolina e entornado sobre sua lamparina, com isso ele se incendiou. Depois chegou um negro, sua esposa já estava há 24 sem conseguir parir, depois veio um que queria que lhe arrancasse um dente. Vê-se que na África em locais isolados é necessário saber fazer várias coisas e ela aprendeu muitas coisas novas por lá!”^{ccii}.

A ideia de que tanto infraestrutura e, posteriormente, por conseguinte, a população, carece de uma adequação civilizacional emerge do relato de Ingrid Fischer-Kumbruch que escreverá naquele ano a partir de *Ostafrika* dizendo que:

“há um ano moramos em Kwalaza, onde meu marido, a partir da terra virgem, construiu uma área agricultável para o meu pai. (...) Das bênçãos da civilização como eletricidade e água corrente ainda estamos longe. Nosso rádio funciona a baterias e a geladeira, a óleo. A água fluvial que nos chega é marrom e mal-cheirosa”^{cciii}.

Notável, dentre os últimos comentários acerca do ano de 1954, é a atualização em relação às atividades do diretor da escola – *Herr Direktor* Dr. Körner – que, aposentado, receberá pelos serviços prestados, a Ordem do Mérito alemã *Bundesverdienstkreuz*, ocasião em que se reúne com *Kolos* em Hamburgo, as quais acharam que não tinha mudado nada – “até a voz tinha permanecido a mesma” (Idem).

No período pré-natalino de 1955, Dreves saudará suas leitoras com um *Meine lieben alten Kolos!*:

“Escrevemos o ano de 1955! Quantas vezes meus pensamentos não chegaram a voltar ao que aconteceu em nossa querida *Koloschule* há 10 anos: uma massa

migratória de adultos e crianças, muitas vezes tão pobres, a entrada da SS, a extinção paulatina da escola e muitos refugiados do Leste, dentre eles muitas antigas *Koloschülerinnen*¹²⁶ (...)“Espero que, celebrando vocês aqui na Alemanha ou no exterior, que sempre se lembrem de que a Alemanha é sua pátria ainda que vocês lá fora, com o passar de longos anos, tenham se tornado um com aquele país que lhes deu um lar (*Heimat*) e alimento e ainda dá e em cujo ar seus filhos estão crescendo”¹²⁷.

Dreves indicará com as informações do trecho a seguir – e que farão eco às informações que surgem na carta de 1960 – que atividades associativistas em nome do interesse das minorias alemãs em territórios ultramarinos evidenciarão uma continuidade nos papéis desempenhados por atores na Alemanha e nas visões relativas à presença alemã em territórios extra-continentais. No mesmo relato, Dreves afirma que em 1935 Agnes von Boemken esteve com frequência na escola – von Boemken, como já referido anteriormente, esteve à frente do *Frauenbund* a partir dos anos 30 e foi uma grande apoiadora do envio de mulheres à colônia. Com uma orientação nacionalista e colonialista clara, foi simpatizante do movimento nacional-socialista alemão e presidiu um encontro colonial justamente no ano de 1935 em que definia a *koloniale Frauenfrage* como uma questão nacional-socialista com amplas repercussões para as escolas alemãs ultramarinas, as famílias nas colônias e o status da mulher na nação, como reportou o jornal de *Freiburger Stadtanzeiger* do dia 14 de junho de 1935¹²⁸.

“Em julho eu substituí como em todos os anos a minha irmã que esteve em Spiekeroog com um tempo maravilhoso. Em seguida já era hora de organizar o *Kolotreffen*. Gertrud Robitzsch, que não pôde vir naquele dia, havia passado o final de semana anterior comigo. Reinhild Kirstein-Schlott avisou que estava de volta de Angola em Braunschweig. Com ela, estive em um encontro da associação para alemãs no além-mar (*Interessenverband für Deutsche im Übersee*) no qual encontrei alguns conhecidos como Renate Hoch-Oltmann, Frau von Streng, irmã de Thea Münch, com quem havia voltado de Ostafrika para Gênova e a sra. Wulf-Neumeister, que em 1935 esteve na *Koloschule* com muita frequência em companhia da Frau von Boemken”¹²⁹.

Onde, portanto, estão as mulheres egressas da escola colonial feminina de Rendsburg? Dreves, ainda na carta de 1955, apresenta um breve e ilustrativo inventário dos espaços ocupados por algumas das mulheres:

¹²⁶ <https://fz.ub.uni-freiburg.de/show/fz.cgi?cmd=showpic&ausgabe=05&day=14b&year=1935&month=06&project=3&anzahl=12> (Acesso em 19 fev. 2018).

“Lilo Liebusch-Sautter, Pforzheim, tem uma filha, e toma conta da loja de joias do marido, Käthe Krall-Bötcher tem dois meninos, seu marido tem uma oficina de reparos no Chile; Dörte Gragert-Kuth tem duas meninas, mora agora em Hamburgo, Ursel Gravemann fez, como professora da *Volksschule*, as provas para ser professora de economia doméstica; Gerhild Mißmann está trabalhando na Inglaterra e quer ir para o Equador para casar com uma amigo de juventude, Barbara von Ribbeck esteve nos anos de 1953/1954 em Angola para preparar duas meninas para a escola na Alemanha. Ela deve estar em Göttingen agora. Leni Köhler fez as provas para ser cuidadora e continua trabalhando em Berlim”^{ccvii}.

Em novembro de 1956, Dreves inicia a carta com um poema sobre o Natal em *Südwest*^{ccviii}, e relata como vivenciou o Natal em *Südwest* em 1935, no norte do país, com pessoas queridas e com as quais desenvolveu afinidade imediata por terem frequentado a mesma escola. Ela recebe ainda muitas notícias sobre Windhoek e *Süd-West* e, com isso, torna-se nostálgica e relembra seu período no exterior: “é estranho que uma vez estando lá fora (*driiben*), a pessoa sente muito carinho pelo país e seus habitantes, através de muitos deles vi e vivi experiências muito boas”^{ccix}. Na sexta (!) página da carta, ela oferece ‘pequenos relatos de todas as partes do mundo’ (*kleine Skizzen aus aller Herren Länder*):

“A nossa Berlim tem de surgir logo aqui, no início: Ilse Buscholzki-Baaß escreve: ‘Ao final de cada ano de férias estou sempre exausta. Também no verão não temos sossego em nossa apertada Berlim. Vocês precisavam ver o que acontece à beira do Havel ou dos lagos de Berlim ocidental no verão. Para poder conseguir nadar um pouco, tem de se sair de casa às 5 da manhã. Às 7 já não há lugar no estacionamento, que dirá para tomar um banho de sol. E os berlinenses se sentem felizes nessa multidão”^{ccx}.

O detalhamento dos hábitos berlinenses é interessante porque foge aos relatos aventureiros da vida fora da Alemanha. Um dos poucos relatos sobre a América do Sul, ao contrário, reunirá a materialidade das condições da vida escolhida através da migração e também a ‘consequência’ cultural da escolha a partir da experiência da própria egressa:

“(…) Tivemos anos um pouco ruins nos últimos tempos. Meu marido é uma pessoa das minhas e por isso havia para nós apenas duas possibilidades: ou uma ele teria uma super mina ou nada. Por muito tempo não tivemos nada, mas meu marido apostava em sua pequena mina e eu falava mal dela. Ele afinal tinha razão e o futuro promete ser bom e próspero. Uma ótima sensação após tantos anos de luta (Certamente muitas de vocês tiveram esse mesmo sentimento e podem imaginar a sensação de Ruth). Eu tinha nesse meio tempo assumido uma loja com meu pai em Miraflores e tínhamos conseguido levantar o negócio de forma que estamos duplamente satisfeitos. Temos um apartamento encantador no quarto andar com dois terraços enormes de 6/7m onde eu em um deles fiz um jardim e no outro os meninos podem brincar à vontade nem que seja quebrar as janelas. O apartamento fica em um lugar confortável e bem ao lado da escola de Georgie. Eu o coloquei

enfim em uma escola religiosa. Eu teria perdido muito tempo se esperasse por uma vaga em outra. Lá ele está somente entre peruanos, o que considero muito bom, pois ele vai passar a vida aqui, portanto, assim não corre o risco de ser uma coisa híbrida como minha irmã e eu que não pertencemos nem a aqui nem lá. Ele deverá ter enfim um sentimento de pertencimento completo”^{ccxi}.

A narrativa da construção da vida no Peru tem início com uma breve descrição do esforço inicial para desenvolver uma atividade laboral rentável. Como outras famílias emigradas, a aposta é por um lado em atividades que não exigem formação, no caso dos homens (como lenhador, em carta anterior) ou atividades comerciais e de negócios, atividades caras à classe burguesa com formação, diferente dos ofícios tradicionais aprendidos por classes de menos prestígio, como o de padeiro, açougueiro, confeitoiro ou cervejeiro. A mesma missivista apresenta uma lembrança da *Koloschule* que mais uma vez permite vislumbrar o cotidiano das ex-alunas perpassado pelos laços com a Marinha alemã. O trecho a seguir oferece uma peça fundamental no quebra-cabeças de relações ao nível microsocial que adensam o conhecimento acerca das condições de sociabilidade na escola e também no meio militar. A escola da marinha em Mürwik em Flensburg-Mürwik forma oficiais da marinha desde 1907 – a interação descrita abaixo deixa transparecer afirmar valores e tradições partilhados entre as duas instituições que representam valores morais atribuídos àquela classe social como um todo. Estes, segundo a missivista, se perdem ou se perderão com o tempo e conforme o lugar.

“Frequentemente eu penso naquela época maravilhosa na *Koloschule*! Só notamos agora como era bom. Fossem os bailes em Mürwik ou em Kiel, em que ainda se via a velha e tradicional Alemanha com beijo na mão ao estilo mulher de comandante (1938) e etc. . Lembro como éramos apanhadas na escola em carruagens e como os homens tinham primeiro de pedir a benção ao Rex, Como serão os ‘beaus’ das minhas filhas? Provavelmente não se darão nem mesmo o trabalho de se apresentar, porque aqui a moda é agir como os americanos. Quanto pior e mais largado a pessoa se veste, melhor e isso se reflete no comportamento. As moças andam até mesmo durante a tarde com calças muito justas, até o joelho e que não as beneficiam. A blusa pra fora da calça, para mim, uma cena lamentável. Isso sem falar das senhoras da minha idade. E por fim, quando se vestem assim, é de passar mal. Eu ainda defendo uma certa etiqueta. Com meu filho creio que não terei problemas. Já agora ele acha que quando vou a algum lugar, que meu vestido não estaria elegante o bastante para ir a um chá – estava quente e as crianças iam brincar juntas, por isso pus um vestido [*Morgenkleid*] leve para a manhã. Ele é um pequeno Gent, ainda que também seja um terrível bagunceiro, sempre sujo. Mas quando vai sair, diz que determinadas coisas é que são apropriadas!”^{ccxii}.

O relato a partir de Angola que se segue, em especial em contraste com os relatos vindos da América do Norte, permite ver as diferenças concomitantes de impressões acerca do mundo àquela época:

“Aqui em Cuilo é maravilhoso. É uma vida como a de Robinson Crusoé, bem simples e ligada à natureza, mas aqui não é possível morrer de fome ou frio e não é preciso usar muitas roupas. A paisagem é bela, ampla e, ainda assim, ondulada. Há muita e muita água. A região é muito povoada com pretinhos (*Möhrlein*), há apenas 100 m de minha casa há uma pequena aldeia. Os negros chegam com mil pedidos, doenças, feridas, até mesmo uma bicicleta me trouxeram para que consertasse. Eles querem trocar açúcar por milho e batatas doces, meus três porquinhos e 7 galinhas gostaram muito. Alguns que vêm trabalhar – são 6 meninos e até agora 5 adultos – me prepararam um chiqueirinho, uma cerca, e para que as bananas não desapareçam, uma cerca em torno do jardim no qual vários tipos de plantinhas estão brotando. A grama é cortada no Vale, e trazida ao Hof e amarrada para cobrir a nova cozinha e ajeitar o estábulo, de forma que eu possa trazer minhas 26 cabeças de gado que ainda estão na propriedade do meu falecido sogro (...) é um milagre que após 17 anos de abandono tanto ainda esteja de pé. Só posso dizer que compensou ter alguém aqui sempre de guarda”^{ccxiii}.

Em 1947, um parágrafo na carta de Dreves já evidenciava interações entre a Marinha de Flensburg e a escola de Rendsburg:

“(...) me vieram tantas memórias à lembrança do que vivemos com a nossa Marinha sempre fiel e alunas que por lá se apaixonaram”. (...) “Sim, sim, havia algo de especial nesse eixo Rendsburg – Flensburg!!!” (...) “Como é bom para vocês que tenham todas essas boas recordações, as quais ninguém lhes pode tirar e que permanecerão pertencendo a vocês”^{ccxiv}.

No inverno de 1957, ela escreve às *lieben Kolos* que têm saudades de Rendsburg e conta uma pequena lembrança que lhe veio à mente ao encontrar uma ex-aluna em agosto. A lembrança permite imaginar que o rigor de uma determinada veia de valorização da alemanidade também passava pela língua e pela palavra:

“Comendo e bebendo, me lembrei de uma pequena história de Rendsburg: Chega um Revisor e pergunta no escritório: quantas alunas vão para o exterior? Resposta: 40%. Ele diz: vamos dizer então, 40 de 100, o Ministro não gosta de palavras estrangeiras. No dia seguinte, outra pergunta: sob que condições as meninas trabalham em Kärnten? Resposta: uma mão lava a outra. O que é ‘uma mão lava a outra’? – Bem, é sem dinheiro, mas com alimentação, bebida, estadia etc. Ele: então é melhor que digamos ‘au pair’, é mais claro!!!! E aí, quem achou graça!!!!!!”^{ccxv}.

Os relatos que se seguem trazem à tona aspectos de política doméstica e internacional dos anos 50 e 60. O contexto da impressão abaixo é o da luta pelos

direitos civis nos Estados Unidos que se estenderá pela referida década e a seguinte: uma das grandes conquistas do movimento afro-americano pós-1945 será a discussão acerca da igualdade de oportunidades que culminará, não sem violência, com a possibilidade definitiva de sufrágio em 1965. A partir dos Estados Unidos, temos o relato de

“(...) Agathe Kinble-Wegenast, da Flórida. Desde novembro estou nos Estados Unidos. Não estou triste com isso, a Florida é um lugar bonito, o clima é convidativo e eu não acho que vá sentir saudades da neve ou do gelo. No entanto, foi estranho comemorar o Natal em uma paisagem primaveril e tenho de reconhecer que me faltou a atmosfera de Natal. (Eu acho, Agathe, que para nós alemães o sentimento é o mesmo quando estamos em países do sul. É difícil manter os hábitos de casa (*Heimlichkeiten*) porque estamos sempre ao ar livre e não há parede atrás da qual possamos nos esconder. Isso me chamou a atenção quando eu passei o Natal em uma fazenda na região norte de Süd West. Ficava sempre na varanda e costurava bonecas de pano e as crianças sempre passavam pra espiar o que estava fazendo) – A vida aqui é muito diferente da vida que levava antes. Acima de tudo tenho de me reconciliar com todo o tipo de tradição que existe aqui. Tem também o problema dos pretos (*das Negerproblem*), no início não o compreendia. Às vezes, me perguntam minha opinião, mas até agora não tenho e reconheço pois, depois de vir morar aqui com os *Negros* [verbete mantido em inglês] (i.e. moro a apenas algumas ruas) e vejo suas casas, ou melhor, barracos, e também vejo que opinião eles demonstram ter sobre o trabalho, já não tenho certeza da opinião que tinha antes”^{ccxvi}.

Dreves tecerá a costura entre as duas narrativas falando de uma egressa e suas impressões a partir da estada na Síria nesse mesmo ano:

“E agora, vocês saltarão em torno de meio globo terrestre e pousarão em Damasco, visitando Ruth Richter-Dölling que no ano passado ainda pôde estar presente no encontro de agosto e que agora, com o marido e sua filhinha de dois anos, está em Damasco, onde o marido está organizando a administração da DEA”^{ccxvii}. Ela, descrevendo o calor, acrescenta que “(...) temos uma vista maravilhosa [...] sobre o Antilíbano, em cujas franjas está Damasco com seus incontáveis minaretes e a mesquita Omajat [...]”^{ccxviii}

A missivista retrata algumas características do deserto, fala de como ele ‘floresce’ após a época de chuvas – os moradores locais também, beduínos, também chamarão sua atenção. A inocência e, portanto, inculpabilidade europeia no contato com o outro é retratada também nesse trecho:

“Há uma mistura colorida de povos aqui no Oriente. É cada raça que deixou descendentes. Até dos cavaleiros das Cruzadas devem ser ascendentes de alguns árabes ruivos e louros. --- Infelizmente aqui é muito pouco possível fotografar porque a máquina é facilmente confiscada. Recentemente tivemos uma experiência engraçada. Estávamos passeando e Rottraut comia biscoitos. Uma menina árabe da mesma idade que ela começou a chegar cada vez mais perto. Quando ela conseguiu

se aproximar da minha bolsa, Rottraut estava a ponto de defendê-la e puxá-la para si. Nós achamos a cena tão bonita: a árabe escura e a loira Rottraut. Meu marido sacou a máquina fotográfica e tirou uma foto. Nesse momento, sentimos olhares zangados, os sorrisos haviam desaparecido. Deu trabalho para acalmar as pessoas novamente. Qual havia sido o motivo para isso? Não é permitido fotografar o mohamedano no domingo! Como é que nós, anjos inocentes, iríamos saber isso?! Abalada eu fiquei quando vi, na construção de uma rua larga, como as mulheres traziam o material sobre suas cabeças. A força de trabalho humana é mais barata que máquinas!”

Na sequência de cartas, um relato sobre aspectos do dia a dia em SWA e uma opinião acerca do convívio entre eles. A descrição das atividades domésticas da pequena comerciante na cidade de Outjo, no centro-norte da Namíbia, oferece uma visão sobre a classificação social estamentária baseada na ‘raça’ em que os serviços são referidos, por exemplo, como ‘a negra’. O *topos* da sujeira e do desleixo africano em comparação ao esmero e limpeza europeus é mais uma vez invocado para descrever o estado de coisas no dia a dia em Outjo. O outro *topos* invocado é o da civilização através do trabalho, apenas possível aos europeus que portam a ética laboral como marca identitária inerente:

“E para que *Süüd-west* não fique esquecida, um pequeno relato de Luzie Sievers-Düvel, cujo marido tem uma marcenaria em Outjo. ‘Eu até tenho uma negra Lydia e para as roupas de bebê e trabalho extra uma jovem Evangeline, mas me sobra muito trabalho no qual não quero que os negros ponham a mão. Os nativos certamente não conseguem entender porque devem limpar todos os dias, quando para eles as coisas não estão sujas. [...] os africanos estão em maioria de 10 pra um e - estimulados pelos Senhores [*Domini*] que odeiam os alemães – não são bons amigos. Mas não é assim em toda parte do país. Se os africanos não dependessem dos alemães aqui – de 4 oficinas mecânicas, 3 são alemãs, os dois marceneiros são alemães, o único abatedouro, o único padeiro – eles certamente cortariam os alemães e tentariam prejudicá-los, assim eles precisam ao menos fingir que gostam deles. Os africanos bem formados – aqui no distrito são poucos – não participam dessa cruzada e dizem claramente que com o domínio de outro Senhor a situação seria/será diferente. A maioria dos africanos ouve acriticamente o que a igreja diz! A igreja africana exige coisas de seus membros, que nos parecem da Idade Média, não consideram o avanço intelectual alcançado. Os alemães são tidos como mau exemplo, um perigo para os crentes, porque dançam e aos domingos se dão às suas preferências, como esportes. A inveja reside no fato de que os alemães estão evoluindo”^{xxix}.

Ao final da carta, a pergunta de Dreves acerca da possibilidade da re-edição da *Koloschule* indica as diferentes temporalidades em curso na narrativa: por um lado, a temporalidade ‘colonial’, a ideia de que é possível ou mesmo necessária a fundação de uma escola mesmo após o fim do período colonial e a derrota na segunda Grande Guerra. Por outro lado, uma temporalidade voltada para o futuro,

a projeção da possibilidade da re-edição da escola no contexto da política educacional atual no Sudoeste Africano:

“será que na Alemanha surgirá novamente uma *Koloschule*? De diversas partes tenho ouvido que se pensa na fundação de uma ‘escola feminina internacional em Bad Dürkheim’, na Floresta Negra. Mas em que pé estão os planos não sei. (Witzenhausen está funcionando novamente). O Rex apoia muito a ideia. Ele também trabalha intensivamente como representante na Alemanha das associações escolares alemãs em *Südwest*”^{ccxx}.

A carta de 1958, também escrita de Hannover-Kleefeld em, conta muito brevemente atualizações das ex-alunas. Em um dos encontros paralelos, criou-se um verso^{ccxxi}:

Os relatos do exterior reúnem missivas de egressas que já tinham sido mencionadas anteriormente, indicando que essas mulheres também cultivaram o hábito de escrever umas às outras e sobre a realidade que vivenciavam. Eva Pack-Liedke enviará a Dreves uma longa carta escrita durante um período em que esteve hospitalizada na Cidade do Cabo:

“(…) Maio de 58. Aqui na Cidade do Cabo estou tendo tempo para observar e comparar os nativos daqui com os de *Südwest*. Há uma grande diferença. Os nossos ainda estão completamente mergulhados em sua primitividade. Eles não querem se esforçar para ter uma vida melhor, eles querem apenas extorquir seus senhores em situações definidas pelo o momento e pelas condições. Salários mais altos, mais dedicação dos senhores para o mesmo serviço prestado ou menos ainda. Naturalmente há homens e mulheres de boa vontade e corretos, aqueles que arrumam melhor seus Pontoks [barracos] e alimentam seus filhos direito, mas a maioria basicamente bebe até morrer. – Os sul-africanos andam tão bem arrumados como nós: chapéu, luvas, obviamente, roupas íntimas de nylon, meias de nylon, joias da moda e bolsas também são seus apetrechos comuns. Uma imagem na exposição ‘Central Africa today’ mostra um jovem negro em um terno escuro com gravata e colarinho e com isso caracteriza na verdade a posição e a atitude. No ônibus eles são bem insolentes e sem-vergonha. Na rua eles não dão passagem e nas filas, independente do tamanho, não há preferência para os brancos. No hospital os brancos esperam ao lado dos negros, até que seja a sua vez. E nos parques os brancos preservam o gramado enquanto os negros deitam na grama e dormem. Tudo tem dois lados se olharmos de perto. – eu também tenho os meus boys negros, confio neles e posso jurar por eles. Eles hoje ganham mais dinheiro que eu ganhava quando comecei aqui. Vocês sabem, os salários iniciais eram de 2 L. Mas um nativo não faz o que eu fazia. Ele tem suas horas de trabalho definidas, sua pausa para o almoço frequente e também tem o domingo. Isso o branco não tinha! Mas não se deve olhar atrás para esses problemas. Deve-se olhar à frente para verificar o que o futuro pode trazer. Nossos filhos terão de lidar com problemas mesmo, enquanto nós ainda lidamos de forma fácil com isso.”^{ccxxii}.

A carta de Eva Pack-Liedke apresenta um esforço impressionista de comparação das duas realidades vivenciadas: a da Cidade do Cabo, na África do Sul e a do território de do Sudoeste Africano. O *topos* do negro indolente mais uma vez ressurge e é aplicado às duas localidades. O incômodo emerge quando, no contexto sul-africano, o nativo desrespeita a ordem social estabelecida quando não oferece a prioridade ao branco e também a ordem pública organizada a partir de marcos civilizacionais que proíbem o uso do gramado para recreação. Se a organização da vida em sociedade reforça a desconfiança na população local, a fidelidade dos serviços domésticos mais uma vez faz emergir o *topos* do servo fiel – uma narrativa que faz lembrar a lendária fidelidade dos Askari ao General da *Schutztruppe* Paul von Lettow-Vorbeck, comandante da África Oriental alemã na Primeira Guerra Mundial. Revisionistas atribuíam a fidelidade da tropa Askari, composta por diversos homens não apenas da região da África Oriental, ao carisma do general. Assim, a fidelidade associada ao carisma ou ao reconhecimento de superioridade poderia justificar a qualidade do relacionamento no âmbito da gestão doméstica. A relação genderizada se evidencia a partir da ideia de que o serviçal em casa era denominado ‘boy’ – uma função doméstica, feminilizada, atribuída a um homem infantilizado ao receber a alcunha de ‘boy’. Tanto é assim que ela comparará as condições laborais que têm os seus serviços com a sua própria condição laboral ao chegar à África. A relação com a população local será cada vez mais discutida nas cartas entre as mulheres em paralelo ao *topos* frequentemente recorrente da natureza africana. Reinhild Kirstein-Schlott, por exemplo, escreverá de Angola:

“(...) aqui estamos em um Jardim do Éden frutífero. (...) Eu amo essa terra aqui e também essa vida, ainda que ela não seja fácil. Já vivo há 2 anos e meio na selva. Primeiro vim para cá contra a minha vontade. Tão somente a perspectiva de que um dia eu receberia uma ajuda da Alemanha foi me dando coragem. (Mas tudo se desenrolou de forma diferente e ela teve de continuar vivendo sozinha na selva). (...) A formação em Rendsburg ajudou sim, mas a maioria das coisas só se aprende quando se está trabalhando, na pior das hipóteses, quando a pessoa já começa errando (...)”^{ccxxiii}.

Nos dois trechos em sequência, a memória da escola é presentificada e narrada a partir de um local ideal em que as alunas de todas as turmas têm em comum uma formação distinta da formação esperada para a classe social das egressas e, ao mesmo tempo, vasta o bastante para fornecer instrumentos para

lidar com as diversas realidades sociais em todas as partes do globo – estas sempre tendo em comum seu padrão civilizatório marcado pela alteridade e pela inferioridade. Ingrid Fischer-Kumbruch dirá, a partir de Tanganjika, que:

“:(...) é uma pena que a *Koloschule* não exista mais, o que aprendemos pode ser muito bem utilizado nos países tropicais, orientalistas, acima de tudo em países não cultivamos do ponto de vista europeu e civilizados. Esses países em que é necessário viver em uma agitação qualquer que seja são de longe também os meus preferidos. Iniciativa, capacidade de improvisação podem aqui (e a pessoa com eles) render troféus! Além disso, aqui não somos alimentadas o dia inteiro com milhares de impressões e assim criadas para a superficialidade”^{ccxxiv}.

Em 1959, às vésperas do Natal, Dreves escreve para “*allen lieben Kolos in Nord und Süd, in Ost und West, einen herlichen Weihnachtsgruss!*”. A carta começa com a narrativa acerca do encontro em Hannover. É a partir dessa carta que Dreves começa a conferir aos relatos espaços específicos nas cartas. Ela começa com uma carta de Rendsburg, de Lotte Faust-Weiss:

“Voltei de Berlim e estou aqui sentada em meio à bagunça lendo sua carta de Natal. A carta realmente aquece o coração. Passamos o ano todo como donas de casa galopando de um lado para o outro e, de repente nos lembramos que, na verdade, somos também outra coisa: uma Kolo! Faz muito bem lembrar disso novamente!! Aí lemos sobre a Angola, a Guatemala, sobre Süd-West, a Cidade do Cabo, Tanganjika, o Canadá, a Colômbia, México - - puxa!!! E quando se olha para fora da janela, lá está Rendsburg!! Vamos até a porta e olhamos para fora— lá está Rendsburg! E a chuva que desce pelo vidro é chuva original da terra de Schleswig-Holstein!!! E os navios no Canal apitam como sempre, mas nenhum espera que nós, três velhas *Kolos*, fiquemos lá esperando por eles e gritemos Zicke-Zacke !! (...) – Não deu em nada pra nós sair pelo mundo. Aquele velho tempo passou também. Mas, para ser honesta, gosto muito que seja assim, gosto de como as coisas são aqui. Antes eu queria de qualquer jeito ir trabalhar a terra na floresta, mas agora as ervas daninhas no quintal já me bastam completamente. E meus meninos mal dariam conta de liberdade maior do que já têm. Eles estão sempre de uma forma ou de outra em guerra com a civilização (...)”^{ccxxv}.

A perspectiva de uma *Kolo* que permanece na Alemanha dá a dimensão da projeção da escola sobre o imaginário coletivo partilhado pelas alunas. A experiência na escola, conforme a impressão dessa missivista, é a condição de possibilidade para uma vida nova em qualquer parte do globo. A vida em Rendsburg, no entanto, permite a ela a manutenção do contato com aspectos da memória em comum, como o Canal de Kiel.

As notícias vindas dos Estados Unidos reproduzem o *topos* de um ambiente onde se pode estar entre iguais, um país promissor para a emigração. No

contexto norte-americano, a visão do negro é similar a das cartas escritas a partir da África. Há uma dualização entre ‘nós’ e ‘eles’: o pronome implícito ‘nós’ abarca a sociedade norte-americana e o ‘eles’ é subsumido pela menção aos ‘negros’. Não apenas a missivista se entende como parte do todo norte-americano, como as credenciais institucionais da escola colonial são valorizadas por uma comunidade externa, validando as impressões compartilhadas pelas egressas:

“Lily Bertelsmann já está há algum tempo no Texas e escreveu na primavera de 59: (...) eu também saí algumas vezes, só aí é que a pessoa tem uma impressão verdadeira acerca da vastidão enorme dessa terra – que espaço virgem, frequentemente nada além de terra agricultável abandonada e novamente pântanos e floresta. Por outro lado, as construções mais modernas e estradas fantásticas. Tive a sorte de ir com amigos a um ‘ranch’ no qual eles mantêm cavalos. Quase nenhuma viva alma para onde quer se olhasse, apenas alguns meninos de cavalos mexicanos, pois os pretos para isso não são úteis. É realmente o paraíso dos cavalos. Tartarugas e Tatus passeavam em algumas partes do pântano. Vou pretendo trocar de emprego em abril. Vocês não vão acreditar na quantidade de propostas que recebi, todos queriam saber se eu não saberia de mais alguém para trabalhar, especialmente como *governess*. De qualquer forma, fiquei muito feliz em ver que estamos bem cotadas. Para um dos empregos, entreguei uma tradução do meu diploma de Kolo (*Kolozeugnis*) Eles quase não acreditaram na quantidade de coisas que aprendemos”^{ccxxvi}.

E assim escreve Clara-Marie Pietersen-Niemayer em meados de 1959:

“Nosso local de moradia Virgínia tem apenas 9 anos de existência, antes disso era apenas aldeia e terra agricultável [*Farmland*]. Enquanto Hennenman, que fica a 12 horas de distância, é totalmente rural, a região inteira aqui – Welkom, Allanridge e Virgínia – é uma área de mineração, onde se vê por toda a parte torres de extração e é de tal forma que elas podem ser vistas a milhas de distância. Há mal e mal alguns arbustos e gramados – em meio a estes esses há esses locais abertos artificialmente. A Virgínia é em si um dos locais mais bonitos em meio isso. Querem construir muitas instalações espalhadas pelo local. Enquanto aqui há 5 anos quase não havia rua asfaltada, agora todos esses locais estão interligados por ruas generosamente asfaltadas e em muitos lugares há até dentro da cidade ruas asfaltadas como aqui, em frente à nossa casa até mesmo com iluminação pública!! De resto, fora o cinema no qual há praticamente só filmes americanos, não há mais nada. Quase não há sombra e frequentemente quase não é possível aguentar o sol ofuscante e o azul brilhante do céu. Agora o inverno chegou de repente com neve e gelo e com muitas chuvas em várias localidades. – Eu só tenho duas vezes por semana uma negra que limpe para mim. Infelizmente às vezes ela varre bem demais e eu tenho de ir ver se pesco nas coisas varridas algo de útil!!”^{ccxxvii}.

Um trecho de opinião é selecionado por Dreves e serve para re-editar o *topos* do trabalhador esforçado em comparação ao trabalhador nativo, no qual expectativas e investimentos parecem em vão. No lugar do *German work* (Conrad,

2010) exclusivista surge o trabalho europeu, racionalidade que estabelece a clivagem não em termos de classe social, mas sim de ‘raça’:

“Eva é da seguinte opinião: todos os que escrevem sobre a África na Europa deveriam, ao menos por um ano, trabalhar com nativos antes de formar sua opinião que certamente seria completamente diferente. Minha *Haustochter* [*au pair*, N.A.] é mais uma vez uma prova disso. Ela está há apenas um mês conosco e tem de ajustar suas expectativas em relação aos nativos a cada momento para baixo. O europeu, com seu trabalho preciso e compartimentalização dificilmente poderá imaginar que o nativo faz o trabalho bem apenas uma vez. A próxima vez é necessário mandá-lo novamente. Senão você tem de estar preparado para vê-lo fazer errado ou nem fazer”^{ccxxviii}.

A relação entre os fazendeiros alemães no Sudoeste Africano e a população local passa por um processo de polarização, visível a partir das cartas de 1959 e 1960. A ideia de que o que se propaga na imprensa é ‘mentira’ encontra continuidade nas construções narrativas que entendem a presença europeia na África e, sobretudo, a alemã como benévola e estritamente vinculada aos preceitos civilizatórios do esforço e competência individuais:

“Annemarie Boye-Kulenkampf também escreveu em meados de 1959 sobre um artigo nos jornais europeus sobre as manifestações na Rodésia e etc.: ‘ Até escreveu-se sobre Moçambique, mas nada daquilo procede, tudo muito exagerado. Fomos justamente nestes dias visitar o nosso filho na Rodésia e, a caminho na estrada, todos os pretos nos acenavam e saudavam de forma tão simpática que deveríamos tê-los fotografado para os jornais alemães’ (...)”^{ccxxix}.

Dreves continuará, em discurso indireto, relatando o que a missivista apresenta:

“(...) ela relata uma visita à sua plantação : o que a direção industrial europeia negociou em Gana pessoalmente com Nkruma seria completamente suficiente para convencer o último europeu que o preto não é de forma alguma explorado e que os pretos sozinhos jamais conseguiriam se sair tão bem”^{ccxxx}.

Em uma troca de cartas através tendo a carta de Dreves como um *hub* narrativo, Ruth Richter-Dölling concordará com Eva Pack-Liedtke escreverá a partir de Damasco no final do ano de 1958:

“Meu marido e eu achamos que aquilo que Eva Pack-Liedtke escreveu acerca da Cidade do Cabo corresponde exatamente aos árabes. Só beber até cair é algo que não fazem porque o bom Maomé os proibiu, mas em compensação os homens povoam as cafeterias e procrastinam durante o dia enquanto as mulheres ficam em casa, têm filhos em linha de produção, se entopem de doces de forma que, aos 25 anos, já têm a aparência de bolas rolantes. As mulheres beduínas, no entanto, não têm vida tão boa, trabalham permanentemente, são frequentemente magras e subnutridas, o deserto na maioria das vezes não fornece alimento o bastante para

peças e animais – Fevereiro de 1959: O dia da união com o Egito foi comemorado infinitamente, as escolas ficam no mínimo 8 dias sem aulas, sábado-domingo o escritório precisou ficar fechado (sexta-feira feriado do Islã), segunda-feira voltou a ser proibido, nesse dia só os europeus trabalham!! As vias de acesso todas fechadas para a passagem de Nasser e Tito, a cidade toda enfeitada, como talvez Colônia com o desfile de Carnaval. Na rua principal foi necessário passar mais um novo cabo, porque o velho não era suficiente. Em poucos dias começa o Ramadã, no qual os mohamedanos não podem comer nada desde nascer até o por do sol. Nesse período eles trabalham com metade da energia. Pela manhã, os homens estão de barriga cheia às mesas de escritório, no meio do dia ficam famintos e cansados. No final, após 4 semanas há uma comemoração de 4 dias. E é assim que eles passam o ano festejando. Infelizmente, nem notamos isso tudo, afinal o trabalho tem de ser feito!!^{”ccxxxi}.

E mais uma vez de Hannover-Kleefeld em 1960, “*einen herzlichen Weihnachtsgruss allen lieben Kolos, die diesen Brief lesen!*”. Os relatos da carta dão conta das vivências de Dreves e dos encontros. Findada a carta, depois ainda da atualização acerca dos casamentos e nascimentos, ela elenca um a um os relatos de todo o mundo (*Berichte aus aller Welt*). Erica Thiermann escreve de Santiago acerca de um terremoto de grande magnitude ocorrido no Chile:

“ (...) Bairros inteiros já estão submersos e se a barragem não aguentar, Valdivia terá de ser evacuada em 4 horas. Isso já dura 4 semanas. A ajuda, que veio e ainda vem de todas as partes, é comovente em proporção à situação, que é chocante. Hoje eu li que a Alemanha enviou 30 milhões de Marcos (bilhões de pesos!). Onde já se viu? E nesse meio não estão contando o que veio de iniciativas privadas (Cruz Vermelha), etc. . A pessoa se sente envergonhada por não poder fazer nada. Temos de tentar fazer com que a vida continue normalmente, mas não há ânimo. Gerstenmaier e Erhard estiveram em Valdivia em visita oficial e ficaram à época muito impressionados com o sul alemão do Chile. A cidade inteira e seu entorno devem sua melhora e sua urbanização e povoamento em especial aos assentados alemães. Os descendentes desses assentados alemães são de fato cidadãos chilenos, patrióticos, mas no fundo alemães (*kerndeutsch*) em sua orientação interna (*Gesinnung*), na língua, na forma de agir e nos usos e costumes. Alguns alemães do pós-guerra (*Nachkriegsdeutsche*) que levam uma vida confortável nas nossas grandes cidades e na maioria das vezes falam mal do país e seus costumes bem que poderiam aprender alguma coisa disso. Que a Alemanha mandaria ajuda estava claro para nós, mas a ajuda se superou em toda e qualquer medida. A ajuda oferecida apesar da propaganda negativa inimiga realizada durante a guerra e após a guerra foi algo digno de ser reconhecido e a atitude foi correta e benévola, mas representou apenas uma gota. A Alemanha não é a única, está em primeiro lugar junto aos Estados Unidos. Nós temos agora um embaixador diligente. Especialistas de todos os países chegaram aqui: do Japão, especialistas em terremotos; do México: em manutenção de edifícios que afundaram, mas ainda estão em boas condições, EUA: em catástrofes, Alemanha: em reconstrução (Schröder). O último ponto é o mais importante^{”ccxxxii}.

A última carta analisada para fins deste trabalho é escrita em Hannover-Kleefeld “no ano de 1960”. Por conta dos motivos explicitados na carta, segundo

Dreves, ela decide transcrevê-la na íntegra. No conjunto de cartas, essa é a primeira vez que Dreves confere a voz completamente a outra missivista. Ao fazê-lo, ela pode estar, no mínimo, conferindo licença às palavras da egressa e, em outra leitura, chancelando ela mesma a carta recebida. Das cartas anteriores depreende-se que há um clima de animosidade em relação à presença europeia na África, tanto de pessoas quanto de empresas. É criticada a relação entre os donos da terra e seus empregados – a disputa ganha contornos raciais. Para além disso, movimentos de independência dão lugar a conflitos sangrentos – as chamadas guerras coloniais – que teriam início no ano de 1961 a partir de Angola. Assim, a carta reproduzida na íntegra marca um posicionamento político e um ponto de virada na relação entre imigrantes e povos locais na África.

“Por conta dos motivos citados na carta, segue aqui o relato na íntegra de Annemarie Boye-Kulenkampf e de seu marido, a partir de *Port. Ostafrika*: ‘Na sexta-feira santa, meu marido e eu queríamos ir a um encontro da associação dos ex-alunos da antiga escola colonial de Witzenhausen (*Altherrenverband der ehemaligen Kolonialschule Witzenhausen*) e tínhamos a expectativa de fazer esse trajeto em 2 dias, aproveitando para ver as ruínas do Zimbábue. Mas chovia tanto que seguimos viagem até a África do Sul, até as fazendas dos de Witzenhausen. Foi um encontro muito interessante e tivemos a oportunidade de conhecer muitas pessoas interessantes. Naturalmente falou-se também sobre política e os senhores presentes decidiram começar uma espécie de contra-propaganda contra as visões lunáticas na Europa, ou seja, tentar veicular relatos objetivos das condições em nosso canto do mundo. Nos jornais é transmitida apenas uma opinião pré-moldada. Muitas pessoas já tentaram trazer relatos objetivos, mas sem sucesso! Mas através da associação *Altherrenverband* vai-se tentar fazer com que esses relatos cheguem mais longe, eles têm entre os seus na Alemanha algumas pessoas influentes. Diga-se de passagem, lemos recentemente uma reportagem sobre a África que expressou exatamente o que pensamos. Trata-se de um artigo do ‘Welt am Sonntag’, escrito por Wolfgang Brettholz, um jornalista suíço (Número 10 página 5 ‘Fünf Legenden über Afrika’/ ‘Cinco lendas sobre a África’)”

(Será que alguém ainda tem essa reportagem?) – perguntará Dreves em meio ao texto. Nesta carta, ‘transcrita na íntegra’, Boye-Kulenkampf sinaliza para a comunidade institucional mais ampla com atuação tanto na Alemanha quanto nos territórios africanos: as interconexões entre agentes envolvem associações, fazendeiros, membros da academia e da imprensa formando uma espécie de comunidade epistêmica transnacional com presença ativa de homens e mulheres atuante na produção de discursos sobre a presença alemã e europeia na África. A comunidade epistêmica invocará um passado idealizado, imemorial, em que o direito à terra se forja através do empreendimento e esforço pessoal de cada

emigrante. A partir deste ‘direito constituído’ todas as demais ações são naturalizadas e interpretadas como consequências do desenvolvimento. A narrativa invoca para si a ‘verdade dos fatos’ a partir da palavra testemunhal da missivista e, com isso, a autenticidade da narrativa é estendida ao *topos* que construirá acerca da convivência e da *mistura impossível* entre as ‘raças’:

“Antes que eu me lance à tentativa de transmitir de forma minimamente compreensível como são as coisas por aqui, tenho de dizer algumas coisas, antes que gere mal-entendidos. Não me sinto competente para julgar aquilo que não está diante dos meus olhos, ou seja, escrever sobre a Rodésia ou sobre a África do Sul, se não tiver de fato conhecimento sobre isso. Eu chamo branco de branco e negro de preto e isso não tem nada a ver com discriminação racial. É que é necessário insistir em uma separação racial com uma linha definida de forma bem limpa, seja por questões biológicas. As raças negra e branca estão tão distantes biologicamente uma da outra que uma mistura racial não parece desejável. Nós já conhecemos os produtos lamentáveis disso à exaustão e é isso que nos confere capacidade de julgar. O que está correto para a criação de animais deve valer também para os seres humanos. Nós vivemos aqui há 25 anos como fazendeiros e entendemos essa terra como nosso segundo lar e, para os nossos filhos, esse É o lar, já que nasceram aqui, cresceram e foram educados aqui. Por isso, não se pode insinuar que eles não pertençam a isso aqui. Se for necessário, estamos dispostos e teremos boa vontade em lutar pela nossa pátria mesmo que, sendo *Ausländer*, não sejamos completamente reconhecidos. Essa é uma peculiaridade do povo português, que instintivamente, por ser um país pequeno, teme o excesso de estrangeiros. Isso deve ser suficiente para lhes dar rapidamente uma noção sobre o ponto de vista a partir do qual vemos as coisas. O governo português, que desde 1500 tem o direito de domínio aqui, se sente ainda hoje administrador e mantenedor da ordem. O preto é o dono da terra e tem, assim, total liberdade (*völlig freizügig*). Ele pode se assentar onde quiser sem ter de pagar nada por isso, enquanto nós, brancos, temos de adquirir a terra e pagar impostos, com os quais a terra é explorada. O preto tem apenas a obrigação de pagar o imposto sobre seu barraco, que corresponde aproximadamente ao salário mensal de um trabalhador rural e a 6 meses de trabalho para um branco. Isso significa, portanto, que durante a metade dasua vida, ele está livre e desimpedido para fazer o que quiser. As condições climáticas aqui são tais que ninguém morre de frio, nem mesmo se andar sem roupas. O alimento diário pode ser obtido com um mínimo de trabalho. E como o preto homem deixa todo o trabalho para sua esposa, enquanto ele mesmo vai caçar, pescar ou – de resto – ficar de preguiça, seria exagerado falar dos pobres africanos escravizados”.

Ao que Dreves dirá: (Para nós o ‘africano’ é a população nativa branca da África do Sul). A lógica capitalista industrial europeia e o papel atribuído aos trabalhadores da indústria são comparados às condições de vida dos agricultores na África. As duas realidades laborais são colocadas lado a lado a partir da ideia comum de que tanto o trabalhador industrial europeu quanto o trabalhador rural africano são igualmente despossuídos de meios e objetos de trabalho, sendo a racionalidade do trabalhador europeu superior à do africano em relação à

organização da sua sobrevivência. A culpa também reside, para a missivista, na cosmovisão mística da realidade que destitui de autoridade o domínio terreno e faz com que o ‘nativo’ tenha dois senhores – o branco e o ancestral:

“Nós, como brancos, temos o preto bem menos na mão que o dono de indústria na Europa. Lá o cidadão-trabalhador não possui terra da qual possa se alimentar e tem de guardar mantimentos para que possa tê-los no inverno. Para conseguir todos esses itens básicos de vida, ele precisa trabalhar. Tudo aqui vem da terra para o preto e ele vê o trabalho semestral para o branco frequentemente como pressão ou imposição. Outras vantagens que o negro tem em relação aos brancos é o tratamento médico gratuito, ao qual o negro por ser ainda bem incivilizado se submete relutantemente já que ainda está sob influência dos xamãs (*Medizinmänner*). A magia (*der Zauberglaube*) tem uma influência enorme na vida diária. O xamã é o único poder político com o qual se pode contar, ele assusta grande parte do povo e assim faz com que se tornem seus seguidores submissos (+)”.

A missivista destaca a igualdade de oportunidades abertas a negros e brancos no contexto sistema educacional colonial português em Angola. Parece criticar implicitamente a ‘generosidade’ do império português em ofertar educação a uma população negra ou incapaz ou desinteressada pela educação formal. A *lei da experiência* conferirá à narrativa tanto autoridade quanto universalidade:

“O sistema educacional é completamente igual para negros e brancos, ou seja, os quatro anos da escola primária, que correspondem à *Volksschule* na Alemanha, são fornecidos em todo o império português de forma inteiramente gratuita. A frequência é obrigatória, mas por conta da resistência da população negra e das distâncias enormes, isso é completamente irreal. A escola secundária também é gratuita, salvo por pequenos pagamentos, de forma que qualquer preto tem a mesma possibilidade que o branco, caso ele se tivesse força de vontade de se aprofundar nos estudos. Ora, a lei da experiência diz que apenas um pequeno percentual em vias de desaparecer, que praticamente não tem papel algum, é que aproveita a oportunidade para avançar. A maioria dos pequenos alunos negros é oriunda do círculo dos ‘assimilados’, dos quais é exigido um mínimo de educação formal e limpeza antes que possam obter a cidadania portuguesa. Os pretos restantes são os donos da terra e vivem ainda completamente em uma organização hierárquica, ou seja, o chefe de família é a autoridade. Tudo o que está acima dele tem para o indivíduo uma importância secundária. Acima do chefe de família está o chefe dos costumes e depois o cacique da tribo que igualmente (?) (...). Dessa forma, tudo tem a ver com a família e o cacique só é reconhecido como autoridade da família alargada [tribo]. Esse sistema foi assumido pelos portugueses para fins administrativos e a forma de justiça também se baseia em costumes antigos. Assim, todo funcionário administrativo tem ao seu lado dois acompanhantes negros que o assessoram. A condição é que tenham conhecimento dos costumes que podem ser diferentes de aldeia para aldeia”.

A família, organização social central também para a identidade alemã é, nesse caso, algo de crítica. A fidelidade do nativo às estruturas tribais é descrita pejorativamente e o topos do negro perigoso, em quem não se pode confiar, reforça a coragem do empreendedor europeu e seu papel de vítima em relação à população local e ao sistema político. Em realidade, segundo a missivista, essas características atestam a impossibilidade das populações locais de se autogovernarem. A democracia é impossível em solo africano e a ‘culpa’ reside na população local:

“Ou seja, a família é centro da forma de pensar do preto. Há casos em que ele caminha centenas de quilômetros apenas para saber como está sua família. O pertencimento ao clã é algo mais frouxo e pode acontecer que, se 3 pretos procuram trabalho, um fica doente, e dois são da mesma aldeia, o terceiro então será assassinado porque teria dado aos outros um transporte de retorno desconfortável. Pode-se dizer que, como o preto não está mais conectado ao seu clã, ele terá menos brios éticos que o branco de forma que tem de se estar preparado porque é possível que a pessoa seja assassinada por qualquer miudeza. Esse é o risco que corremos no dia a dia. Assim, no futuro será necessário, para manter a ordem, reagir, sendo justo, apenas com rigor. Tentativas de avançar com métodos democráticos são fadadas desde o início ao fracasso e terminam inevitavelmente em caos, até que um preto tomar para si a autoridade e fundar com uma crueldade inimaginável um reino despótico que cairá após a sua morte para dar lugar a um outro déspota como já tem sido há séculos e milênios. Até essa última estimativa, posso comprovar tudo o que escrevi com exemplos práticos do dia a dia. Quem quiser saber mais de Moçambique, recomendo o livreto de R. von Gersdorff (‘Mocambique’, editora Kurt Schröder, Bonn), no qual tudo está explicado à exaustão”.

O último trecho da carta representará um manifesto em favor da verdade produzida em África a partir da autenticidade do testemunho local. A narrativa de Boye-Kulenkampf tem ressonância com partes da historiografia africâner, por exemplo, em que a história do *Volk* é organizada em torno de uma história que narra “(...) an imperial journey into empty lands” (McClintock, 2004, p.101)¹²⁷. A partir da África, a missivista fará uma análise global da *questão do negro*: a condição do negro nos Estados Unidos atesta sua incapacidade universal para a liberdade e autogoverno¹²⁸.

¹²⁷ “But the empty lands are in fact peopled, so the contradiction is contained by the invention, once more, of anachronistic space” (Idem, ibidem).

¹²⁸ Zimmerer (2016, p. 38) mencionará especificamente sobre a falta de credibilidade das narrativas nativas a partir da hierarquia racial estrita, no caso do Sudoeste Africano.

“Não queremos fazer propaganda para a nossa terra, mas sim tentar apresentar narrativas objetivas de questões verdadeiras aqui na nossa parte do mundo de forma a contrapor às narrativas deformadoras da imprensa europeia e norte-americana. Essa imprensa realiza uma verdadeira ditadura, a qual o homem comum não pode sequer imaginar. Não são de hoje as tentativas de até de jornalistas famosos e professores universitários de publicarem artigos sobre as condições reais na África do Sul, sem o menor sucesso. Permanentemente fala-se mal sobre o “apartheid”. Posso saber quem sabe alguma coisa sobre isso, fora conhecer essa palavra? As pessoas falam da África do Sul como terra dos negros. Quem sabia que quando a imigração dos primeiros brancos do Cabo começou, aquela terra era completamente vazia e apenas lentamente começou a ser povoada pelos Bantus vindos do norte? Essa é a arrogância europeia, de julgar coisas de cima pra baixo, das quais ela não sabe nada, das quais ela obteve informações breves e erradas. Posso saber por que nos Estados Unidos, no ‘país da liberdade’ até hoje a questão do preto ainda não foi resolvida? Será que os pretos não poderiam ter se libertado e se unificado como nação nos três séculos que já vivem lá?”^{ccxxxiii}

De 1938 a 1960, as cartas indicaram uma reprodução de *topoi* – lugares comuns – em larga medida ecoantes na historiografia colonial. Os *topoi* surgem envolvidos em narrativas que mostram a reflexão das mulheres acerca do passado, presente e futuro da atividade colonial e do envolvimento delas nesta.

A década de 1960 verá mudanças em vários aspectos da política mundial: do ponto de vista do ativismo político, tema que surge nas entrelinhas das cartas, emergem as lutas pelos direitos civis da população negra nos Estados Unidos e os conflitos e guerras coloniais na África. Na Alemanha, o início da década é marcado pela construção do Muro de Berlim e pela definição de cursos de política externa da Alemanha Ocidental e Oriental com bases ideológicas e efeitos também para o continente africano.

O andamento político das colônias, em especial do Sudoeste Africano (alemão) será objeto de atividade política internacional: a *South- West Africa People's Organisation* (SWAPO) torna-se ativa na luta pela independência em relação à África do Sul e com a Resolução 2372, a Assembleia Geral das Nações Unidas altera o nome do território de Sudoeste Africano para Namíbia e a África do Sul recrudesceria seu interesse sobre o território (Roos & Seidl, 2015, p. 192). Na Alemanha, os anos de 1960 veem surgir o Ministério para Desenvolvimento e Cooperação alemã (BMZ) com a expectativa de aumentar as suas chances influência como *Zivilmacht* (potência civil) na nova ordem internacional. Ao longo da década de 1960 e décadas posteriores, a política de Bonn para a Namíbia

atrelaria desenvolvimento a parcerias comerciais e, com isso, a questão da segregação racial ficaria sub-tematizada se comparada à atenção da política externada dada aos chamados *Namibiendeutsche* que continuariam a residir na região (Idem)¹²⁹. A ideia de que o início da década de 1960 marca uma nova constelação geopolítica que separa ‘oficialmente’ o território alemão e o mundo é a justificativa para a definição do marco temporal relativo à análise das cartas. A partir deste momento, a história traz outros temas: a política externa alemã para o desenvolvimento, o recrudescimento político das diferenças com base racial no Sudoeste Africano e na África do Sul e as mudanças substanciais na configuração política da África com as guerras coloniais.

As cartas continuarão sendo trocadas até 1979, quando da morte de Hildegard Dreves. Os encontros das egressas, as *Kolos*, também se perpetuarão a partir dos laços cruzados e das conexões transnacionais mantidas ao longo das décadas. O último ‘grande encontro’, realizado em 2005, aproxima a história das egressas da(s) escola(s) colonial (-is) à contemporaneidade das discussões acerca dos arranjos sociais e políticos da Europa diante de narrativas ainda tão disputadas da presença europeia no resto do mundo e em torno de elementos culturais e sociais, com efeitos para as categorias de ‘raça’, classe e – também, gênero.

¹²⁹ Sobre a política de Bonn para a Namíbia e a resolução 435, ver MELBER, Henning. Bonns Namibia-Politik. Resolution 435, Kontaktgruppe und besondere Verantwortung. Eine kritische Bestandsaufnahme, in: Vereinte Nationen, 35, 2, 1987, pp. 45-50 Disponível em: http://www.dgyn.de/fileadmin/publications/PDFs/Zeitschrift_VN/VN_1987/Heft_2_1987/02_Beitrag_Melber_VN_2-87.pdf (Acesso em 28 fev. 2018).



Figura 12: Panfleto “O último grande encontro das Kolos – 13 a 16 de junho de 2005”. Acervo do Museu de Rendsburg.



Figura 13: Foto de grupo do encontro de 2005. Acervo do Museu de Rendsburg.

6.

Conclusão - narrativas do século XX e seus ecos em uma Europa 'pós-colonial'

Essa é a história da identificação e análise da construção de narrativas que não apenas complementam como re-inscrevem a importância da formação colonial no panorama da história acerca do colonialismo alemão no âmbito da política internacional.

Do ponto de vista das Relações Internacionais, a tese apresenta uma abordagem pouco usual – a aproximação epistemológica via História Global e a operacionalização proposta pelos estudos narrativos – para um tema pouco iluminado – o colonialismo alemão – a partir de uma ótica ‘secundarizada’ – a feminina – em um contexto que permite estudos posteriores que se inserem tanto na História das RI como na área dos estudos críticos europeus.

A partir não apenas da história da experiência de formação colonial feminina, mas também de achados documentais que atestam uma troca de cartas entre as egressas da escola por mais de 20 anos, o trabalho resgatou a pergunta de Cynthia Enloe (2014) e a refez para este caso específico: onde estão as mulheres no projeto de formação colonial? Que espaços ocuparam/ vivenciaram a partir da experiência na escola? E o que disseram sobre o mundo ao seu redor?

Apagado pela sequência de acontecimentos que fizeram do século XX um dos mais conturbados da História ocidental, o colonialismo alemão tem passado nas últimas décadas por uma revisão profunda do ponto de vista historiográfico. Esse apagamento deveu-se por um lado pela construção de uma história que primou por sublinhar uma sucessão de elementos econômicos, históricos, sociais e políticos que transformaram de forma ao mesmo tempo que célere também complexa o expansionismo imperialista alemão em confronto bélico de dimensões mundiais. Por outro lado, as consequências geopolíticas da II GM tiveram impacto direto na pesquisa acadêmica e historiográfica acerca do colonialismo alemão, já que grande parte do acervo documental relativo a esse período permaneceu em arquivos na Alemanha Oriental e a leitura e análise destes deu-se de forma a encortinar muitas nuances – inclusive políticas – da atividade de colonização da Alemanha imperial. Com o fim da guerra fria, o livre acesso às

fontes primárias, registros arquivísticos e acervos sobre a presença e atividade alemãs ultramarinas ocasionaram um crescente interesse por instituições, dinâmicas e atores envolvidos direta- e indiretamente no longo século de expansão imperial informal alemã (que se estendeu pelo século XIX) e de imperialismo formal (última década do século XIX até finais da segunda década do século XX). Nesse sentido, é possível afirmar que o projeto colonial da Alemanha imperial com todos os avanços das últimas duas décadas permanece insuficientemente iluminado na historiografia alemã (ocidental) e ainda há potencial para pesquisas acerca das forças e atores que permitam compreender o fenômeno em si e do ponto de vista comparativo (Conrad, 2013).

Com isso, para fins desta pesquisa, descortinou-se a possibilidade de identificar palcos da atividade colonial alemã com potenciais elementos de análise. Algumas cidades alemãs tiveram papel preponderante, como Berlim, de onde se organizou toda a burocracia e autoridade para sistematizar os esforços coloniais e Hamburgo, cidade hanseática que floresceu no esteio do imperialismo comercial britânico e que se tornou um importante pólo para o escoamento de mercadorias coloniais inclusive até o período pós-primeira guerra mundial. No entanto, não apenas grandes cidades foram envolvidas no projeto colonial alemão. A pequena cidade de Witzenhausen, no estado federado de Hesse – no centro da Alemanha, foi palco de grandes projetos de construção da ideologia e da ciência colonial de um dos projetos coloniais menos longevos da história ocidental. A partir do reconhecimento da historiografia alemã de que as aspirações coloniais da Alemanha nos séculos XIX e XX acabaram, de forma geral, sendo negligenciadas como objeto de estudo, o presente trabalho teve o objetivo de debater o projeto colonial alemão tal qual conduzido pelas chamadas escolas coloniais – instituições de formação de quadros técnicos responsáveis pelo projeto de colonização alemã no continente africano.

O contexto dos esforços da Alemanha Guilhermina em figurar entre as grandes potências é também o contexto do surgimento de grandes movimentos associativistas, tanto feministas quanto antifeministas, nacionalistas e coloniais (Gründer, 2012; Planert, 1998).

É nesse quadro que as disputas em torno de cosmovisões relativas à classe, gênero e raça são pautadas a partir de diversas posições no espectro ideológico e ideia de que a mulher seria uma questão, existente desde o século XVIII, passa a ser cada vez mais alvo de disputa. A ideia da mulher como questão, a *Frauenfrage*, assume na virada do século XIX para o século XX contornos que definirão os direitos e deveres – limites e possibilidades – das mulheres das classes proletárias, rurais, urbanas, burguesas e da aristocracia.

A *Frauenfrage*, uma questão definida discursivamente a partir de diferentes agendas conforme os diferentes atores políticos, já extrapolava as margens do Estado nacional. Com a investida colonial a partir do cercamento e proteção da Baía de Lüderitz no posterior território do Sudoeste Africano alemão em 1884, a *Frauenfrage* se transforma em uma *koloniale Frauenfrage*: o problema-solução que uniria metrópole e colônia em um esforço em múltiplos níveis para conter a ameaça de encolhimento populacional alemão a partir do envio de mulheres como ponta de lança de uma cruzada cultural e racial de preservação dos territórios ultramarinos. A transcontinentalidade do projeto de investimento em uma política populacional de deslocamento inicialmente de mulheres de classes mais baixas se transforma em um projeto político associativo (feminino burguês e conservador) com desdobramentos concretos durante todo o período pós-colonial alemão até 1945. A constituição de uma *Frauenfrage* com efeitos profundos nas atribuições e destinos das classes sociais põem em marcha múltiplas possibilidades de solução, dentre elas a associação entre a questão colonial e o problema das mulheres. A ramificação da solução do problema é múltipla e mobiliza também múltiplas forças. Desde soluções pensadas a partir da ideia de Fabarius de solicitar às mulheres uma etapa de vida de conscrição e serviço feminino à pátria até a discussão, ocorrida em pleno *Reichstag*, acerca do envio de mulheres, a solução da questão da mulher seria acertada naquele contexto histórico. O que constituiria a mulher enquanto problema? Um excedente populacional atestado pelas estatísticas produzidas à época? Minha hipótese reside na investigação das transformações econômicas, políticas e sociais nas quais estava embebida toda a Europa. As mulheres camponesas continuariam a abraçar o esforço laboral nos *Hinterländer* do Estado recém-formado, as mulheres proletárias adentravam as fábricas, desequilibravam a oferta da força laboral e ganhavam aos poucos a

consciência de classe e de gênero que as levaria à demanda pelo voto. Era necessário conferir nova significação, não perigosa, às mulheres de uma das classes mais importantes da virada do século – uma das mais frágeis diante das novas subjetividades que surgiam: à classe burguesa e aristocrática. Com isso, era necessário conferir trabalho às mulheres, aproveitando o descasamento das suas capacidades em contrair matrimônio (daí o excesso de mulheres e a *Frauenfrage*) e sua razão de estar no mundo. Aproveitava-se também naquele momento a ascensão dos movimentos feministas de várias vertentes político-ideológicas que, dentre suas muitas pautas, reivindicava a educação de mulheres. A educação para a vida rural nas escolas coloniais adquire contornos sutilmente diferentes: às virtudes da realização da vida feminina e da materialização da forma de ser alemã (hábitos, cultivos da terra e dos animais) são somadas as abordagens disciplinares acerca da ‘teoria da raça’, dos ‘problemas coloniais’ e da ‘higiene tropical’. As mulheres que se forjam através da experiência da formação colonial têm destinos tão heterogêneos quanto as disciplinas e formatos que as escolas coloniais de Witzenhausen, Weilbach e Rendsburg adquirem ao longo dos intensos anos de 1908 a 1945.

O projeto de uma escola colonial é idealizado a partir do amadurecimento político de parcelas da sociedade e política acerca da necessidade de preparar mulheres para a causa colonial. Com o sucesso da experiência de formação colonial masculina e o desenvolvimento de uma pedagogia colonial cujo melhor expoente seria o teólogo protestante Ernst Fabarius – o primeiro diretor da *Deutsche Kolonialschule Witzenhausen* – a primeira experiência de formação feminina é realizada.

A impossibilidade de uma formação para homens e mulheres em formato de coeducação leva a primeira escola à rápida dissolução. O grau de ambiguidade em relação ao papel da mulher na investida colonial se tornaria evidente a partir da monografia de final de curso da primeira aluna (ou talvez a única, os registros não oferecem mais insumos) a se formar nesse tipo de escola – Ingeborg Fick: com uma análise comparada intitulada “Quais as vantagens naturais condicionantes para as perspectivas de desenvolvimento futuras da África Oriental alemã sob administração alemã em comparação a um domínio anglo-belga” (“Welche

naturgegebene Vorzüge würden auch für die Zukunft günstige Entwicklungsaussichten Deutsch-Ost-Afrikas unter deutscher Verwaltung bedingen, im Gegensatz zu einer belgisch-englischen Herrschaft”) a aluna escreveria um tratado datado provavelmente dos anos de 1920-21 em defesa da soberania alemã sobre os territórios belgas do Congo, *Urundi* e Ruanda e do território alemão tomado pelos ingleses. A monografia, entregue após o fim da segunda tentativa de fundação da escola em Bad Weilbach, que fecharia com o início da primeira Grande Guerra, evidencia a manutenção da estrutura ideacional e administrativa da escola colonial feminina. No entanto, os tempos haviam mudado: o revisionismo colonial, o revanchismo em relação a Versailles, o recrudescimento dos movimentos e associações nacionalistas exigiam a retomada de uma agenda de *Weltpolitik* expansionista ao nível da experiência diária. A formação em economia doméstica rural, uma saída educacional para amplos setores das classes burguesa e aristocrática, estimulada pela *koloniale Frauenfrage*, prepararia para a atuação tanto nos territórios ultramarinos quanto no Leste europeu, nova frente de expansão da versátil e ambiciosa política colonial alemã.

A escola colonial feminina de Rendsburg, em funcionamento à beira do Canal de Kiel dos anos de 1926 a 1945, tornou-se experiência comum, rememorada de diversas formas, das mulheres que a partir de 1938 (ainda que o projeto de troca de cartas tenha sido inaugurado por Hildegard Dreves em 1936) escreverão sobre suas experiências e sobre o mundo, umas às outras, com frequência tal que terão, ao longo de mais de 20 anos, instaurado um fórum de narrativas transnacionais apontando conexões, simultaneidades e uma história que revela a contemporaneidade de discussões em torno do lugar da mulher na política internacional.

Através, portanto, de uma tradição alemã, a do compartilhamento de cartões e cartas, e, em específico através da escrita das *Rundbriefe* – correspondências que circulam entre a narrativa pública e privada, as mulheres apresentam e analisam a presença do colonial entre elas, na Alemanha, na colônia, na Europa e no mundo. Com isso, iluminam a partir de um outro olhar as questões de gênero, raça e classe

– questões clássicas da análise sociológica – a partir da sombra do imperialismo epistêmico europeu e sua concretização na fantasia colonial alemã.

Narrativas, espaços e lugares nas cartas coletivas às egressas

Na história acerca de ‘onde estão, afinal, as mulheres’ na construção do império alemão, elementos macro-históricos como a declaração do território colonial como protetorado alemão em 1884, as estratégias de ocupação do território, a presença militar e mercantil, a política de estímulo ao povoamento e exploração do território a partir das associações e de autoridades governamentais na metrópole bem como o extermínio dos povos originários da terra que abriria espaço ao desenrolar do desenvolvimento colonial podem ser perscrutados tanto a partir da perspectiva nacional quanto da perspectiva aqui defendida, a da transnacionalidade.

Os documentos empíricos encontrados por um lado conferem voz às mulheres, evidenciando sua participação nas diversas formas de inscrição social através das quais a política internacional é feita e praticada. Por outro lado, a leitura das cartas a partir da lente epistemológica da História Global e a operacionalização metodológica a partir da aplicação de elementos dos chamados estudos narrativos à análise em Relações Internacionais, fizeram com que, através da leitura e análise de conexões, circulações e a partilha de histórias, novas formas de se fazer a história internacional fossem vislumbradas. O presente trabalho privilegiou uma perspectiva que

“stress(es) the importance of the interaction and circulation of ideas, peoples, institutions, or technologies across state or national boundaries and thus the entanglement and mutual influence of states, societies and cultures” (Struck, Ferris & Revel, p. 574).

Relações transnacionais e relações espaciais foram instrumentais na conformação da constelação de Estados nacionais e territórios na virada do século XIX para o XX, com efeito para as vidas individuais (Idem, *ibidem*). Em uma tentativa de observar analiticamente as microescalas de locomoção e produção de conhecimento sobre espaços transnacionais, as cartas trocadas entre a professora Hildegard Dreves e egressas da escola de Rendsburg forneceram a possibilidade de unir à questão de Enloe (2014) – onde estão as mulheres? – outros

questionamentos relacionados aos termos com que se discute gênero, império e alteridade no contexto europeu contemporâneo.

As categorias de análise foram construídas a partir do roteiro apresentado que evidencia e agrupa os *topoi*, identifica marcações de gênero textual, de elementos linguísticos e paralinguísticos e posteriormente os compara à literatura pesquisada - amparados pela perspectiva epistemológica e pela opção metodológica.

Diante desses elementos, algumas conclusões podem ser tecidas. As cartas tiveram um caráter intergeracional, por um lado por unirem alunas de diferentes gerações no esforço da manutenção de um fórum de escrita coletiva e, por outro, atravessarem períodos históricos marcados por profundas transformações como o início e fim da segunda grande guerra, a perda das colônias, a reorganização política da Alemanha dividida e a reconstrução do país. No entanto, mais profundamente ainda, elas oferecem uma narrativa que mobiliza diferentes noções de tempo: o tempo colonial, reiteradamente evocado através do empenho vocabular (o nativo como *Eingeborene*, o risco de adquirir hábitos africanos, ou *verkaffern*¹³⁰, as casas da população local chamadas de *Pontoks*) e o tempo presente e futuro, através das narrativas acerca das expectativas de vida e projeções para entorno social onde vivem.

As referências a *drüben* e *draussen*, palavras que marcavam a distância física entre o aqui e o lá, pareciam desaparecer quando da listagem de locais de atuação das mulheres era mencionada. Com isso, a dimensão da transnacionalidade do projeto da escola colonial ganha nítidos contornos. As referências às diversas frentes de atuação das mulheres sem aposição ou explicação apontam para uma formação em que os espaços de trabalho faziam parte da construção do destino das mulheres.

¹³⁰ As referências a uma degradação moral a partir da convivência e mistura entre as ‘raças’ é um topos não somente presente nas cartas como, em larga medida, uma narrativa reproduzida ao longo dos séculos XIX e XX tanto no contexto das imigrações e formações de Estado do hemisfério sul quanto nas políticas populacionais do hemisfério norte. No contexto alemão, o substantivo *Verkaffern*/ cafreização (ver Correa, 2012, p. 75) e o verbo *verkaffern*, ambos utilizados sem aposição, evidenciam a rede de compreensão comum aos usuários do verbete (ver também Kundrus, 2008, p. 91).

A transnacionalidade das narrativas¹³¹ encontra pontos de apoio referencial no *ethos* partilhado pelas mulheres. Há a construção da memória da escola ao longo das cartas como uma experiência institucional que, para além do fornecimento de um conjunto de conhecimentos práticos e saberes teóricos organiza uma certa disposição de espírito adequada ao engajamento colonial que antecipa as soluções encontradas para sobreviver e prosperar *driiben* e *draussen*. A figura da aviadora Hanna Reitsch, aluna em Rendsburg no ano de 1931/1932, pareceu desempenhar o papel de uma dessas figuras aglutinadoras. Nos anos de 1933/ 1934, Hanna teria participado de uma expedição ao Brasil e à Argentina, logrando em 1936 o recorde feminino em voo livre. Quando do início das cartas, portanto, Hanna Reitsch já uma mulher de reconhecimento público cuja atividade foi, ademais, instrumentalizada/ incorporada pelo regime nacional-socialista. O mito ‘Hanna Reitsch’ sobrevive ao colapso do regime e, assim, ao longo das cartas, os encontros com ela e as suas palestras confirmam, a partir da sua autoridade de fala (como referido anteriormente em Phoenix, 2008, p. 71), a trajetória de sucesso e superação para a qual a condição de possibilidade havia sido a escola colonial. Contribuem para a percepção da centralidade do projeto de formação colonial as visitas de palestrantes das ciências naturais/tropicais, membros do Ministério das Relações Exteriores e também a condecoração do último diretor da escola – Karl Körner – já no período democrático por serviços prestados.

As mulheres, conforme indicam as cartas, estão em toda parte: a escola colonial feminina de Rendsburg, projeto que vem no esteio de uma fantasia colonial forjada em Witzenhausen e Bad Weilbach, durante o período em que a Alemanha pertencia ao rol de potências coloniais, é mais que as poucas dissertações e artigos sobre ela, seus arquivos documentais fragmentados e espalhados por acervos públicos e privados em graus diferentes de valoração e, portanto, conservação, ou a referência a ela em uma legenda de um artefato da escola masculina no catálogo da exposição de 2016.

¹³¹ As narrativas, encharadas de alemanidade, evocam a todo momento os novos mundos em que essas mulheres estão concretamente inseridas. As epístolas, ao afirmarem formas de ordenamento do mundo conforme a lógica de formação e sociabilidade colonial partilhada entre as mulheres, apontam a todo momento para a constituição do Outro na África e nas Américas. As afirmações de alemanidade evocam diferenças nacionais e culturais que tornam as narrativas, portanto, transnacionais.

A escola de Rendsburg representou a vivência institucional comum a mulheres que partiram autonomamente ou com suas famílias para os Estados Unidos, Canadá, África do Sul, ‘Port. Ost’/África Oriental Portuguesa/Moçambique, Peru, Chile, Brasil, vivenciando as condições materiais, sociais e política desses diferentes pontos cardeais simultaneamente. Suas atividades laborais por um lado não cumpriram o chamado fabariano detalhado no *Deutscher Kulturpionier*, o da formação para a vida colonial de mulheres dispostas ao chamado para atuarem “(...) como noivas de fazendeiros/agricultores, apoios às donas de casa bem como enfermeiras”. O tempo histórico que compreendeu dois conflitos mundiais, a perda das colônias e a re-fundação da Alemanha sobre bases de uma geopolítica reorganizada a partir de novas potências no hemisfério norte tinham tido efeitos para a solução da *Frauenfrage* no continente europeu e nos territórios ultramarinos. É relevante salientar que quando Dönitz, sucessor de Hitler, publica a capitulação total do *Deutsches Reich* em 8 de maio de 1945, poucos alemães tinham a sensação de terem sido libertados de um regime destruidor:

“(...) a massa dos ‘bons’ alemães não comemorou a capitulação, ao contrário, a compreendeu como derrota e humilhação. (...) um oficial de comunicação americano relatara em abril de 1945 que ‘entre os alemães falta completamente uma consciência clara de sua derrota e suas implicações... mesmo aqueles que reconhecem ‘a culpa da nação’ raramente se vêem entre os culpados’. Sobretudo os círculos burgueses, os industriais e altos funcionários se recusam a perceber a ruptura: eles agiam conforme a ideia da ‘continuação e preservação’ e esperavam o apoio das potências ocidentais nos seus esforços para reconstruir a economia e administração conforme as estruturas de posse e autoridade bem experimentadas” (Frevert, 1986, p.244)^{ccxxxiv}.

Os elementos de continuidade na percepção de parcelas da sociedade alemã ajudam a interpretar por um lado, a permanência de alguns traços nacionalistas nas narrativas referentes à reconstrução da vida em outros territórios/países e contribuição para a economia local. É importante salientar o corte de classe que perpassa a criação da escola e também a percepção que as mulheres desenvolvem das populações locais. Se a escola havia sido criada para “(...) ‘as filhas de grupos de formação elevada’, cuja origem e consciência de classe tinham tornado até aquele momento uma formação profissional e exercício da profissão coisas impossíveis” (Rommel & Rautenberg, 1983, p. 8), é a consciência de classe que, por um lado, informa as percepções em relação às

culturas e costumes locais e, por outro lado, é absorvida na construção da mulher burguesa no exterior. A ideia do indivíduo *self-made*, desbravador, era uma característica do ordenamento social, sobretudo do homem burguês do século XIX, cabendo à mulher o seu papel na constituição e equilíbrio da economia familiar (Frevert, 1986). Se certo que, como diz Lerp (2016, p. 59) “a ordem colonial e o ordenamento sexual burguês estão relacionados de forma intrínseca”, o espaço ocupado pelas mulheres especialmente nas narrativas sobre a vida na África e na América Latina subverte a presença masculina e faz surgir uma narrativa que coloca em destaque a mulher europeia e sua ação no mundo.

Nas cartas, um outro elemento que merece destaque é o campo semântico resistente às transformações históricas ao longo do tempo. ‘Land’, a palavra que no alemão é utilizada para designar tanto território/terra quanto país, é usada de forma que frequentemente não é possível identificar se as mulheres ainda estão falando do Sudoeste Africano alemão como território alemão ou como país, sob a soberania da África do Sul. A linguagem utilizada, portanto, não permite identificar nitidamente as fronteiras temporais e espaciais estabelecidas pelas narradoras, gerando uma espécie de temporalidade/espacialidade contínua ao longo das cartas escritas. Já ‘Heimat’¹³², (pátria/lar) é mais frequentemente utilizada como um dos elementos do binômio colônia/metrópole e, para as mulheres fora da Alemanha, está mais frequentemente relacionada ao conjunto de valores da nacionalidade alemã praticados na metrópole que, por exemplo, a relação com a terra em que vivem. O ponto de virada a essa compreensão surge simbolicamente na carta, registrada na íntegra na Rundbrief de 1960, em que a missivista faz alusão às gerações de alemães que, vivendo na África, entendem que aquela era sua *Heimat*. É mister defender a *Heimat*, seus valores culturais e festividades e isso não está necessariamente relacionado à preservação do governo nacional-socialista – afinal, as cartas não contêm nem a menção ao regime político

¹³² A ideia de *Heimat*, segundo Walther (2002) e a forma de difusão do valor cultural que a cerca tem efeitos transfronteiros. No contexto colonial, a ideia propagada de *Heimat*, segundo ele, abarcava para os alemães em lugares distantes da Alemanha continental e os envolvia em uma percepção em que tanto os locais de assentamento(a ‘nova’ Alemanha) quanto a nação (a ‘velha’ Alemanha) faziam igualmente parte desse sentimento de pertencimento original. Para um panorama da conceituação histórico-linguística de *Heimat* como espaço e sentimento e suas implicações para a forja de identidades no contexto alemão ao longo dos séculos, ver Bastian, A. **Der Heimatbegriff. Eine begriffsgeschichtliche Untersuchung in verschiedenen Funktionsbereichen der deutschen Sprache**. Tübingen: Max Niemeyer, 1995,

ou ao *Führer* nem na despedida, a saudação de Hitler (*Hitler-Gruss*) frequentemente utilizado nas cartas, até mesmo privadas, entre 1933 e 1945¹³³. Essa mesma ideia é a chave para a interpretação do que as mulheres dizem sobre o mundo que experienciam a partir da década de 1950: a política internacional do dia a dia que relatam está organizada a partir do que compreendem por ‘civilização’, ‘progresso’, ‘desenvolvimento’ e estas estão relacionadas à questão racial. Todos esses elementos estão presentes nas suas práticas vivenciais: nos Estados Unidos, o lugar social delas é de observadoras de um país que tem dimensões continentais e potencial exploratório, mas que não resolve a questão racial como na África do Sul, em que os papéis atribuídos às ‘raças’ continuam sendo distintos.

Os diferentes estágios civilizatórios aludidos nas cartas encontram ressonância com as percepções acerca da América do Sul e África em comparação à América do Norte, como afirmarão Zantop (1997) e Conrad (2010, p.292):

“German encounters with South America were also encounters with nature. While emigrants to the United States were confronted with urban structures in a society that in many aspects was seen as superior to that of home, one to which they had to adapt and into which they had to assimilate, South America was described in the travel reports as a gigantic tabula rasa”.

A carta de Annemarie Boye-Kulenkampf, reproduzida na íntegra na missiva de Dreves do ano de 1960 reafirma a visão da ‘terra vazia’, pronta para ser *erschlossen* (ou explorada) na África, reclamando assim para os colonizadores a prerrogativa da territorialização da África antes das tribos (nômades!) que lá residiam:

As pessoas falam da África do Sul como terra dos negros. Quem sabia que quando a imigração dos primeiros brancos do Cabo começou, aquela terra era completamente vazia e apenas lentamente começou a ser povoada pelos Bantus vindos do norte?

A ambivalência com que a temática racial é tratada pode ser avaliada a partir da lógica de hierarquização laboral nas fazendas, retratada por algumas das egressas, e a perspectiva apresentada tanto nas cartas sobre o Chile quanto a partir de Moçambique que evidenciam que à população local deveria ser dada a

¹³³ Sobre o Hitler-Gruss: http://www.linguistik-online.de/55_12/ehlers.html (Acesso em 20 fev. 2018).

oportunidade de avanço civilizacional sem apoio (ao desenvolvimento) de países que porventura já tivessem logrado vencer com sucesso essa etapa da linha teleológica com destino civilização. Essas narrativas se confundem e se mesclam nas mesmas cartas à perspectiva de que à alteridade não europeia, com traços raciais marcados, falta permanentemente ao longo das décadas a capacidade intrínseca ao desenvolvimento do trabalho e do esforço. De fato, as cartas apontam para uma organização moral e social do mundo em círculos concêntricos a partir da Alemanha, em que gregos e portugueses se apresentam como povos liminares e africanos, como um ‘avesso’, cuja filiação clânica e pré-moderna apenas poderia devolvê-lo à barbárie ou à ditadura carismática, não fosse a intervenção benévola europeia.

Essas percepções ‘domésticas’ da realidade política desvelam um outro mapa de relações transnacionais: uma cartografia em que mulheres re-escreveram os destinos traçados pelo modelo de formação colonial e política populacional da Alemanha imperial definidos no início do século XX, escreveram a partir de novos lugares materiais e sociais e, por fim, construíram narrativas da geopolítica do decorrer do século XX com efeitos até os dias de hoje.

Dos silêncios, das conexões e das narrativas mais amplas – algumas possíveis agendas de pesquisa

A agenda para pesquisas futuras parece promissora em três aspectos. O primeiro tem a ver com encaminhamentos diretos, possíveis a partir da presente pesquisa: a busca pelas ramificações genealógicas, comerciais e políticas de dispersão das egressas das escolas coloniais femininas pode agregar conhecimento acerca das redes de conhecimentos, tradições e percepções identitárias na vivência diaspórica alemã tanto na América Latina quanto na África. A exemplo do pesquisador Karsten Linne, vinculado ao DITSL de Witzenhausen, cujo projeto mapeia os destinos individuais de egressos da escola colonial (masculina) de Witzenhausen. Um projeto de tal envergadura ainda inexiste para as escolas coloniais femininas. Uma das dificuldades está relacionada à catalogação fragmentada e dispersa de documentos relativos às escolas, com pouca

documentação oficial como regimentos¹³⁴. No entanto, egressas da escola também emigraram para a América Latina e para o Brasil especificamente – um resgate dessas redes de construção de sociabilidade pode ajudar a preencher lacunas quanto à construção de identidades e conhecimentos transnacionais ao longo do século XX e seus efeitos locais e regionais no Brasil.

Também nesse sentido, a pesquisa acerca das histórias migratórias e de assentamento do século XX pode contribuir para o (re-) desenho da história social e política do colonialismo alemão e suas nuances – a exploração documental em arquivos revela uma série de micro-histórias e conexões que podem enriquecer o conhecimento acerca da história das instituições associadas aos colonialismos europeus e suas conexões entre si. Assim, se a rede global das agências missionárias tem sido amplamente estudada a partir de documentos que comprovam que missionários alemães frequentaram escolas missionárias londrinas para então trabalharem na África com franceses formados em Lausanne; sociedades missionárias norueguesas estavam conectadas às suas instituições-irmãs nos Estados Unidos e no Canadá e em plena comunicação com seus pares na Inglaterra bem como freiras missionárias francesas transitaram pela Irlanda e pela África evidenciando a ação transnacional de ordens e sociedades religiosas (Habermas, 2016, p. 50), assim também o estudo da transnacionalidade da formação colonial de mulheres e do sistema educacional alemão nas ex-colônias a partir de micro-histórias e conexões pode trazer à tona novas camadas da história colonial.

O segundo encaminhamento tem a ver os benefícios para a pesquisa em história das Relações Internacionais a partir dos pressupostos epistemológicos da história global. A História e (a História das) Relações Internacionais tiveram evoluções diferentes (Barros, 2014; Gonçalves, 2007), no entanto, Morelli (2017) e Sochaczewsky (2017) dentre outros pesquisadores brasileiros e internacionais,

¹³⁴ A busca pelo registro de alunas se mostrou inócua já que, segundo a bibliotecária de Rendsburg, os arquivos de Witzzenhausen haviam sido transferidos para a sede da escola em Bad Weilbach. Os registros de Hulda Rautenberg evidenciam que este material se perdeu, com a tomada da escola pelos franceses na Primeira Grande Guerra. Em correspondência por e-mail com a fundação que administra o espólio da associação Reifenstein, a pesquisadora obteve a informação que não há arquivos da escola colonial sob posse da referida fundação de forma que uma busca pelos arquivos da cidade e pelas grandes instituições administradoras de arquivos históricos em Berlim, com a qual a pesquisadora se correspondeu em vários momentos da pesquisa, seria o primeiro passo.

como referido no capítulo teórico-metodológico, têm se dedicado às interfaces possíveis entre a História Global e a História das Relações Internacionais. Assim, temas tratados no contexto da História das Relações Internacionais e nos estudos de Globalização, como é o caso dos estudos sobre imperialismo, podem se beneficiar das abordagens analíticas da História Global. Um encaminhamento possível a partir dos estudos aqui propostos seria a tentativa de configuração de uma história colonial da virada do século XIX para o XX que vislumbresse a busca por conexões ao nível administrativo ou conexões ao nível das políticas educacionais de um país. Há indícios de que Fabarius, antes de fundar a escola colonial de Witzenhausen, teria visitado escolas com o mesmo perfil nos Estados Unidos, ainda que esse dado não tenha sido corroborado pela pesquisa. Nesse sentido, há potencial para uma pesquisa acerca de outras experiências de escolas coloniais em outros países.

Um terceiro encaminhamento da pesquisa está relacionado à possibilidade do enquadramento teórico e metodológico da temática das escolas coloniais no contexto dos chamados estudos críticos europeus, afinal, a história dessas mulheres é também a história da Europa no século XX: seus esforços de integração, seus conflitos fiscais, democráticos e identitários estão referidos às interpretações históricas construídas e às narrativas acerca do passado que orientam *policies* ‘domésticas’ e internacionais. Nesse contexto, o afastamento da política alemã, país que foi mola propulsora da integração europeia, das narrativas que a interpretam como ex-potência colonial parece ser sintomático para a dificuldade em lidar com tantos conflitos associados ao Sul Global.

Já em 1959, o diplomata alemão Hasso von Etzdorf, à época diretor do da *Länderabteilung III* do Ministério das Relações Exteriores (antes, portanto, da criação do Ministério para Cooperação e Desenvolvimento) constatara que a Alemanha “como um país sem fardo colonial e altamente desenvolvido do ponto de vista econômico exerceria uma papel natural de mediação entre a África e as ex-potências coloniais: contamos com um grande ponto positivo – a perda das nossas colônias há quarenta anos”, como identificarão Roos & Seidl (2015)^{ccxxxv}. Como evidência de continuidade em relação a esse pensamento, eles destacarão a seguinte fala de Hans-Christian Ströbele, conhecido político do partido Verde

(B'90/ Die Grünen) afirmando em 2004 no parlamento alemão que: “a Alemanha teve sorte de ter sido arrancada bem cedo e de forma violenta da colonização (...) Essa é uma chance (...) que a Alemanha tem de assumir um papel sem fardos e que pode significar um papel pioneiro”^{ccxxxvi}.

A despeito do grande avanço na discussão acerca do reconhecimento da culpa histórica em relação ao genocídio Herero e Nama estimulada por afirmações de personalidades de grande relevância no cenário político alemão como Frank-Walter Steinmeier (SPD), atual Presidente da Alemanha, e Norbert Lammert (CDU/CSU) ex-presidente do *Bundestag* em 2014 e 2015 respectivamente, há poucos indícios que o reconhecimento traga consigo algum avanço em termos jurídicos, no tocante às reparações aos descendentes desses grupos (Roos & Seidl, 2015).

A Europa entra no século XXI profundamente marcada pelas idiossincrasias no que tange aos valores que pretende defender, tendo passado nos últimos anos por crises fiscais – com a questão grega, sociais – com a questão migratória, questões de segurança e, não menos, com relação a elementos culturais e identitários, haja vista a onda conservadora partidária e apartidária tanto na Alemanha quanto em outros países da União Europeia. Às portas da Europa, sistemas políticos em franca transformação, como o da Turquia e questões em aberto como a da Ucrânia não apenas impõem desafios ao projeto europeu como exigem novas leituras do passado – novas narrativas, portanto – que assegurem à Europa o lugar que quer ter na ordem social, econômica e ideacional internacional. Em meio a todas essas discussões, ressalto três elementos que conectam a construção do mundo pelos olhos e pela escrita das mulheres ao cenário político europeu atual. O primeiro tem a ver com o papel da nação, do nacionalismo e dos movimentos nacionais e o seu caráter produtor de diferenças. Na ótica de McClintock,

“all nationalisms are gendered; all are invented; and all are dangerous – dangerous not in Eric Hobsbawm’s sense of having to be opposed but the sense that they represent relations to political power and to the technologies of violence. As such, nations are not simply phantasmagoria of the mind; as systems of cultural representation whereby people come to imagine a shared experience of identification with an extended community, they are historical practices through

which social difference is both invented and performed” (McClintock, 2004, p. 89).

A partir de uma pesquisa sobre o nacionalismo africâner e a necessidade de estabelecer uma narrativa que tornasse sustentável a exploração de terras e mão-de-obra pelos bôeres após a guerra anglo-boer entre 1888 e 1902, McClintock desenha em poucos parágrafos a poderosa construção da identidade boer através de deliberadas movimentos sociais como os que levaram ao reconhecimento do africâner como língua em 1918 e construíram o grupo heterogêneo ali residente como vanguarda do *afrikanerdom* (McClintock, 2004, p. 100). A construção de identidades depende de poderosos criadores de imagens, é uma ilusão da identidade coletiva forjada por aqueles com instrumentos políticos capazes de narrar o arcaico e, assim, narrar o futuro. Se nos dias da escrita das mulheres as comunidades imaginadas ainda eram forjadas pelo capitalismo de imprensa, como as percepções e expectativas da nação colhidas no nível micro têm sido e podem ser instrumentalizadas na era do nacionalismo de espetáculo (Idem, p.102)?

O segundo aspecto tem a ver com a questão da identidade. Questão discutida nas RI desde os anos Noventa, a categoria (construtivista) da identidade é frequentemente retomada como categoria de análise, sobretudo, quando do estudo de marcos referenciais de ação de atores políticos em relacionamento com outros. Na concepção de Lapid & Kratochwil (1996), identidade e cultura seriam conceitos correlacionados – o que, de certa forma, é comprovado pela análise empírica do presente trabalho, em que as mulheres estabeleciam as barreiras entre ‘nós’ e ‘eles’ (identidade) utilizando como justificativa as tradições e costumes (cultura)¹³⁵. Do ponto de vista tanto da política externa quanto da ação social, por exemplo, superabundam as ações com base nas imagens do *self* (seja individual, nacional ou europeu), como por exemplo, os movimentos mais recentes de direita têm evidenciado. Essas naturezas socialmente construídas afetam a percepção das *borders/* das fronteiras e criam (ou imaginam) espaços cognitivos que não coincidem com os limites dos Estados nacionais. Assim, é possível ter

¹³⁵Para uma visão geral da história e operacionalização do conceito de identidade em RI, ver Berenskoetter, Felix “Identity in International Relations”: <http://internationalstudies.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780190846626.001.0001/acrefore-9780190846626-e-218#acrefore-9780190846626-e-218-bibItem-69> (Acesso 28 fev. 2018).

movimentos que evocam discursos micro-regionais, como vimos no caso da Catalunha, ou movimentos universalizantes, como o PEGIDA, na Alemanha.

Em que medida as cartas, essas ou outras, e insumos do período colonial alemão adensam a análise acerca da formação e da política identitária alemã e europeia na contemporaneidade? Em que medida os processos migratórios dos últimos cinco anos contribuíram para uma re-europeização cultural/ identitária? Em que bases estariam forjados esses processos? Quais distâncias e aproximações existem entre a experiência do colonialismo alemão e a narrativa de uma identidade comum europeia hoje? Um terceiro e último aspecto tem a ver com questões de ‘raça’ e gênero. Estudos acerca de ‘enactments of racism’ em meio a sociedades tolerantes, como é dos Países Baixos, estudado pela pesquisadora Philomena Essed, evidenciam processos de criminalização de estrangeiros como paradoxo à descriminalização de várias atividades consideradas infrações em outros países. As funções de tolerância que ela identifica na sociedade holandesa dão azo a práticas paradoxais em que a tolerância de (quase todos) brancos é instrumento de exclusão da intolerância atribuída a pessoas (quase todas não brancas) a partir da superioridade moral dos que não consideram que outros conseguirão se igualar às suas normas culturais (Huggan, 2009, p.9). A tolerância, segundo ela, é um instrumento de racismo cultural – a tolerância humilhante, como ela coloca, é visível através do que chama de ‘europismo’: ao contrário do ‘eurocentrismo’, baseado nas conquistas do império europeu e sua missão civilizadora, o ‘europismo’ para ela está baseado em um ressentimento quanto à derrota europeia frente às inseguranças culturais e econômicas advinda da ameaça imposta pelos refugiados, por exemplo. A disputa entre a *livre expressão* e o *direito de ofender* e seu potencial inflamatório na imaginação europeia podem ser estudados à luz da narrativa do europeu sobre o outro ao longo do século XX, narrativa da qual o presente trabalho resgata uma amostra (Huggan, 2009, p.10). Nesse sentido, quais seriam os ganhos para os estudos críticos europeus da onda de interesse acadêmico pelo (pós-) colonialismo alemão? O que isso significa para a política memorial, de artefatos, de arquivos tanto na metrópole quanto nas (ex-) colônias?

Essas e várias outras questões se imporão a pesquisadoras munidas de curiosidade (feminista, como dirá Enloe, 2014) nas Relações Internacionais daqui para frente.

7. Arquivos

DITSL - Bibliothek (Deutsches Institut für Tropische und Subtropische
Landeswirtschaft)

Landesbibliothek Schleswig-Holstein, Cc 29, Koloniale Frauenschule
Rendsburg – Materialsammlung (zusammengestellt von Hulda
Rautenberg) Zuwachs G.

BAB – Basler Afrika Bibliographien – Findbuch P41 - Hulda Rautenberg

Museu de Rendsburg – Kolonialfrauenschule Rendsburg

Stadtarchiv Rendsburg - 07.12 Koloniale Frauenschule - Findbuch D, 245-
253

8.

Referências bibliográficas

ANDREWS, M., SQUIRE, C., TAMBOUKOU, M. **Doing narrative research**. Nova York: SAGE, 2008, 159p.

BARROS, J. **História comparada**. Petrópolis: Vozes, 2014, 184p.

BAUM, E. **Daheim und überm Meer: Von der Deutschen Kolonialschule zum Deutschen Institut für Tropische und Subtropische Landwirtschaft in Witzenhausen**. Caderno 57 da série “Tropenwirt”, Deutschen Institut für Tropische und Subtropische Landwirtschaft: 1997, 232p.

BECHHAUS-GERST, M, LEUTNER, M. (ed.) **Frauen in den deutschen Kolonien**. Berlim: ed Ch. Links, 2009, 284p.

BLISCH, B. **Die Kolonialfrauenschule in Bad Weilbach 1911-1914** In: Jahrbuch des Main-Taunus-Kreises 4: 1996, pp. 73-78.

BÖHLKE, J. **Zur Geschichte der Deutschen Kolonialschule in Witzenhausen. Aspekte ihres Entstehens und Wirkens**. Witzenhausen: Werratalverein, 1995.

BOUCHERON, P.O entreter do mundo. In: BOUCHERON, P., DELALANDE, N., (orgs.) **Por uma história-mundo**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015, pp.7-20.

BRAUN-SCHWARZENSTEIN. G. Minna Cauer. Dilemma einer bürgerlichen Radikalen. In: **Feministische Studien**, 3, 1984, pp. 99-116.

BURBANK, J., COOPER, F. Um mundo de impérios. In: BOUCHERON, P., DELALANDE, N., (orgs.) **Por uma história-mundo**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015, 29-38.

BURTON, A. Finding women in the archive. In: **Journal of Women's History**. Vol.20, Número 1, 2008, pp.149-150.

BUSH, B. Gender and Empire: the Twentieth Century. In: LEVINE, P (ed.) . **Gender and Empire**. Nova York: Oxford University Press, 2004, pp. 77-111.

CONRAD, S. _____. **What is Global History?** Princeton University Press: 2016, 312p.

CONRAD, S. **Deutsche Kolonialgeschichte**. Munique: C.H. Beck, 2008, 128p.

_____. **Globalisation and the nation in imperial Germany**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, 497p.

_____. Rethinking German Colonialism in a Global Age In: **The Journal of Imperial and Commonwealth History**, Vol. 41, N.4, 2013, pp. 43-566.

CONRAD, S., ECKART, A. Globalgeschichte, Globalisierung, multiple Modernen: Zur Geschichtsschreibung der modernen Welt. In: CONRAD, S., ECKART, A., FREITAG, U. (orgs). **Globalgeschichten: Theorien, Ansätze, Themen**. Frankfurt: Campus, 2007, pp. 7-52.

CORREA, Sílvia M. de S. Fronteiras da educação na África sob domínio colonial alemão. In: **Revista História da Educação – RHE**, v. 16, n. 37, 2012, pp. 65-91.

CROSSLEY, P. **O que é história global?** Petrópolis: Vozes, 2015, 188p.

DANN, O. **Nation und Nationalismus in Deutschland – 1770-1990**. Munique: C.H. Beck, 1993, 362p.

DHM (ed.). **Deutscher Kolonialismus – Fragmente seiner Geschichte und Gegenwart** (catálogo), Darmstadt: WBG, 2016, 333p.

DIETRICH, A. **Weißer Weiblichkeit - Konstruktionen von »Rasse« und Geschlecht im deutschen Kolonialismus**. Bielefeld; Editora Transkript, 2007, 430 p.

DOTY, R. Foreign Policy as Social Construction: A Post-Positivist Analysis of U.S. Counterinsurgency Policy in the Philippines. In: **International Studies Quarterly**, Vol. 37, N. 3, 1993, pp. 297-320.

DRUMMOND, E. “Durch die Liebe stark, deutsch bis ins Mark”: Weiblicher Kulturimperialismus und der Deutsche Frauenverein für die Ostmarken. In: PLANERT, U. (org.) **Nation, Politik und Geschlecht. Frauenbewegungen und Nationalismus in der Moderne**. Frankfurt: Campus, 2000, pp.147-164.

ECKERT, A. Wechselwirkungen. In: Deutsches Historisches Museum (ed.). **Deutscher Kolonialismus – Fragmente seiner Geschichte und Gegenwart**, Darmstadt: WBG, 2016, pp.146-153.

EDKINS, J., ZEHFUSS, M. (eds.) **Global politics – a new introduction**. Segunda edição. Routledge: Nova York, 2014, 710p. (recurso eletrônico)

ELIAS, N. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Zahar editora, 1997, 431p.

ENLOE, C. **Bananas, Beaches and Bases: making feminist senses of international politics**. Segunda edição, Berkeley: University of California Press, 461p.

ENLOE, C. **The curious feminist: searching for women in a new age of empire**. Berkeley: University of California Press, 367p.

FABARIUS, E. . Rückblick und Ausblick In: **Der Deutsche Kulturpionier**, N.10, Vol.4,1910, pp.7-14

_____. **Die Allgemeine Weibliche Dienstpflicht – ein Vorschlag und Beitrag zur Lösung der Frauenfrage**. Essen : G.D. Baedeker, 1895, 46 p.

_____. Rückblick und Ausblick In: **Der Deutsche Kulturpionier**, Vol. 2, 1907/1908, pp. 7-14.

FREVERT, U. **Frauen-Geschichte: zwischen bürgerlicher Verbesserung und neuer Weiblichkeit**. Frankfurt a.M.: Suhrkamp, 1986, 357p.

FRIEDRICHSMEYER, S., LENNOX, S., ZANTOP, S. **The imperialist imagination. German colonialism and its legacy**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 370p.

GADINGER, F., JARZBSKI, S., YILDIZ, T. Vom Diskurs zur Erzählung. Möglichkeiten einer politikwissenschaftlichen Narrativanalyse. In: **PVS**, Vol.1, Número 55, 2014, pp. 67-93

GERHARD, U. _____. **Frauenbewegung und Feminismus – eine Geschichte seit 1789**.Munich: C.H.Beck, 2009.

GERHARD, U. **Unerhört. Die Geschichte der Frauenbewegung**. Hamburgo: Rowohlt, 1992, 408p.

GONÇALVES, W. História das Relações Internacionais. In: LESSA, M., GONÇALVES, W. (orgs.) **História das Relações Internacionais – teoria e processo**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007, 250p.

GRÜNDER, H. Geschichte der Deutschen Kolonien. Munich: UTB, 2012, 365p.

HABERMAS, R. “Willst du den Heidenkindern helfen?” In: Deutsches Historisches Museum (ed.). **Deutscher Kolonialismus – Fragmente seiner Geschichte und Gegenwart**, Darmstadt: WBG, 2016, pp.50-57.

HAGEMANN, K., QUATAERT, J.. Gendering Modern German History: comparing Historiographies and Academic Cultures in Germany and in the United States through the Lens of Gender. In: HAGEMANN, K., QUATAERT, J. (ed.). **Gendering Modern German History**. Nova York: Berghahn Books: 2007, pp. 1-39.

HALL, C. Of Gender and Empire: Reflection on the Nineteenth Century In: LEVINE, P (ed.) . **Gender and Empire**. Nova York: Oxford University Press, 2004, pp. 46-76.

HARVEY, E. Aufbau Ost. In: KOLBOSKE, B. et al (eds). **Wissen Macht Geschlecht - Ein ABC der transnationalen Zeitgeschichte**. Festschrift für Carola Sachse. Edition Open Access, Max Planck Institute for the History of Science, 2016, pp.3-8.

HOBSBAWM, E. J. **The Age of the Empire – 1875-1914**. Vintage Books: 1989, 404p.

HOBSBAWM, E. J., RANGER, T. (orgs). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997, 316p.

HOWELL, M., PREVENIER, W. **From reliable sources: an introduction to historical methods**. Ithaca: Cornell University Press, 2001, 207p.

HUGGAN, G., Introduction. In: HUGGAN, G., LAW, I. (orgs.) **Racism postcolonialism Europe**. Liverpool: Liverpool University Press, 2009, pp.1-16.

KANDAL, T. **The woman question in classical sociological theory**. Miami: Florida International University Press, 1988, 315p.

KOCKA, J. Bürgertum und bürgerliche Gesellschaft im 19.Jahrhundert: europäische Entwicklungen und deutsche Eigenarten, In: KOCKA, J (ed.): **Bürgertum im 19. Jahrhundert: Deutschland im europäischen Vergleich**. Volume 1, Deutscher Taschenbuch Verlag: Munique, 1988, pp. 11-76.

_____. Global History: Opportunities, Dangers, Recent Trends In: **Culture & History Digital Journal**, 1(1), 2012.

KOONZ, C. A tributary and a mainstream: gender, public memory and the historiography of nazi Germany. In: HAGEMANN, K., QUATAERT, J. (ed.): **Gendering Modern German History**. Nova York: Berghahn Books: 2007, pp. 147—168.

KUNDRUS, B. (ed.). **Phantasiereiche. Zur Kulturgeschichte des deutschen Kolonialismus** Frankfurt/Main: Campus 2003, 327 p.

_____. Blind spots: empires, colonies and ethnic identities in modern german history. In: HAGEMANN, K., QUATAERT, J. (ed.) **Gendering Modern German History**. Nova York: Berghahn Books: 2007, pp. 86-106.

_____. Colonialism, Imperialism, National Socialism – how imperial was the third Reich? In: NARANCH, B., ELEY, G. (eds.) **German colonialism in a global age**. Durham/Londres: Duke University Press, 2014, pp.330-419.

_____. **Die imperialistischen Frauenverbände des Kaiserreichs. Koloniale Phantasie- und Realgeschichte im Verein**. Basler Afrika Bibliographien, 2005.

LANDWEHR, A. **Historische Diskursanalyse**. Frankfurt/ New York: Campus, 2008, 187p.

LAPID, Y., KRATOCHWIL, F. **The Return of identity and culture in IR theory**. Boulder: Lynne Rienner, 1996, 253p.

LERP, D. Farmers to the Frontier: Settler Colonialism in the Eastern Prussian Provinces and German Southwest Africa In: **The Journal of Imperial and Commonwealth History**, Vol. 41, N. 4 ,2013, pp. 567-583.

LERP, D. Zwischen Intimität und Abgrenzung. In: Deutsches Historisches Museum (ed.). **Deutscher Kolonialismus – Fragmente seiner Geschichte und Gegenwart**, Darmstadt: WBG, 2016, pp.58-66.

LERP, D. **Die Kolonialfrauenschulen in Bad Weilbach und Rendsburg: 1907-1914**. Dissertação de mestrado. Depto de Ciências Culturais e da História, Instituto Friedrich-Meinecke de História, Univ. Livre de Berlim, 2007, 144p.

LEVINE, P (ed.). **Gender and Empire**. Nova York: Oxford University Press, 2004, 306p.

LIEBLICH,A., TUVAL-MASHIACH,R., & ZILBER,T. **Narrative research: reading, analysis, and interpretation**. Thousand Oaks: SAGE, 1998, 185p.

LINNE, K. **Deutschland jenseits des Äquators? NS-Kolonialplanungen für Afrika**. Berlim: Editora Ch.Links, 2008, 215p.

LIVHOLTS, M., TAMBOUKOU, M., **Discourse and narrative methods: theoretical departures, analytical strategies and situated writings**. Londres: SAGE, 2015, 222p.

LONG, A., SCHMIDT, B. **Imperialism and Internationalism in the Discipline of International Relations**. SUNY Press: 2006, 222p.

MANNING, P. **Navigating World History – historians create a global past**. Nova York: Palgrave Mcmillan, 2003, 425p.

MARMOZAI, M. **Schwarze Frau, weiße Herrin**. Rowohlt: Hamburgo, 1989, 312p.

_____. Vorwort. In: BECHHAUS-GERST, M, LEUTNER, M. (ed.) **Frauen in den deutschen Kolonien**. Berlim: ed Ch. Links, 2009, pp.9-13.

MASSEY, D. **For space**. Londres: SAGE, 2005, 222p.

McCLINTOCK, A. ‘No longer in a future in heaven’: gender, race and ationalism. In: McCLINTOCK, A., MUFTI, A., SHOHAT, E. (org.) **Dangerous liaisons: gender, nation and postcolonial perspectives**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004, pp.89-112.

McCLINTOCK, A. **Imperial Leather – Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest**. Nova York: Routledge, 1995, 462p.

McQUILLAN, M. **The narrative reader**. Nova York: Routledge, 2000, 353p.

MILLS, S. Gender and Colonial Space. In: **Gender, Place and Culture**, Vol. 3, N. 2, 1996, pp. 125-147.

MORELLI, A. Vida (e morte?) da História Global. In: **Revista Estudos Históricos**, V.3, Ano 60, 2017, pp. 5-10.

MÜHLHAHN, K. Prostitution in der 'Musterkolonie' Kiautschou. In: BECHHAUS-GERST, M, LEUTNER, M. (ed.) **Frauen in den deutschen Kolonien**. Berlín: ed Ch. Links, 2009, pp. 96-101.

MUPPIDI, Himadeep. Shame and Rage: International Relations and the 'World School of Colonialism' In: RILEY, Robin L, INAYATULLAH, Naeem (et al). **Interrogating Imperialism**, Palgrave: 2006, pp. 51-61.

NOGUEIRA, J.P., MESSARI, N. **Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005, 250p.

O'DONNELL, K. **The colonial woman question: gender, national identity, and empire in the German Colonial Society female emigration program, 1896-1914**. Tese de doutorado em História. Universidade de Nova York/Birghamton: 1996, 319p.

OLSTEIN, D. **Thinking history globally**. Nova York: Palgrave McMillan, 2015, 223p.

OSTERHAMMEL, J., JANSEN, J. **Kolonialismus – Geschichte, Formen, Folgen**. Editora CHBeck: 2012, 144p.

PARPART, J., ZALEWSKI, M. **Rethinking the man question - sex, gender and violence in International Relations**. Londres: Zed Books, 2008, 217p.

PHOENIX, A. Analyzing narrative contexts. In: ANDREWS, M., SQUIRE, C., TAMBOUKOU, M. **Doing narrative research**. Nova York: SAGE, 2008, pp. 64-77.

PLANERT, U. **Antifeminismus im Kaiserreich**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1998, 447p.

_____. Nationalismus und weibliche Politik – zur Einführung. In: PLANERT, U. (org.) **Nation, Politik und Geschlecht. Frauenbewegungen und Nationalismus in der Moderne**. Frankfurt: Campus, 2000a, pp.9-14.

PLANERT, U. Vater Staat Mutter Germania: Zur Politisierung des weiblichen Geschlechts im 19. Und 20. Jahrhundert. . In: PLANERT, U. (org.) **Nation, Politik und Geschlecht. Frauenbewegungen und Nationalismus in der Moderne**. Frankfurt: Campus, 2000b, pp.15-65.

REAGIN, N. **Sweeping the German nation: domesticity and national identity in Germany, 1870-1945**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007, 247p.

_____. The foreign housewife and the German linen cabinet: household management and national identity in imperial Germany. In: PLANERT, U. (org.) **Nation, Politik und Geschlecht. Frauenbewegungen und Nationalismus in der Moderne**. Frankfurt: Campus, 2000, pp.198-214.

REICHSTAG, Verhandlungen des Reichstags, 10. Período legislativo, 1898/1900, 54. Sessão, 11.03.1899. Disponível em: http://www.reichstagsprotokolle.de/Blatt_k10_bsb00002778_00525.htmlhttp://www.reichstagsprotokolle.de/Blatt_k10_bsb00002778_00525.html (Acesso em 28 fev. 2018).

REVEL, J. A história redescoberta? In: In: BOUCHERON, P., DELALANDE, N., (orgs.) **Por uma história-mundo**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2015, pp.21-28.

RIESSMAN, C. . Narrative Analysis. In: **Narrative, Memory & Everyday Life**. Huddersfield: University of Huddersfield, 2005, pp. 1-17.

ROBERTS, G. History, theory and the narrative turn in IR. In: **Review of International Studies**, 32, 2006, pp. 703–714.

ROMMEL, M., RAUTENBERG, H. **Die kolonialen Frauenschulen von 1908-1945**. Der Tropenwirt, Vol. 16, 1983.

ROOS, U., SEIDL, T. Im »Südwesten« nichts Neues? Eine Analyse der deutschen Namibiapolitik als Beitrag zur Rekonstruktion der außenpolitischen Identität des deutschen Nationalstaates. In: **Zeitschrift für Friedens- und Konfliktforschung** Ano 4, Caderno 2, 2015, pp 182 – 224.

ROSELLE, L., MISKIMMON, A., O'LOUGHLIN, B. Strategic narrative: A new means to understand soft power. In: **Media, War & Conflict**, Vol. 7(1), 2014, pp. 70–84.

SANDLER, W. **“Colonizers Are Born, Not Made”: Creating a Colonialist Identity in Nazi Germany, 1933-1945**. tese de doutorado, Departamento de História. Universidade de Duke , 2012, 492p.

SANTOS JÚNIOR, J., SOCHACZEWSKI, M. História Global: um empreendimento intelectual em curso. In: **Tempo**. Vol.23, Número 3, 2017, pp. 483-502.

SARAIVA, J.F.S. (org.) **História das Relações Internacionais Contemporâneas**. Editora Saraiva (2.ed), 2013, 347p.

SCHANZ, M. Die Kolonial-Frauenschule. In: **Der deutsche Kulturpionier**, 14 (1914) 1/2, 914, pp. 55–78.

SCHILLING, B. ‘Deutsche Frauen! Euch und Eure Kinder geht es an!’ Deutsche Frauen als Aktivistinnen für die koloniale Idee. In: BECHHAUS-GERST, M,

LEUTNER, M. (ed.) **Frauen in den deutschen Kolonien**. Berlin: ed Ch. Links, 2009, pp. 70-79.

SHEPPERD, L. (ed.). **Gender Matters in Global Politics: A Feminist Introduction to International Relations**. Abingdon: Routledge, 2010, 443p.

SIEGLE, D. “Trägerinnen echten Deutschtums” – Die Koloniale Frauenschule Rendsburg. Kreisverein Rendsburg für Heimatkunde und Geschichte e.V, 2004, 216p.

SMIDT, K. “Germania führt die deutsche Frau nach Südwest” - Auswanderung, Leben und soziale Konflikte deutscher Frauen in der ehemaligen Kolonie Deutsch-Südwestafrika 1884-1920 – eine sozial- und frauengeschichtliche Studie. Tese de doutorado, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Educação, Universidade de Magdeburg, 1995, 335p.

SOCHACZEWSKI, M. **Do Rio de Janeiro a Istambul: contrastes e conexões entre o Brasil e o Império Otomano (1850-1919)**. Brasília: Funag, 2017, 331p.

SQUIRE, C., ANDREWS, M., TAMBOUKOU, M. Introduction: what is narrative research? In: ANDREWS, M., SQUIRE, C., TAMBOUKOU, M. **Doing narrative research**. Nova York: SAGE, 2008, pp.1-21.

STANLEY, L. The epistolarium: on theorizing letters and correspondences. In: **Auto/Biography**, 2, 2004, pp. 201-235.

STRUCK, B., FERRIS, K., REVEL, J. Introduction: Space and Scale in Transnational History. In: **The International History Review**, 33:4, 2011, pp.. 573-584

TIMM, U. **Deutsche Kolonien** – Fotoband. Parkland: Munique, 1986.

VENANCIO, G. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, A.C. (org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, pp. 111-138.

VENGHIATTIS, C. **Mobilizing for nation and empire: a history of the German women's colonial organization, 1896-1936**. Tese de doutorado em Filosofia. Universidade de Columbia: 2005, 457p.

VENGOA, H. La historia global y su conveniencia para el estudio del pasado y del presente. In: **Hist. Crit.** Edição Especial. Bogotá, 2009, 362 p.

VITALIS, R. Birth of a Discipline. In: LONG, A., SCHMIDT, B. **Imperialism and Internationalism in the Discipline of International Relations**. SUNY Press: 2006, s/p.

WALGENBACH, K. **Die weiße Frau als Trägerin deutscher Kultur“ Koloniale Diskurse zu Geschlecht, „Rasse“ und Klasse im Kaiserreich**. Frankfurt a.M./New York: Campus: 2005, 297p. .

WALTHER, D.J. **Creating Germans abroad: cultural policies and national identity in Namibia**. Athens: Ohio University Press, 2002, 268p.

WILDENTHAL, L. **German Women for Empire 1884-1945**. Duke University Press: 2001, 352p.

WÖRNER-HEIL, O. **Adelige Frauen als Pionierinnen der Berufsbildung. Die ländliche Hauswirtschaft und der Reifensteiner Verband**. Kassel: Kassel University Press, 2010, 488p.

ZANTOP, S. **Colonial fantasies – conquest, family and nation in precolonial Germany, 1770-1870**. Durham: Duke University Press, 1997, 292p.

ZIMMERER, J. Der koloniale Musterstaat? Rassentrennung, Arbeitszwang und totale Kontrolle in Deutsch-Südwestafrika. In: ZIMMERER, J., ZELLER, J. (orgs.) **Völkermord in Deutsch-Südwestafrika – der Kolonialkrieg (1904-1908) in Namibia und seine Folgen**. Berlin: Ch. Links, 2016, pp. 26-44.

ZIMMERER, J., ZELLER, J. (orgs.) **Völkermord in Deutsch-Südwestafrika – der Kolonialkrieg (1904-1908) in Namibia und seine Folgen**. Berlin: Ch. Links, 2016, 278p.

ZIMMERMAN, A. **Anthropology and Antihumanism in Imperial Germany**. Chicago: Chicago University Press, 2001, 364 p.

_____. Ruling Africa: Science as Sovereignty in the German colonial empire and its aftermath. In: NARANCH, B., ELEY, G. (eds.) **German colonialism in a global age**. Durham/Londres: Duke University Press, 2014, pp.330-419.

NOTAS

ⁱ Na página da cidade de Witzenhausen, lê-se (aqui em tradução livre do original) que “com a fundação da chamada ‘Deutsche Kolonialschule’ no ano de 1899 foi estabelecido o marco para que a cidade se tornasse relevante como centro de formação em ciências agrárias. Hoje a cidade possui grande reputação internacional como sede da área de estudos de agroecologia da Universidade de Kassel, que é um dos mais importantes centros de agricultura ecológica do mundo”. “Mit der Gründung der sog. “Deutschen Kolonialschule” im Jahr 1899 wurde der Grundstein für die Bedeutung der Stadt als landwirtschaftliches Bildungszentrum von Rang gelegt. Heute besitzt die Stadt große internationale Reputation als Sitz des Fachbereichs Ökologische Landwirtschaft der Universität Kassel, der weltweit als bedeutendes Zentrum des ökologischen Landbaus gilt. Em:

http://www.witzenhausen.eu/seite/de/stadt/033:237/tn_33/Stadtgeschichte.html (Acesso em 15.02.2018)

ⁱⁱ O Príncipe Arenberg, defensor do envio de mulheres com o contrato laboral apresentado ao Reichstag, afirmava que a condição de ida das mulheres era ainda assim de vantagem, haja vista a escassez de mulheres brancas na colônia e a ‘automática’ preferência dos homens locais pelas mulheres alemãs. A ida das mulheres com contratos exploratórios de trabalho representava apenas um estágio de transição, necessário se o objetivo era desbravar a terra e avançar na “(...) Erschliessung des Landes durch Eisenbahnbauten, bessere Transportmittel, Bewässerungsanlagen (...)” (p.1473)

ⁱⁱⁱ Tradução livre do original em alemão: “Einen Grundstein für Hulda Rautenbergs intensives nebenberufliches Engagement mag ihr bürgerlich und akademisch geprägtes, familiäres Umfeld gelegt haben, vor allem der enge Kontakt zu ihrem als Historiker an der Schleswig-Holsteinischen Landesbibliothek in Kiel tätigen Bruder, Heinz Otto Rautenberg (1904-1994), ihrem zweiten Bruder, Christian Friedrich Rautenberg (1906-1979), einem Maler und Zeichenlehrer am Gymnasium Bergedorf und ihrer Schwester, Gesa Marie Luise Rautenberg (1905-1995)”. <http://www.namibiana.de/namibia-information/who-is-who/autoren/infos-zur-person/hulda-rautenberg.html> (Acesso em 17 fev. 2018).

^{iv} PA.41 Hulda Rautenberg In: <https://baslerafrika.ch/downloads/findbuecher/?lang=de> (Acesso 15 fev. 2018).

^v Como Gründer (2012, p.22) mesmo verificará: „Der namhafteste Verfechter einer deutschen Auswanderung in die Gebiete entlang der Donau und darüber hinaus in den Nahen Osten, ebenfalls noch in den vierziger Jahren, war der Nationalökonom und Publizist Friedrich List. Im Zuge der Industrialisierung mit ihren gewaltigen Fortschritten in Technik, Handel und Verkehr erschien ihm in seinen visionären Großraumvorstellungen Deutschland nicht nur als eine bedeutende mitteleuropäische, sondern auch überseeische Großmacht. Siedlungskolonien in gemäßigten Zonen sollten zur Unterbringung des Bevölkerungs- und Kapitalüberschusses dienen, und Tropenkolonien waren von ihm als Bezugsquellen für Rohstoffe und Absatzmärkte deutscher Fabrikwaren gedacht. Im Anschluss an die Handelspolitik des von ihm begründeten ‚Zollvereins‘ (1834) erwartete er daher nicht nur eine Erweiterung des Handels mit Amerika und die Schaffung einer deutschen Handels- und Kriegsflotte, sondern ebenfalls eine großartige und großzügige deutsche Kolonisation in Übersee. Nicht ganz zu Unrecht hat man in ihm den ‚ersten großen Welt- und Kolonialpolitiker Deutschlands‘ sehen wollen“.

^{vi} Tradução livre do original em alemão: “(...) Bismark mit Kolonialparolen die ‘regierungsfreundlichen’ Parteien gegenüber der bürgerlichen Linken und den Sozialdemokraten, die beide Kolonialgegner waren, zu stärken beabsichtigte” (Gründer, 2012, p. 60). Era de interesse de Bismark unir esforços contra uma possível supremacia da classe trabalhadora. Com isso, a questão colonial torna-se automaticamente uma *soziale Frage* no sentido de que respondia tanto às demandas de realocação de excedente populacional quanto como válvula de escape para alienação de personae non gratae. “Da Bismark nicht nur erkannt hatte, dass Preußen allein innerhalb der deutschen Nation als europäische Großmacht weiter existieren konnte, sondern ebenso, dass hierzu eine innenpolitische Teilung der Macht vonnöten war, hat sich das liberale Besitz- und Bildungsbürgertum um so bereitwilliger auf das ‚Bündnis‘ mit den konservativ-großagrarisches Führungseliten eingelassen.” (Gründer, 2012, pp. 31-32)

^{vii} Tradução livre do original em alemão: “Im nationalen Diskurs kam der Entwurf deutscher Männlichkeit ohne die Konzeption seines weiblichen Gegenpols in der Figur des ‘deutschen

weibes' nicht aus. Nur beide zusammen bildeten die deutsche Familie, die Basis des nationalbürgerlichen Projekts, die nicht umsonst vieltausendfach zum Kern der 'Volksfamilie' und zur 'Keimzelle des Staates' deklariert wurde. Wegen dieser zentralen Bedeutung der Familie setzten (...) die national legitimierte Versuche von bürgerlichen Frauen, ihren Handlungsspielraum auszudehnen, hier an. Nation, Staat und Volk im Sinne einer ethnisch-kulturellen, zunehmend auch rassistisch definierten Größe bilden in der Familie als gemeinsamer kultureller, ökonomischer und bevölkerungspolitischer Reproduktionsbasis eine unentwirrbare Einheit. Daher verwundert es nicht, dass die Furcht vor der Auflösung der 'deutschen Familie' auf der Liste der nationalistischen Verfallsängste ganz oben stand".

^{viii} Tradução livre do original em alemão: "Für den bürgerlichen Mann stellte die Ehe nur einen Teil seines Lebens dar, seine berufliche Existenz und die daraus ableitenden sozialen Kontakte waren mindestens ebenso wichtig. Die Frau dagegen nahm die Ehe als einziger Raum wahr, in dem sie sich bewegen konnte und an den allen anderen Aktivitäten in großen gesellschaftlichen Rahmen zurückgebunden waren"

^{ix} Tradução livre do original em alemão: "(...) die organische Familienideologie (...), welche von der Familie als einer primär moralischen, natürlichen Einheit sprach und die Individuen in die Familie einschmolz, richtete sich folglich vorrangig an Frauen. Die Beschwörung des intakten, unauflösbaren Familienverbandes als der 'wahren Gesamtpersönlichkeit' und seine Aufwertung als Grundlage des liberalen wie des konservativen Staates sollen offensichtlich jene Dynamisierungstendenzen entgegensteuern, denen die männliche Sphäre ausgesetzt war und die immer stärker in die weibliche Lebenswelt hineinwirkten. Je rascher und tiefgreifender sich die Außenwelt veränderte – man denke nur an die umwälzende Innovation der Eisenbahn seit 1835 oder die Fortschritte von Technik und Industrie –, je beweglicher und lebhafter also das berufliche und öffentliche Engagement von Männern wurde, desto deutlicher machte sich die Diskrepanz zwischen weiblicher Familienexistenz und männlicher Berufsorientierung bemerkbar"

^x Tradução livre do original em alemão: "die konzeptionelle Gleichsetzung von Nation und Familie sorte freilich dafür, dass auf den weiblichen Beitrag nicht verzichtet werden konnte".

^{xi} Tradução livre do original em alemão: "(...) unterschiedliche Handlungsräume und Identitäten angewiesen wurden, die komplementär aufeinander bezogen waren und sich funktional ergänzten" (Planert, 2000, p.9).

^{xii} Tradução livre do original em alemão: "Von der Spätaufklärung bis weit ins 20. Jahrhundert hinein, (...) beriefen sich Frauen und Frauenvereinigungen immer wieder auf Nation und Vaterland, wenn es darum ging, politisches Engagement und öffentliches Auftreten zu legitimieren. Die Bewertung dieses Befundes ist freilich umstritten. Wo die einen die Erweiterung von Handlungsspielräumen und Partizipationschancen sehen und emanzipative Tendenzen erkennen, sprechen andere von einer bloßen Instrumentalisierung weiblicher Dienste unter nationalem Vorzeichen (...)"

^{xiii} Tradução livre do original em alemão: "Die Definition der Frauen als 'Kulturträgerinnen' qualifizierte sie so nicht nur für die nationale Erziehung des eigenen Nachwuchses und für die interne Homogenisierung einer als 'deutsch' verstandenen Nationalkultur, sondern machte sie darüber hinaus zu berufenen Verfechterinnen des nationalisierten Kultur- und Wertesystems überall dort, wo es darum ging, die politische und wirtschaftliche Dominanz der deutschen Nation durch kulturelle Hegemonie abzusichern".

^{xiv} Tradução livre do original em alemão: "Eine Vielzahl von Studien hat inzwischen deutlich gemacht, dass die Vorstellung von dem, was eine Nation sei, ebenso wie die Konstruktion nationaler Identität und die Nationsbildungsprozesse selbst zu tiefst von geschlechtsspezifischen Konnotationen durchdrungen und mitbestimmt waren und sind – keineswegs nur in Deutschland, sondern in allen modernen Nationalstaaten, von Europa und Amerika über den Vorderen Orient bis zum Pazifischen Raum".

^{xv} Tradução livre do original em alemão: "Die Mehrheit der bürgerlichen Frauenbewegung wie auch ihre Dachorganisation, der Bund Deutscher Frauenvereine, vertrat dabei ein bürgerlich-liberales Nationsmodell, in dem Partizipation kein Menschenrecht war, sondern Belohnung für nationale Einsatzbereitschaft".

^{xvi} Tradução livre do original em alemão: "(...) für Bismarck waren die innenpolitischen Legitimationseffekte einer überseeischen Expansion höchst attraktiv. Die systemgefährdenden Reformbestrebungen von Liberalen und Sozialdemokraten sollten durch eine überseeische Expansion, die von innenpolitischen Problemen, ablenken würde, neutralisiert werden" (Smidt, 1995, p. 14).

^{xvii} Para Smidt, a fundação do Reich em 1871 modifica substancialmente o caráter do nacionalismo alemão. Se até então a política era atrair cidadãos para dentro das fronteiras de um Estado nacional com um movimento nacional com características liberais, após 1871 os movimentos nacionalistas adquirem caráter aristocrático e militarista. Ou, nas palavras de Smidt: “In Deutschland veränderte die Reichsgründung 1871 grundsätzlich den Charakter des deutschen Nationalismus. Bis zu diesem Jahr verfolgten der deutsche Nationalismus und die moderne, liberal-inspirierte Nationalbewegung vorrangig das Ziel, möglichst viele Deutsche in einem Nationalstaat zu vereinen, wobei sich seit den fünfziger Jahren des 19. Jahrhunderts die kleindeutsche, preussisch-orientierte Strömung durchsetzte. (...) Typisch für das wilhelminische Kaiserreich war jedoch, dass sich in diesem spät entstandenen Nationalstaat keine liberal-politische Kultur gefestigt hatte. Das Kaiserreich basierte stattdessen auf einer erfolgreich stabilisierten Fürstentherrschaft und auf militärischen Erfolgen, wodurch auch im internationalen Vergleich alles Militärische eine besondere Bedeutung bekam” (Smidt, 1995, p. 15).

^{xviii} Tradução livre do original em alemão: “(...) der Frauenbund erweiterte die Zielsetzungen der ‘kolonialen Frauenfrage’ und verband mit deren Lösung nicht nur die Beseitigung des Mangels an weissen, vorrangig deutschen Frauen, in, sondern auch die Verbesserung der wirtschaftlichen, sozialen und politischen Stellung der Frauen in der Kolonie”.

^{xix} [https://ia601307.us.archive.org/34/items/KolonieUndHeimatInWortUndBild3.JahrgangNr.011909100118S.Scan/Kolonie%20und%20Heimat%20in%20Wort%20und%20Bild%20-%203.%20Jahrgang%20Nr.%2001%20-%20201909-10-01%20\(18%20S.,%20Scan\).pdf](https://ia601307.us.archive.org/34/items/KolonieUndHeimatInWortUndBild3.JahrgangNr.011909100118S.Scan/Kolonie%20und%20Heimat%20in%20Wort%20und%20Bild%20-%203.%20Jahrgang%20Nr.%2001%20-%20201909-10-01%20(18%20S.,%20Scan).pdf) (Acesso em 20 fev. 2018).

^{xx} Algumas informações sobre o envio de mulheres, segundo Venghiattis: “(...) figures indicate that 1904 marked a turning point in women’s emigration to German Southwest Africa. Whereas between 1898 and 1904 an average of four domestic servants were sent each year, eight were sent in 1905, 24 in 1906, and 48 in 1907. Emigration of other women including wives, brides, sisters and daughters showed a similar increase” (Venghiattis, 2005, p. 52).

^{xxi} Segundo O’Donnell, o papel da DKG não pode ser menosprezado: “The DKG enjoyed notable success in propagating narrow conceptions of German identity and family which countered the subversive influences of growing feminist and socialist movements (...)” de forma que é possível verificar “the considerable weight which the DKG’s political influence and institutional power held in influencing the ideology and execution of the Wilhelmine female colonization movement” (O’Donnell, 1996, p. 301).

^{xxii} Também O’Donnell destaca a força das associações em conjunto no empenho pela causa colonial: “Those loose imperialist associational structures eventually united the efforts of anti-feminist political conservatives and other popular nationalists, as well as committed feminists, all joined by their shared commitment to promoting women’s colonization and women’s active support for imperial causes in general, but divided over their diverse understandings of women’s proper place within the empire” (O’Donnell, 1996, p.10).

^{xxiii} Tradução do original: “(...) the significance which the territorial organization of domestic labor held in determining colonists’ social prestige and economic standing” (O’Donnell, 1996, p. 304).

^{xxiv} Tradução do original: “(...) the DKG’s female transportation program had far-reaching unintended impact on the development of labor and social relations in the final years of rule in DSWA” (O’Donnell, 1996, p.304).

^{xxv} Tradução do original: “(...) flawed understanding of economics and statistics that addressed anxieties about political conflict and industrialization. It also addressed middle-class women’s anxieties about their own economic superfluity”.

^{xxvi} “But essentialism about women’s reproductive capacity always structured procolonial women’s activism between the late 1890s and the First World War (Wildenthal, 2001, pp. 132-133).

^{xxvii} “Seit den siebziger Jahren entwickelte sich eine breite, von Verbänden, Presse, Parlament und Bürokratie getragene Imperialbegeisterung, schien doch eine machtvolle, im Erwerb von Kolonien mündende deutsche Weltpolitik sowohl den Geschäfts- und Statusinteressen des Bürgertums entgegenzukommen als auch die Reform- und Revolutionsenergien linksliberaler und sozialdemokratischer Kräfte nach außen abzulenken” (Frevert, 1986, pp. 104-105).

^{xxviii} Tradução livre do original em alemão: “Das Spektrum der Frauenfragen, die um 1900 zur Sprache kamen und öffentlich debattiert wurden, umfasste alle Lebensbereiche, r presentiert es doch die Anliegen einer ‘hälfte der Menschheit’” (Gerhard, 2009, p.70).

^{xxix} Tradução livre do original em alemão:“(…) die Gesamtheit der Probleme und Forderungen, die in der neuesten Zeit aus der Umgestaltung der Gesellschaft und ihrer Lebensformen sich in Bezug auf die Stellung des weiblichen Geschlechts bei den modernen Völkern ergeben haben”.

^{xxx} Tradução livre do original em alemão:“Frauenüberschuß und Heiratsunlust der Männer waren gängige Topoi, mit denen Zeitgenossen die ‘Frauenfrage’ zu erklären suchten. Die realen demographischen Verhältnisse stützten diese Argumentation jedoch nur höchst unvollkommen: Nicht nur wurde der statistische Frauenüberschuß enorm überschätzt, sondern auch der behauptete generelle Rückgang der Eheschließungen hatte in diesem Ausmaß nicht stattgefunden. Ähnlich irreführend war der Hinweis auf das hohe männliche Heiratsalter, denn im 18. Jahrhundert hatten Akademiker und Kaufleute ebenfalls erst spät geheiratet, ohne daß man damals von einer ‘Frauenfrage’ sprach. Der Typus der ledigen bürgerlichen Frau wurde also keinesfalls deshalb zum politikfähigen Problem, weil es ihn häufiger als früher gab. Was sich änderte, waren vielmehr die sozialen Bedingungen, unter denen unverheiratete Frauen bürgerlicher Frauen lebten, und die Bereitschaft der Frauen, sich in ihr Los zu schicken” (Frevert, 1986, p. 117).

^{xxxi} Tradução livre do original em alemão:“Nachdem sich sogar der Reichstag damit beschäftigt hatte, blieb die Erörterung nicht länger nur auf Frauenzeitschriften beschränkt, sondern fand Eingang in die Tageszeitungen, politische Periodika und sogar akademische Vorlesungen”.

^{xxxii} Tradução livre do original em alemão: “Meine Herren, es handelt sich hier um einen äußerst interessanten Titel, nämlich um Beihilfen für sich ansiedelnde deutsche Mädchen – 25 000 Mark. Die große Mehrheit der Kommission begrüßte prinzipiell die Sache sehr sympathisch, indem von den verschiedensten Seiten hervorgehoben wurde, daß der Kolonie eine große Gefahr durch das Entstehen einer sogenannten Mischlingsrasse – wie sie dort heißt: Bastardrasse – bevorstände; es sei nichts schlimmer, namentlich für eine so junge und bis jetzt so spärlich bevölkerte Kolonie als diese Vermischung der europäischen mit der einheimischen Rasse. Die Kinder hätten dann gewöhnlich die Fehler beider Rassen, und dazu käme noch, daß die absolut unentbehrliche Erziehung der Mutter fehle, sodaß zu den Veranlagungsfehlern noch sehr bedeutende Erziehungsfehler kommen würde” (Reichstag, 1899, p. 1471).

^{xxxiii} Assim Arenberg descreve a pauta para debate: “(…) der Lohn ist für die dortigen Theuerungsverhältnisse sehr knapp bemessen, und außerdem waren noch mehrere andere Bedingungen, die etwas hart schienen. Der zweite Grund war der – und das war der hauptsächlichste Grund – daß, in diesem Vertrag gar keine feste Stipulation wegen der freien Rückfahrt aufgenommen war.” (Reichstag, 1899, p. 1471).

^{xxxiv} Tradução livre do original em alemão:“Der Kolonialdirektor bemerkte, die ganze Angelegenheit läge doch eigentlich in den Händen der Kolonialgesellschaft, und hier handle es sich um eine Beihilfe von 25000 Mark, wovon 5000 als Zuschuss zur Ueberfahrt, 15000 Mark als Aussteuer für die Mädchen, und 5000 für die Unteroffizierbräute ausgegeben würden. Er müsse allerdings zugestehen, daß eine feste Stipulation betreffs der Rückfahrt dieser Mädchen im Kontrakte nicht enthalten sei. Der Gouverneur würde sich aber eventuell die kostenlose Rückschaffung der Mädchen anlegen sein lassen. Die Kommission konnte in dieser letzten Erklärung keine hinreichende Kautel für diese Mädchen finden; denn es ist doch immerhin möglich, daß sie nicht vom Heimweh erfaßt werden, daß sie nicht heiraten und auch sonst nicht unterkommen können, und da müssen sie doch unbedingte Sicherheit haben, zurückgeschafft zu werden”. (Reichstag, 1899, p. 1471)

^{xxxv} No original, o argumento na íntegra: “Auf der anderen Seite ist es ja auch nicht ganz unbedenklich, ganz bedingungslos eine Rückfahrt selbst in den Vertrag aufzunehmen, weil dann die Sache leicht den Charakter einer Vergnügungsreise nach Südwestafrika annehmen könnte, und die Mädchen, wenn sie sich das Land drei, vier Wochen angesehen haben, wieder ihre Repatriierung verlangen könnten. Infolge dessen hat die Kommission es abgelehnt, wenigstens für dieses Jahr abgelehnt, bis die Bedingungen ihr vollständig bekannt und bis alle Kautelen dafür beschafft seien, daß diese Sicherheit in jeder Beziehung auch in Bezug auf die Heimkehr gewährleistet sei.” (Reichstag, 1899, p. 1471).

^{xxxvi} Tradução livre do original em alemão: “(…) die nicht unter den Begriff der Arbeit eines Mädchen für alles nach deutschen Begriffen fallen” (Reichstag, 1899, p. 1471).

^{xxxvii} Tradução livre do original em alemão:“Der § 1 enthält eine Festlegung der Ausnutzung der Arbeitskraft dieser Mädchen, die weit über das gerechte Maß hinausgeht”. A crítica de Bebel ao contrato naquele momento envolvia a desconfiança em relação à cláusula de término contratual (*Kündigungsfrist*) de 6 meses, longa demais para os padrões da Alemanha continental, um salário baixo para a atividade exercida (trabalho doméstico em casas e fazendas de colonos alemães) e a posição e palavra do governador de SWA como árbitro entre as mulheres e seus empregadores. A

questão do salário tinha especial importância, já que, com poucas possibilidades de economizar (considerando o alto custo de vida na colônia), as mulheres não teriam poucas possibilidades reais de voltarem à Europa por seus próprios meios.

^{xxxviii} O argumento, na íntegra, no original: “Wenn es den Mädchen nicht gefällt – das kann sehr leicht eintreten, das ist sogar öfter wahrscheinlich, weil sich dieselben vo Südwestafrika ganz andere Begriffe machen werde, als das Land sie rechtfertigt – , dann sind sie in der Lage reiner Sklaven”. (...) so brauche ich Ihnen nicht zu sagen, zu welchen Gewerbe alsdann ein solches Mädchen zu greifen genöthigt wird, um ihr Leben zu fristen”. (Reichstag, 1899, p. 1472)

^{xxxix} Argumento, na íntegra, no original: “Aber das scheint mir zweifellos zu sein, daß weder die Kaiserliche Regierung noch einer ihrer Gouverneure sich mit der Beschaffung von Dienstgelegenheiten für Dienstmädchen und ebenso für die Erledigung von Streitigkeiten zwischen Dienstmädchen und ihren Herrschaften hergeben dürfte, noch kann dieselbe eine Art direktes oder indirektes Ehevermittlungsbüreau bilden, um die Mädchen, die heiraten möchten, unter die Haube zu bringen. Das geht den Staat nichts an, und auch in dieser Beziehung könnte der Staat under Umständen in eine böse Verantwortung gerathen (Reichstag, 1899, p. 1473).

^{xl} Argumento na íntegra, de von Arnim: “Noch einen Punkt möchte ich erwähnen, den der Herr Abgeordnete Bebel gerügt hat: das ist die lange Kündigungsfrist. Auch diese widerstreitet nicht dem Interesse der Mädchen. Ich bin übrigens der Ansicht, daß, wie in Amerika bei der geringeren Zahl der Frauenspersonen dieselben eine bevorzugte Stellung haben, es auch den Frauen in Westafrika gut ergehen wird, weil hier das Mißverhältniß zwischen der Zahl der Männer und der Frauen noch größer ist als in Amerika.” P. 1473

^{xli} Tradução livre do original em alemão:“(...) durch ‘Beihilfen für sich ansiedelnde Deutsche Mädchen’ die schwerwiegenden Nachteile zu beseitigen, welche sich für eine deutsch-nationale Entwicklung der Bevölkerung aus der Verbindung weißer Ansiedler mit eingeborenen Frauen ergeben (...) - als ‘wesentliches Kulturelement’, wie der Kolonialdirektor Herr Dr. von Buchka sich ausdrückte, in unser südwestafrikanisches Schutzgebiet einzuführen, damit sie dort von ihrer Weiblichkeit Gebrauch machen, um eine reinweiß Rasse in unseren Besitzungen begründen zu helfen; auf der anderen Seite aber wird der Versuch gemacht, wie der scheusliche Dienstvertrag beweist, die Arbeitskraft derselben deutschen Mädchen nach Möglichkeit auszubeuten. (Sehr richtig! links) Da muß ich denn doch sagen: es scheint wir nicht zulässig zu sein, ein dienstliches Verhältnis mit einem geschlechtlichen Verhältnis zu verquicken (Zwischenruf).” Reichstag, 1899, p. 1473-1474).

^{xlii} Argumento, na íntegra, no original:“(...) dieses ganze Dienstverhältnis erinnert doch gar zu sehr an Sklaverei. Es ist kaum etwas anderes als weiße Sklaverei! (Sehr richtig! links) Nachdem Sie sich schon längst daran gewöhnt haben, Haussklaverei für Schwarze in unserem Schutzgebiete zu dulden, wenn nicht zu begünstigen, hat es den Anschein, als wollten Sie nun auch eine Haussklaverei für Weiße einführen. Dagegen müssen wir entschieden und nachdrücklich Verwahrung einlegen. (Beifall links) (...) Wir erklären den Gesindedienstvertrag, welchen die Deutsche Kolonialgesellschaft mit deutschen Mädchen geschlossen hat, für nicht vereinbar mit den sittlichen Begriffen des deutschen Volkes von Menschenwerth und Menschenwürde. (Bravo! links.) (pp. 1473-1474)”

^{xliii} : “Freilich hier handelt es sich um Töchter des Volkes; handele es sich um Frauen Ihres Standes, würden die Herren anders pfeifen.” (Reichstag, 1899, p. 1475).

^{xliv} Tradução livre do original em alemão: “Es wird allgemein geklagt über das bedeutende Ueberwiegen des weiblichen Geschlechts über das Männliche. Jetzt bekommen die Frauen die Gelegenheit, zu heirathen, sich selbstständig zu machen und an der kolonialen Arbeit theilzunehmen, und man sollte doch meinen, daß gerade denen, die der Frauenemanzipation geneigt sind, dieser Gedanke sympathisch wäre.” (...) “Aber, meine Herren, der Zweck der ganzen Sache ist doch nicht, Dienstmädchen nach Südwestafrika zu schaffen, sondern deutsche Familien dort zu gründen, und dieses ganze Dienstverhältnis ist doch nur ein Uebergangsstadium”.p. 1475-1476 Diz que esse salário não é pouco porque lá as pessoas não vão passear aos domingos como aqui Unter den Linden. Não se pode falar de weisse Sklaverei. E sobre o contrato de trabalho: “Das aber kann nicht unter allen Umständen doch nicht bestritten werden, daß die Tendenz des Vertrages eine gute ist, daß es dringend erwünscht ist, reindeutsche Familien im Schutzgebiet seßhaft zu machen und mit den deutschen Frauen das für die Weiterentwicklung der Kolonie absolut nothwendige Kulturelement einführen. Wenn uns das gelingt, würden wir in der Entwicklung der Kolonien eine großen Schritt weiter gethan haben, über den der Herr Abgeordnete Beben sich doch auch freuen sollte” p.1476.

^{xlv} Tradução livre do original em alemão: “Der Herr Kolonialdirektor meinte weiter, die Tendenz des Vertrages sei zweifellos eine gute, man wollte deutsche Frauen als Kulturelement nach Westafrika führen; davon aber steht im Verträge kein Wort. Darin handelt es sich nur um das Engagement weiblicher Dienstboten. Daß das ein Heiratsvermittlungsweg sein sollte, haben wir freilich gewußt, und ich habe mich gefreut, daß der Abgeordnete Prinz Arenberg das heute so deutlich ausgesprochen hat, daß das Ganze nur den Zweck habe, von Staatswegen eine Art Heiratsbüro zu organisieren.”

^{xlvi} Tradução livre do original em alemão: “Der Herr Abgeordnete Prinz von Arenberg hat die Sache auch damit zu begründen gesucht, daß er sagte, die Herren, die für die Frauenemanzipation seien, müßten doch am meisten mit einem solchen Vorgehen einverstanden sein. Dagegen muß ich mich sehr verwahren; denn ich trete sehr für die Frauenemanzipation ein. Aber gerade, weil ich das tue, deswegen will ich alles vermeiden, was wie Sklaverei aussieht und Sklaverei ist, und diese liegt in diesem Vertrag. Auch wird der Herr Abgeordnete Prinz Arenberg zugeben, daß das Verhältnis der Geschlechter, das in Deutschland und einer Reihe von Kulturstaaten für das Weib ungünstiger ist insofern, als die Zahl des weiblichen Geschlechts das des männlichen überwiegt, durch diese Transportierung von Mädchen nach Südwestafrika kaum verschoben wird. Es handelt sich um eine so minimale Zahl, daß sie dabei nicht in Betracht kommt. Prinz Arenberg meinte auch weiter, das Ganze sei nur ein Uebergangsstadium, denn schließlich würde doch für alle diese Mädchen das Einlaufen in den ehelichen Hafen das Schicksal sein, das ihrer dort harret. Das kann sein, und soweit die Mädchen das freiwillig, ohne staatliche Einmischung thun, wird niemand dagegen einwenden. Meine Emanzipationsbestrebungen für das weibliche Geschlecht gehen nicht so weit, daß ich ein Gegner der Ehe bin; ich halte diese vielmehr für natürlich und notwendig, aber nicht mit Mitteln und Wegen, wie sie hier in Aussicht genommen sind. Die Debatte wäre und erspart geblieben, wenn Herr Graf Arnim mit seinem Kolonisationseifer die Sache nicht so unglücklich vertreten hätte. (heiterkeit)” p. 1477.

^{xlvii} No original, ‘allgemeine Fächer, Land und Forstwirtschaft, Technik, Sprachen, Maschinen und Handwerke, Land- und Waldarbeiten, Technische Arbeiten’ (BAUM, 1997, p. 54-55 – *Graphische Darstellung des Lehrplans*).

^{xlviii} O índice do pequeno livro indicaria o raciocínio de seu autor:

- A. Einleitung. Die Frauenfrage eine Zeit-, Streit- und Lebensfrage für Volkstum, Staat und Kirche
- B. Ausführung:
 - I. Die neuzeitige Stellung, Leistung, Wertschätzung der Frauenwelt.
 - Die thatsächliche Lage. Beruf der Frau. – Ehe. – Ehehindernisse.
 - Die Unverheirateten. – Die thatsächliche Tüchtigkeit des weiblichen Geschlechts
 - II. Der Beruf der Frau . Was thut not? Hebung des Selbstbewußtseins in der Frauenwelt. – Berufspflicht für jedes Mädchen
 - III. Die allgemeine Dienstpflicht. Weiblicher Volksdienst. Allgemeine weibliche Berufsbildung. – Allgemeine Schulbildung. – Allgemeine Dienstpflicht. – Allgemeine Fortbildung und Ausbildung (três subitens)
 - IV. Allgemeine Folgen der allgemeinen weiblichen Dienstpflicht. Mitarbeit und Einfluß der Frau im Haus und Volksleben
- C. Schlußwort. Durchführbarkeit des Vorschlages

^{xlix} Lê-se, no original: “Der Ernst der Zeit, - trotz aller Freude über Deutschlands Heil seit jenen großen Tagen vor 25 Jahren, - mahnt daran, alle guten Kräfte des deutschen Volkes zu sammeln. Wackere Deutsche Gesinnung und wackeres deutsches Wirken müssen wir in allen Ständen suchen, wecken, anregen, um den äußerlich vollendeten Bau des Reiches auch innerlich kräftig, dauerhaft auszubauen. Die deutsche Volksseele ist tüchtig ihrer inneren, gottinnigen Natur nach, aber sie ist vielfach gehemmt durch eigenen und fremden Schaden. Es gilt darum, alle guten Triebe frei zu machen, alle schlechten möglichst zu unterbinden. Die deutsche Frauenwelt ist daran mitzuarbeiten vor allen berufen und befähigt. Die nachstehenden Gedanken über diese Mitarbeit der deutschen Frau sind zum Teil schon vor längerer Zeit niedergeschrieben, - sie ruhig auch fernerhin im Rasten (?) liegen zu lassen, schien, selbst auf die Gefahr hin, Vergebliches,

Unterfreuliches aber ‘Unausführbares’ damit zu fordern, nicht recht. Denn heute soll jeder Volks- und Vaterlandsfreund darreichen, was und soviel er vermag, damit die Volksseele zu echter Wiedergeburt sich durchringe. Ist’s Spreu, was er bietet, so wird’s verweht, ist’s Gutes, so kommt es allgemach doch zum Siege. So sind diese Blätter gemein, möchten sie so aufgenommen werden. Koblenz, am Sedantage 1895.”

ⁱ Argumento no original: “Unsere Zeit steht voller Fragezeichen; denn sie ist eine Übergangszeit, worin das Alte nicht mehr von Bestand zu sein scheint und Neues nach der Erscheinung ringt. Die beiden wichtigsten der sogenannten Lebensfragen unserer Zeit, - die soziale und die nationale Frage, haben einen gemeinsamen Brennpunkt, - die Frauenfrage.”

^{li} Argumento no original: “Hat diese Mehrheit nun gar von Natur schon einen solch mächtigen Einfluß auf das Volksleben, wie eben das weibliche Geschlecht, so steht und fällt mit ihm Tüchtigkeit und Kraft des Volkes. Mit Recht sagt man: Wer die Jugend hat, hat die Zukunft! Nun wer hat denn mehr die Jugend in der Hand, als die Frauen?” (pp.1-2) “Die Mutter hat, besitzt das Kind als ihr unbedingtes Eigen, und in einer so innigen Weise, wie weder Mann und Vater, noch Staat, Gesellschaft und Kirche je nur die Jugend zu eigen haben können”. (ainda p.1). E também na página 10: “Vor allem aber stellt die ganze weibliche Eigenart sich als ein besonderer Segen und Vorzug dar, indem sie es ist, die mit ihrer Vorliebe für ein sinniges, stilles gemüthvolles Leben, mit ihrer Sorglichkeit nach Familiengemeinschaft und Häuslichkeit sich als die mächtigste und treueste Hüterin des Hauses, der Familie, dieser Grundmauer alles staatlichen, sozialen und kirchlichen Lebens, erweist.”

^{lii} Argumento no original: “Wie will man mit christlicher Erkenntnis, mit tief begründeter Sittlichkeit, ja nur mit sogenannter Humanität die landläufige Ansicht vereinbaren, daß das weibliche Geschlecht ein geringes, minderwertiges sei?” “Da ist doch wohl nichts anderes als ‘das Recht des Stärkeren’ der allein maßgebende Rechtsgrundsatz gewesen, - die unbewußte Nach- und Fortwirkung vorschriftlicher, orientalischer und südeuropäische Anschauungen, - und hat das Gesetz der Sitte und das daraus zu Unrecht abgeleitete Sittengesetz in der Frauenstellung festgelegt.” (pp.2-3)

^{liii} Argumento no original: “Je lebhafter die Freunde des Volkes es empfinden, wie dringen uns in Staat und Kirche, Gesellschaft und Familie eine möglichst bald hervortretende Gesundung not thut, - um so schmerzlicher, ja lähmender wirkt die Erkenntnis, daß die Mehrheit des Volkes, - die Frauen, teils ohne Verständnis der Notlage, teils im Banne einer geistigen und rechtlichen Unfreiheit unfähig sind, an den hohen Aufgaben wirksam mitzuarbeiten; zum mindesten fehlt es eben an einer zielbewußten Mitarbeit der Frauenwelt, fehlt ihr na Begeisterung für die hohen nationalen, sittlichen, religiösen Aufgaben, fehlt ihr an tief gewurzelter, klar bewußtem Pflichtgefühl, und in der Regel ist ihr Wirklen darum mehr den infinitiven Neigungen, persönlichen Launen und gewissen Zufälligkeiten ihres Geschmacks und ihrer äußeren Lebenslage unterworfen.” (p.4)

^{liv} Argumento no original: “Der Beruf der Frau im besonderen Sinne, nämlich Hausfrau und Mutter zu sein, ist des Weibes höchste Ehre und Krone. Darin offenbart sich auch stets die höchste weibliche Tüchtigkeit und Tugend, und vor einer treuen Mutter Würde und Leistung beugt sich auch des edelsten Mannes höchste Ehre und größter Erfolg. Die Weltgeschichte ist des Zeuge – zumal für die christlich germanische Welt. Doch gerade die neuzeitige Entwicklung hat diesen eigentlichen und herrlichsten Frauenberuf sowohl nach Inhalt wie Umfang sehr beeinträchtigt.” Com a mudança dos tempos, tanto homens quanto mulheres estão entrando despreparados no casamento.

^{lv} Argumento no original: “Unter hundert bleiben je 25 sämtlicher Heiratsfähigen des weiblichen Geschlechts statistisch nachgewiesen unverheiratet; ja in den höheren Ständen verschiebt sich dies Zahlenverhältnis noch weit ungünstiger, - fast 50 von Hundert bleiben da unverheiratet” (Fabarius, 1895, p.6).

^{lvi} Argumento no original sobre a preguiça das classes mais altas (“Zahllose der jungen Mädchen führen in diesen Ständen ein müßiges Drogenleben, wobei sie meist mit unbefriedigender Tändelei oder viel beschäftigttem Nichtsthun sich über die gähnende Öde und Langeweile ihres Daseins mühselig hinweg zu täuschen versuchen – und die besten, edelsten unter ihnen leiden am meisten unter diesem Elend!” (Fabarius, 1895, p.6).

^{lvii} Argumento no original: “Die Sozialdemokratie weiß sehr wohl, was sie thut, wenn sie – unter geschickter Benutzung der neuzeitigen Frauenfrage – die Gleichheit und Gleichstellung der Frauen mit den Männern erkämpfen will unter völliger Mißachtung und Verwerfung der besonderen weiblichen Eigenart und der den Frauen eigentümlichen Tugenden und Bedürfnisse. Sie weiß, wenn es ihrer sozialistischen Schere und Zwangsjacke gelänge, die eigenartigen Vorzüge des

Weibes zu gunsten einer mann-weiblichen Zwitterart zu zerstören, - daß dann die christliche Familie, das Deutsche Haus fortan zum alten Gerümpel der deutschen Volkswirtschaft und menschlichen Gesellschaft gehören würde. Sehen wir denn nicht, wie hier vielleicht die drohendste Gefahr für die Volksgesundheit und –gesundheit liegt? Die heutige Sozialdemokratie ist ja nichts anderes als die vornehmste, folgerichtigste Vertreterin des Materialismus, und unfraglich die weibliche Art darin ihre hartnäckigste Gegnerin, deren natürliche Tugenden ihrem Vorbringen einen schwer besteglichen passiven Widerstand entgegensetzt. Gelingt es dem sozialdemokratischen materialistischen Geist, unter der trügerischen Flagge des Kampfes um die Frauenrechte im weiblichen Geschlecht größeren Einfluß zu gewinnen, dann wäre damit nicht nur gegeben ein zeitweiliger Sieg der Revolution, - die thut nur vorübergehenden Schaden, hat keine Lebenskraft in sich selbst -, nein dann würde vornehmlich der Materialismus als die bereits im Sterben liegende herrschende Weltanschauung sterbend noch unser Volk bis ins Mark vergiften, wie er im vorigen Jahrhundert die französische Frauenwelt durchseucht hat, woran Frankreich bis heute noch krankt, - vielleicht für immer krankt, den die Volksseele ist dadurch an ihrer zartesten Stelle verletzt worden. Es heißt daher der flappernden Mühle der materialistischen Sozialdemokratie das Wasser abgraben, wenn man die übliche Mißachtung, lächerliche Zurücksetzung und heidnische Einengung des weiblichen Geschlechtes durch eine besonnene, vorurteilsfreie Mitarbeit an der Lösung der Frauenfrage durch eine Anerkennung und Heilung der vorhandenen Schäden beseitigt. Nicht Frauenemanzipation! So undeutsch wie dieses Wort in der Form ist und undeutsch in der ihm zu grunde liegenden Anschauung, so undeutsch ist auch die bisher vorwiegend hervortretende Erscheinung der sogenannten Frauenemanzipation! (Fabarius, 1895, pp.10-11)

^{lviii} Argumento no original: “Wohl aber thut not eine allgemeine Hebung der Frauenstellung. Gegenüber der einseitigen Bevorzugung des männlichen Geschlechts in sozialer, rechtlicher Würdigung, in Erziehung und in Arbeit gilt es, thatsächlich ernst zu machen im Staats- und Volksleben mit der Anerkennung, daß das weibliche Geschlecht seinem Wert und seiner Würde nach gleichberechtigt ist”(Fabarius, 1895,p.11).

^{lix} Tradução livre do original em alemão: “(...) Allgemeine Schulbildung, - allgemeine Dienstpflicht! Das ist die Lösung! Das Weib ist Glied des Volkes, so gut wie der Mann, und ein eben so wertvolles. So ist’s alte deutsche Anschauung. Mag der Orientale die Frauen in seiner schlaffen, entnervenden Harems- und Schleiervorgenheit halten, - uns sollen die deutschen Frauen sein, bleiben und immer mehr werden Mitarbeiterinnen, kernhafte Genossinnen des Gesamtlebens“ (Fabarius, 1895, p.18).

^{lx} Argumento na íntegra: “Mit Beginn dieses Sommersemesters blicken wir zurück auf den Abschluß eines bedeutungsvollen Jahres. Am 23. Mai vor 10 Jahren wurde dieses Werk im Schlosse zu Neuwied gegründet; am 1. Juli 1898 ergriffen wir Besitz von dieser Stätte alter deutscher Kulturarbeit, um neues Leben aus den Ruinen machen zu lassen, um für neudeutsche Kulturarbeit eine Pflanzstätte zu stiften. Fabarius, E. Der Deutsche Kulturpionier, 1907/1908, p.7.

^{lxi} Argumento na íntegra:“Freilich, wir haben auch große und reiche Hülfe allzeit gehabt, Hülfe und Vertrauen seitens der weitsichtigen, nationalführenden Kreise unseres Volkes, insonderheit im letzten Jahre durch die hohe Ehre des Besuches Ihrer Majestät der Kaiserin, welche von dem Tage an mit wertvollen Zeichen Ihrer p.8 Huld und Anerkennung sowie mit gnädiger Fürsprache der Kolonialschule Allerhöchst hat Ihre Förderung zuteil werden lassen”. Fabarius, E. Der Deutsche Kulturpionier, 1907/1908, pp. 7-8.

^{lxii} Argumento na íntegra: “Aus dem letzten Bericht des Kulturpioniers habe ich ersehen, wie Ihr Herr Direktor darauf hinweist, daß hier in der Schule keine Stelle ist für Müßiggang, und daß, wer die Hand an den Pflug legt, nicht zurückschauen darf. Sie nun alle haben die Hand an den Pflug gelegt, und Sie alle dürfen nicht mehr rückwärts schauen. Wer einmal in die Kolonien geht, der muß voraus und nach oben schauen, sonst kommt er unter die Räder. Der Kolonialdienst ist ein schöner und schwerer Beruf, aber wer ihn erfaßt mit Mut und Vertrauen, wie ich das von Ihnen allen hoffe, der wird draußen auch voran kommen und seine Freude daran haben. Und zur Erinnerung an den heutigen Tag stifte ich der Kolonialschule diese Uhr, die Ihrem Herrn Direktor Veranlassung gegeben hat zu den ersten Ausführungen, die mir tief ins Herz gedrungen sind, und so hoffe ich deren Wirksamkeit an Ihnen, daß Sie Ihrem Herrn Direktor, diesem treuen und liebevollen Meister, nachzufolgen und ihm und dem deutschen Volke Ehre zu machen, sich bemühen werden. Lassen Sie alle sichs gut gehen, und denken Sie später einmal an die Stunden, die Sie hier verlebt haben!” (Fabarius, E. Der Deutsche Kulturpionier, 1907/1908, p.8)

^{lxiii} Argumento na íntegra:“Schließlich wurden noch sämtliche Räume der Frauenschule besichtigt, wobei Ihre Majestät Ihre Freude über das Bestehen dieses neuen Zweiges ausdrückte und sich

gleichzeitig unterrichten ließ über die praktische Tätigkeit der Kolonial-Frauenschülerinnen, namentlich über deren Arbeit in der Stellmacherei und Geflügelzucht. Beim Abschied von der Frauenschule sprach die Kaiserin den Wunsch aus, daß die Anstalt glücklich weiter gedeihen und sich aus den jetzigen kleinen Anfängen heraus ebenso entwickeln möge, wie es die Kolonialschule getan hat.” (Fabarius, E. Der Deutsche Kulturpionier, 1907/1908, p.12).

^{lxiv} Argumento na íntegra: “Dieser Deine Versuche in der Pflanzstätte redlicher deutscher Koloniarbeit bringen Dir viel dankbare Liebe und werden unserer p.13 kolonialen Zukunft zum Segen werden. Dich bittend, auch der jungen Frauenschule Deine Fürsorge zuzuwenden, (...)”

^{lxv} Argumento na íntegra: “Wir sind uns bewusst, und die Erfahrung hat uns darin recht gegeben, daß die Deutsche Kolonialschule ein, wenn auch noch bescheidenes, aber unentbehrliches Rad in dem großem, kräftig arbeitenden Getriebe unserer Weltwirtschaft und nicht minder in dem neue Kraftströme suchenden Rangwert unserer Volkserziehung und Jugendbildung ist.” (Fabarius, 1907/1908, p.13).

^{lxvi} Die Deutsche Kolonialschule hatte lediglich, um dem jungen Unternehmen die Anfangszeit zu erleichtern, ihrer Lehr- und Unterrichtsmittel der Frauenschule zur Verfügung gestellt. Nach der einstimmigen Ansicht des Aufsichtsrates der Kolonialfrauenschule haben sich die bisherigen Einrichtungen, namentlich die bisherige Leitung der Frauenschule, nicht bewährt.

^{lxvii} Es sind, namentlich in letzterer Beziehung, derartig erhebliche Mißstände, zumal im Verlauf des letzten Jahres, zu Tage getreten, daß eine Fortführung der Anstalt unter den bisherigen Bedingungen sich als durchaus unzweckmäßig erwiesen hat. Da andererseits nach der Ueberzeugung des Kuratoriums wie der Leitung der Deutschen Kolonialschule die opferwilligen Dienste, welche unsererseits der Frauenschule bisher geleistet worden sind, im Hinblick auf die starken pädagogischen Fehler der Leitung der Frauenschule nur Hemmungen für die Kolonialschule zur Folge gehabt haben, so ist eine Verlegung der Frauenschule für uns nur gut.

^{lxviii} Tradução do original em alemão: “(...) langjährige eigene Erfahrungen in Neu-Guinea, Ceylon und Deutsch-Ostafrika besaß und während der letzten Jahr als Leiterin der Orstgruppe Weimar des Deutsch-Evangelischen Frauenbundes gewirkt hatte” (p. 64).

^{lxix} Sobre a diferença entre ‘espaços’ e ‘lugares’, uma ponderação: “Since space is conceptualized in terms of the interrelation of certain social forces, place is theorized as an articulation of certain social relations of the spatial at a particular moment. As Linda McDowell has put it, we should think of place as ‘the grounded intersections of a whole variety of flows and interactions that operate over a range of spatial scales’ (McDowell, 1999, p.6).

^{lxx} Conforme a ideia de Lieblich, Tuval-Maschiach & Zilber (1998, p.113): “Another method for the selection of categories, however, is to read the subtext as openly as possible and to define the major content categories that emerge from the reading. This process is closely linked to the next stage, of sorting the material into categories. In practice, it is a circular procedure that involves careful reading, suggesting categories, sorting the subtext into categories, generating ideas for additional categories or for refinement of the existing ones, and so on. The approaches that use predefined, theory-based categories as opposed to empirical categories, as suggested by the text, are not as different (...)”.

^{lxxi} Conforme a ideia de Lieblich, Tuval-Maschiach & Zilber (1998, p.144): “(3) *Sorting the Material into the Categories*. At this stage, separate sentences or utterances are assigned to relevant categories. While the utterances may all be from a single story, categories may also include utterances by several different individuals. This process-as well as the definition of content categories-can be performed by one or more researchers. (...)the contents collected in each category can be used descriptively to formulate a picture of the content universe in certain groups of people or cultures. When specific hypotheses have been stated by the researcher, they can be tested at this stage”.

^{lxxii} Tradução livre do original em alemão: “(...) einerseits als Investitionsgebiete für Unternehmensobjekte, andererseits als Siedlungsgebiete für Landwirte, Handwerker und Beamte dienen. So kam es in einer Phase der Inbesitznahme in den 188er Jahren zum Erwerb von Gebieten im Pazifik und in Afrika, unter denen Südwestafrika, Ostafrika und Kamerun als die drei größten deutschen Kolonien die meiste Bedeutung besaßen” (Idem, ibidem).

^{lxxiii} Tradução livre do original em alemão: “(...) die militärisch-moralistischen Maximen, von der Männerschule auf die Frauenschule übertragen, und das autoritäre Verhalten des Leiters der Männerschule, des evangelischen Theologen Ernst Albert von Fabarius – er konnte Helene von Falkenhausen nie gleichrangig akzeptieren – sowie ein nur von Männern besetztes Kuratorium, aber auch der überfrachtete Lehrplan ließen das erste Experiment einer Kolonialfrauenschule rasch scheitern (p. 74).

^{lxxiv} Sobre a participação de Ida von Kortzfleisch no movimento de formação para mulheres, ao lado de outras feministas contemporâneas: “Ida von Kortzfleisch gehörte zu den wichtigen Persönlichkeiten der bürgerlichen Frauenbildungsbewegung des ausgehenden 19. Jahrhunderts, die als Frauenberufsvereine (Helene Lange), sozialreformistisch tätige Frauenvereine (Minna Cauer und Alice Salomon) und Frauenbildungsvereine (Lette-verein) die Gleichberechtigung der Frau erstrebten. Im Gegensatz zur sich zeitgleich entwickelnden sozialistischen Frauenbewegung, die eine Systemveränderung erreichen wollte, arbeiteten diese bürgerliche Frauengruppen jedoch weitgehend systemerhaltend” (Blisch, 1996, p.75).

^{lxxv} No original em alemão, afirma-se que elas tinham à disposição “(...) eine umfangreiche Bibliothek mit kolonialer Literatur und allen wichtigen, in den Kolonien erscheinenden Zeitungen. Darüber hinaus gab es eine Schulsammlung kolonialer Erzeugnisse, die als Anschauungsobjekte dienen konnte” (p. 76).

^{lxxvi} Algumas informações sobre as quatro primeiras alunas da escola de Bad Weilbach e seus destinos: “Im Oktober 1911 hatten sich vier Schülerinnen an der neu eröffneten Schule angemeldet: Anna von Rappard aus Schveningen (die sich nach Mexiko verheiratete), Wilhelmine Deinhardt aus Darmstadt (die mit ihrem Bruder nach Texas auswanderte), Hildegard Mautz aus Hannover (die auf eine Farm nach Deutsch-Südwestafrika heiratete) und Veronika Müller aus Zwickau (die im Heimathaus des Frauenbundes der Deutschen Kolonialgesellschaft in Deutsch-Südwestafrika eine Anstellung fand). Im Herbst 1912 bewarben sich acht Schülerinnen um die Ausbildung, Ostern 1913 kamen noch einmal sechs dazu” (p. 77).

^{lxxvii} Eine von der Vorherrschaft des weißen Mannes und der Kolonialidee überzeugte Regierung benutzte die angesehene Frauenschule um Kolonialpolitik zu betreiben, wie sich die Frauenschule ließ, da sie auf diesem Wege staatliche Zuschüsse erhielt und Ansehen in den damals höchsten Kreisen gewann” (p. 78).

^{lxxviii} Tradução livre do original em alemão: “1931 begann ich mit rasekundlichen Belehrungen, angeregt durch eigene Beobachtungen über den Niedergang des niederdeutschen Stammes durch Rassenmischung in Südafrika und durch Erfahrungen in Südwest (Bastardenfrage, Heiraten von Schutztrupplern mit Bastardenfrauen). 1933 wurde dieser Unterricht zu einer systematischen *Rassenkunde* erweitert; (...) 1933 begann auch ein geregelter Unterricht in Vererbungslehre und Erbgesundheitslehre” (p. 79).

^{lxxix} Tradução livre do original em alemão: “wie die deutschen Frauen die Afrikaner darstellten, hatten vor allem damit zu tun, wie sie sich selber sehen wollten. Je ungebildeter die Afrikaner beschrieben werden, desto gebildeter konnten sich die deutschen Frauen fühlen. Je unselbstständiger, je kindlicher und je fauler die Afrikaner, desto mehr kontrollierende ‘Herrin’ war die Farmersfrau. Je schmutziger die Angestellten, desto blütenweißer leuchtete die Schürze der deutschen Hausfrau” (Siegle, 2004, p. 127).

^{lxxx} Tradução livre do original em alemão: “Das Kapitel dieser besonderen Art von Frauenbildung begann im ersten Jahrzehnt diese Jahrhunderts und fand seinen Abschluß am Ende des zweiten Weltkrieges. Eine spezielle Ausbildung für Frauen, die sich auf eine Tätigkeit in hauswirtschaftlich-ländlich, überseeischen Siedlungsgebieten ausrichtet, gibt es heute nicht mehr. Nach wie vor aber gibt es Mädchen und Frauen, die eine Tätigkeit in den ländlichen Bereichen fremder Länder anstreben. Insofern ist die Frauenbildung hier nur in ein neues Stadium getreten” (p. 4).

^{lxxxi} Tradução livre do original em alemão: “Aus zahlreichen uns vorliegenden Unterlagen haben wir versucht, die Geschichte der kolonialen Frauenschulen zusammenzustellen. Manches, besonders in den Anfängen, muß offen bleiben, weil Akten, Prospekte und Jahresberichte nicht lückenlos aufgefunden werden konnten. Trotzdem hoffen wir, mit dieser Darstellung die Geschichte der kolonialen Frauenschulen in ihren Grundzügen festgehalten zu haben. Zum besseren Verständnis der Zusammenhänge wurde auch etwas der allgemeine zeitgeschichtliche Hintergrund (sic) in die Darstellung mit einbezogen. In allen Teilen unseres Berichtes waren wir um allgemeine Verständlichkeit bemüht” (Idem, ibidem).

^{lxxxii} Tradução livre do original em alemão: “Die 1908 in Witzenhausen gegründete Kolonial-Frauenschule, eine Frauenfachschule, in der eine ländlich-hauswirtschaftliche Ausbildung mit der Ausrichtung auf eine Tätigkeit im Übersee vermittelt wurde, verdankt ihre Entstehung dem Zusammentreffen zweier zeitgeschichtlicher Tatsachen: zum einen der wachsenden Nachfrage durch Mädchen und Frauen nach Fortbildungsmöglichkeiten über die allgemeine Schulpflicht hinaus und zum anderen der Ausdehnung der deutschen überseeischen Siedlungsgebiete, - vornehmlich, aber nicht nur – in den deutschen Kolonien”.

^{lxxxiii} Tradução livre do original em alemão: “Während aber die ländlichen Haushaltungsschulen Mädchen aus bäuerlichen Betrieben ausbildeten, waren die ‘Wirtschaftlichen Frauenschulen auf dem Lande’ für ‘Töchter aus gebildeten Kreisen’ gedacht, deren Herkunft und Standesbewußtsein bis dahin eine Berufsausbildung und Berufsausübung unmöglich machten” (p. 8)

^{lxxxiv} (“(...) Geselligkeit wurde gepflegt und Beziehungen zur umliegenden Bevölkerung unterhalten”).

^{lxxxv} Tradução livre do original em alemão: “Es waren vielfältige Ideen über Erziehungs- und Ausbildungsformen für junge Mädchen, welche schließlich zur ersten Gründung einer kolonialen Frauenschule führten. So waren die Vorschläge Ida von Kortzfleischs, welche zur Entstehung der ‘wirtschaftlichen Frauenschulen auf dem Lande’ führten, aus einer allgemeinen, seit Beginn der 1890er Jahre intensiv geführten Diskussion über eine ‘weibliche Dienstpflicht’ entstanden. Zu diesem Thema erschien 1895 eine weitere Schrift: ‘Die allgemeine weibliche Dienstpflicht’ von einem evangelischen Theologen und Pädagogen, Ernst Albert Fabarius (1859-1927)” pp. 8-9

^{lxxxvi} Tradução livre do original em alemão: “Als Divisionspfarrer (1891-1899) fand er Zeit, sich mit verschiedenen Erziehungsfragen und Vorschlägen für Schulgründungen auseinanderzusetzen, wobei seine eigenen Erfahrungen mit Internatsschulen und der Erziehung junger Männer miteinfließen konnten. In seiner Schrift zur weiblichen Dienstpflicht schlägt er Bildungsanstalten vor – er nennt sie Mädchenstifte -, in denen Mädchen eine Fort- und Berufsausbildung erhalten sollten. Seine Vorstellungen beruhen dabei auf einer allgemeinen Dienstpflicht für Mädchen, die dort abgeleistet werden sollte, und nicht auf der Ausübung eines freiwilligen Dienstes. Es ist anzunehmen, da ihm die Aufsätze Ida von Kortzfleischs, die kurz vorher (1894) in der ‘Täglichen Rundschau’ erschienen waren, bekannt waren. Er gehörte ja wie sie zu den gleichen norddeutschen, protestantischen Beamten- und Offizierskreisen, in denen diese Zeitung gelesen wurde” (p. 9).

^{lxxxvii} Tradução livre do original em alemão: “Zur gleichen Zeit hatte er sich intensiv mit dem Gedanken der Erziehung der Jugend zur Kolonial-Arbeit befaßt und machte 1896 Vorschläge bei der Deutschen Kolonialgesellschaft zur Gründung einer entsprechenden Anstalt. In einer ‘Deutschen Kolonialschule’ sollten junge Männer moralisch, kulturell und technisch für eine Tätigkeit in den deutschen Kolonien ausgebildet werden. (...) “Nach der Gründung der ‘Deutschen Kolonialschule’ verfolgte FABARIUS nun ein ähnliche Ziel zur kolonialwirtschaftlichen Ausbildung von Mädchen. Ob er selbst dafür auch Witzenhausen vorgesehen hatte oder ob der Gedanke einer gemeinsamen Ausbildung in Witzenhausen an ihn herangetragen wurde, ließ sich nicht feststellen.” (p. 9).

^{lxxxviii} Tradução livre do original em alemão: “Entgegen dem Modell, welches er mit den ‘Mädchenschriften’ in seiner Schrift zur weiblichen Dienstpflicht entworfen hatte, stellten die beiden Schulen in Witzenhausen mit einem teilweise gemeinsamen Unterricht und gemeinsamer Arbeit für Schüler und Schülerinnen in den praktischen Betrieben noch wenig praktizierte Schulform dar. In Witzenhausen wurden dabei aber an die Schüler und auch an die Schülerinnen strenge disziplinarische Anforderungen gestellt, die keine wirkliche Zusammenarbeit erlaubten” (p. 10).

^{lxxxix} Tradução livre do original em alemão: “Seine Ideen waren zunächst mitbestimmend bei der Vorbereitung zur Gründung der Schule in Witzenhausen, und er bemühte sich auch um die Auswahl und Ausbildung der ersten Schulleiterin” (pp. 10-11).

^{xc} Tradução livre do original em alemão: “Als Zweck des Unternehmens wurde angegeben: Ausbildung deutscher Frauen für die deutschen Kolonien und Förderung ausgebildeter Schülerinnen” (...) “Geschäftsführerin blieb weiterhin die Witwe des Farmers Friedrich Freiherrn von Falkenhausen, Helene, geb. Nitze” (p. 12).

^{xci} Sobre a escola masculina e o desenvolvimento da escola feminina: “Die Entwicklung war keineswegs reibungslos verlaufen. Die Strafe von Fabarius verlangte Disziplinierung der Schüler ließ sich oft nur unter Schwierigkeiten durchsetzen. Er selbst berichtet in der Hauszeitschrift ‘Der Deutsche Kulturpionier’ unter der Rubrik ‘Rückblick und Ausblick’ wiederholt (1903/04 und 1905/06) von pädagogischen und allgemeinen Schwierigkeiten, die ‘durch wiederholtes energisches Eingreifen erst gebrochen werden mußten! Unter diesen Umständen ist es verständlich, daß die Gründung einer Frauenschule am Ort und bei gemeinsamer Benutzung der theoretischen und praktischen Ausbildung nur auf zögernde Zustimmung stieß”. p. 16

^{xcii} Tradução livre do original em alemão: “Gleichzeitig wurde der Beschluß gefaßt, die persönlich anwesende Vorsitzende des ‘Vereins für wirtschaftliche Frauenschulen auf dem Lande’, Ida von Kortzfleisch, um Vorschläge zur Angliederung einer Kolonial-Frauenschule an ihren Verband zu bitten. Damit war die Kolonial-Frauenschule in Witzenhausen aufgelöst, doch die Gesellschaft

blieb bestehen und arbeitete von nun an mit dem ‘Verein für Wirtschaftliche Frauenschulen auf dem Lande’ (Reinfensteiner Verband) zusammen” (p.13).

^{xciii} Tradução livre do original em alemão: “erfolgte die Neuorientierung sehr schnell mit Hilfe von Vorschlägen von Ida von Kortzfleisch. Ein Arbeitsrat wurde gebildet, in den nun auch endlich Fachleute berufen wurden, die nicht ‘Gesellschafter’ waren!” (p. 13).

^{xciv} “Die Kolonialschule-Frauenschule wird ab 1. Oktober 1911 an die in Weilbach zu errichtende wirtschaftliche Frauenschule angeschlossen. Der Lehr- und Unterrichtsplan greift von beiden Schulen ineinander” (Rommel & Rautenberg, 1983, p.14).

^{xcv} Tradução livre do original em alemão: “Erklärtes Ziel der Ausbildung war: ‘1. Die Ausbildung und Ausrüstung von deutschen Frauen für die Tätigkeit und das Leben in den deutschen Kolonien’. Dabei stellte man sich vor, daß diese Frauen und Mädchen als Bräute von Farmern, Stützen der Hausfrauen sowie Wirtschaftsschwwestern des Deutschen Frauenvereins für Krankenpflege ausreisen könnten. Den mit Erfolg ausgebildeten und charakterlich bewährten Schülerinnen wollte die Schule nach Möglichkeit bei der Ausreise und auch hinterher behilflich sein” (p. 17).

^{xcvi} Tradução livre do original em alemão: “sie hatten dort mir ihren Männern gefarmt, den Aufstand der Herero erlebt und waren nach Deutschland zurückgekehrt. Ihre Erlebnisse hatten sie in Büchern niedergeschlagen (...)” (p. 18).

^{xcvii} Tradução livre do original em alemão: “Schon drei Monate später, Ende Juli 1908, berichtete Frau Falkenhausen über Schwierigkeiten in der Zusammenarbeit mit der Deutschen Kolonialschule. Es wurde versucht, den Lehrplan zu ändern, aber zu schwerwiegend war offensichtlich die mangelnde Liberalität des Direktors gegenüber der Leiterin und die sich intern unter der Schülerschaft aufbauenden Unruhen. Es konnte nicht ausbleiben, daß auch die Mädchen in diesen Unruhe, Streiks und geplanten Demonstrationen Partei ergriffen. Frau Falkenhausen kündigte Anfang 1909 und kehrte nach Südwestafrika zurück, um dort die geplante Lehrfarm aufzubauen” (pp. 18-19).

^{xcviii} “Die Sache ist eben die, dass absolut kein Bedürfnis dazu vorliegt, höchstens für das zu besorgende Heiratsmaterial. [...] Wonach aber dringendes Bedürfnis vorliegt, das ist gute Ausbildung von Bastardenmädchen im Haushalt. Diese Mädchen sind sehr geschickt, bilden dann ein wirkliches Dienstoffvolk, wozu nach dem heutigen Stande der gesellschaftlichen Ordnung weisse deutsche Mädchen noch nicht verwendet werden dürfen. [...] Die Frau führt Haushalt hier wie dort; so grundverschieden sind die beiden nicht, dass dazu eine besondere Schule nötig sei. [...]” 4. Dok. 9: Zehnseitiger Brief eines ehemaligen (wahrscheinlich im Frühjahr 1909 ausgereisten) Schülers an Fabarius, o.D. (ca. Juli 1909) apud Böhlke, 1995, p. 61 (nota de rodapé).

^{xcix} “Durch die Unruhen unter den Schülern hatte die Kolonialschule unliebsame Publizität nach außen erfahren (Anfrage im Reichstag!). Trotzdem, oder wohl gerade, um den Direktor zu bestätigen, wurde der Verlegung der Frauenschule nicht zugestimmt (...)” (Rommel & Rautenberg, 1983, p. 19).

^c Do original em alemão: “Daß sich unter diesen Umständen noch einmal eine Frau zur Verfügung stellte, ist nur auf den Idealismus der hierfür angesprochenen Gräfin Zech, geborene Helms, zurückzuführen” (p.19).

^{ci} Do original em alemão: “Dort haben wir”, so schreibt sie in ihrem Lebenslauf, “im Zelt und Grashaus wohnend, das Leben nach Pflanzertum in seiner primitivsten Form kennengelernt” (p. 19).

^{cii} Tradução do original em alemão: “(...) die Schülerinnen der Kolonial-Frauenschulen sollen dazu vorbereitet werden, sich in den deutschen Kolonien als Farmgehilfinnen, Stützen der Hausfrau usw. nützlich zu betätigen oder auf eigenem Besitz durch Hauswirtschaft, Gartenbau, Kleinvieh-, Geflügel- und Bienenzucht sich eine Lebensstellung zu schaffen” (p. 21).

^{ciii} “Gemäß den Absichten der Frauenschulen, Mädchen und Frauen berufsfähig zu machen, wird auf dem Anmeldefragebogen auch gefragt: ‘Haben Sie die Absicht, durch den Besuch der Kolonialfrauenschule sich in den deutschen Kolonien erwerbsfähig zu machen?’”.

^{civ} “Als besondere Lehr- und Anschauungsmittel erhielt die Schule ein Gewächshaus, eine koloniale Bücherei, ein reichhaltiges Kartenmaterial und einen Erd-Globus. Auch wurde eine Sammlung kolonialer Erzeugnisse zusammengestellt” (p. 23)

^{cv} Tradução do original em alemão: Die Schulleiterin sah es weiterhin als ihre Aufgabe an, für die Schülerinnen, die dies wünschten, geeignete Stellen nachzuweisen. Zu diesem Zweck setzte sich der Aufsichtsrat der Gesellschaft Kolonialfrauenschule m.b.H. mit den Kaiserlichen Gouvernements aller Schutzgebiet in Verbindung, unterrichtete sie von der Einrichtung der Schule und bat um Benennung der Vertrauenspersonen. Auch mit den deutschen Ansiedlungen in

Südamerika knüpfte man Verbindungen an. Nachdem auf diese Weise die Ausbildung bekannt gemacht worden war, wurde ein Vertrag mit dem 'Frauenbund der Deutschen Kolonialgesellschaft' abgeschlossen, wonach dieser Vermittlung und Betreuung der fertig ausgebildeten Schülerinnen übernahm" (p. 23)

^{cv} Tradução do original em alemão: "Zwanglos, so scheint es, hat sich der Kolonialkursus in die Wirtschaftlichen Frauenschule in Bad Weilbach eingefügt. Im Gegensatz zur Schule in Witzenhausen hat er nach außen kein mißachtliches Aufsehen erregt, sondern wie alle anderen Frauenschulen eine qualifizierte Ausbildungsarbeit geleistet. [...]Der Gedanke, eine hauswirtschaftlich-landwirtschaftliche Ausbildung mit einem erweiterten Bildungsangebot zu verknüpfen, ließ sich in der Zeit vor dem ersten Weltkrieg offensichtlich besser in dem speziellen Bildungsbereich für Frauen und Mädchen verwirklichen, als in dem ewig unruhigen Witzenhausen. Daß der Gedanke dieses speziellen Bildungsangebotes in der Mädchenbildung einen neuen Weg eröffnete, hat sich dadurch bewiesen, daß auch ohne eigenen deutschen Kolonialbesitz diese Ausbildung in der Mitte der zwanziger Jahre ihre Fortbildung fand. Der Ausbildungsplan schon der ersten Kolonial-Frauenschule machte offenkundig, daß Mädchen und Frauen nun auch selbstständig allzu enge räumliche und geistige Grenzen überschreiten konnten" (Rommel & Rautenberg, 1983, p. 25).

^{cvi} Tradução do original em alemão: "Zahlreiche Veröffentlichungen über die ehemaligen Kolonien, Aufarbeitungen von wissenschaftlichen Forschungen, Romane, Erlebnisberichte und abenteuerliche Jagdschilderungen weckten oder stärkten das Interesse der Öffentlichkeit besonders für Afrika, aber allgemein nach der freieren Weite der neuen Welt. Der Erwerb von Kenntnissen über die ehemaligen Kolonien wurde bewußt gefördert. Die jährlichen Kolonialwochen, wechselnd in verschiedenen Städten abgehalten, wurden von Verbänden getragen, die ihre Arbeit auf Übersee ausrichteten" (p. 30). Tradução do original em alemão: "Die sehr bald wieder zu den überseeischen Vertrauenspersonen angeknüpften Kontakte zeigten, daß nicht allein in den ehemaligen Kolonien junge Mädchen und Frauen mit einer Ausbildung in ländlicher Hauswirtschaft erwünscht waren. Auch die neu in andere Überseegebiete auswandernden Familien waren ihrem Erfolg abhängig von der praktischen Fähigkeit, mit der die Frauen eine ländliche Hauswirtschaft unter fremden, oft primitive Verhältnissen aufzubauen verstanden" (p.31).

^{cvi} Tradução do original em alemão: "Unabhängig voneinander waren die Vertreterinnen (Herzogin Elisabeth zu Mecklenburg und Frau von Lekow) nach der Besichtigung überzeugt, daß Rendsburg der geeignete Ort für die Schule sei, besonders durch die repräsentative Lage an der vielbefahrenen, internationalen SchiffsstraÙe. Der Nord-Ostsee-Kanal verband Rendsburg mit der weiten Welt" (p. 33).

^{cix} "Der erste Prospekt zeigt bereits die Silhouette des Haupthauses der Schule und kündigt die Eröffnung zum Frühjahr 1927 an. Sprachlich war er dem kolonialen Anspruch kompromißlos verbunden in männlich markanter Wortwahl, so daß mindestens der Anfang einen männlichen Federführer vermuten lässt. Es werden Anspruch und Ziele der Schule beschrieben. Der praktischen Ausbildung wird der weiteste Raum gewährt, damit 'junge Mädchen in der Lage sind, sich überall, ob in Übersee oder auch daheim, ihren Lebensweg zu suchen'. An eine Berufsausbildung im eigentlichen Sinne ist dabei zunächst nicht gedacht, sondern nur an 'die Frauen und Mädchen, die sich der schönen Aufgabe widmen wollen, unseren Landsleuten in der Ferne treue Kameradinnen zu sein" (Rommel & Rautenberg, 1983, p. 40).

^{cx} E, a seguir, excertos de seu currículo enviado por carta que mostram que, ao contrário de ser um colono em fazenda remota, Helling era filho do diretor das Linhas de Ferro São Paulo e tinha tido uma carreira acadêmica e administrativa de peso no Brasil antes de assumir o posto em Rendsburg: "Seinen Werdegang bis zu diesem Zeitpunkt hat er selbst in einem Brief geschildert: 1897 wurde er in Castro, im Staat Parana, Brasilien, als Sohn des Mit-Erbauers und langjährigen Direktors der Eisenbahn São Paulo – Rio Grande geboren. Unterricht erhielt er zuerst von deutschen Hauslehrern; später besuchte er Realgymnasien in Berlin und Düsseldorf und machte 1914 sein Abitur. Er studierte anschließend in Berlin, München und Göttingen zuerst Technik und dann Landwirtschaft. Nach Kontakten mit dem Direktor der 'Kolonialschule' in Witzenhausen, Ernst E. Fabarius, hatte er sich für das Studium in Göttingen entschieden. Für seine Dissertation 'Vergleichende Studien über Siedlung in Deutschland und Deutsche Kolonisation in Südbrasilien' hatte er 1920 Material gesammelt und war zeitweilig auf dem staatlichen Versuchsgut Campinas unter der Leitung des deutschen Direktors tätig gewesen. 1923 doktorierte er bei Professor Seedorf in Göttingen, heiratete ein Jahr später Gertrud Seebald, die 'ebenfalls ihr landwirtschaftliches Staatsexamen in Göttingen abgelegt hatte'. 1924 begann das Paar im Südwesten des Staates São Paulo ein Waldgebiet von etwa 250 Morgen zu roden und zu bepflanzen. Aus dem dort

herrschenden ‘oft heißen und unregelmäßigen Klima’ war Frau Helling nach Nürnberg gekommen” (p. 49).

^{cx} “Bei der Suche nach der ersten Schulleitung kam dem Landrat Steltzer ein Zufall zu Hilfe. In Nürnberg las eine junge Pflanznerfrau von der in Aufbau befindlichen Schule in Rendsburg und von einem Landrat Steltzer, der dabei eine Rolle spielte. Sie war zur Entbindung ihres ersten Kindes aus Brasilien nach Deutschland gekommen. Nun ergriff sie ihr Töchterchen und reiste nach Rendsburg, um sich für ihren Mann und für sich selbst um die leitende Stelle zu bewerben. Ihr Mann, ahnungslos auf abgelegener Pflanzung, erhielt eines Tages ein Telegramm, ob er die Stellung annähme. Er wartete die brieflichen Einzelheiten und sagte zu. Auf diese Weise wurde Dr. Hans Helling, der Ende 1926 nach Deutschland kam, nach seiner Vorstellung bei Landrat Steltzer Schulleiter der neugegründeten Schule. Er schloß ‘mit dem damaligen Aufsichtsratsvorsitzenden der Kolonialen Frauenschule, Dr. Schifferer, einen zweijährigen Arbeitsvertrag als Leiter der neuen Schule” (p. 49).

^{cxii} “In den ersten Kursen waren relativ viele junge Mädchen aus Südwestafrika, gleichzeitig auch Töchter oder Verwandte von namhaften, dem kolonialen Gedanken z.T. aktiv verbundenen Persönlichkeiten” (p.52).

^{cxiii} “Schulische Vorbedingungen für den Besuch der Schule wurde im allgemeinen nicht gestellt, den deutschstämmigen Mädchen aus abgelegenen Gegenden, z.B. Paraguay oder aus deutschen Siedlungen in Brasilien, sollte die Schule ebenso offenstehen, wie Abiturientinnen aus Deutschland.” (p. 72).

^{cxiv} “Die Mädels aus den ehemaligen Kolonien hatten ja gelernt, ganz primitiv zu arbeiten und mit den gegebenen Verhältnissen fertig zu werden” (p. 53). “Absolventinnen der ersten Kurse waren bereits auf elternliche Betriebe nach Übersee zurückgekehrt oder erstmalig nach Übersee vermittelt worden. Dem Frauenbund und der Schulleitung lag daran, Kontakt mit den Kursabgängerinnen zu behalten, von ihren Erfahrungen zu hören, gleichzeitig auch deren Verbindung zueinander zu ermöglichen. Deshalb wurde eine Monatsschrift geplant. Hieran hat Fräulein Pahl neben Frau von Boemcken, der Vorsitzenden des Frauenbundes wesentlich mitgewirkt, soweit es ihre Arbeit betraf. Das Blatt ‘In alle Welt’ war als Monatsschrift der Kolonialen Frauenschule Rendsburg und der Jugendgruppen des Frauenbundes der DKG konzipiert (p.55).

^{cxv} “Neben dem Direktor, der aus einem allgemeinbildenden, schulischen Bereich kam, wurde die Schule entscheidend mit geprägt durch Lehrerinnen aus dem Bereich der landwirtschaftlichen Haushaltungskunde und der Gewerbelehre. So kam Hildegard Dreves, die sogenannte ‘Erste Lehrerin’ und Vertreterin des Direktors in seiner Abwesenheit, aus einer Reifensteiner ‘Wirtschaftlichen Frauenschule aus dem Lande” (p.58).

^{cxvi} Outras disciplinas cobertas por Karl Körner e uma assessora (Hildegard Pieth) nos anos de 1939 e 1940 (Studienassessorin) “Kolonialfragen, Nationalpolitischer Unterricht, Rassenkunde, Vererbungslehre, Erbgesundheitslehre, Erziehung und Unterricht in den Kolonien, Lektüre nationalsozialistischen Schriftentums, Probleme des Auslandsdeutschtums, Tropenhygiene, biologisch-chemisches Praktikum der Ernährungslehre und Gesundheitslehre, Haus- und farmtechnisches Praktikum, Portugiesisch, Kisuaheli, Otjiherero.” (p. 61).

^{cxvii} “Die letzten Schülerinnen – so berichtete eine Mitschülerin – verließen Rendsburg im Oktober 1945” (p.79). Nachdem die Umwandlung der Gesellschaft koloniale Frauenschule zu gunsten der Heimvolkshochschule erfolgt war, verließ der ehemalige Direktor und Geschäftsführer, Dr. Körner, im Oktober 1946, Rendsburg. Er übernahm eine Stelle als Direktor der ‘Meldorfer Gelehrtenschule’, einer Oberschule, wo er bis zu seiner Pensionierung tätig war” (Idem, ibidem).

^{cxviii} Tradução do original no alemão: “ Zur Neugründung einer Frauenschule mit den Ausbildungszielen ‘Tätigkeit in Übersee’ oder ‘Tätigkeit in der Entwicklungshilfe’ ist es nicht gekommen. Eine kurze, wenn auch inhaltsreiche Ausbildung, wie sie die kolonialen Frauenschulen angeboten hatten, konnte da nicht mehr genügen. Auch im Bereich der Frauenbildung setzte sich das Streben nach einer besser qualifizierenden Berufsausbildung durch. Eine selbstständige Tätigkeit von Frauen in der Entwicklungshilfe, außerhalb des eigenen familiären Rahmens, erscheint aber auch heute noch vielen Menschen unmöglich. Mit der Schließung der Schule in Rendsburg wurde ein eigenes Kapitel im Bereich der ländlichen Frauenbildung abgeschlossen und eine eigenständige Weiterentwicklung abgebrochen, die hier vielleicht einen Bewußtseinswandel hätte bewirken können. Die Anziehungskraft die diese Ausbildung ohne Zweifel auf viele Mädchen gehabt hat, lag sicher nicht zuletzt darin begründet, daß Unterrichtsfächer und Unterrichtsformen angeboten wurden, die dem Gesichtskreis sehr erweiterten. Für viele Mädchen bedeutete diese Schulzeit einen ersten Schritt in die Selbstständigkeit, in ein neues Selbstbewußtsein, welches

sicherlich auf oft in eine Suche nach noch mehr Ausbildung einmündete. Für diesen Weg waren die Gedanken und Mühen um die Gründungen und Führungen der kolonialen Frauenschulen nicht umsonst.”

^{cxxix} Tradução livre do original em alemão: “Während dieser Zeit in Süd-West und Ostafrika reifte der Ilan, denen draussen in jedem Jahr etwas von unserem Tun und Treiben in der Koloschule zu erzählen, denn jedem einzelnen zu schreiben, war mir ja nicht möglich, und so ist es heute der zwanzigste Brief, den ich auf die Reise schicke, der nun aber nicht mehr von unserer Schule erzählen kann, aber von vielen lieben Menschen, die dort in Rendsburg eine glückliche Zeit verlebt haben und die sich freuen, ab und an einmal von den Erlebnissen der anderen zu hören. Möge es mir auch vergönnt sein, noch viele Weihnachtsbriefe an Sie zu schreiben, denn auch ich habe meine Freude daran, mal wieder in Gedanken alle aufzusuchen, an die dieser Brief geht, und mich dabei hineinversetzt zu fühlen in die Familien, die hoffentlich alle gesund und zufrieden ein schönes Weihnachtsfest feiern können!”

^{cxxx} Tradução livre do original em alemão: “Hansel Kammer und Ruth Papa verwalten den Lady Store, Hygienic Milk Produkts Tanga während der Abwesenheit der Besitzerin, die um Februar zurückfährt und sich wieder eine Rendsburgerin mitnehmen will. Mariane Ritter studierte Medizin, verlobte sich mit einem Mediziner Lotar Bilz. Dagmar von Trotha hat auch geheiratet. Ina Konrad-Heine Marungu Estates Post Tanga II8. Hanna Steigerwald auch in Ost verheiratet. Lotte Müller verlobte sich auf der Ausreise mit Lukas Kranach. Hilde Damer ist veheiratet. Dore und Hanna Frowein-Werne waren zu Besuch in Deutschland, sind jetzt wieder in S-W. auf Farm Berg Aukas bei Grootfontein im Norden. Juliane Heintze lernt fotografieren. Hella Hering ist auf einem Gut bei Danzig.”

^{cxxxi} Tradução livre do original em alemão: “Am 4. März 1896 in Walsrode als Tochter eines Arztes geboren, besuchte sie ab 1913 die dem Reifensteiner Verband angehörende Schule in Maidburg. Zunächst wurde sie nahe der polnischen Grenze gelegene Anstalt nach Ausbruch des ersten Weltkrieges 1914 geschlossen, doch nach 6 Monaten wieder eröffnet. 1915 legte Frl. Dreves ihr Examen als Lehrerin der landwirtschaftlichen Haushaltungskunde ab, arbeitete dann zunächst in Hannover in einem von ihrem Vater eingerichteten Lazarett. Nach dem Krieg fand sie länger keine Stellung als Lehrerin und konnte schließlich mit finanzieller Hilfe ihrer Verwandten im ‘Heideheim Riethagen’, südlich von Walsrode eine Lehrwirtschaft unter Aufsicht des ‘Reifensteiner Verbandes’ übernehmen (29). Ihre Tätigkeit an der kolonialen Frauenschule begann sie am 1.10.1931. Vom 1. Juli 1935 bis 1. April 1937 unterbrach sie ihre Arbeit in Rendsburg und übernahm vertretungsweise für Fräulein Carola Wiss die Leitung einer kleinen, vom Frauenbund der DKG gegründeten Haushaltungsschule, die an das Bredow-Heim in Windhoek angeschlossen war. In der gleichen Zeit unterrichtete Fräulein Wiss in Rendsburg. In Windhoek hatte Fräulein Dreves auch den Kochunterricht zu geben. Sie lernte die Mentalität der Schülerinnen, die allgemeinen Verhältnisse und Land und Leute kennen. Auf zufällige Fahrgelegenheiten angewiesen, bereiste sie in den Ferien das Land. Außer Windhoek hat sich nicht weniger als 53 ‘Plätze’ aufgesucht (kl. Ortschaften und Farmen) (30). Ende 1936 reiste Frl. Dreves über Ostafrika zurück. Dort besuchte sie die verschiedenen Pflanzungsgebiete, so wie Gelegenheiten des Mitgenommenwerdens es ihr boten. Sie traf verschiedene Schülerinnen, sie brachte lebendige Anschauung und Anregung nach Hause. Sie kehrte gern in ihren Aufgabenkreis in Rendsburg zurück. Dort vermittelte sie nicht nur Wissen und praktische Erfahrungen, sondern führte auch einige schon in den Reifensteiner Schulen bewährte Organisationsformen und Erziehungsprinzipien ein. Eine solche war z.B. die Einteilung von häuslichen Routinearbeiten in sogenannte ‘Ämter’, welche die Schülerinnen wechselseitig zu erledigen hatten. Die Persönlichkeit dieser Lehrerin spiegelt sich in den ‘Rundbriefen’ wieder, die sie über viele Jahre an ehemalige Schülerinnen versand hat. Bis zu ihrem Lebensende hat sie und haben viele ihrer Schülerinnen mit ihr die persönlichen Kontakte gepflegt. Sie starb hochbetagt am 1.1. 1981”.

^{cxxxi} Tradução livre do original em alemão: “Wie sehr freue ich auch mich hier. In Deutschland über jeden noch so kleinen Kartengruss, der mir zeigt, dass hier oder dort jemand an mich und die Schule denkt, dass oder auch mehrere Alte sich getroffen haben und in alten Erinnerungen schwelgen an eine Zeit, wo sie wirklich noch so sorgenfrei leben konnten(...)”.

^{cxxxi} Tradução livre do original em alemão: “(...) viele kürzere und längere Briefe erreichten mich auch, dir mir mehr erzählten und oft interessant das Leben draussen und drinnen schilderten und in mir oft Erinnerungen weckten (...)”.

^{cxxiv} “(...) wie oft ich den Neuen daraus erzähle, sodass die Schreiberinnen helfen ein Band zu flechten zwischen der alten und der neuen Generation, ausserdem haben sie sehr viel beigetragen

zum Inhalt dieses Briefes, der nun ja vieles weitererzählen will von dem, was ich von den Alten gehört habe”.

^{cxxv} Tradução livre do original em alemão: “Allen lieben Alten und Uralten einen herzlichen Gruss, der in diesem Jahre allerdings etwas spät kommt aber, aber !! -- Sie wissen ja selbst, dass sich oft Hindernisse in den Weg stellen mit denen man nicht rechnet. Diesmal war es der uns all wohl etwas aus der Bahn werfende Krieg, der um Deutschlands Sein oder Nichtsein geführt wird, und von dem wir wissen, dass wir nicht klein begeben werden, und dass wir persönlich alles tun werden, dass diese Ziel erreicht werden kann”.

^{cxxvi} Tradução livre do original em alemão: “Von unseren Alten draussen wissen wir wenig. Ich hörte, dass Ursel Kämpf, die an der Schule in Lushoto war, mit einem italienischen Schiff zurückkäme. Vielleicht ist sie schon beidem Transport, der in den letzten in Berchtesgaden ankam. Wieviele alte Ostafrikaner haben nun schon zum zweiten Mal dasselbe Schicksal! Aber diesmal habe sie doch den Glauben, bald wieder nach drüben als in eine Deutsche Kolonie zurückkehren zu können! Wieviele von unseren Alten sind grade vor Kriegsausbruch drüben gelandet oder hatten sich dort grad eingelebt, so z.B. Brigitte Pachnio, die u Behnsens nach Windhuk fuhr, und wieviele haben drüben grade geheiratet, so Heidi von Schwerin und Hansel Kemmerl, viele sind jungverheiratet und sitzen mit ihren kleinen Kindern allein, während der Mann im Internierungslager ist. Zu ihnen allen gehen oft meine Gedanken, wenn jemand von Ihnen irgendwie in Verbindung mit ihnen kommen kann, dann schicke er doch diesen Brief zu ihnen”.

^{cxxvii} Tradução livre do original em alemão: “Zuerst möchten Sie sicher gerne hören von dem Leben und Treiben in Ihrer alten Koloschule, die sich ja in diesem Jahr schon wieder vergrößert hat durch das Bauen eines Gegenstückes von Klein-Windhuk, davon schrieb ich ja schon, es erhielt den Namen ‘Haus Tanga, hat unten ein schönes grosses Nähzimmer, das alte im Haupthaus ist ein geräumiges Lese- und Unterrichtszimmer geworden(...)”.

^{cxxviii} Tradução livre do original em alemão: “Tanzereien und Ausflüge unterbrachen wie in jedem Jahr die Arbeit, bis im September der Krieg sich bei uns bemerkbar machte, denn die Schule wimmelte von Sanitätern, die sich hier stellen musste die Schule wurde als Lazarett beschlagahmt, und nun war zur Prüfung das Nebeneinander von Lazarett und Schule(...)”.

^{cxxix} “Ende Oktober wurde die Beschlagnahme aufgehoben und wir konnten wieder mit dem Unterricht beginnen, sind vollbesetzt und arbeiten schon wieder auf eine Prüfung los. (...) Das Reiten ist jetzt in der Reithalle mit Militärlehrern und Militärpferden, das passt den Mädeln aber auch ordentlich, da bekämen Sie sicher Lust, mitzumachen. (...) Die Eider ist zugefroren, aber auf dem Kanal fahren noch Schiffe durch die Eismassen, die sie immer wieder in grossen Schollen aufbrechen. Oft haben wir die Kriegsschiffe begrüsst auf ihren fahrten gegen oder von England, wir sahen Prien mit seinem Uboot, sahen das grosse Lazarettsschiff Gustloff, dass polnische Verwundete hier im Hafen auslud und vieles mehr, die Sie ja auch fast alle kennen. Oft werden Ihre Gedanken zu diesen Erlebnissen zurückgehen und zu den Kameradinnen, die damals mit Ihnen das Zicke-Zacke riefen.”

^{cxxx} Tradução livre do original em alemão: “Ich gehe nun mal der Reihe nach durch und jeder muss sich dann seine Bekannten herausuchen. Wer fuhr nach draussen? Was sich verändert im dem Leben der hier und draussen Arbeitenden?” Imediatamente ela cita nomes de ex-alunas e o paradeiro delas: “Ost, Tanga, Arusha, Mweka perto de Moshi, Korogar, Dagaba” p2.. Também seguíram para “Südafrika”, um hotel na América do Norte, Bombaim, Gobabis, Farm Franken perto Outjo, Alemanha, Malente, um alojamento (Schülerheim) em Swakopmund, Windhuk, Farm Strampriet, V., Innsbruck” e algumas referências às atividades das alunas como “(...) secretária da Wehrmacht em Hamburgo, Schlesien, Sudetenland, uma ouriversaria em Essen, Kiel, Berlim, Viena, Kinderkrankenhaus Berlin, jardineira no Bodensee, Schleiz, Rostock, em Genua uma ex-aluna que está no hospital em Genua porque o navio em que estava sofreu um incêndio,, Würzburg, Tirol, Oldenburg, Bingen”. (p.3).

^{cxxxi} Tradução livre do original em alemão: “Allen denen, die ihr Liebstes, ihren Mann oder Verlobten, ihren Vater oder ihre Brüder draussen stehen haben, wünsche ich ein gesundes Wiedersehen mit ihnen nach einem siegreichen Kampf um Deutschlands Bestehen! Das möge GOTT uns geben! Ich grüsse Sie alle mit dem alten Kologruss Zicke-Zacke Heil!”

^{cxxxii} Tradução livre do original em alemão: “Allen liebe Kolonegern einen herzlichen Gruss der in diesem Jahr sich etwas spät auf dem Weg macht, (...) . Hoffentlich erreicht er sehr viele von Ihnen, soll er Ihnen doch auch gleichzeitig, danken für Ihr liebes Meingedenken, sei es nun durch Gruss, Karte oder Brief. Wo mögen viele von Ihnen stecken, die der Krieg aus den geplanten Wegen geschlagen hat, denen der Krieg Ihre Arbeitsgebiete draussen geraubt hat. Wie vielen von Ihnen

hat der Krieg tiefe Wunden geschlagen durch den Verlust lieber Menschen." P. 1 (...) "So fordert der Daseinskampf unseres lieben Vaterlandes viel Opfer. Wir trauern alle mit Ihnen, haben aber die feste Gewissheit, dass Ihre Opfer nicht umsonst gebracht worden sind! Möge uns dieses Jahr die sieghafte Entscheidung bringen und uns wieder unsere Arbeitsgebiete in eigenen überseeischen Gebieten öffnen".

^{cxxxiii} Tradução livre do original em alemão: "(...) Hier planen wir eifrig für den vergrößerten Einsatz von Koloschülerinnen in unseren eigenen Kolonien. Wenn Sie dann in einem Jahr mal wieder reinsehen in Ihre alte Koloschule, dann werden Sie wohl garnicht mehr erkennen, so wird sie gewachsen sein, um allen Anforderungen zu genügen, die ab Schluss des Krieges an sie herantreten, denn viele gutdeutsch Mädels wird man dann mit gründlicher Ausbildung in Uebersee gebrauchen können. Viele von den frühern Kursen und besonders von denen, die schon mal draussen waren, möchten sicher wieder hinaus, jedenfalls spricht das aus jedem Brief der Zurückgekehrten. Manche von ihnen haben uns hier besucht, z.B. Irmgard BODESTAB, war 14 Jahre in der Schule und erzählte viel von Ostafrika und ihrer Rückreise nach Deutschland. Von ihr und anderen, dass die meisten Mädels wieder aus Ost in Deutschland sind (...)" E na página 2: Die abenteuerlichste Reise machte wohl Brigitte PACHNIO, die im August 1939 nach Südwest ausfuhr, aber nicht mehr dorthin gelangte, sondern nach fast enjährigem Aufenthalte auf dem Schiff, in französischen Militärkonzentrationslagern in Zivilgefängnissen u.s.w. glücklich nach Deutschland zurückkam. Sie hatte eine schwere Zeit durchmacht, denn wie Behandlung der Deutschen in Frankreich war, wissen wir ja wohl alle.

^{cxxxiv} Tradução livre do original em alemão: "Ich freue mich, mal einen Nachmittag mit Ihnen kloehnen zu koennen und hoffe, dass Sie dieser Brief alle bei guter Gesundheit antrifft und bei einer Arbeit, die Ihnen Freude und Zufriedenheit gibt".

^{cxxxv} Tradução livre do original em alemão: "Am meisten von dem Krieg haben persönlich wohl in diesem Jahr erlebt: Ursela Schünemann und Herta Reiner-Hollmann. Ursel wohnte in Teheran und hat die ganzen Gemeinheiten der Engländer an den Deutschen im Irak miterlebt, jetzt ist sie mit ihrer Mutter und ihrem Bruder in Deutschland, der Vater ist von den Engländern interniert und der Verlobte musste flüchten, da er schon fünfmal auf der Liste des Sowjets stand. Herta Hollmann lebte in Niederländisch Neuguinea, wurde in Java interniert, ihr Mann woanders sie selber ist jetzt in Japan".

^{cxxxvi} Tradução livre do original em alemão: "Adventszeit! Schon wieder ein Jahr verflossen, seit ich Ihnen das letzte Mal gemeinsam schrieb, damals hofften wir in diesem Jahre auf einen Frieden. Wie sind die Monate dahingegangen, jeder wieder mit der ganzen Schwere des Krieges belastet, und wievielen von den Alten und Neuen hat in der Zeit schweres Leid getroffen durch den Verlust eines ihnen lieben Menschen! Meine Gedanken wandern mit Ihnen zu all den Leidtragenden, möge es Ihnen ein Trost sein, dass sie alle freudig ihr Leben gaben für Deutschlands Zukunft, und möchten wir alle ihnen danken für das Opfer, das sie gebracht haben, dass wir in der Heimat genau so treu standhalten wie sie es an der Front getan haben! Das soll unser Gelöbnis für das neue Jahr sein, das uns wills Gott, dem Frieden näher bringen möge."

^{cxxxvii} Tradução livre do original em alemão: "Das Jahr floss sehr ruhig ohne grosse Ereignisse vorüber, wir genossen Kolopfungsten wie in den anderen Jahren, freuten uns, wenn mal schönes Wetter war und hatten richtig tüchtig zu arbeiten, da der Mangel an Hilfskräften sich natürlich auch bei uns bemerkbar macht. Eine ruhigere Arbeitszeit verlebten wird, als im Oktober die Alten da waren, da die Neuen zum grössten Teil erst im November aus dem Arbeitsdienst entlassen wurden. Die Arbeit erinnerte mich an die vergangenen Zeiten, als ich vor über zehn Jahren hier anfang, und wir so ein kleiner Kreis waren. Wissen Sie noch, unsere politischen Abende in den Jahren 32-35? Da sind wir uns manchmal in die Köpfe geraten, aber schön war es doch!" (...)

(p.3).
^{cxxxviii} Tradução livre do original em alemão: "Besonders gefreut hat es mich, dass ich merkte, dass doch unter den einzelnen Kursen noch viel Zusammenhalt ist, dass dadurch der letzte Brief auch an Alte kam, an die er nicht adressiert war, und die mir dann so lieb ihre Freude über den Schreibebrief aussprachen und mir auch aus ihrem und der anderen Leben erzählten".

^{cxxxix} Tradução livre do original em alemão: "Dann erfreute die ganze Koloschule die Verleihung des eisernen Kreuzes 1. Klasse am Hanna Reitsch. Viele werden bei dem Lesen in der Zeitung an die allzeit fröhliche Hanna gedacht haben. Durch Frl. Dr. Schneider, die auch in diesem Jahr hier wieder ihre P4 Vorträge halt, hörten wir, dass Hanna bei der Landung des letzten Fluges verunglückt sei und dass sie schwer krank danieder läge. Wir wünschen ihr von ganzem Herzen, dass sie bald wieder vollauf gesundheitlich wieder auf der Höhe ist und wünschen ihr herzlich Glück zu der grossen Auszeichnung. Viele unserer Mädels arbeiten jetzt im Osten, so Sigrid Bartels-

Pohl, Edel Bumann, Lore Wahrenberger und Bertl Singer bei der SS in der Ukraine (Feldpostnummer 34546). Sie sind dort als Deutsche Landfrauen angestellt und haben mehrere Kocholsen unter sich.”. E com essas notícias (e mais a de que a colega Irene Willmanns havia se casado com um *Witzenhäuser*), desejou a todos, tanto os da Heimat quanto àqueles *draussen*, um feliz Natal”.

^{cxl} Tradução livre do original em alemão: “Wie oft gedachte ich da an die vielen Adventsfeiern der vergangenen Jahre; besonders an diejenigen vor dem Kriege,” P2 “als wir dann abends im Dunkeln vorm Hause standen, und in jedem Zimmer sah man die Adventskerzen ihr Licht um die Dunkelheit herausstrahlen”. “In diesem Jahre hatten wir gar keine Gäste, jedenfalls keine alten Schülerinnen, wohl aber 3 Soldaten, Brüder, Verlobten, Freunde.”

^{cxli} Tradução livre do original em alemão: “Denn der Krieg hat ja schon von manchem grosse und viel Opfer gefordert, über alle tragen es stolz in der Gewissheit, dass die Opfer nicht umsonst gebracht worden sind, sondern nötig waren, um uns den Weg zum Siege frei zu machen”.

^{cxlii} Tradução livre do original em alemão: “Wie stets in den Semestern hörten wir viel Vorträge vom Tropeninstitut und die kunstgeschichtlichen Vorträge von Frl. Dr. Schneider die auch in diesem Jahr ungeteilten Anklang fanden. Dann Vorträge von Konsul Aeldert-Nairobi, von der Universitätsgesellschaft u.s.w.”

^{cxliii} Tradução livre do original em alemão: “Einen sehr interessanten Vortrag hatten wir in der letzten Woche von Frau von Oeynhausens, Gauvorsitzende vom RKB in Ostafrika. Sie erzählte uns von ihrem dreimaligen Neuanfang drüben und von dem zweimaligen Vertriebenwerden durch die Engländer. Sie erzählte so lebhaft und mitreissend, dass wir gern noch länger als die zwei und eine halbe Stunde zugehört hätten. Auch Fräulein Dr. Schneider hält wieder ihre Kunstvorträge, diesmal über griechische Bauten und da sie selbst dort gewesen ist, ist es natürlich sehr anschaulich”.

^{cxliv} O trabalho estudantil em Warthegau já fazia parte do discurso em torno das atividades da escola desde 1940, segundo esse trecho da carta em que elas recebem uma representante estudantil justamente para falar acerca do tema. Tradução livre do original em alemão: “Die Studentenschaftsführerin aus Kiel sprach des öftern, einmal auch über den studentischen Einsatz im Warthegau, zu dem 6 Mädels in den Weihnachtstferien 6 Wochen gingen und zu dem sich für den Sommer wohl mehrere entschlossen haben, den jetzt denken sie schon viel an die Zeit nachher, da das Ende des Schuljahres vor der Tür steht und mit ihm auch wieder für uns der Wechsel der Schülerinnen”.

^{cxlv} Tradução livre do original em alemão: “Nun hat für uns die Vorweihnachtszeit begonnen! So viel ernster als in anderen Jahren! Unsere Gedanken waren beim Feiern viel draussen bei unseren tapferen Soldaten, die die ihren Einsatz es uns ermöglicht haben, auch in diesem Jahr eine schöne Adventsfeier zu haben”.

^{cxlvi} Tradução livre do original em alemão: “Jeder, der hier war, weiss, was für ein schönes Fest es ist, und keiner möchte diesen Tage in seinem Kolojahr missen. Wie manche der Alten schrieb schon, ob ich ihnen in diesem Jahr wohl wieder einen Weihnachtsbrief schreiben würde und ihnen erzählen von dem Tun und Treiben hier und von dem Ergehen so mancher alten Schülerin. Dank Herrn Albers Hilfe ist es mir möglich, Ihnen diesen Wunsch zu erfüllen und ihnen allen, die mich in diesem Jahr durch ihr Gedenken erfreut haben, einen gemeinsamen, herzlichen Gruss zu senden und Ihnen zu sagen, dass die Schule trotz des totalen Kriegs in vollem Umfange aufrecht erhalten bleiben soll, und dass sie auch wieder fast voll mit 100 Schülerinnen belegt ist. An manchen merken wir ja die Einschränkungen des totalen Kriegs, aber wie gerne nehmen wir sie auf uns, wenn wir dadurch auch dazu beitragen können, dass wir der Welt von Feinden Trutz bieten können”.

^{cxlvii} Tradução livre do original em alemão: “So geht das Jahr still zu Ende, das uns allen soviel Leid und Weh gebracht hat und trotzdem dürfen wir uns nicht verzagen und nicht den Mut verlieren, sondern müssen helfen, soviel in unseren Kräften steht, dass die Heimat nicht hinter der Front zurückbleibe, die so uebermenschliches zu leisten hat und doch den Kopf immer oben behält und auch nach Misserfolgen nicht kopfhängerisch wird. So möchten auch wir uns die Worte zu Herzen gehen lassen, die am ersten Advent gesprochen worden: Licht muss wieder werden nach diesen dunklen Tagen. Lasst uns nicht fragen, ob wir ersehen! Es wird geschehen!”

^{cxlviii} Tradução livre do original em alemão: “Ich schreibe ihnen von Klein-Windhuk aus, wohin mich der Wind nach 9 Monaten des Entferntseins von der Schule wieder verschlagen hat.”

^{cxlix} Tradução livre do original em alemão: “Doch nun zu unseren Erlebnissen hier im letzten Jahr. Weihnachten 1944 feierten wir noch zu mehreren in der Schule und es war so, als ob wir noch

einmal dort froh sein sollten, so verlebten wir das Fest friedlich und sahen, gut, dass wir nicht ahnten, wie bald wir unsere liebe Schule verlassen mussten”.

^{cl} Tradução livre do original em alemão: “Am 16. zogen de Flüchtlinge dann fort und es kamen nun nacheinander in das Gebäude die verschiedensten Dienststellen und Stäbe der SS, die ich gar nicht alle weiss weil es mich nicht mehr interessierte.

^{cli} “Und da ich weiss, dass sie sich alle, als alte Kolos nicht werden unterkriegen lassen, so wollte ich Ihnen gern diesen Spruch schreiben”.

^{clii} Tradução livre do original em alemão: “Der Abschied von der Koloschule ist mir schwer geworden, nicht so sehr der Arbeit (...) wegen, sondern weil ich nun Ihnen nicht mehr einen Stützpunkt anbieten kann, wenn Sie mal nach Rendsburg kommen und Ihrer alten Schule einen Besuch erstatten wollen.”

^{cliii} “Ich freue mich noch jetzt immer mal wieder, dass wir das Treffen durchgeführt haben, den nun, wo ich fort bin, wird es wohl so leicht nicht wieder möglich sein”.

^{cliv} Tradução livre do original em alemão: “Morgen ist der erste Advent! Wieviele liebe Erinnerungen hängen an diesen beiden Worten! Wieviele Erwartungen! Wieviele Wünsche und wieviel Hoffnungen! Ob sie immer erfüllt worden sind?”

^{clv} Tradução livre do original em alemão: “Sie sehen also, mit welchen Schwierigkeiten auch drüben zu kämpfen ist”. “Es ist nicht alles rosig(...).”

^{clvi} Tradução livre do original em alemão: “(...) denn drüben ist es nicht so, wie in Deutschland, dass eine Schwestern-schülerin freie Station hat und Taschengeld bekommt, sie müssen alles selber bezahlen. Ausserdem wurde ihr die Arbeit in Deutschland nicht angerechnet...”

^{clvii} Tradução livre do original em alemão: “Für viele ist das Leben jetzt leichter geworden und sie sehen frohen Herzens der Weihnachtszeit und dem neuen Jahr entgegen (...)”.

^{clviii} Tradução livre do original em alemão: “Annegret Engelmann, die 36 nach Südafrika gegangen war, und sich jetzt hat naturalisieren lassen und dadurch war eine Reise nach Deutschland ins ‘Brit Dominium Germany’!!! möglich. Sie erzählte von Jenne von Lieres-Theissen, dass sie sich nach dem Verkauf ihrer Farm und der Übernahme eines Hotels an der Pad von Süd nach Südwest schon gut wieder hochgearbeitet hat. Jenne selbst schreibt:”

^{clix} Tradução livre do original em alemão: “‘Sie würden staunen, wenn Sie sähen, was wir geschafft haben’. Und wer Jenne kennt, der wird es glauben!!”

^{clx} Tradução livre do original em alemão: “Ein andermal kam Reinhild Kirstein-Schlott mit ihrem 9jähr Sohn Volker mit dem sie während des Krieges mal einige Wochen in der Kolo war. Sie wollte im August nach Angola mit ihren beiden Kindern ausfahren, im dort die Pflanzung ihres gefallenen Mannes zu übernehmen, die von Eingeborenen verwaltet wird, nur der Schwiegervater sieht ab und zu nach dem Rechten, da die Farm aber so nah !!! liegt, dass Reinhild sich deswegen ihr Motorrad mitnehmen wollte, so ist sie natürlich zum grössten Teil wieder Wildnis geworden und Reinhild steht vor einem schweren Neuanfang, auch noch sehr einsam, die Verwandten hatten 8Mon keine Weissen auf Gesicht bekommen.”

^{clxi} Tradução livre do original em alemão: “Von Heidi Egner Fecht hörte ich, dass sie mit Mann und 3 Töchtern nach Afrika seien. Luzie Zarembo ist mit ihrer jüngsten Schwester nach Kanada. Gerda Waldt-Nelge hat ihre Ausreisepapiere nach Südwest zusammen. Und denkt Anfang des Jahres mit ihrem 10 jähr. Sohn auszureisen. Dass drüben auch nicht alles golden ist, ersehnen Sie aus einigen Briefabschnitten:”

^{clxii} Tradução livre do original em alemão: “Dass die Sorgen auch drüben nicht fehlen geht aus folgenden Briefen hervor: Berta Voigts Belinger schreibt: Wenn wir es als Anfänger auch besonders schön haben, so will es mir doch scheinen, als ob wir trotzdem trocken müssten, denn jetzt Ende Januar ist noch kein Regen gefallen und jeden Tag gehen Schafe ein. Doch dass sind Südwester Sorgen, die nie aufhören und hier im Süden erst recht nicht!”.

^{clxiii} Tradução livre do original em alemão: “Brigitte Kedziora-Haeling kam noch einmal von ihrer Ausreise nach Kanada mit Mann und Sohn Wolfgang 5J. Sie sind nun schon ganz gut hochgearbeitet haben. Leicht ist es ja nicht, das soll man immer wieder jedem sagen, der denkt, im Ausland es leichter schaffen zu können. Ja, wenn man sich vor keiner Arbeit scheut, wenn man in der ersten Zeit auf jede Annehmlichkeit verzichtet, ist drüben wie hier Aussicht auf Weiterkommen, das ist wohl überall dasselbe, es fliegen niemanden die gebratenen Tauben in den Mund (...)”.

^{clxiv} Tradução livre do original em alemão: “Der erste Weihnachtsgruss nicht mehr aus dem alten Schleswig-Holstein, sondern aus der schönen Barockstadt Fulda, in der ich seit Mai meinen Wirkungskreis habe. (...)”

^{clxv} Tradução livre do original em alemão: "In Einem hat dieser Brief eigentlich seine Daseinsberechtigung verloren, denn es sollte besonders Ihnen geschrieben werden von den Begebenheiten und Änderungen der Koloschule. Jetzt, da ich von Rendsburg fort bin, kann ich nicht mal vorher hingehen, durch den Betrieb laufen und sehen, ob alles noch so ist, wie zu unserer Zeit, oder was sich verändert hat".

^{clxvi} Tradução livre do original em alemão: "Sie haben eine gutgehende Farm mit Store, aber, trotzdem sie gerne draussen ist, meint sie doch nach 15 Jahren müsste man ja auch mal wieder etwas kältere Luft sich um die Nase wehen lassen können, denn das Leben dort reibt doch sehr auf".

^{clxvii} Tradução livre do original em alemão: "Von den anderen Südwestern weiss ich nichts Neues. Von Anita Deutsch bekam ich einen langen Brief aus Bolivien, aus dem Sie ersehen können, dass es auch vielen Deutschen drüben nicht gut geht und sie sehr um ihr tägliches Brot ringen müssen. Sie war 1945, kurz vor dem Eintreffen der Engländer aus der Schule abgehauen, um sich schwarz über die Grenzen zu schlagen, ..." (p.3).

^{clxviii} Tradução livre do original em alemão: "alles Schwere und alle Not der augenblicklichen Zeit und hervorbricht das Licht der Weihnachten, (...)"

^{clxix} Tradução livre do original em alemão: "(...) ist für 2 Semester auf der university of Arkansas und schreibt: 'Das Schönste ist, dass ich hier. kein Examen zu machen brauche, an meinen ausgewählten Vorlesungen teilnehme, in übrigen tue, wozu es mir treibt. (...)'"

^{clxx} Tradução livre do original em alemão: "Im letzten Jahr ist wieder einigen den Wunsch, nach Übersee zu gehen, in Erfüllung gegangen. So verpflichtete sich Clara-Maria Niemeyer (Heini) für drei Jahre nach Pretoria, wo sie in einem native hospital die Eingeborenen der Minen röntgt. Ursel Dickudt schreibt zufrieden aus England. Die Eltern möchten sie ja gern wieder in Peru haben, doch fürchtet sie sich vor dem tropischen Klima. Eva Höper und Elske Kramer sind nach Windhuk, SWA, letztere in eine Arztfamilie. Suse Hennies arbeitet als Gärtnerin in der Schweiz, hofft aber bald ihren Eltern, die nach Venezuela zurückgekehrt sind, mit ihrem Verlobten folgen zu können. Gerda Waldt-Welge, die im letzten Jahr mit ihrem 9jährigen Sohn zu ihren Geschwistern nach SWA fuhr, leitet jetzt das Knabenheim für die jüngeren, das dem Mädchenheim, dem Bredowheim, angeschlossen ist, und das untergebracht ist in der früheren Hedwig Heyl Haushaltungsschule, in der ich ja im Jahr 35/36 gearbeitet habe. Elise Ebert is aus der Schweiz wieder zurückgekehrt, Augenblickliche Arbeit weiss ich nicht. Erika Thiermann arbeitet in Santiago in einem Forschungsinstitut. Liesel Schack-Becker is von Windhuk fort auf die Farm Outjo bei Omaruru. Anita Deutsch La Paz, Bolivien, schrieb, dass sie einen Brief von Luzie Klose aus Buenos Aires bekommen hätte, sie hob ihr gutes Spanisch besonders hervor. Ob so viel von den Stunden in der Kolo hängengeblieben ist ????? Von Herta Blauch wurde mir geschrieben, dass sie nach Australien auswandere und sie dort wieder mit ihrer Mutter die ja die ganze Zeit in Ostafrika gewesen ist, wieder zusammenträfe und nun endlich nach langen Jahren wieder eine Heimat hätte. Herta hat sich hier in Deutschland nie recht einleben können und ist es ihr so besonders zu gönnen" (p.3).

^{clxxi} Tradução livre do original em alemão: "Sie schreibt auch von der furchtbaren Sandküste dort, Sie möchte nicht dort begraben sein, aber es sei ja gut, dass sie nicht dort fürs Leben gebunden ist".

^{clxxii} Tradução livre do original em alemão: "(Wer fühlt sich da zurückversetzt in den Handarbeitssaal in der Kolo??!) Na ja, wir haben ja gelernt, uns vor keiner Arbeit zu scheuen."

^{clxxiii} Tradução livre do original em alemão: "Irene Steinhorst schreibt von ihren ersten Eindrücken in SW: Sie haben es sehr gut getroffen und die Arbeit mache ihr Freude. Bald nach ihrer Ankunft war sie 3 Tage allein auf der Farm mit den beiden Jüngsten im Alter von 1 und 2 Jahren. Sie schreibt: Wenn man es sich überlegt, kommt es einem ganz komisch vor, dass der nächste Nachbar x Kilometer weit fort ist. – Landwirtschaftlich sei es einfach fabelhaft. Die Farm liegt auf einem Hügel, inmitten eines Hügelmeeres was einem aber erst bewusst wird, wenn man die Landschaft von der nahen Hügelkette des Hakos aus betrachtet. Von der Farm aus hat man einen schönen Blick über die Berge bis hin zur Namib hinein, auf den Gamsberg, einem Tafelberg, und auf die schroffe und öde Hakoskette. Für deutsche Begriffe ist das Land hier furchtbar öde, kahl und trocken, doch es hat seinen ganz besonderen Reiz."

^{clxxiv} Tradução livre do original em alemão: "Ausserdem sind die 'Fremden' nicht sehr willkommen".

^{clxxv} Tradução livre do original em alemão: "Lisel Bonheit: Seit 8 Wochen in Süd Ontario Kanada bin ich schließlich in Montreal gelandet, da es in dem kleinen Ort, wo ich untergekommen war keine rechte Arbeitsmöglichkeit gab. In Montreal wollte ich erst als Verkäuferin starten, doch sind die

Verdienstmöglichkeiten nicht allzu hoch, zudem steht der Winter vor der Tür, und so habe ich letzten Endes für den Anfang eine Stelle im Haushalt gewählt, um mich in 'sicherer p.4 Obhut' mit den hiesigen Verhältnissen vertraut zu machen. Es ist so manches anders in diesem Lande, und man muß Verschiedenes aus dem alten Europa vergessen, um das Neue mit offenen Sinnen und offenen Händen aufnehmen zu können."

^{clxxvi} Tradução livre do original em alemão: "(...)Liesel Fuchs' Start in Kanada war die Versorgung eines Haushaltes mit 1 Herrn, 14 (vierzehn) Dackeln und 2 Pferden. Sie ging ungern dort fort wegen einer Nervenentzündung im Arm, nahm andere Stellung auf dem Lande an, ging auch nicht, dann leichte Hausarbeit in Montreal. Dort hat sie auch für Agathe Wegenast Arbeit und Wohnung besorgt und sie in ihrem Bekanntenkreis eingeführt. Über eine Reise von Montreal nach Humboldt Sask schreibt Liesel: 'Die Fahrt von Montreal nach hier hat 3 Tage und 3 Nächte gedauert und war ein Erlebnis ganz besonderer Art. Ich habe eine kleine Ahnung von der Grösse dieses Landes bekommen, das unendlich ist. Wir fuhren durch unermesslich grosse Wälder, entlang grosser Seen und über zahlreiche Flüsse. Zum grössten Teil durch unbebautes Land. Kanada braucht nicht so viele Menschen um all seine Reichtümer erschliessen zu können.'" (p.7).

^{clxxvii} Tradução livre do original em alemão: "ist ja noch sehr wildreich, und es gibt grosse Gebiete, die noch garnicht erschlossen sind. In bestimmten Jahreszeiten kommen die Elefanten bis hier auf die Farmen und auch die Löwen beehren und zeitweilig sehr stark und schlagen viel Vieh".

^{clxxviii} Tradução livre do original em alemão: "Gisela Poerschkes Vater kehrte nach 4 ½ Jahren Buchenwald zu seiner Familie zurück." (p.4).

^{clxxix} Tradução livre do original em alemão: "Zum Schluss wandern meine Gedanken nochmal durch Deutschland und über die Meere zu allen liebe früheren Kolos, und meine besten Wünschen fliegen zu Ihnen hin."

^{clxxx} Tradução livre do original em alemão: "Wir haben ausgemacht, daß wir uns immer am ersten Sonntag im August treffen wollen. Im nächsten Jahr voraussichtlich wieder in Kleefeld."

^{clxxxii} Tradução livre do original em alemão: "Der Klimaumschwung grad jetzt von Eis und Schnee in die heißeste Tropenzeit war enorm!" (...) "Hier in Kikongo angekommen, feierte ich erst einmal Wiedersehen mit allen Dingen und den alten Negeren, die zu Hauf zur Begrüßung erschienen waren. Auch die Kisuahelisprache kehrte fast fließend und schnell in mein Gedächtnis zurück".

^{clxxxiii} Tradução livre do original em alemão: "Diese Art der Landausnutzung ist nun allerdings ein Versuch für dieses Küstengebiet und gründet sich auf die langjährige (seit 1907) Afrikaerfahrung meines Vaters und weckt starkes Interesse bei den Engländern, da Tanganjika an Lebensmittelsknappheit leidet (...)"

^{clxxxiv} Tradução livre do original em alemão: "Überhaupt stellen wir fest, daß hier im Lande die in geringen Mengen vorhandene gute Waren von: opt. Geräten über Kochtöpfe, Autos, Uhren, 4711 etc. bis Pelikanfüllhalter aus Deutschland kommt. An hiesigen schönen Dingen kann man sich eben Trophäen, Eingeborenengeräte, gute Stoffe, orientalische Möbel, Schmuck, Teppiche etc. und japanische und chinesische Sachen kaufen. Das Stadtbild z.B. Dar-es-Salams ist auch entsprechend 'bunt' und das Völkergemisch groß. Nur sind Städte in den Tropen, trotzdem sie kleiner sind als in Europa, noch unerträglich staubiger, so daß ich in Dar-es-Salam froh bin, wenn ich mich in den indischen Ozean stürzen kann. Allerdings bin ich durch meine 2 Rangen, die ich nicht immer die ca. 100 km hin- und herschleppen und auch nicht zu lange unter der Aufsicht der nicht grade klugen YaYa lassen kann, zu dem kleinen Haus meiner Eltern gekommen. So mangelt es einem hier doch etwas an Abwechslung, die nur ab und an (O, welche Freude!) durch aufkreuzende Besucher aller Nationen oder eine kleine Einladung zu unseren Nachbarn (Engländer und die die neue Straße nach Dar bauende Italiener) unterbrochen wird." (p.2).

^{clxxxv} Tradução livre do original em alemão: "--- Reindeutsche sind wohl zur Zeit in Tanganjika kaum 100. Deutschsprachige wie Schweizer und z.T. Holländer eine ganze Menge. Alle wollen, solange es noch möglich ist, hier in Afrika Geld verdienen und den heimatlichen europäischen Verhältnissen mit der vorhandenen Arbeitslosigkeit und Engigkeit entrinnen. Aber trotz aller Erfolge hat man doch immer Sehnsucht nach der Heimat, die man ja auch, besonders in den uns artfremden tropischen Gebieten, zur Erhaltung des seelischen Gleichgewichtes und der Arbeitsenergie, niemals vergessen darf!! Wir hoffen nun in ca. 3 Jahren unseren Heimaturlaub anzutreten und nach spätestens einem weiteren 3-4 jährigen Aufenthalt hier, auch im Interesse unserer Kinder, den Tropen-Arbeitsaufenthalt auf irgendeiner Art und Weise abschließen zu können" (p.3).

^{clxxxvi} Tradução livre do original em alemão: "Sehr interessant schrieb auch Eva Pack-Liedtke von den Verhältnissen in Süd-West, der Brief ist von Anfang des Jahres: Süd-West hat sich schon seit

den Jahren meines Hierseins (1937) kolossal entwickelt. Die Einwohnerzahl der grösseren Dörfer hat sich fast verdoppelt, es wird gebaut, überall gebaut”.

^{clxxxvi} Tradução livre do original em alemão: “Ende Januar habe ich schweren Herzens meine 2 großen Kinder 9 und 7 ½ Jahre nach Windhuk ins Schülerheim gegeben (der kleine Junge ist zu Gerda Waldd-Welge ins Heim gekommen), aber immer noch zu klein für eine Mutter, um sie gern in die Fremde zu geben. Aber das ist das Los aller Farmerfrauen hier!”

^{clxxxvii} Tradução livre do original em alemão: “In Barcelona arbeitet Lore Wahrenberger seit Anfang des Jahres. Sie hatte das Glück, bei einer bekannten Familie mit Hanna Reitsch zusammenzutreffen, und bewunderte, was für ‘ein Maß von Tapferkeit und Energie fordernde Leistungen diese kleine zarte Frau schon vollbracht hat. Haben Sie schon Hannas Buch ‘Fliegen, mein Leben’ gelesen? Jeder, dem ich es in die Hand drücke, liest es wieder gern. In vielem widerspiegelte sich für mich dann die quicklebendige Hanna wieder, die 1931/1932 in der Koloschule war und während der Zeit ihr erstes Segelflugexamen machte.”

^{clxxxviii} Tradução livre do original em alemão: “Zu Anfang und zu Ende meiner Reise war ich in New York, dieser atemberaubenden Metropole mit den Wolkenkratzern. Das höchste Gebäude der Welt (...) Dann war ich in Arlington (...) dann in Marietta in Ohio (...) – in der kleinen Universitätsstadt war ich bald bekannt, mußte viele Vorträge über die deutschen Verhältnisse halten, Zeitungs- und Radio-Interviews geben, deutsche Volks- und Weihnachtslieder in den Schulen einüben. Wurde viel eingeladen und überall sehr freundlich, ja sogar herzlich aufgenommen”.

^{clxxxix} Tradução livre do original em alemão: “Brigitte Kedziora-Haeling und unvergesslich! Wie unwirkliche, überdimensionale Gebilde schoben sich die Wolkenkratzer Manhattans an uns heran! So überraschend wie der erste Eindruck war vieles in der neuen Welt! ‘Brigitte Kedziora-Haeling, Woodstock/ Kanada, brachte ein kleines Mädels von dort nach New York und blieb bei ihr, bis die Mutter gesund war: ‘Mir hat es sehr gut in New York gefallen, anfänglich kam ich mir in diesem Häusermeer zwar etwas verloren vor, aber als ich dann einige Bekanntschaften gemacht habe, legte sich dieses Verlassenheitsgefühl. Ja, ich hatte sogar die Gelegenheit, die berühmte, man sollte lieber sagen: die berüchtigte Börse in der Wallstreet zu besuchen. Ein bekannter Börsenmakler erbot sich freundlich, mich einmal mitzunehmen. Man versuchte zwar, mir alles zu erklären, und betonte immer wieder, dass es im Grunde ganz einfach sei, aber ich muss ehrlich gestehen, dass es doch ziemlich verzwickelt und kompliziert war, und ich glaube nicht, dass ich allzuviel von dem ganzen System begriffen habe, welches doch mehr oder weniger mit der ganzen Politik zu tun hat. – Wir wohnten im 15. Stock. Anfangs wurde ich von dem vielen Fahrstuhlfahren immer etwas seekrank, und ich habe mir so manches Mal überlegt, ob man in dieser Stadt wohl überhaupt schlafen geht, denn, wann immer ich auch herausah: die Autoschlängen nahmen nie ein Ende und in den Häusern war ununterbrochen Licht. Es liegt überhaupt ein eigenartiges Fluidum über dieser Stadt, und man sagte mir, dass keine Stadt der Welt in irgendeiner Beziehung gleichkommt oder damit zu vergleichen ist, es sei denn evtl. noch San Francisco. Und auch ich muss gestehen, dass diese Stadt einen Zauber auf mich ausübte, und ich kenne immerhin einen Teil der Grossstädte Europas: Kopenhagen, Berlin, Oslo, London, Warschau, Riga, aber sie sind alle so ganz anders. Auch London, das an Einwohnerzahl bald New York gleichkommt.’ (Ursel, ich habe im Lexikon nachgesehen: die Einwohnerzahl steht wie 3 zu 2, doch immerhin in Millionen gerechnet ein ziemlicher Unterschied).”

^{cxc} Tradução livre do original em alemão: “(...) Renate von Obernitz soll in Kapstadt ein Modehaus haben, Erika Thiermann arbeitet ja schon lange in einem wissenschaftlichen Labor in Santiago und schreibt, daß sie jetzt als Deutsche 100% anerkannt würden”.

^{cxcii} Tradução livre do original em alemão: “Schon wieder naht die Weihnachtszeit, und meine Gedanken wandern durch Deutschland im Osten und im Westen, wandern über Länder und Meere und wünschen jeden Einzelnen von Ihnen mit den Ihren eine gesegnete Weihnachtszeit und ein gesundes neues Jahr! Möchten Sie alle in Ihrer Arbeit gut vorwärts kommen, besonders diejenigen, die jetzt einen schweren Anfang in einem, ihnen neuen, unbekannten Lande haben, und diejenigen, die hier in der Heimat Neubeginnen müssen. Aber aus allen Briefen geht hervor, dass sich eine Kolo nicht unterkriegen lässt, und dass sie das Leben mit festen Händen angreift, um den Ihren ein schönes und zufriedenes Heim zu schenken. Möchten Sie alle auch in diesem Jahr ein schönes Weihnachtsfest feiern, und, wo Kinder im Hause sind, diese Ihnen voller Gesundheit und Lebensfreude das Fest verschönen!”

^{cxciii} Tradução livre do original em alemão: “Während Sie diesen Brief lesen, lassen Sie Ihre Gedanken zurückwandern zu dem schönen Jahr, das Sie in Rendsburg verlebten und wandern mit mir durch die so vertrauten Strassen der Stadt, die immer noch dasselbe kleinstädtische

Ansehen haben, trotzdem sich die Geschäfte mühen, mit ihren Schaufenstern und vornehmen Auslagen es einer Grossstadt gleichzutun.”

^{cxci}Tradução livre do original em alemão: “Auch sie sagte mir dasselbe, was mir auch jedes Mädel aus dem Osten schreibt, dass sie sich über einen Besuch stets freuen würde, auch wenn sie ihn nicht persönlich kennt, aber es gibt doch viele gemeinsame Erinnerungen, die nicht an die einzelnen Jahrgängen gebunden sind. Wer also mal nach Berlin oder in die Ostzone fährt, aber auch die, die hier im Westen mal Urlaub machen, der hole sich doch Adressen von mir ein. Sie würden sicher manchen früheren Rendsburgerin eine Freud emit Ihrem Besuch machen” (p.4).

^{cxci}Tradução livre do original em alemão: “Nun noch etwas von unseren Kolos in Übersee und Ausland. Dass Gisela Mendel-Hembach und Doris Dyck-Fast mit ihrer Familie nach Kanada gegangen sind, schrieb ich im letzten Brief. Beide haben keinen leichten Anfang gehabt und aus ihren Briefen geht es immer wieder hervor, dass sich jeder, der auswandern will, sagen muss: Nur dadurch, dass ich vor keener Arbeit zurückschrecke, kann ich es zu etwas bringen! Der Anfang ist schwer, besonders, weil man sich ganz umstellen muss auf die anderen Lebensgewohnheiten des Landes. Gisela, sowie Doris haben erst jede Arbeit aufgegriffen, die sich ihnen bot, denn als Gisela hinauskam, hatte ihr Mann sich den Arm gebrochen und konnte nicht arbeiten, so sprang sie in der Landwirtschaft für ihn ein. Als Doris hinauskam, wurde es Winter, und auch in Kanada fliegt einem Mann, besonders auch noch wenn er ein steifes Bein hat um diese Zeit die Arbeit nicht gleich zu, also übernahm Doris Haushilfestellen in der nächsten grösseren Stadt, zu der sie mit Anhalter immer 15km fahren musste. Sie schreibt, dass das Verhältnis zwischen ihr und der Hausfrau immer so gewesen wäre, dass sie sich niemals als Diensthote, sondern immer als Gehilfin der Hausfrau vorgekommen wäre, dass in Kanada der Mensch nicht danach bewertet würde, was er tut, sondern wie er es tut.”

^{cxci}Tradução livre do original em alemão: “Marianne Ruppel kam auch eines Tages. Von ihrem Aufenthalt seit 6 Jahren in Südafrika wusste ich noch nichts, und so nahm das Erzählen kein Ende. Sie ist 1950 mit einem Transport nach Johannesburg herausgegangen, um als Schwester drüben zu arbeiten. Sie sagt, dass sehr grosse Ansprüche an das Wissen der Schwestern drüben gestellt werden und dass man deshalb wohl verstehen kann, wenn nochmal ein Examen verlangt wird. Sie began aber sowieso von vorn, hatte nur ihre Kriegserfahrungen, wusste also um die Schwere der Arbeit und fühlt sich in ihrem Pflichtenkreis wohl. Sie fuhr zurück nach Durban, um dort noch ihr Hebammenexamen zu machen. Während ihres Urlaubs hat sie einmal auch Erika Schmidt-von Wühlisch in Südwest besucht. Am liebsten wäre sie dort auf der Farm geblieben, meinte sie. Das Reiten so weit über Land hatte ihr am meisten angetan. (Vielleicht trifft sie auch mal Helga Vogt-Kleffel, die mit ihrem Mann nach Pretoria ausgereist ist.) Den letzten Besuch aus Angola von Hansel Lehr-Kemmer verpasste ich leider, doch hoffe ich sehr, dass ihr Weg sie noch einmal über Hannover führt und wir uns dann sehen. (Ich sah sie das letzte Mal während meiner Afrika-Rückreise in Ostafrika 1937, wohin sie kurz vorher als Farmhelferin in die Nähe von Moshi gekommen war”.

^{cxci}Tradução livre do original em alemão: “Aus Südwestafrika schreiben sie alle vom gute Regen, der ihnen die Weide für ein Jahr gesichert hatte, aber vielleicht schauen sie jetzt schon wieder nach regenbringenden Wolken aus, denn die ganze Farmerei dort steht und fällt ja mit der grösseren oder kleineren Regenmenge um diese Zeit. Auch von den ‘Neudeutschen’ schreiben sie, dass sie froh sind über diese Zuwanderung, denn sie bringt inzwischen frischen Wind, und der tut gut, wenn man drüben nicht verafrikanern will. Doch wird auch natürlich viel hergezogen über die Neuen, die, wie es bei den Deutschen so oft ist, alles gleich viel besser wissen wollen, und sich von Anfang an ein Urteil anmassen über die Verhältnisse im Lande, über das Verhalten der Beamten, über die Behandlung der Eingeborenen, und über die Neuen, die mit Trachtkleid und Trachthübchen daherkommen”.

^{cxci}Tradução livre do original em alemão: “Natürlich werden nach diesen alle Einwanderer über einen Kamm geschoren, denn: über die Schlechten redet man und das Benehmen der Stillen und Tüchtigen findet man selbstverständlich, so haben diese meistens unter dem Urteil über die Wenigen, die nicht nach SW passen, zu leiden. In SW erkennt man einen ‘Neudeutschen’ an seiner hellen Hautfarbe und an seinem stabilen Schuhwerk, sowie ein Kind sagt: Mutti, der ist aus Deutschland, der hat Schuhe an mit Reissverschluss, die gibt es bei uns doch nicht! Schlimm ist es nur, dass die Zuwanderung auch die Zahl der Kinder, die während der Schulzeit in Heimen untergebracht werden müssen, so rapide zunimmt, dass eine gute Unterbringung bald nicht mehr möglich ist. Ein Neubau ist für ein Deutsches Heim immer eine schwierige Geldfrage, da das Geld bei den Deutschen dort immer knapp ist, aber in Windhuk haben sie jetzt and die Hedwig-Heyl-Schule, an der ich 1935/1936 war, angebaut und so Schlafräume und Essräume für das

Knabenheim gewonnen, da sie das alte in der Stadt aufgeben mussten. Ich hoffe jam it ihnen, dass sie es zu Beginn des neuen Schuljahres in Gebrauch nehmen können. Wer es kann, sieht natürlich zu, seine Kinder privat unterzubringen, da sie dort doch individueller behandelt werden können, so hat Eva Pack-Liedtke ihre beiden Ältesten jetzt in Swakopmund bei der Grossmutter und einer Haustochter in ihrem dortigen Haus”.

^{cxcviii} Tradução livre do original em alemão: “Eva Pack-Liedtke war im letzten Jahr auf Deutschlandurlaub und machte mit ihrem Mann auf der Rückreise verschiedene Stationen, so auch in Athen und in Cairo: ‘In Athen und in Carione waren uns die Verhältnisse sehr interessant. Die armen Griechen sind ein bedauernswertes Völkchen. Solch ein Elend, Schmutz und Gleichgültigkeit habe ich nicht vermutet. Unsere Schwarzen leben dagegen viel besser, ihnen kommt ja auch schon das warme, gesunde Klima zugute. Ich habe mir jedenfalls vorgenommen, jeden Europäer, der über unsere Behandlung der Schwarzen sich auslässt, nach Athen zu schicken und ihm das Elend dort vor Augen zu stellen, ob jedes Mitleid und jede Hilfe nicht dort bei den Weissen agebracht ist, als die Modekrankheit, die Schwarzen zu erlösen, mitzumachen. – Warum muss aus den Schwarzen im Handumdrehen eine kultivierte Rasse gemacht werden? Alle Völker haben eine Entwicklungszeit durchgemacht, weshalb sollen wir sie unseren Negern vorwegnehmen?’”

^{cxcix} Tradução livre do original em alemão: “Annemarie, die 1956 nach 19 Jahren zum ersten Mal wieder in Deutschland war, hat übrigens dieselbe Meinung über die Slums in Athen und Kairo, wie sie Eva Pack-Liedtke im letzten Jahr beschrieb”.

^{cc} Tradução livre do original em alemão: “Lore Wahrenberger schreibt von ihrem Weihnachtsfest in Spanien: Weihnachten habe ich sehr schön verbracht. Nach der Christmette war bei einer deutschen Familie, die mit Liedern und Gedichten einen wundervollen Abend bereiteten. Dann hörten wir im Radio von Deutschen Sendern die Glocken unserer grossen Kirchen läuten. Das war, wie mir gesagt wurde, das erste Mal nach dem Kriege, und nach Abkommen zwischen dem spanischen und deutschen Sendern geschehen, wonach am heiligen Abend die spanischen Sender abgeschwächt wurden, damit die deutschen durchkämen – Also: Friede auf Erden!!!”.

^{cci} Tradução livre do original em alemão: “Ja, wenn es doch endlich so weit wäre, dass wir das sagen könnten, und dass es nicht mehr immer an allen Ecken und Enden der Welt brodet! Doch in unserem Heim, bei unseren Feiern wollen wir versuchen, soweit es in unserer Macht steht, dazu beizutragen, dass das Wort bald Wirklichkeit werde: Friede auf Erden!” (p.10).

^{ccii} Tradução livre do original em alemão: “Da Reinhild Kirststein-Schlott nicht die Hilfe herausbekam, die sie erwartet hatte und noch andere widrige Umstände dazukamen, hat sie fürs Erste den Aufbau der Pflanzung zurückgestellt, und ist zu einer Familie gegangen, zu der auch ihre beiden Kinder jederzeit in den Ferien kommen können. Sie beschreibt, was alles an Arbeit an einem Tag, außer der normalen, kommen kann: Erst hat sich ein Neger scheußlich verbrannt er hatte Benzin geklaut und auf seine Lampe gegossen, ging dann selbst damit in Flammen auf. Dann kam ein Schwarzer, seine Frau könne seit 24 Stunden ihr Kind nicht kriegen, dann kam einer der Zähne gezogen haben wollte. Ja, da sieht, man, in Afrika an entlegenen Orten muß man vieles können und vieles habe sie auch schon dazugelernt!”.

^{cciii} Tradução livre do original em alemão: “Seit einem Jahr wohnen wir nämlich in Kwalaza, wo mein Mann aus dem Neuland einen landwirtschaftlichen genutzten Betrieb für meinen Vater aufbaut. (...) Von den Segnungen der Zivilisation Strom und fließendes Wasser sind wir noch verschont, und unser Radio läuft mit einer Batterie und der Kühlschrank mit Petroleum. Das herangefahrene Flußwasser ist braun und stunkend.

^{cciv} Tradução livre do original em alemão: “Wir schreiben das Jahr 1955! Wie oft sind in diesem Jahr meine Gedanken zurückgegangen zu den Ereignissen, die sich vor 10 Jahren in unserer lieben Koloschule abspielten: der Flüchtlingsstrom mit seinen grossen und kleinen, oft so elenden Menschen, der Einzug der SS, die allmähliche Auflösung der Schule und immer, immer noch Flüchtlinge aus dem Osten, darunter viele frühere Koloschülerinnen (Annemarie (?) Weiss mit ihrer kleinen Tochter, Lotte Faust-Weiss, mit dem kleinen Pieter, Ruth Tückmalntel-Pape mit ihren beiden Kindern, Brigitte Schilling, Friedel Günther-Bertling (damals noch nicht verheiratet) mit ihrer Schwester Katja und viele andere mehr, die nur für eine Nacht eine Unterkunft in der alten Schule suchten. Dann noch Verwandte und Bekannt der Lehrerinnen und Schülerinnen, unter ihnen auch erst meine Nichte, die 1942 in der Schule war, und dann ihre Eltern aus Danzig. Diese kamen am 13. April, und ihre Mutter schrieb an diesem Tage 1955 an mich: ‘Nach dem Dunkel der wandernden Wochen steht wie ein heller Schein jener 13. April 1945, als Du uns mit ausgebreiteten Armen im Gehölz vor der Koloschule empfingst: ‘Da seid Ihr ja, Gott sei Dank!’. Endlich eine Freude, einer, der sich freute, dass wir kamen, dass wir da waren! Kein seufzender

Ton, kein trübes Gesicht empfing uns, keiner sah uns schief an: 'Ach, nur Flüchtlinge!'. Jeder, vom Direktor bis zum letzten Mädels begrüßte uns herzlich und froh. Ja, die Mädels brachten uns sogar Sachen, sie halfen uns, o, welch, ein Gefühl des Geborgenseins überkam mich in diesen Stunden!' Dann konnte sie sich bei uns ausruhen, bis für uns selber die Stunde schlug, dass wir am 8. Mai die Schule verlassen mussten, nachdem wir schon 3 Nächte provisorisch in der Sporthalle genächtigt hatten, während die englische Besatzung in unseren Schulräumen wohnte".

^{ccv} Tradução livre do original em alemão: "Ich hoffe, dass, ob sie es nun hier in Deutschland oder im Ausland feiern, sie immer doch am Weihnachtstfest merken, dass Deutschland ihre Heimat ist, auch wenn sie draussen in den langen Jahren eins geworden sind mit dem Lande, das ihnen Heimat und Nahrung gab und noch gibt und in deren Luft ihre Kinder aufwachsen".

^{ccvi} Tradução livre do original em alemão: "Im Juli vertrat ich, wie in jedem Jahr, meine Schwester, die bei herrlichem Wetter einige Zeit in Spiekeroog war, und dann war es auch Zeit, für das Kolotreffen zu richten. Gertrud Robitzsch, die nicht an dem Tage kommen konnte, verlebte vorher ein gemütliches Wochenende bei mir. Reinhild Kirstein-Schlott kam erstmal sich melden, dass sie aus Angola in Braunschweig gelandet war. Mit ihr war ich auch auf einem Treffen des Interessenverbandes für Deutsche im Übersee, auf dem ich manche Bekannte wiedersah, so Renate Hoch-Oltmann, Frau von Strenge, Schwester von Thea Münch, mit der ich zusammen von Ostafrika nach Genua zurückfuhr, und Frau Wulf-Neumeister, die vor 1935 sehr häufig in Begleitung von Frau von Boemken in der Koloschule gewesen ist".

^{ccvii} Tradução livre do original em alemão: "Lilo Liebusch-Sautter, Pforzheim, hat 1 Mädels, sie führt das Goldwarengeschäft ihres Mannes weiter; Käthe Krall-Bötcher hat 2 Jungen, ihr Mann hat eine Reparaturwerkstatt in Chile; Dörte Gragert-Kuth hat 2 Mädels, wohnt jetzt in Hamburg; Ursel Gravemann hat als Volksschullehrerin noch das Examen als hauswirtschaftliche Lehrerin gemacht; Gerhild Mißmann arbeitet in England und will dann nach Ecuador um, eine Jugendfreund dort zu heiraten; Barbara von Ribbeck war 1953/1954 in Angola, um 2 Mädels für die Schule in Deutschland vorzubereiten. Sie soll jetzt in Göttingen sein. Leni Köhler in Berlin hat ihr Fürsorgerinnenexamen gemacht und arbeitet weiter in Berlin. Wer einmal nach Berlin kommen sollte, dem soll gesagt sein, dass sich die Berliner Kolos, ob bekannt oder nicht, über einen Besuch stets freuen werden. Adressen sind bei mir zu haben. So bedauerte es Annemarie Boye-Kulenkampf auch sehr, Juliane von Lieres-Theißen nicht getroffen zu haben, und sie waren doch zur selben Zeit in Freudenstadt gewesen. Drum Auslandsdeutsche, auch wenn Sie mich nicht besuchen können: Es ist immer gut, am Anfang, nicht am Ende des Urlaubs sich zu melden, um zu erfahren, ob dort, wo Sie Ihr Weg hinführt, eine Kolo sitzt, die Sie gern mal gesehen hätten".

^{ccviii} Weihnacht in Süd-West

Die heil'ge Nacht ist da,
so seltsam schön, wie ich sie niemals sah!
Es fällt kein Schnee – die Luft streicht lau und warm
wie deutscher Frühling schmeichelnd um die Farm
und fingert an den blankgeputzten Scheiben,
so fern, so fern liegt alles Menschentreiben,
kein Laut wird wach, dir, dass im nahen Kraal
das Vieh sich regt, wie träumend noch einmal.
Rings dehnt der Busch sich unabsehbar weit
in seiner ernsten, grossen Einsamkeit
und immer leuchtender schickt durch das Dunkel
des Südens Kreuz sein fremdartig Gefunkel!

(Dr. Zillmans)

^{ccix} Tradução livre do original em alemão: "Es ist komisch, aber wenn man einmal drüben gewesen ist, so hängt man noch mit viel Liebe an dem Lande und seinen Bewohnern; durch viele von ihnen habe ich ja manches Schöne gesehen und erlebt" (p.2).

^{ccx} Tradução livre do original em alemão: "Unser Berlin muss ja wohl am Anfang stehen: Ilse Buscholzki-Baasch schreibt: 'Am Ende jeden Urlaubjahres bin ich k.o. Wir haben ja in unserem eingeeigten Berlin auch im Sommer keine Erholung. Sie müssten einmal sehen, was sich bei schönem Wetter an der Havel oder an den Westberliner Seen tut. Um einigermaßen richtig schwimmen zu können, muss man morgens um 5 Uhr fortfahren. Schon um 7 Uhr findet man keinen Platz mehr zum Parken, geschweige denn zum Sonnenbaden. Und die Berliner sind glücklich in dem Gewühle.' (...).

^{ccxi} Tradução livre do original em alemão: “Die letzten Jahre waren ein bisschen Sauregurkenjahre, da mein Mann já Minenmann ist, und da kenne ich eben nur zwei Möglichkeiten: Entweder man hat eine Bomben-Mine oder man hat eben garnichts. Letzteres traf für lange Zeit ein, mein Mann schwor auf sein München und ich fluchte auf sie. Nun hat er doch recht behalten und die Zukunft schaut nett und rosig aus. Ein herrliches Gefühl nach langen Jahren Krebsen. (Dieses Gefühl hat sicher schon mancher von Ihnen gehabt und kann es Ruth nachfühlen). Ich hatte nun mittlerweile bei meinem Vater ein Geschäft hier in Miraflores übernommen und es auch ganz schön hochgebracht, sodass dann die Arbeit ja auch doppelt befriedigte. Wir haben ein bezauberndes Departement im vierten Stock mit zwei Riesenterrassen von 6/7m, wo ich auf der einen Seite einen Dachgarten eingerichtet habe und auf der anderen können die Kinder tun und treiben, was sie wollen und wenn es sei: Fenster einschlagen! Sie liegt bequem und gleich neben Georgies Schule. Den habe ich nun in eine Pfaffenschule eingeschult. Ich hätte nur Zeit verloren, auf eine andere zu warten. Dann ist er dort auch nur mit Peruanern zusammen, was ich auch ganz gut finde, denn er wird ja doch sein Leben hier verbringen, und dann soll er nicht ein Zwitterding werden wie meine Schwester und ich, die nicht noch dort ganz hingehören. Er soll endlich mal ein vollkommenes Zugehörigkeitsgefühl haben” (p.6-7).

^{ccxii} Tradução livre do original em alemão: “Oft muss ich an die herrliche Zeit in der Koloschule zurückdenken! Wie schön sie war, geht einem ja erst jetzt auf. Seien es die Bälle in Mürwik oder Kiel, wo man das alte traditionelle Deutschland noch kennenlernte mit Kommandeuse-Handkuss (1938) usw. Wie wir damals in den Kutschen abgeholt wurden und die Herren erst beim Rex Pfötchen geben mussten. Wie werden die “beaus” meiner Töchter sein? Höchstwahrscheinlich werden sie sich nicht mal die Mühe machen, sich vorzustellen, denn hier ist alles Amerikanische ganz gross dran. Je schlechter und schlaksiger man sich anzieht, je besser, und die Kleidung geht ja auch meistens mit dem Benimm zusammen. Die Mädels laufen auch nachmittags mit den unvorteilhaften, zu engen Hosen bis zum Knie herum, das Hemd aus der Hose raus, und sind für mich ein Bild des Jammers. Garnicht von Frauen in meinem Alter zu reden und dann noch gut im Schuss!, wenn die sich dann so anziehen, dann kann einem leicht schlecht werden. Ich bin doch noch für etwas Etikette. Bei meinem Sohn werde ich, glaube ich, nicht viel Schwierigkeiten haben, denn jetzt schon meint er, wenn ich irgendwohin gehe, dass das Kleid nicht elegant genug wäre, um auf einen Tee zu gehen, denn es war heiss und die Kinder sollten zusammen spielen und ich zog ein leichtes Morgenkleid an. Er ist irgendwie ein kleiner Gent, dabei aber auch ein grässlicher Dreckspatz, der immer nur schmutzig ist, aber wenn er ausgeht, dann meint er, es gehören sich so verschiedene Dinge!”.

^{ccxiii} Tradução livre do original em alemão: “Hier in Cuilo ist es wunderschön. Es ist ein Leben wie Robinson Crusoe, ganz einfach und naturverbunden, aber man kann hier weder verhungern noch erfrieren und braucht wenig Kleidung. Die Landschaft ist hübsch, weit, aber doch gewellt. Wasser gibt es noch und noch. Die Gegend ist reich besiedelt mit Möhrlein, nur wenige 100m von meinem Hause liegt ein kleines Dorf. Die Schwarzen kommen mit tausend Anliegen, Krankheiten, Wunden, sogar ein Fahrrad brachten sie zum Flicker. Sie wollen Zucker tauschen gegen Mais und Süßkartoffeln, die wiederum meinen drei Schweinchen und 7 Hühnerchen gut schmecken. Einige Leute, die zur Arbeit kamen – es sind 6 Jungen und bisweilen 5 Erwachsene – haben mir ein kleines Schweinehaus gemacht, einen Zaun und die Bananen, damit sie nicht abgefressen werden, einen Gartenzaun, in dem schon allerhand Pflänzchen spriessen, das Gras im Tal geschnitten, auf den Hof gebracht und gebündelt, um das Küchenhaus neu zu decken und den Kuhstall zu richten, damit ich meine 26 Stück Vieh herholen kann, die noch auf dem Platz meines verstorbenen Schwiegervaters stehen” (...) “Immerhin ist es ein Wunder, dass nach 17-jähriger Verlassenheit noch soviel steht, und insofern kann ich nur sagen, hat es sich gelohnt, hier standing einen Wächter gehabt zu haben.”

^{ccxiv} Tradução livre do original em alemão: “(...) da kamen mir soviel Erinnerungen wieder in den Sinn von Erlebnissen mit der uns so treu verbundenen Marine um an die vielen Herzen, die die Schülerinnen dort oben verloren haben”. “Ja ja, die Achse Rendsburg – Flensburg, die hatte es in sich!!!” (...) “Wie ist es für Sie schön, dass Sie alle diese schönen Erinnerungen haben, die Ihnen kein Mensch nehmen kann und die Ihnen eine dauernden Besitztum bleiben”.

^{ccxv} Tradução livre do original em alemão: “Bei diesem Frei Essen und Trinken fällt mir eine Geschichte aus Rendsburg ein: Es kommt ein Revisor. Er fragt im Büro: Wieviel Schülerinnen gehen ins Ausland? Antwort: 40%. Er: Sagen wir lieber, 40 von 100, der Minister liebt keine Fremdwörter. Am nächsten Tag Frage: Unter welchen Bedingungen arbeiten die jungen Mädchen in Kärnten? Antwort: Schlicht um schlicht. Was ist schlicht um schlicht? – Na, kein Geld, aber frei

Essen, Trinken, Nachtlager usw. Er: Sagen wir lieber, "Au pair", das versteht man besser!!! Wer lacht da!!!!!!"

^{ccxvi} Tradução livre do original em alemão: "Noch ein Bericht aus Amerika von Agathe Kinble-Wegenast aus Florida. Sei Ende November bin ich nun in den Staaten. Bin keineswegs traurig darüber. Florida ist ein schönes Land, das Klima sagt mir sehr zu, und ich glaube nicht, daß ich Heimweh nach Schnee und Eis haben werde. Allerdings war es für mich ein komisches Gefühl Weihnachten in frühjahrsmäßiger Landschaft zu erleben, und ich muß zugeben, daß mir die richtige Weihnachtsstimmung fehlte. (Ich glaube, Agathe, uns Deutschen geht es allen so, wenn wir in den südlichen Ländern sind. Man kann zB. so schlecht Heimlichkeiten haben, denn man hält sich immer im Freien auf, und da ist keine Wand hinter der man sich verstecken könnte. Das fiel mir so sehr auf, als ich Weihnachten auf einer Farm im Norden von Süd West feierte und auf der Veranda saß und Puppenkleider nähte und die Kinder immer vorbeihuschen konnten und sehen, was man machte) – Das Leben hier ist ziemlich verschieden von meinem früheren, vor allem muß ich mich mit so allerlei Traditionen abfinden, die es hier eben nun auch mal gibt. Dann ist hier das Negerproblem, dem ich anfangs ziemlich verständnislos gegenüberstand. Manchmal werde ich nach meiner Meinung gefragt, aber bis jetzt habe ich noch keine und gebe das auch zu, denn, nachdem ich hier mit den Negros zusammenlebe, (d.h. nur einige Straßen entfernt) und ihre Häuser, besser Behausungen sehe und selbst sehe, welche Meinung sie der Arbeit gegenüber an den Tag legen, bin ich mir meines früheren Standpunktes absolut nicht mehr sicher".

^{ccxvii} Tradução livre do original em alemão: "Und nun überspringen Sie mal die halbe Erdkugel und landen in Damaskus und besuchen Ruth Richter-Dölling, die im letzten Jahr noch das Augusttreffen mit uns feierte und die jetzt mit ihrem Mann und ihrem 2jährigen Töchterchen dorthin verschlagen ist, wo ihr Mann die Verwaltung aufbaut für die DEA." p.4

^{ccxviii} Tradução livre do original em alemão: "Aber wir haben eine herrliche Aussicht, [...] über den Antilibanon, an dessen Hängen Damaskus liegt mit seinen unzähligen Minaretten und der Omajat Moschee [...]"

^{ccxix} Tradução livre do original em alemão: "Es ist doch ein buntes Völkergemisch hier im Orient. Es hat so manche Rasse für Nachkommen gesorgt. Sogar von den Kreuzrittern soll mancher rotblonde Araber abstammen. --- Leider kann man sehr wenig fotografieren, weil einem leicht der Apparat beschlagnahmt wird. Neulich hatten wir in drolliges Erlebnis. Wir waren hinausfahren und Rottraut fütterte Kekse. Ein arabisches Mädchen in ihrem Alter rückte immer näher. Als sie bei meiner Tasche angelangt war, wollte Rottraut sie verteidigen und an sich reißen. Wir fanden das Bild so wonnig: die dunkle Araberin und die blonde Rottraut. Mein Mann zückte den Foto und knipste. Im Augenblick trafen uns finstere, böse Blicke, alles Lachen von den Gesichtern war verschwunden. Es kostete Mühe, die Leute wieder zu beruhigen. Was war der Grund? An seinem Sonntag darf der Mohamedaner nicht fotografiert werden! Wie sollten wir ahnungslosen Engel das auch wissen?! Erschüttert war ich, als ich beim Bau einer großen breiten Straße sah, wie Frauen auf ihren Köpfen Material herbeitrugen. Die menschliche Arbeitskraft ist billiger als Maschinen! Und damit Süd-west nicht ganz übergangen wird, ein kleiner Beicht von Luzie Sievers-Düvel, deren Mann eine Tischlerei in Outjo hat. 'Ich habe zwar eine Schwarze Lydia und für die Babywäsche und die Mehrarbeit überhaupt noch eine halbwüchsige Evangeline, aber es bleibt genug Arbeit, woran ich die Schwarzen nicht lassen mag. Ich darf die Aufsicht keinen Tag vernachlässigen, sonst ist wirklich alles nur halb gemacht. Die Eingeborenen können sicher nicht einsehen, weshalb sie jeden Tag wieder sauber machen sollen, wo es für ihre Begriffe doch garnicht schmutzig ist. [...] Die Afrikaner sind in 10facher Mehrheit und halten – verhetzt durch den deutschhassenden Domini – keine gute Freundschaft. Es ist aber nicht überall im Lande so. Wenn die Afrikaner hier nicht auf die Deutschen angewiesen wären – von 4 Garagen sind 3 deutsch, beide Tischler sind deutsch, der einzige Schlachter, der einzige Bäcker deutsch – so würden sie die Deutschen ganz öffentlich schneiden und ihnen zu schaden versuchen, aber so müssen sie zum mindesten gute Miene machen. Die gebildeten Afrikaner – es sind hier im Bezirk sehr wenige – machen diesen Feldzug nicht mit und sagen klar, daß bei einem anderen Domini die Lage ganz anders sei, denn die meisten Afrikaner sind kirchenhörig ohne Kritik! Die afrikanische Kirche fordert auch heute noch Dinge von ihren Mitgliedern, die uns mittelalterlich anmuten, da sie auf den geistigen Stand der Jetztzeit überhaupt keine Rücksicht nehmen. Die Deutschen werden als böses Beispiel angesehen, eine Gefahr für die Rechtgläubigen, weil sie tanzen, und sonntags Liebhabereien bes. Sport betreiben usw. Der Neid liegt wohl vor allen darin, daß die Deutschen vorankommen."

^{ccxx} Tradução livre do original em alemão: "Ob nun wohl auch in Deutschland wieder eine Koloschule entstehen wird? Von verschiedenen Seiten hörte ich, daß an die Gründung einer

‘Internationalen Frauenschule in Bad Dürkheim’ im Schwarzwald gedacht ist. Aber wie weit die Pläne sind, weiß ich nicht. (Witzenhausen arbeitet ja wieder) Der Rex setzt sich natürlich sehr dafür ein, sowie er auch intensiv als Bevollmächtigter in Deutschland für die deutschen Schulvereine in Südwest arbeitet”.

^{ccxxi} Wir sitzen hier in froher Runde, die Bowle geht von Mund zu Munde, / Vier Koloneger, leicht ergraut, von alten Zeiten stets erbaut. / Ein Gast vom Sommerfest, hurra, als Ehemann ist auch noch da. / Wir hoffen auf ein Wiedersehen, denn insgesamt wars wunderschön!

^{ccxxii} Tradução livre do original em alemão:“(…)Mai 58. Hier in Kapstadt habe ich auch Zeit zur Beobachtung und zum Vergleich der Eingeborenen in Südwest. Es besteht ein grosser Unterschied. Die unsrigen sind noch ganz versunken in ihrer Primitivität. Sie wollen sich nicht anstrengen, um ein besseres Leben zu haben, sie wollen es nur dem Baas durch die Umstände der Zeit und Verhältnisse erpressen. Höhere Löhne, mehr persönlicher Einsatz des Herrn für dieselbe oder mindere Leistung. Natürlich gibt es willige und ordentliche Männer und Weiber unter ihnen, die ihre Pontoks auch besser einrichten und ihre Kinder ordentlich ernähren, aber das Gros säuft sich doch regelrecht tot. – Die Kapstädter gehen so gut angezogen wie wir auch: Hut, Handschuhe selbstverständlich, Nylonunterwäsche, Nylonstrümpfe, Modeschmuck, Handtasche sind auch ihre üblichen Requisiten. Ein Bild in einer Ausstellung ‘Central Africa today’ zeigt einen jungen Schwarzen in dunklem Anzug mit Schlips und Kragen und ist damit eigentlich gekennzeichnet für die Haltung und Einstellung. Im Autobus sind sie recht frech und ungeniert. Auf der Strasse kennen sie keinen Rücktritt und einen Vortritt von Weissen gibt es bei keiner Schlange, wo sie auch ansteht. Im Krankenhaus warten sie neben den Schwarzen, bis sie an der Reihe sind. Und im Park schonen die Weissen den Rasen, während die Schwarzen drauf liegen und schlafen. Es hat alles 2 Seiten bei näherem Hinsehen. – Ich habe auch meine schwarzen Boys, auf die ich mich verlassen kann und auf die ich schwöre. Sie kriegen heute schon alle mehr Geld als ich seinerzeit bekam, als ich hier anfang. Sie wissen, die Anfangsgehälter waren 2 L. Aber der Eingeborene leistet nicht das, was ich geleistet habe. Er hat seine bestimmten Arbeitsstunden, seine regelmässige Mittagsfreizeit und den Sonntag. Das hatte man als Weisser nicht! Aber man darf bei all diesen Problemen nicht zurückschauen, sondern man muss vorwärtsdenken, um zu erforschen, was die Zukunft bringen kann. Unsere Kinder werden mit wirklichen Problemen zu kämpfen haben, während wir noch spielend mit derlei fertig werden”.

^{ccxxiii} Tradução livre do original em alemão:“Man ist hier in einem fruchtbaren Garten Eden. (...) Ich liebe das Land hier und auch das Leben, wenn es auch kein leichtes ist. Ich lebe nun seit 2 ½ Jahren im Busch. Zuerst bin ich unfreiwillig hergegangen, nur die Aussicht, dass ich eines Tages Entlastung aus Deutschland bekäme, machte mir Mut. (Doch es kam alles anders und sie musste allein im Busch weiterleben). (...) Die Rendsburger Ausbildung hilft wohl, aber das meiste lernt man doch erst, wenn man bei der Arbeit ist, schlimmstenfalls, wenn man es erstmal verkehrt gemacht hat. (...)” (p.10).

^{ccxxiv} Tradução livre do original em alemão:“(…) Zu schade, dass es keine Koloschule mehr gibt, man kann das Gelernte in den tropischen, orientalischen Ländern, vor allem in noch nicht europäisch kultivierten und zivilisierten Ländern gut gebrauchen. Überdies sind mir diese Länder, in denen man nicht in einer Hetze irgendeiner Art zu leben braucht, weitaus am liebsten. Eigeninitiative und Improvisationsgabe können hier (und man selbst mit ihnen) Triumphe feiern! Ausserdem wird man hier nicht mit –zig und mehr Eindrücken den ganzen Tag vollgepfroft und dadurch doch geradezu zur Oberflächlichkeit erzogen”. (p.11)

^{ccxxv} Tradução livre do original em alemão:“Aus Berlin zurück, sitze ich in ziemlicher Unordnung und lese Ihren Weihnachtsbrief. Es wird dabei richtig warm ums Herz, und wenn man das ganze Jahr als Hausfrau herumgaloppiert ist, dann merkt man plötzlich, dass man auch noch etwas anderes ist, nämlich eine Kolo! Tut gut, sich wieder daran zu erinnern!! Ja, da liest man von Angola, von Guatemala, von Süd-West, von Kapstadt, Tanganjika, von Kanada, von Columbien, von Mexiko - - naja!!! Und wenn man aus dem Fenster guckt, ist da Rendsburg!! Geht man dann an die Tür und guckt raus – ist da Rendsburg! Und der Regen, der die Scheiben herunterläuft, ist original schleswig-holsteinischer Landregen!!! Und die Schiffe im Kanal tuten wie eh und je, aber keins erwartet, dass wir drei alten Kolos uns hinstellen und Zicke-Zacke rufen!! (...) – Es ist also nichts mit uns geworden mit der weiten Welt, und mit der alten Zeit ist es auch nicht mehr. Aber, um ehrlich zu sein, gefällt es mir ganz gut so, wie es ist bei uns. Ich wollte früher ja unbedingt Urwald roden, aber jetzt reicht mir das Unkraut im Garten schon völlig. Und noch mehr Freiheit als sie haben, könnten meine Gören kaum vertragen. Sie stehen sowieso immer im Kampf mit der Zivilisation. (...)” (p.4).

^{ccxxvi} Tradução livre do original em alemão: “Lily Bertelsmann ist seit einiger Zeit in Texas und schreibt im Frühjahr 59: (...) Auch ich bin einige Male herausgekommen, erst dann erhält man den richtigen Eindruck von der ungeheuren Weite dieses Landes – welch ein unbearbeiteter Raum, oft nichts als Brachland, dann wieder Sumpf und Urwald. Auf der anderen Seite, die modernsten Bauten und fantastische Autostrassen. Ich hatte das Glück, mit Freunden zu einer ‘ranch’ zu fahren, wo sie ihre Pferde haben. Kaum eine Menschenseele weit und breit, nur einige mexikanische Pferdeburken, denn die Neger sind dafür nicht zu gebrauchen. Es ist wirklich ein Pferdeparadies. An den Sumpfstellen liefen Schildkröten und Gürteltiere herum. Im April will ich meine Stellung wechseln. Sie glauben garnicht, was ich alles für Angebote hatte, auch wollten sie alle wissen, ob ich nicht sonst noch jemand wüsste, besonders als governess. Es hat mich auf jeden Fall sehr froh gemacht, dass wir so hoch im Kurs stehen. An einer Stelle rechte ich mal eine Übersetzung des Kolozeugnisses ein. Sie wollten garnicht glauben, dass wir das alles gelernt hatten” (p.5).

^{ccxxvii} Tradução livre do original em alemão: “So schreibt auch Clara-Marie Pietersen-Niemayer Mitte 1959: ‘Unser Wohnort Virginia ist erst 9 Jahre alt, vorher war es nur Dorf und Farmland. Während das 12 Stunden entfernte Hennenman rein ländlich ist, ist die ganze Gegend – Welkom, Allanridge und Virginia – Minengebiet, wo sie überall Fördertürme sehen, denn es ist ja so eben, dass sie meilenweit sehen können. Kaum ein paar Dornbüsche, Grasland, dazwischen diese künstlich aufgeschossenen Orte, Virginia ist an sich der am schönsten angelegene Ort. Man will es mit vielen Anlagen aufgelockert bauen. Während hier vor 5 Jahren kaum eine Teerstrasse existierte, sind jetzt alle diese Orte mit grosszügig angelegten Teerstrassen verbunden und schon viele in den Orten selbst, sogar vor unserem Hause jetzt mit Strassenbeleuchtung!! Ansonsten ist ausser Kino, in dem fast nur amerikanische Filme gegeben werden, nichts los. Es gibt kaum Schatten, und oft kann man die blendende Sonne und den strahlend blauen Himmel nicht mehr ertragen. Jetzt ist es plötzlich Winter geworden mit Schnee und Eis und in vielen Gegenden mit enormen Regenfällen. – Ich habe nur zweimal die Woche eine Schwarze, die saubermacht, leider fegt sie manchmal zu gut aus, und aus dem Zusammengefügten angele ich noch oft Brauchbares heraus!’” (p.7).

^{ccxxviii} Tradução livre do original em alemão: “Eva meint: ‘Alle, die in Europa über Afrika schreiben, sollten erstmal ein Jahr mit Eingeborenen arbeiten, bevor sie ihre Meinung bildeten und dann sicher grundsätzlich geändert haben würden. Ich habe einen erneuten Beweis an meiner Haustochter, die nun einen Monat bei uns ist und ihre Ansprüche an die Eingeborenen ständig zurückschrauben muss. Der Europäer mit seiner präzisen Arbeit und Einteilung wird sich schwer vorstellen könne, dass der Eingeborene nur einmal eine Arbeit gut macht, das nächste Mal muss es wieder gesagt werden, sonst muss man darauf gefasst sein, dass es verkehrt oder garnicht gemacht wird!’” (p.7).

^{ccxxix} Tradução livre do original em alemão: “Auch Annemarie Boye-Kulenkampf schreibt mitte 1959 über die Artikel in den europäischen Zeitungen über die Unruhen in Rhodesien usw.: ‘Sogar von Mosambique wurde geschrieben, aber davon stimmte nun garnichts, alles sehr aufgebauscht. Wir waren in den Tagen grade unsern einen Sohn in Rhodesien besuchen, und unterwegs an den Strassen winkten und grüssten die Neger alle so freundlich, dass man es eigentlich für die deutschen Zeitungen hätte fotografieren sollen’

^{ccxxx} Tradução livre do original em alemão: “– sie schreibt von einem Besuch auf ihrer Pflanzung: Was die Europäische Industrie-Direktion in Ghana persönlich mit Nkruma verhandelt hat, wäre absolut dazu angetan, um den letzten Europäer davon zu überzeugen, dass der Neger keineswegs von den Europäern nur ausgenutzt wird, und dass die Neger es allein keineswegs genau so gut schon machen könnten” (p.8).

^{ccxxxi} Tradução livre do original em alemão: “‘Mein Mann und ich fanden, dass das, was Eva Pack-Liedtke aus Kapstadt schrieb, genau auf die Araber zutrifft, nur todsaufen tun sie nicht grade, den das hat ja der gute Mohammed verboten, aber dafür bevölkern die Männer die Kaffeestuben und stehlen Allah den Tag, die Frauen sitzen zu Hause, bekommen Kinder am laufenden Band, füttern Süßigkeiten, dass sie mit 25 Jahren aussehen wie rollende Kugeln. Freilich, die Beduinenfrauen haben es nicht so gut, die müssen fix arbeiten, sind meistens mager und unterernährt, die Wüste hat in den meisten Jahren nicht genug Kost für Mensch und Tier. – Februar 1959: Die Jahresfeier der Vereinigung mit Aegypten wurde endlos gefeiert, Schulen mindestens 8 Tage frei, Sonnabend-Sonntag musste das Büro schliessen (Freitag Feiertag des Islam), Montag wurde es wieder verboten, da arbeiten dann nur die Europäer!! Zufahrtsstrassen alle gesperrt für Durchfahrt von Nasser und Tito, die Stadt gesmückt, wie vielleicht bei uns in Köln bei Karnevalszug. In der Hauptstrasse musste extra ein neues Kabel gelegt werden, weil das alte für die Beanspruchung zu

schwach war. In wenigen Tagen beginnt der Ramadan, wo die Mohammedaner von Sonnenaufgang bis Untergang nichts essen dürfen, da wird mit halber Kraft gearbeitet. Morgens sitzen die Männer mit vollgefütterten Bäuchen am Schreibtisch, mittags werden sie hungrig und müde. Am Schluss nach 4 Wochen 4-tägige grosse Feierei. So feiert man sich durchs Jahr. Leider merken wir nichts davon, denn irgendwie muss die Arbeit ja geschafft werden!!” (p.8).

^{ccxxxii} Tradução livre do original em alemão:“(…) Ganze Stadtteile liegen schon unter Wasser, und falls der damm nicht hält, muss Valdivia in 4 Stunden geräumt sein. Das ist jetzt seit 4 Wochen. Die Hilfe, die von überall kam und noch kommt, ist so ergreifend wie die Tatsachen erschütternd sind. Heute las ich: die Bundesrepublik gab 30 Millionen Mark (Milliarden Pesos!) Ja, gibt es denn so etwas? Und darin ist noch nicht einbezogen, was von privater Seite (Rotes Kreuz usw.) kommt. Man ist wirklich beschämt, weil man selbst so garnichts tun kann. Wir sollen sehen, dass das normale Leben weitergeht, und man hat so gar keine Lust dazu. Gerstenmaier und Erhard waren auf offiziellen Besuch in Valdivia und waren damals sehr beeindruckt von dem deutsche Süden Chiles. Die ganze Stadt und ihr Umgebung verdankt ja ihren Aufstieg ud ihre Urbanmachung und Besiedlung besonders den deutschen Siedlern. Die Nachfahren dieser deutschen Sieler sind zwar chilenische Staatsbürger und Patrioten, aber kerndeutsch in Gesinnung, Sprache, Handlungsweise und Gebräuchen. Da könnte sich mancher Nachkriegsdeutschem der bei uns in der Grosstadt (sic) das bequeme Leben führt und meist über Land und Sitten schimpft, eine Scheibe von abschneiden. Dass die Bundesrepublik Hilfe senden würde, war uns klar, aber sie überstieg jedes erwartete Maß. War doch die in der Kriegs- und Nachkriegszeit trotz feindlicher Gegenpropaganda geleistete Hilfe zwar anerkennenswert und die menschliche Haltung anständig und wohltuend, aber war ja nur ein Tropfen. Deutschland steht nicht allein, doch mit den USA an erster Stelle. Wir haben jetzt einen tüchtigen Botschafter. Experten aus allen Ländern trafen ein: Japan: Fachmann für Erdbeben, Mexiko: für Instandsetzung gesunkener, aber noch heiler Hochhäuser, USA: für Katastrophen, Bundesrepublik: für Wiederaufbau (Schröder). Der letzte Punkt ist der wichtigste” (p.5).

^{ccxxxiii} Tradução livre do original em alemão:“Aus den im Brief angegebenen Gründen folgt hier der vollkommene Bericht von Annemarie Boye-Kulenkampf und ihrem Mann, Port. Ostafrika: ‘Mein Mann und ich wollten am Karfreitag zu einem Treffen des Altherrenverbandes der ehemaligen Kolonialschule Witzenhausen fahren und hofften, die Fahrt in 2 Tagen machen zu können und uns die Zimbabwe-Ruinen anzusehen. Doch es regnete so, dass wir gleich weiterfahren nach Südafrika zu den Farmen der Witzenhäuser. Es war ein sehr interessantes Treffen, und wir lernten viele interessante Menschen kennen. Natürlich wurde auch über Politik gesprochen, und die Herren beschlossen, eine Art von Gegenpropaganda gegen die irrsinnigen Ansichten in Europa zu starten, d.h. zu versuchen, objektive Berichte von den Zuständen in unserem Erdviertel zu geben. In den Zeitungen wird nur eine vorgefasste Meinung herausgebracht. Es haben schon verschiedene Leute versucht, objektive Berichte unterzubringen, jedoch erfolglos! Aber durch den Altherrenverband soll es doch versucht werden, diese Berichte etwas weiterzuleiten,denn die haben in ihren Reihen in Deutschland doch manche einflussreiche Leute. Übrigens lasen wir neulich doch einmal einen Bericht über Afrika, der genau das ausdrückte, was wir meinen und denken, und zwar war es ein Artikel in der ‘Welt am Sonntag’, geschrieben von Wolfgang Brettholz, einem Schweizer (sic) Journalisten (Nr. 10 Seite 5 ‘Fünf Legenden über Afrika’)” (Hat jemand diesen Bericht noch?) “Ehe ich den Versuch unternehme, einigermaßen verständlich die hiesigen Verhältnisse zu schildern, muss ich einige Dinge vorausschicken, um Missverständnisse zu verhindern. Ich fühle mich nicht kompetent, über Dinge zu urteilen, die ausserhalb meines Gesichtskreises liegen, d.h. etwa über Rhodesien oder Südafrika zu schreiben, wenn ich nicht zufälligerweise Kenntnis davon besitze. Ich nenne Weiss Weiss und Schwarz Neger, was nichts mit Rassendiskriminierung zu tun hat. Man muss aber auf einer fein säuberlichen Rassentrennung bestehen, schon aus rein biologischen Gründen. Die Rassen Schwarz Weiss stehen sich biologisch so fern, dass eine Rassenmischung als nicht wünschenswert erscheint. Wir kennen die beklagenswerten Produkte zur Genüge, um dieses beurteilen zu können. Was der Tierzucht recht ist, sollte auch beim Menschen billig sein. Wir leben hier seit 25 Jahren als Farmer und empfinden unser Land als unsere zweite Heimat, und für unsere Kinder IST es die Heimat, denn sie sind hier geboren, aufgewachsen und erzogen, und man darf von ihnen nicht behaupten, dass sie nicht hierher gehören. Wir sind auch bereit und gewillt, für unsere Heimat zu kämpfen, wenn es sein muss, auch wenn man uns als Ausländer nicht voll und ganz anerkennt. Das ist eine Eigenart des portugiesischen Volkes, das instinktiv als kleines Land vor einer Überfremdung Angst hat. Dies in Kürze sollte genügen, um den Blickwinkel zu erkennen, aus dem wir die Dinge sehen. Die portugiesische Regierung, die schon seit 1500 die Herrschaftsrechte

hier besitzt, fühlt sich auch heute noch als Verwalter und Ordnungshüter. Der Neger ist der Besitzer des Landes und damit völlig freizügig. Er kann sich ansiedeln, wo er will, ohne dafür etwas bezahlen zu müssen, während wir Weissen unser Land erwerben müssen und Steuern bezahlen, womit das Land erschlossen wird. Der Neger hat lediglich die Verpflichtung, eine Hüttensteuer zu bezahlen, die ungefähr dem Monatslohn eines Landarbeiters entspricht, und 6 Monate im Jahr bei den Weissen zu arbeiten. Das heisst also, dass er die Hälfte seines Lebens frei und ungebunden ist und tun und lassen kann, was er will. Nun liegen hier die klimatischen Verhältnisse so, dass kein Mensch an Kälteeinwirkungen erfriert, auch wenn er unbekleidet rumläuft. Die tägliche Nahrung kann durch ein Minimum an Arbeit erstellt werden. Da nun der männliche Neger die Arbeit seinen Frauen überlässt, während er selbst auf Jagd geht, fischt und im übrigen auf der faulen Haut liegt, ist es wohl etwas übertrieben, von den armen versklavten Afrikanern zu reden. (Für uns ist der 'Afrikaner' die eingeborene weisse Bevölkerung von Südafrika). Wir als Weisse haben den Neger viel weniger in der Hand, als in Europa der Industrielle. Dort besitzt der Arbeitsbürger kein Land, von dem er sich ernähren kann, er muss Vorratswirtschaft treiben, um für den Winter vorzusorgen. Um all diese Lebensnotwendigkeiten zu erlangen, muss er arbeiten. Dem Neger hier wächst es zu, und er empfindet die 6-monatige Arbeitsleistung für den Weissen schon häufig als Druck oder Zumutung. Weitere Vorteile, die der Neger dem Weissen gegenüber besitzt, ist die kostenlose ärztliche Behandlung, der sich allerdings der noch ziemlich unzivilisierte Neger aber sehr ungern unterzieht, da er immer noch sehr stark unter dem Einfluss der Medizinmänner steht, wie überhaupt der Zauberglaube einen unheimlichen Einfluss auf das tägliche Leben ausübt. So ist auch der Medizinmann die einzige politische Macht, mit der gerechnet werden muss, denn der kann grössere Volksteile unter Angst und Schrecken setzen und sie zu willenlosen Gefolgsmännern machen (+) Das Schulwesen ist für Schwarz und Weiss vollständig gleich, d.h. die vier Grundschuljahre, die etwa der Volksschule in Deutschland entsprechen, werden im ganzen portugiesischen Imperium kostenlos erteilt. Es besteht Schulzwang, der aber wegen des Widerstandes der schwarzen Bevölkerung und der unwahrscheinlich grossen Entfernung nicht völlig durchführbar ist. Auch die höhere Schule ist, ausser kleinen Abgaben, kostenlos, so dass jeder Neger die gleiche Möglichkeit besitzt wie der Weisse, wenn er das Bestreben hätte, sich weiterbilden zu lassen. Nun ist ein Gesetz der Erfahrung, dass nur ein verschwindend kleiner Prozentsatz, der praktisch keine Rolle spielt, diese Gelegenheit ausnutzt, um weiterzukommen. Die meisten kleinen schwarzen Schüler stammen aus den Kreisen der 'Asimilados', von denen ein Mindestmass von Bildung und Sauberkeit verlangt wird, bevor sie die portugiesische Staatsbürgerschaft erhalten können. Die übrigen Neger sind die Besitzer des Landes und leben noch völlig in hierarchischer Ordnung, d.h., das Familienoberhaupt ist die bestimmende Autorität. Was darüber geordnet ist, hat für den einzelnen nur noch untergeordnete Bedeutung. Über dem Familienchef steht der Sittenchef und dann der Stammeshäuptling der aber auch gleichmässig (?) (...) überhaupt ist. So bezieht sich alles auf die Familie, und der Häuptling wird nur als Oberhaupt der vergrösserten Familie (Stamm) anerkannt. Dieses System ist von den Portugiesen verwaltungsgemäss übernommen worden, und auch die Gerichtsbarkeit stützt sich auf die alten Sitten. So hat jeder Verwaltungsbeamte 2 schwarze Beisitzer, die ihn beraten. Genaueste Kenntnis der Sitten, die schon von Dorf zu Dorf grundweg verschieden sein können, ist Voraussetzung. Also, die Familie ist der Angelpunkt der Gedankengänge des Negers. Es gibt Fälle, wo er hunderte von Kilometer läuft, nur, um zu erfahren, wie es seiner Familie geht. Die Sippenzugehörigkeit ist schon loser, und es kann passieren, dass wenn 3 Neger auf Arbeitssuche gehen, der eine krank wird, und die beiden anderen aus einem Dorf stammen, der dritte kurzerhand erschlagen wird, da er den anderen einen unbequemen Rücktransport beschert. Man kann wohl sagen, da ist der Neger nicht mehr an seinen Sippenverband gebunden, er hat nicht viel weniger ethische Hemmungen als der Weisse, so dass man immer gewärtig sein muss, wegen einer Kleinigkeit umgebracht zu werden. Das gehört nun man zu unseren Lebensrisiken hier. So wird man in Zukunft, wenn auch gerecht, nur mit Strenge reagieren und Ordnung halten können. Versuche, mit demokratischen Methoden vorzugehen, sind von vornherein zum Scheitern verurteilt und enden unweigerlich in einem Chaos, bis ein Neger die Gewalt an sich reisst und mit unvorstellbarer Grausamkeit ein Despotenreich gründet, das nach seinem Tode zerfällt, um anderen Despoten Platz zu machen, so wie es schon seit Jahrhunderten und Jahrtausenden gewesen ist. Bis auf die letzte Voraussage kann ich alles Geschriebene durch praktische Beispiele aus dem täglichen Leben belegen. Wer sich eingehender mit Mocambique beschäftigen will, dem sei die Broschüre von Herrn R. von Gersdorff empfohlen ('Mocambique', Verlag Kurt Schröder, Bonn), in der alles erschöpfend geschildert wird. Wir wollen keine Propaganda für unser Land treiben, sondern versuchen, objektive Schilderungen von den

wahrhaften Verhältnissen in unserem Teil der Erde zu geben, um den entstellenden Schilderungen in der europäischen und amerikanischen Presse entgegenzutreten. Diese Presse führt eine wahrhafte Diktatur aus, von der sich der gewöhnliche Mensch nichts träumen lässt. Es sind nicht erst heute Versuche sogar von namhaften Journalisten und auch Universitätsprofessoren gemacht worden, Artikel über die wahren Verhältnisse in Südafrika erscheinen zu lassen, ohne den geringsten Erfolg. Es wird dauernd über "Apartheid" geschimpft. Darf ich fragen, wer ausser dem Wort überhaupt irgendetwas davon weiss? Man redet über Südafrika als Land der Schwarzen. Wer weiss, dass, als die Einwanderung der ersten Weissen vom Kap begann, das Land völlig menschenleer war und erst langsam von den Bantus von Norden her besiedelt wurde? Es ist die europäische Anmassung, von oben her über Dinge zu urteilen, von denen sie überhaupt nichts versteht, von denen sie einmal kurz und falsch unterrichtet wurde. Darf ich fragen, weshalb in Amerika, dem 'Land der Freiheit', auch heute noch das Negerproblem nicht gelöst ist? Hätten die Neger dort in den drei Jahrhunderten, die sie dort leben, sich nicht von sich aus befreien und zu einer eigenen Nation zusammenwachsen müssen? (+) Sehr gut beschrieben im Buch über den Mau_Mau-Aufstand in Kenia: 'Die schwarze Haut' von Robert Ruark, Lothar Blanvalet-Verlag, Berlin."pp.6-7.

^{ccxxxiv} "(...) die Masse der 'guten' Deutschen feierte nicht, sondern empfing die Kapitulation als Niederlage und Demütigung. (...) Ein amerikanischer Nachrichtendienst berichtete im April 1945, 'daß unter den Deutschen ein klares Bewußtsein ihrer Niederlage und deren Implikationen völlig fehlt... Selbst die Deutschen, die 'die Schuld der deutschen Nation' anerkennen, zählen sich nur selten zu den Schuldigen'. Vor allem aber bürgerliche Kreise, Industrielle und höhere Beamte wollten den Bruch nicht wahrnehmen: Sie handelten nach dem Motto 'Weitermachen und Bewahren' und hofften auf die Unterstützung der Westmächte bei ihren Bemühungen, Wirtschaft und Verwaltung nach altbewährten Besitz- und Autoritätsstrukturen wiederaufzubauen"

^{ccxxxv} Roos/Seidl (2015) em artigo interessante sobre a *Namibiapolitik* alemã em específico resgatam essa posição do diplomata: "(...) 'kolonial unbelastetem und wirtschaftlich hochentwickeltem Land' eine 'natürliche Vermittlerrolle' zwischen Afrika und den bisherigen Kolonialmächten zufälle: 'Wir verfügen über ein großes Plus in Afrika – den Verlust unserer Kolonien vor vierzig Jahren'" (Krüger2003, p.132 *apud* Roos/Seidl, 2015, p.214).

^{ccxxxvi} "dass Deutschland das Glück hatte, sehr früh aus der Kolonialisierung gewaltsamherausgetrieben worden zu sein. [...] Dies ist eine Chance [...].Deutschland kann eine Rolle übernehmen, die unbelastet ist und die deshalb eine Vorreiterrolle sein kann" (Köbler/Melber 2004, p. 37 Roos/Seidl, 2015, p.214).